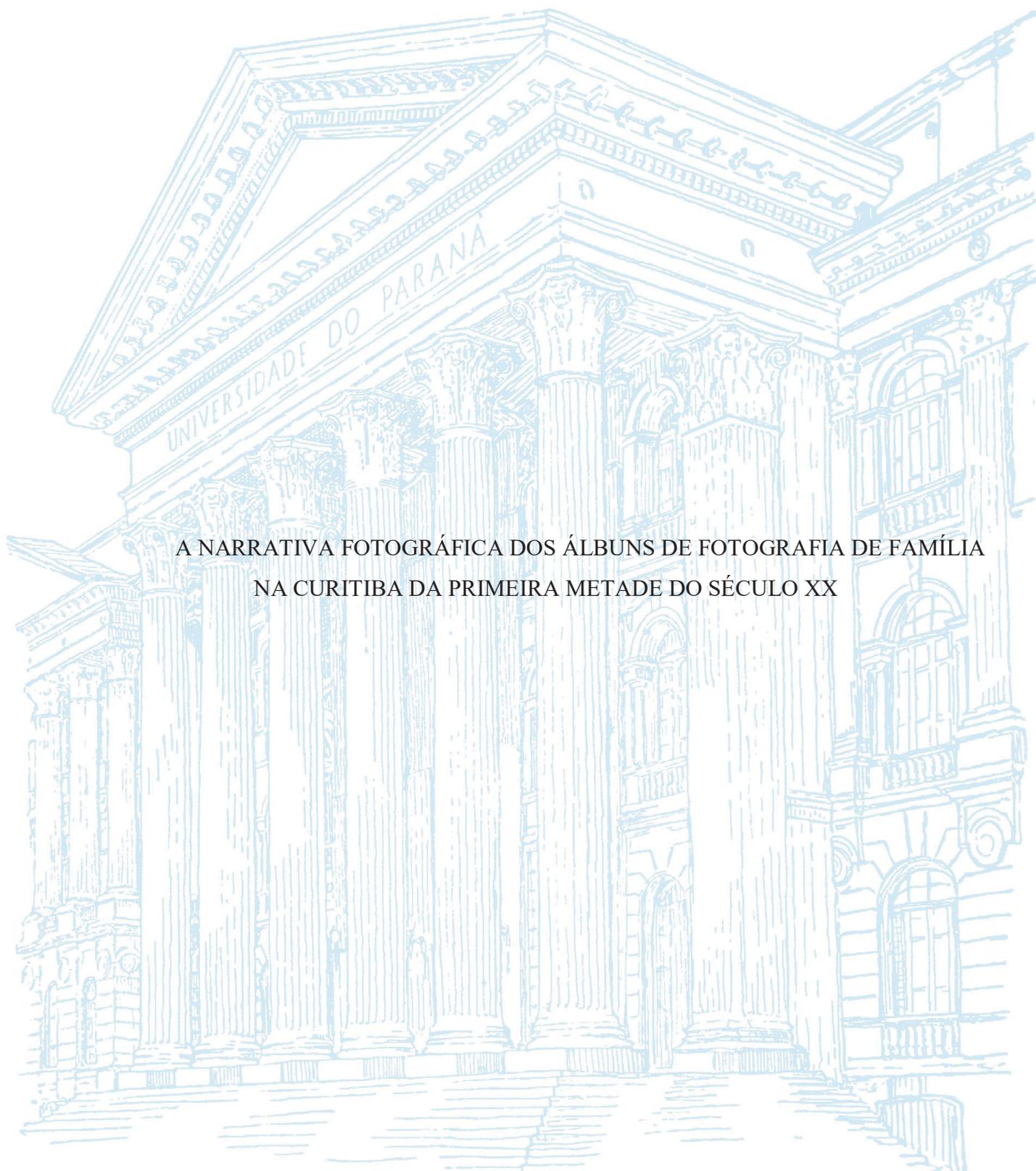


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NOEMIA PAULA FONTANELA DE MOURA CORDEIRO



A NARRATIVA FOTOGRÁFICA DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA  
NA CURITIBA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

CURITIBA

2019

NOEMIA PAULA FONTANELA DE MOURA CORDEIRO

A NARRATIVA FOTOGRÁFICA DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA NA  
CURITIBA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal do Paraná, Setor  
de Ciências Humanas, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Mestre em História.

Linha: Arte, Memória e Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Cordeiro, Noemia Paula Fontanela de Moura  
A Narrativa fotográfica dos álbuns de fotografia de família na  
Curitiba da primeira metade do século XX. / Noemia Paula Fontanela  
de Moura Cordeiro. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História ) – Setor de Ciências Humanas  
da Universidade Federal do Paraná.  
Orientador : Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Junior

1. Fotografia de famílias – História - Curitiba. 2. Fotografia na  
historiografia. 3. Famílias – Fotografias – Museu Paranaense. I. Título.

CDD – 779.2098162

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **NOEMIA PAULA FONTANELA DE MOURA CORDEIRO**, intitulada: **A NARRATIVA FOTOGRÁFICA DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA NA CURITIBA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 22 de Março de 2019.

  
CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR  
Presidente da Banca Examinadora

  
GIOVANA TEREZINHA SIMÃO  
Avaliador Externo (UNESPAR)

  
ZITA ROSANE POSSAMAI  
Avaliador Externo (UFRGS)



*À minha pequena grande família.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, pai, mãe, marido, irmão, cunhada e madrinha, pelo verdadeiro time que formamos, capaz de mesmo em momentos difíceis encontrar caminhos para que os estudos não fossem interrompidos. Se existe algum sentido na vida, ele está sem sombra de dúvidas na família.

À querida vó Aura, que tão bem me recebeu em sua família, por me inspirar com as histórias de uma Curitiba que já não existe mais e por compartilhar sua biblioteca e fotografias comigo.

Aos amigos e aqui agradeço na pessoa da querida Luiza Helena Gonçalves, que encabeça esse grupo seletivo de pessoas, são a família que escolhi e de quem não posso deixar de reconhecer o quanto me fazem bem. Por isso, aos amigos que me afastei involuntariamente por conta da pesquisa, com minhas sinceras escusas pela ausência.

Especialmente aos amigos Érica Hartmann de Oliveira, Rui Carlo Dissenha e Guilherme Roman Borges por serem modelos de dedicação à Academia e por, junto com Larissa Sbrissia Dissenha, terem me incentivado a buscar o Mestrado. Agora sim poderei fazer parte do Instituto de Filosofia do Direito e Direitos Humanos, se ainda me aceitarem é claro.

Às amigadas construídas ao longo do Mestrado, meus colegas de turma Alloma Noara Pereira Modzelewski, Amanda Ribeiro, André Americano Malinski, Daniele Santos, Inajara Barbosa, Leonardo Bento de Andrade, Vagner Melo e as doutorandas Larissa Brum e Maytê Regina Vieira, como eu aprendi com vocês, muitíssimo obrigada! Não poderia também deixar de mencionar os amigos Larissa Busnardo, que compartilha comigo o gosto pela fotografia, Carolina Motta, Evander Ruthieri e Willian Funke.

Aos Professores da AMENA, André Egg, Artur Freitas, Cláudio de Sá Machado Júnior, Clóvis Gruner, Rosane Kaminski, Vinicius Nicastro Honesko e aos Professores Luiz Geraldo Santos da Silva e Martha Becker Morales, pela oportunidade de apreender como nunca ao longo das disciplinas.

Aos funcionários e estagiários do Museu Paranaense, especialmente à Tatiana Takatuzi, Ellen Cunha do Nascimento, sem as quais essa pesquisa certamente não teria êxito e, ainda, um agradecimento especial à bibliotecária do Museu, Márcia Moraes.

À Luci Berta Hatschbach, por gentilmente ter aceitado conceder a entrevista que foi incluída nesta pesquisa.

À Letícia Trein pela revisão criteriosa deste trabalho. À amiga e fotógrafa Franciane Bubniak, pelo auxílio com os programas de edição e tratamento de imagem. Ao amigo Guilherme Roman Borges, pela ajuda com as traduções do alemão e, ao meu irmão, Tarcizio, pelos incontáveis socorros com o computador e afins. A assistência de todos vocês foi fundamental, meu débito é impagável.

Ao meu orientador Prof. Cláudio de Sá Machado Júnior, por ter aceitado o desafio de orientar alguém vinda de outra área; sem sua generosidade não teria alcançado esta etapa, obrigada! Às Professoras membras da banca de qualificação, Giovana Terezinha Simão e Zita Rosane Possamai, pelas valiosas contribuições a esta pesquisa, o resultado do trabalho certamente decorre da leitura feita pelas Professoras!

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial ao Eros, a pessoa mais inteligente que conheço. Não só um professor dedicado e um profissional competente, inspiração para todos que com ele convivem, mas um amigo mais que generoso. Meu companheiro de todas as horas por esses longos dezenove anos. Obrigada por toda a ajuda e incentivo desde o momento em que cogitei fazer o Mestrado na História! Sem você não teria conseguido, obrigada!

*A sobrevivência das imagens não é, de fato, um dado, mas requer uma operação, cuja realização é tarefa do sujeito histórico (...). Por meio dessa operação, o passado – as imagens transmitidas pelas gerações que nos precederam – que parecia concluído em si e inacessível, se recoloca, para nós, em movimento, torna-se de novo possível.*

**Giorgio Agamben** (Ninfas, 2012, p. 36-37)

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a visualidade registrada por três famílias curitibanas da primeira metade do século XX em seus álbuns de fotografia de família, especificamente quanto a estes álbuns que deixaram de circular no ambiente privado e passaram a fazer parte, em momento posterior a sua circulação privada, de acervo público de guarda da memória. Desta forma, foram utilizados como fontes principais três álbuns de fotografia de família pertencentes ao acervo do Museu Paranaense, sediado em Curitiba. Tratam-se dos álbuns MP 8990, MP 8983 e MP 8981, que pertenceram, respectivamente, às famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder. Os álbuns foram doados ao Museu em 25/11/2014 por Luci Berta Hatschbach e incorporados ao acervo em 01/07/2015. Estes álbuns, conforme foi possível identificar ao longo da pesquisa, contêm fotografias datadas de período compreendido entre 1908 e 1947 de famílias que viveram na Curitiba da primeira metade do século XX, permitindo observar indícios, mesmo que muito específicos, de como se dava a produção e a circulação da fotografia de família na cidade durante o referido período, bem como o que estas famílias privilegiaram tornar visível. A leitura dos álbuns se deu a partir da identificação dos temas prevalentes retratados nestes álbuns utilizando-se os descritores icônicos empregados por Zita Rosane Possamai em sua tese doutoral. Tal conjunto de álbuns consiste, portanto, em uma amostra significativa do que circula nos museus — no caso específico desta pesquisa, o Museu Paranaense —, no que toca a visualidade das três famílias curitibanas do período estudado.

Palavras-chave: Fotografia. Álbum. Família. Curitiba. Hatschbach. Mueller. Essenfelder.

## ABSTRACT

The present research has the main objective analyses the visuality registered by three Curitiba's families in the first half of the 20th century in their family photography albums, especially to the regard to the albums that ceased to circulate in the private environment and became part, at a time after their private circulation, of a public collection of memory. In this way were used as main sources three family photo albums belong to the collection of the Museu Paranaense, based in Curitiba. These are the albums MP 8990, MP 8983 and MP 8981, that belonged, respectively, to the families Hatschbach, Mueller and Essenfelder. These albums were donated to the museum in 25/11/2014 by Luci Berta Hatschbach and incorporated into the collection in 01/07/2015. These albums, as it was possible to indetificate in the research, have photos from the period between 1908 and 1947 about the families who lived in the Curitiba dating from the first half of the 20th century, allowing to observe indications, despite their specificity, of how the production and circulation of family photography in the city in that period, as well as what these families have privileged to become visible. The reading of the albums took place from the identification of the prevalent themes portrayed in these albums using the iconic descriptors proposed by Zita Rosane Possamai in her doctoral dissertation. Such a set consists, therefore, in a significant sample of what circulates in museums — in the specific case of the research, the Museu Paranaense —, with respect to the visuality of the three Curitiba's family from of the studied period.

Key words: Photography. Album. Family. Curitiba. Hatschbach. Mueller. Essenfelder.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	FOTOGRAFIAS, CAPAS ÁLBUNS MP 8981, MP 8983 E MP 8990.....	19
FIGURA 2 -	APLICAÇÃO DOS DESCRITORES ICÔNICOS .....	22
FIGURA 3 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 13 .....	30
FIGURA 4 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 5 .....	30
FIGURA 5 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5 .....	30
FIGURA 6 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, CONTRACAPA .....	37
FIGURA 7 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 1 .....	37
FIGURA 8 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 1 .....	38
FIGURA 9 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 1 .....	39
FIGURA 10 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 6.....	45
FIGURA 11 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 24 E 25 .....	47
FIGURA 12 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10.....	48
FIGURA 13 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 6.....	62
FIGURA 14 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 34.....	63
FIGURA 15 -	RESUMO DA TABELA DE DESCRITORES APLICADA .....	66
FIGURA 16 -	BEBÊ DE BRUÇOS, 1922 - FAMÍLIA KAUFFMANN.....	75
FIGURA 17 -	BEBÊ DE BRUÇOS, S./D. - FAMÍLIA ESSENFELDER.....	75
FIGURA 18 -	O 1º AUTOMÓVEL, 1920 - FAMÍLIA AHUM.....	75
FIGURA 19 -	AUTOMÓVEL, S./D - FAMÍLIA ESSENFELDER.....	75
FIGURA 20 -	O PÁTIO INTERIOR, 1898 - FAMÍLIA BERGSTROM LOURENÇO .....	75
FIGURA 21 -	DOIS CASAIS DE NOIVOS, S./D - FAMÍLIA MUELLER.....	75
FIGURA 22 -	RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 1º/04/1900, ANO XV, Nº 73, P.3 .....	80
FIGURA 23 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 24.....	81
FIGURA 24 -	RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 18/08/1900, ANO XV, Nº 182, P.2 .....	82
FIGURA 25 -	RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 27/12/1901, ANO XVI, Nº 292, P.2.....	83
FIGURA 26 -	RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 15/11/1905, ANO XVIII, Nº 271, P.2.....	84
FIGURA 27 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 4. FAMÍLIA HATSCHBACH .....	89

FIGURA 28 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P.19.FAMÍLIA ESSENFELDER .....	89
FIGURA 29 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 1 .....	90
FIGURA 30 -	FOTO MUSEU PARANAENSE.....	91
FIGURA 31 -	PRINT VÍDEO ENTREVISTA LUCI HATSCHBACH.....	92
FIGURA 32 -	ÁRVORE GENEALÓGICA.....	94
FIGURA 33 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE CONTRACAPA.....	100
FIGURA 34 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 3 COM ENTREFOLHA DE SEDA .....	101
FIGURA 35 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 3 .....	102
FIGURA 36 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE LEGENDAS P. 3 .....	102
FIGURA 37 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 6.....	104
FIGURA 38 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 2 E 3 .....	105
FIGURA 39 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 2, DETALHE NOIVADO.....	106
FIGURA 40 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, ENTREFOLHAMENTO P.2-3, DETALHE NOIVADO .....	106
FIGURA 41 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5 .....	107
FIGURA 42 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5 .....	108
FIGURA 43 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 36.....	109
FIGURA 44 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 12.....	110
FIGURA 45 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 11.....	111
FIGURA 46 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 21.....	111
FIGURA 47 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 28.....	112
FIGURA 48 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 26.....	113
FIGURA 49 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 35.....	115
FIGURA 50 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3.....	116
FIGURA 51 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE LEGENDA P. 3.....	117
FIGURA 52 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 5.....	118
FIGURA 53 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 22.....	118
FIGURA 54 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 5 .....	119

FIGURA 55 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 5 .....	119
FIGURA 56 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3.....	120
FIGURA 57 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2.....	121
FIGURA 58 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2.....	122
FIGURA 59 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2.....	122
FIGURA 60 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 35.....	123
FIGURA 61 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 11.....	124
FIGURA 62 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 11.....	125
FIGURA 63 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 16.....	126
FIGURA 64 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 6.....	127
FIGURA 65 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9026 .....	128
FIGURA 66 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10.....	129
FIGURA 67 -	FOTOGRAFIA, MP 9032 .....	130
FIGURA 68 -	RECORTE JORNAL O DIA, 25/04/1943, ANO XX, Nº 6046 P. 2.....	131
FIGURA 69 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9020 .....	132
FIGURA 70 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9021 .....	133
FIGURA 71 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9001 .....	133
FIGURA 72 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 1 .....	136
FIGURA 73 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 9 .....	137
FIGURA 74 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P 3 .....	138
FIGURA 75 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 4.....	139
FIGURA 76 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 7 .....	140
FIGURA 77 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 14.....	140
FIGURA 78 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 9 .....	143
FIGURA 79 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 11 .....	143
FIGURA 80 -	INCIDÊNCIA DE LEGENDAS NAS FOTOGRAFIAS DOS TRÊS ÁLBUNS.....	145
FIGURA 81 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHES P. 33.....	145
FIGURA 82 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHES P. 33.....	145

FIGURA 83 -	FOTÓGRAFO OU ESTÚDIO .....	146
FIGURA 84 -	LOCAL .....	146
FIGURA 85 -	TEMPORALIDADE.....	147
FIGURA 86 -	REGISTRO EM AMBIENTE .....	147
FIGURA 87 -	FOTOS EXTERNAS X FOTOS INTERNAS .....	148
FIGURA 88 -	ELEMENTOS MÓVEIS DE GÊNERO .....	148
FIGURA 89 -	ELEMENTOS MÓVEIS/Nº PESSOAS .....	149
FIGURA 90 -	FAMÍLIA HATSCHBACH - ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS .....	149
FIGURA 91 -	FAMÍLIA MUELLER: ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS .....	150
FIGURA 92 -	FAMÍLIA ESSENFELDER: ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS .....	150
FIGURA 93 -	TEMA 1: VIAGENS .....	152
FIGURA 94 -	TEMA 2: PASSEIOS.....	152
FIGURA 95 -	TEMA 3: PIQUENIQUES .....	153
FIGURA 96 -	TEMA 4: FOTOS EM AMBIENTE DOMÉSTICO .....	153
FIGURA 97 -	TEMA 5: BENS IMÓVEIS .....	154
FIGURA 98 -	TEMA 6: BENS MÓVEIS .....	154
FIGURA 99 -	TEMA 7: RETRATOS EM ESTÚDIO.....	155
FIGURA 100 -	TEMA 8: PAISAGENS/VISTAS.....	155
FIGURA 101 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 22 .....	157
FIGURA 102 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 22 .....	157
FIGURA 103 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 35 .....	158
FIGURA 104 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 16 .....	160
FIGURA 105 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 19 .....	161
FIGURA 106 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 12 .....	161
FIGURA 107 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 18 .....	162
FIGURA 108 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 18 .....	162
FIGURA 109 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990 P. 2 .....	162
FIGURA 110 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 3 .....	163

FIGURA 111 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 3 .....	163
FIGURA 112 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10 .....	163
FIGURA 113 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 22 .....	163
FIGURA 114 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 14 .....	163
FIGURA 115 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 16 .....	163
FIGURA 116 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 36 .....	163
FIGURA 117 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 6 .....	165
FIGURA 118 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 27 (A) .....	166
FIGURA 119 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 27 (B) .....	166
FIGURA 120 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 22 .....	168
FIGURA 121 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 23 .....	168
FIGURA 122 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 8 .....	169
FIGURA 123 -	FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14140 .....	170
FIGURA 124 -	FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14141 .....	170
FIGURA 125 -	FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14142 .....	170
FIGURA 126 -	FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14143 .....	170
FIGURA 127 -	FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14144 .....	170
FIGURA 128 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 32 .....	171
FIGURA 129 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 35 .....	171
FIGURA 130 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 29 .....	171
FIGURA 131 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 36 .....	171
FIGURA 132 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 30 .....	172
FIGURA 133 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 18 .....	175
FIGURA 134 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 18 .....	175
FIGURA 135 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 4 .....	176
FIGURA 136 -	FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P.12 .....	176

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>A NARRATIVA HISTÓRICA FOTOGRÁFICA NOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA.....</b>	<b>24</b>
2.1	PENSANDO UMA NARRATIVA HISTÓRICA FOTOGRÁFICA .....	24
2.1.1	O caráter teatralizante da fotografia e seu reflexo nos álbuns.....	27
2.1.2	A narrativa fotográfica nos álbuns de fotografia de família.....	32
2.2	O ÁLBUM DE FAMÍLIA E SUAS PECULIARIDADES.....	40
2.2.1	Coleções, arquivo e memória privada .....	44
2.2.2	O narrador, o guardião e a instituição pública de guarda da memória.....	48
2.2.3	Os protagonistas das fotografias contidas nos álbuns de fotografia de família.....	51
2.3	OS ÁLBUNS E SUA CIRCULAÇÃO .....	52
2.3.1	O leitor/espectador .....	58
2.3.2	Presença e ausência nas páginas dos álbuns.....	60
2.4	DESCRITORES ICÔNICOS E A BUSCA POR TEMAS PREDOMINANTES NAS PÁGINAS DOS ÁLBUNS.....	64
<b>3</b>	<b>A FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA EM CURITIBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX – ÁLBUNS DO MUSEU PARANAENSE.....</b>	<b>68</b>
3.1	A FOTOGRAFIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL .....	68
3.1.1	O caráter documental da fotografia .....	70
3.1.2	A família e os registros fotográficos .....	73
3.2	A CIRCULAÇÃO DA FOTOGRAFIA NA CURITIBA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	78
3.3	O DESEJO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FAMILIAR: UM MUSEU, TRÊS ÁLBUNS, TRÊS FAMÍLIAS, UMA DOAÇÃO .....	86
3.3.1	O Museu Paranaense, a Coleção Luci Hatschbach e seus álbuns .....	87
3.3.1.1	O Museu Paranaense .....	88
3.3.1.2	A Coleção Luci Hatschbach .....	92
3.3.2	O álbum da Família Hatschbach (MP 8990).....	96
3.3.2.1	Uma breve história da família Hatschbach.....	96
3.3.2.2	O álbum dos Hatschbach.....	100
3.3.3	O álbum da Família Mueller (MP 8983).....	114
3.3.3.1	Uma pequena história da família Mueller .....	114

3.3.3.2	O álbum da família Mueller .....	115
3.3.4	O álbum da Família Essenfelder (MP 8981) .....	134
3.3.4.1	Uma breve história dos Essenfelder .....	134
3.3.4.2	O álbum dos Essenfelder .....	135
<b>4</b>	<b>ÁLBUNS DE FAMÍLIA E SEUS TEMAS PREVALENTES, ASPECTOS COMUNS E SINGULARIDADES .....</b>	<b>142</b>
4.1	A VISUALIDADE DA FAMÍLIA NOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA .....	142
4.1.1	A aplicação dos descritores icônicos nos álbuns objeto da pesquisa .....	144
4.1.2	Temas prevalentes nos álbuns das famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder .....	151
4.2	TRÊS ÁLBUNS, TRÊS FAMÍLIAS CURITIBANAS: IDENTIDADES E SINGULARIDADES ESTAMPADAS NAS PÁGINAS DOS ÁLBUNS .....	156
4.2.1	Uma análise preliminar: a presença de elementos comuns nos três álbuns .....	159
4.2.2	O álbum da família Hatschbach: a constituição de uma família entre viagens e passeios.....	165
4.2.3	Álbum da família Mueller: os primeiros passos dos herdeiros .....	171
4.2.4	O Álbum da família Essenfelder: os filhos deixam a casa dos pais .....	174
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>178</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>187</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>196</b>
	<b>APENDICE 1 - TRANSCRIÇÃO DE FAIXA DE ÁUDIO .....</b>	<b>196</b>
	<b>APENDICE 2 - TRANSCRIÇÃO VÍDEO ENTREVISTA .....</b>	<b>216</b>
	<b>APENDICE 3 - QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>224</b>
	<b>APENDICE 4 - ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990 .....</b>	<b>227</b>
	<b>APENDICE 5 - ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983 .....</b>	<b>298</b>
	<b>APENDICE 6 - ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981.....</b>	<b>330</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>348</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de mestrado em História surgiu de inquietações a partir da constatação de que as famílias, ao longo dos anos, mudaram a forma de se autorrepresentar — especialmente através da fotografia — de modo que, talvez, em um futuro não muito distante, muitas famílias sequer terão registros fotográficos<sup>1</sup>.

Por certo, os avanços tecnológicos e as redes sociais modificaram sensivelmente a relação da família com a fotografia. Contudo, refletir sobre que tipo de visualidade a família produz, atualmente exige se debruçar — antes de qualquer outro movimento — sobre qual a visualidade produzida quando a câmera fotográfica se tornou acessível aos amadores. Quando o principal — e talvez único — meio de reunião do material produzido era o tradicional álbum de fotografia de família.

Partindo dessa linha de ideias preliminares, iniciou-se uma busca por álbuns de fotografia de família nos acervos da Casa da Memória de Curitiba e do Museu Paranaense. Primeiro, visando verificar se estavam presentes nos acervos públicos e, em segundo lugar, sobre qual período tratavam. Por fim, se seria possível extrair daqueles eventualmente localizados uma narrativa fotográfica sobre as famílias que representavam. A iniciativa visava, ainda, localizar álbuns que tivessem pertencido às famílias curitibanas.

Identificados álbuns que se encaixavam na proposta, constatou-se de plano que em todos aqueles encontrados o período que abarcavam era alargado, ou seja, reuniam fotografias de período superior a cinco anos, isso para os álbuns compreendidos na primeira metade do século XX. A partir dessa coleta de informações, optou-se por estabelecer que o recorte temporal ficasse restrito, portanto, à primeira metade do século XX, período em que as câmeras fotográficas amadoras já circulavam por Curitiba e que também se limitaria aos álbuns pertencentes ao acervo do Museu Paranaense dada a dificuldade encontrada no acesso aos álbuns pertencentes à Casa da Memória de Curitiba.

Com relação à delimitação espacial e privilegiando a história local, já que não se localizou nenhuma pesquisa que se detivesse sobre os álbuns de famílias curitibanas no

---

<sup>1</sup> O arquivamento apenas virtual das imagens e os constantes avanços dos dispositivos que captam imagens e que as processam é constantemente objeto de perdas dos registros.

período aventado, os esforços se concentram em identificar quais álbuns do acervo do Museu Paranaense<sup>2</sup> pertenceram, de fato, às famílias curitibanas.

Desse modo, a presente pesquisa tem como fonte principal três álbuns de fotografia de família, totalizando 473 fotos, que narram a história das famílias Hatschbach (entre 1928 e 1947), Mueller (entre 1908 e 1919) e Essenfelder (entre 1932 e 1937). Os referidos álbuns, registrados no Museu sob os números MP 8990, MP 8983 e MP 8981, fazem parte da Coleção Luci Hatschbach e foram incorporados ao acervo em 01 de julho de 2015<sup>3</sup>.

FIGURA 1 - FOTOGRAFIAS, CAPAS ÁLBUNS MP 8981, MP 8983 E MP 8990



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

A pesquisa, centrada nos três álbuns de fotografia mostrados acima, valeu-se também de alguns outros itens da Coleção Luci Hatschbach, como fotografias avulsas e outros documentos doados, além de coletar dados em periódicos da época e documentos internos fornecidos pelo Museu — dentre os quais um arquivo de áudio gravado quando da assinatura do termo de doação.<sup>4</sup> Também foi gravada uma entrevista com a doadora, que folheou cada um dos três álbuns e contou um pouco do percurso deles até a entrada no Museu, assim como promoveu a identificação de alguns personagens, rememorando passagens da história dessas três famílias<sup>5</sup>.

Com se observa, a pesquisa se insere no campo da história cultural, nos termos propostos por Peter Burke, para quem “a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos” (2008, p. 158). Nessa ordem de ideias, a análise aqui proposta se justifica pelo fato de que o álbum de fotografia esteve presente desde

<sup>2</sup> O Museu Paranaense foi inaugurado em 25 de setembro de 1876 e atualmente desenvolve estudos nas áreas de Arqueologia, Antropologia e História. O acervo atual conta com aproximadamente 400 mil itens. Mais informações estão disponíveis em [www.museuparanaense.pr.gov.br](http://www.museuparanaense.pr.gov.br).

<sup>3</sup> As fichas de registro encontram-se nos anexos 1, 2 e 3.

<sup>4</sup> O arquivo de áudio gravado pela historiadora do Museu, Tatiana Takatuzi, foi transcrito e se encontra no apêndice nº 1.

<sup>5</sup> A entrevista foi filmada em 23/03/2018 e a transcrição se encontra no apêndice nº 2.

praticamente o surgimento da fotografia e porque, cada vez mais, alimenta a pesquisa histórica por ter alcançado uma parcela significativa das pessoas ao longo do mundo, inclusive por estar presente nos acervos públicos.

Este trabalho objetiva, principalmente, observar o que as famílias do período estudado costumavam arquivar em seus álbuns de fotografia. Busca também determinar quais foram os principais temas retratados, permitindo identificar uma possível visualidade própria dessas famílias no período e local delimitados nesta pesquisa. Ainda, procurará demonstrar a circulação da fotografia no âmbito familiar; apontar as categorias principais a serem observadas quando da leitura de um álbum; identificar possíveis filtros pelos quais os álbuns possam ter passado quando da migração do espaço originalmente privado para o espaço público de um acervo museal. Por fim, visa apresentar a forma como tais álbuns foram recepcionados no museu em questão.

A respeito de um brevíssimo histórico sobre os álbuns de fotografia, a historiografia aponta que surgiram quase que concomitante ao advento da fotografia e aparecem já na Paris de 1860, como instrumentos para organizar os *carte de visite* (LIMA, 1993). Consagraram-se, assim, como suporte para o arquivamento das mais variadas coleções ao longo da história da fotografia analógica. Dessa forma, não é de surpreender que também no seio das famílias tenha sido adotado como veículo de reunião das fotografias (pois os retratos de família “são as fotografias mais difundidas” – LEITE, 2000). Do mesmo modo, não é difícil imaginar que rapidamente ganharam os acervos dos Museus e instituições públicas de guarda da memória coletiva (LE GOFF, 2013).

Jacques Le Goff não só destacou a fotografia como uma das manifestações mais significativas para a memória dos séculos XIX e XX, como também ressaltou a relevância do álbum de família enquanto monumento (2013, p. 426 e 486). Daí a relevância em abordar o tema.

Desse modo, os álbuns que encerram as memórias fotográficas, ao migrarem do ambiente privado (salas de visitas das famílias) para o um ambiente público (instituições de guarda da memória coletiva como os Museus) exigem uma leitura crítica, sob pena de se tomarem tais registros como modelos oficiais das famílias de determinado local e período.

O percurso para essa leitura se inicia defendendo uma narrativa visual nos termos propostos por Peter Burke (BURKE, 2017), tomando como ponto de partida o caráter teatralizante da fotografia (SOULAGES, 2010; LEITE, 2000) e seus reflexos também nos álbuns de família, já que elas, visando afirmar-se e projetar-se socialmente, acabam reproduzindo padrões visuais consolidados (MICELI, 1996).

Os álbuns mostram-se um desafio à pesquisa, pois se tratam de objetos complexos, que reúnem em um só local fotografias de momentos distintos, com poucas legendas e, em uma primeira análise, pouca ou nenhuma informação sobre as pessoas que se encontram retratadas neles. A única premissa que se tem como verdadeira é a de que a fotografia que ganha as páginas de um álbum de família foi ali acomodada porque despertou, naquele que organizou o álbum (o *narrador*, como propõe SILVA, 2008), um “quê” especial, algo que se pretendeu eternizar para ser compartilhado com os demais membros da família, independente do tema tratado. Como já pontuado, em muitos casos, como o desta pesquisa, os álbuns passam a transitar em outro ambiente que não as salas de visitas das casas das famílias retratadas, exigindo uma reflexão sobre todos os atores que, de forma direta ou não, contribuíram e contribuem para o estágio atual desse suporte – álbum, agora incorporado ao acervo de um Museu.

Conforme propõe Artières (1998), a memória privada exposta nos álbuns passa por uma série de filtros até atingir o formato final conhecido e, ainda, por outros tantos ao longo do percurso feito até a entrada em um acervo público. Para a compreensão desse percurso se faz necessária a análise de algumas figuras que se mostram indispensáveis para a presente pesquisa, como as figuras do *narrador* (SILVA, 2008), do *guardião* (aquele ou aqueles que conservaram o álbum na esfera privada) e da *instituição pública*, que passa a ser a responsável pela conservação do álbum tal qual chegou ao acervo. A identificação dessas figuras é indispensável para se saber qual *leitor/espectador* (SOULAGES, 2010) leu ou está lendo o álbum e como isso está sendo feito, pois a vida social (GONÇALVES, 2007) desse veículo (álbum) e o caminho percorrido permitem infinitas formas de abordagem desse material (LACERDA, 1993).

Artur Freitas advoga que as fontes visuais podem ser exploradas a partir de três dimensões, quais sejam a formal, a semântica e a social, e que uma fonte pode ser analisada sobre as três dimensões ao mesmo tempo ou dando-se ênfase a uma ou outra (FREITAS, 2004, p. 14). Seguindo este conceito e tomando para esta pesquisa apenas a dimensão social, vez que o álbum/veículo pode ser entendido como parte desse contexto social, no qual a imagem está inserida, se buscará fazer a leitura do conjunto do álbum. Para tanto, optou-se por aplicar os descritores icônicos utilizados por Zita Rosane Possamai em sua tese doutoral (POSSAMAI, 2005), que foram condensados no Quadro 1 seguinte (Fig. 2), aplicado a cada uma das fotografias dos três álbuns:

FIGURA 2 - APLICAÇÃO DOS DESCRITORES ICÔNICOS

ÁLBUM	Nº da Linha
	Foto
	Página/Foto nº
	Fotógrafo/Estúdio
	Local
	Temporalidade
	Registro Em Ambiente
	Estrutura/Funções Arquiteturais
	Elementos Móveis/Gênero/Etário
	Elementos Móveis/Personagens
	Tema

Fonte: A partir de POSSAMAI (2005).

Da aplicação dos descritores, alguns temas principais foram extraídos para que, ao final, sejam comparados com os números encontrados. Os temas apontados são: a) viagem, b) passeio, c) fotos em ambiente doméstico (dentro das residências, varandas, jardins), d) piqueniques, e) bens móveis, f) bens imóveis, g) fotografias de paisagens e vistas e h) retratos posados em estúdio. A extração dos principais temas retratados poderá permitir auferir se, em Curitiba, também os temas prevalentes continuaram sendo os mesmos apontados por Miriam Moreira Leite na obra pioneira sobre retratos de família (LEITE, 2000) ou, se distintos, quais seriam eles.

Em síntese, a observação dos atributos icônicos (consistentes na localização, nos elementos móveis de gênero e etário etc.) nas imagens contidas nos álbuns, pode auxiliar na identificação de “padrões temático-visuais” (POSSAMAI, 2005) comuns às famílias no período estudado. Não significa um padrão/modelo fechado, mas, ao contrário, uma proposta derivada de um conjunto singelo, mas relevante, dada a instituição de guarda em que se encontram.

A presente dissertação de mestrado, então, está estruturada em três capítulos, apresentados na forma dos títulos seguintes: “A narrativa histórica fotográfica nos álbuns de fotografia de família”, “A fotografia de família em Curitiba na primeira metade do século XX – álbuns do Museu Paraense” e “Álbuns de família e seus temas prevalentes, aspectos comuns e singularidades”.

O primeiro capítulo buscará expor a viabilidade de uma narrativa predominantemente visual (BURKE, 2017), ressaltando o caráter teatralizante da fotografia que se reconhece também naquelas constantes em álbuns, a partir de proposições feitas por François Soulages (2010), Boris Kossoy (2012), Solange Ferraz Lima e Vânia Carneiro Carvalho (2013), Aline Lopes de Lacerda (1993) e Nelson Schapochnick (1998). Na sequência serão observadas as peculiaridades do álbum de fotografia que, segundo André Rouillé, foi a primeira máquina moderna de documentação do mundo (2009, p. 98), bem como o papel dos álbuns enquanto coleções e arquivos da memória privada, com auxílio de conceitos desenvolvidos por Walter Benjamin (2012b), Philippe Artières (1998), Ana Maria Mauad (2008). Nesse capítulo, também serão abordados os principais agentes que determinam esse objeto complexo, que é o álbum de fotografia, nos moldes do defendido por Armando Silva (2008), quais sejam, o narrador, o guardião, a instituição pública de guarda, o leitor e os protagonistas das fotografias.

O segundo capítulo, por sua vez, partirá de um breve panorama da circulação da fotografia na primeira metade do século XX, em Curitiba. Também será apresentado um pouco da história do Museu Paranaense e da doação feita por Luci Berta Hatschbach, para então apresentar os três álbuns ora estudados mais detidamente, contando brevemente a história das famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder e buscando identificar os narradores e personagens dos álbuns em questão.

Por fim, no terceiro capítulo, a pesquisa buscará apontar quais temas as famílias curitibanas do período estudado privilegiaram retratar e arquivar. Buscará também identificar possíveis aspectos comuns e pontos de aproximação entre os três álbuns e, ainda, apresentará suas singularidades em relação ao que as pesquisas apontam como características tradicionais da fotografia da família (SILVA, 2008; LEITE, 2000). Ainda, com auxílio de Constanza Caraffa, será destacada a necessidade de se estudar esse tipo de fonte a partir de sua materialidade, tendo em vista os indícios que podem surgir a partir da pesquisa feita diretamente no acervo, com a manipulação dos objetos.

*“Fotografias são onipresentes: coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros sob forma de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas. O que significam tais fotografias? Segundo as considerações precedentes, significam conceitos programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores.”*

*(FLUSSER, Vilém, 2011, p. 51)*

## 2 A NARRATIVA HISTÓRICA FOTOGRÁFICA NOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA

### 2.1 PENSANDO UMA NARRATIVA HISTÓRICA FOTOGRÁFICA

O objeto da presente pesquisa – álbuns de fotografia de família – impõe a necessidade de reflexão sobre a viabilidade de se sustentar uma narrativa<sup>6</sup> exclusivamente visual (ou predominantemente visual). Também sobre quais as peculiaridades em se adotá-la no âmbito de uma pesquisa histórica, já que, como se demonstrará ao longo deste trabalho, o álbum contém, basicamente, fotografias com pouca ou nenhuma informação adicional<sup>7</sup>. Peter Burke dá destaque ao tema no oitavo capítulo de sua obra *Testemunha Ocular* (2017, p. 209-234) e inicia a seção “narrativas visuais” com a afirmação taxativa de que “toda imagem conta uma história” (2017, p. 209).

---

<sup>6</sup> Narrativa entendida nesta pesquisa a partir das proposições de Davi Arrigucci Jr. e Manuel Fernandes; para Arrigucci: “toda a narrativa é uma narração, quer dizer, narra uma ação passada, alguma coisa que já aconteceu, por menor que seja o intervalo temporal entre o discurso do narrador e a história contada” (ARRIGUCCI, 1998, p. 27-28). Tal definição deve considerar, ainda, que “a narratologia reflecte as condições de existências e de funcionamentos das estórias, através do seu núcleo de *categorias*: narrador, acção, personagens, espaço, tempo e narratário. Apesar do seu campo de estudo original ser a literatura, a narratologia não se lhe restringe e vários estudos contemporâneos privilegiaram as narrativas não verbais, sobretudo as baseadas na imagem, reconhecendo-lhe um particular valor imagético e comunicacional” (FERNANDES, 2012, p. 51).

<sup>7</sup> Uma justificativa possível para a ausência de legendas mais precisas (com datação e identificação dos personagens representados nas fotografias) é a percepção de que este álbum não necessitaria de dados adicionais, justamente por estar inserido em um primeiro momento no seio da família objeto das imagens, o que permitiria, a qualquer tempo, a complementação da narrativa fotográfica com a memória oral e até mesmo com outros documentos. Todavia, o que em um primeiro momento poderia sugerir certeza de que os fatos ali narrados não cairiam no esquecimento, podendo ser facilmente complementados pela memória oral dos entes familiares, acaba por implicar na perda de dados, datas e nomes que poderiam aclarar e densificar os registros fotográficos, como se demonstrará ao longo da pesquisa. No caso específico dos álbuns nos quais esta pesquisa se detém, são poucas as legendas ao longo de suas páginas, como se constatará com o avanço do trabalho.

Contudo, em que pese o autor destacar a importância de se atentar a complementos textuais (e outros) quando se está analisando uma narrativa visual, a proposta de que uma narrativa visual pressupõe “fórmulas” e “temas” (BURKE, 2017, p. 214) merece ser aqui brevemente desdobrada. A análise das fontes objeto desta pesquisa se depara com conteúdo predominantemente visual (fotografias acondicionadas em álbuns com poucas informações textuais – legendas, por exemplo), podendo ser enquadrado nessa modalidade de narrativa esquadrihada por Burke.

No capítulo citado, o autor elenca uma série de exemplos (muitos, inclusive, anteriores ao surgimento da fotografia) nos quais se buscou transmitir acontecimentos históricos através apenas de imagens. Especialmente destacando as cenas de batalhas, Burke explica como as imagens reproduzem “fórmulas” visuais e como os “temas” representados oferecem “evidências” dos fatos contados; “evidências” que precisam ser lidas observando-se as peculiaridades das “narrativas visuais”.

Com o intuito de justificar a importância do tema, Burke destaca que “na era da fotografia, a lembrança de determinados acontecimentos tornou-se cada vez mais intimamente associada com suas imagens visuais” (2017, p. 209). No entanto, ainda que haja a possibilidade de se produzir uma imagem muito próxima do fato ocorrido (o que foi reforçado sobremaneira pela disseminação da fotografia) e, portanto, de se passar a pensar os acontecimentos a partir de imagens, como propõe Burke, há que se atentar para as armadilhas que essa narrativa carrega.

A “leitura<sup>8</sup>” das imagens exige a percepção e a tomada como ponto de partida da leitura de que um fato foi ali adensado, ou seja, está-se diante de “uma sequência dinâmica na forma de uma cena estática” (BURKE, 2017, p. 213). Explica o autor que “o artista tem de condensar ações sucessivas em uma única imagem, geralmente um momento de clímax, e o espectador tem de estar consciente dessa condensação” (BURKE, 2017, 213), o que acarreta, para o leitor, problemas tais como *o que aconteceu antes ou depois? Quem chegou ou partiu?*

Além disso, o principal problema indicado por Burke — e que se conecta diretamente com a pesquisa ora apresentada — é a questão de que os “leitores de imagens que vivem em uma cultura ou período diferentes daqueles no qual as imagens foram produzidas se deparam com problemas mais sérios do que leitores contemporâneos à época da produção”

---

<sup>8</sup> O termo “leitura” de imagens é apresentado por Burke ao discorrer sobre a leitura de narrativas visuais e ele o considera uma “metáfora [...] especialmente apropriada nesse caso” [leitura de imagens] (2017, p. 213). Por esta razão, optou-se, ao longo da pesquisa, por utilizar o termo também para a leitura dos álbuns objeto deste trabalho.

(2017, p. 214). Identificar, na imagem que se está lendo, quais eram as “convenções narrativas ou ‘discursos’” adotados (BURKE, 2017, p. 214) quando da produção da imagem é, de fato, um desafio. Isto se dá, principalmente, porque quanto mais longo o tempo entre o fato registrado em imagens e sua leitura, mais difícil a recuperação de tais convenções para uma leitura mais próxima do sentido original que se pretendeu transmitir.

O autor, então, indica a necessidade de se atentar para os “temas” e “fórmulas”:

Quando uso o termo “fórmulas”, refiro-me a esquemas em pequena escala, tais como uma figura numa determinada pose, uma figura típica no sentido de que seria parte de um repertório do artista e que poderia ser utilizada quando necessário e adaptada a diferentes encomendas. Um exemplo bem conhecido é o da figura de Cristo sendo descido da cruz, adaptada por pintores do século XVIII (...), nos casos das representações de Wolfe e Marat. Temas, em contraste, são esquemas em larga escala, cenas “típicas” como batalhas, conselhos, reuniões, banquetes, procissões e sonhos, elementos recorrentes em narrativas longas tais como a Tapeçaria Bayeux (...). Entretanto, é apenas razoável reconhecer que a maioria, se não todas as narrativas, se baseia em fórmulas de algum tipo, mesmo histórias que tentam surpreender a expectativa dos seus leitores. Esse ponto é relevante não apenas para as sequências narrativas, mas também para tentativas de congelar a ação, de captar a história numa única imagem (BURKE, 2017, p. 215).

A presença de legendas ou inscrições como nas coleções de moedas exemplificadas por Burke, podem ser uma chave para leitura das imagens (BURKE, 2017, p. 216). Porém, sua ausência não exclui a necessidade de se atentar que uma imagem pode ser produzida com determinada finalidade, visando, por exemplo, difundir um discurso, idealizar um acontecimento.

Para tanto, valendo-se ainda das proposições de Burke, se dará especial atenção à serialização de imagens (vez que, quando se trata de álbuns de fotografia, já se está a falar de uma série ou várias séries alocadas em um mesmo suporte) e às chamadas “tiras narrativas”. Das séries se extrai, segundo o autor, a “narrativa do ‘antes’ e ‘depois’” (2017, p. 226) e das tiras, “a reconstrução dos acontecimentos” (2017, p. 228).

Por fim, em que pese ser de extrema relevância para a leitura das imagens a identificação de “fórmulas” de representação — como propõe Burke<sup>9</sup> e todas as suas nuances —, aqui se

---

<sup>9</sup> O que pode ser reforçado com a proposta de Aby Warburg (WARBURG, 2015), que, em síntese apertada, defendeu a sobrevivência das fórmulas gregas que teriam sobrevivido ao tempo e continuado a povoar o arcabouço imagético da arte, mediante a identificação de padrões visuais que, como ele tentou demonstrar, continuam se repetindo ao longo do tempo (pesquisa essa não concluída em razão de seu falecimento). Aqui importante destacar que a pesquisa não se propõe a buscar fórmulas e padrões visuais nas fotografias contidas nos álbuns objeto da presente. Contudo, por certo uma pesquisa por padrões visuais, que poderia partir da busca pela sobrevivência de fórmulas gregas ou outra fórmula a ser pensada a partir das referências europeias e americanas que tanto serviram de modelos para os estúdios fotográficos ao redor do mundo, seria igualmente pertinente. Ressalte-se que Peter Burke afirma que as primeiras fotografias seguiam os padrões observados nas pinturas (BURKE, 2017, p. 38) e Boris Kossov destaca que com o advento das *carte de visite* se seguiu uma homogeneização liderada pelos europeus e americanos: “aspecto a ser ressaltado é a homogeneização que ocorreu ao longo da moda da *carte de visite* tanto na prática como na própria estética fotográfica. Tal não se deu

privilegiará a busca pela identificação dos “temas” registrados. Eles serão conformados com os temas já identificados — no que toca especialmente a família, aqueles propostos por Miriam Moreira Leite<sup>10</sup> — como recorrentes no registro das famílias do final do século XIX início do século XX.

### 2.1.1 O caráter teatralizante da fotografia e seu reflexo nos álbuns

Mesmo partindo do pressuposto que a máxima da fotografia como mero espelho do real é demasiada simplificadora, é preciso ainda ressaltar<sup>11</sup> que para qualquer leitura crítica de uma fotografia isolada, ou que seja parte de uma coleção, é necessário pensar que a imagem pode ter sido produzida intencionalmente ou, ainda, reproduzindo padrões culturalmente enraizados. Esta é a proposição de François Soulages, para quem “toda fotografia é teatralizante” (2010, p. 76).

Para Soulages:

Mais uma vez o real nos escapou, talvez simplesmente porque é impossível mostrá-lo. Os homens parecem ter necessidade de crer, e talvez seja por isso que eles se apeguem à aparência. Não podendo dizer e assumir o “o isto foi encenado” diante de uma foto, eles apostam na fotografia como prova do real. Essa satisfação com a ilusão vem de outro lugar, ela não é específica da fotografia, mas deve ser denunciada para que a fotografia possa chegar a um papel diferentemente daquele de pobre testemunha de um real impossível. A fotografia deve ser comparada com o teatro e ser pensada como trabalhada por um jogo: o jogo dos homens e das coisas. Por ser habitada por esse jogo do mundo, por sermos representados diante dela, por sermos enganados por ela é que a fotografia pode entrar no mundo das artes. A fotografia está do lado do artificial e não do real.

O objeto a ser fotografado pode menos ainda ser reproduzido em sua integralidade pela fotografia, à medida que ela está sempre na dependência do ponto de vista de um sujeito: dessa forma, o “eu” do fotógrafo é posto em primeiro plano (2010, p. 77).

---

apenas em relação à tecnologia (os equipamentos, materiais fotossensíveis, processos e técnicas), idealizada e desenvolvida na Europa e nos Estados Unidos, mas também, no que concerne aos padrões estéticos de representação (pose, vestuário, iluminação, adornos e acessórios que compunham o cenário etc.), que igualmente, obedeciam a determinados modelos e modismos” (2002, p. 39-40).

<sup>10</sup> Miriam Moreira Leite observou em sua pesquisa uma “uniformidade dos retratos de família, por mais longínquos que tenham sido os locais em que tivessem sido tirados” (2000, p. 95). Contudo, o trabalho limitou-se a apontar algumas categorias como sendo as predominantes em retratos de família no período compreendido entre 1890-1930, quais sejam, “casamento (o retrato da noiva), casais, mães e filhos menores, idades da mulher, família (uma ou mais gerações), classe escolar, piqueniques” (LEITE, 2000, p. 73).

<sup>11</sup> Como na hipótese dos álbuns objeto desta pesquisa se observa, como se constatará ao longo da dissertação, a reprodução de padrões imagéticos típicos da retratística clássica (BURKE, 2017, GOMBRICH, 2008, MICELI, 1996) e das imagens fotográficas produzidas no século XIX e início do século XX (LEITE, 2000, KOSSOY, 2002, VASQUEZ, 2000) optou-se por reforçar em uma breve análise esse caráter teatralizante da fotografia ainda que, como já mencionado, tal tema já tenha sido bastante abordado por autores como SOULAGES, 2010, BURKE, 2017 e FABRIS, 2008, entre outros.

Embora seja possível verificar que o caráter ambíguo da fotografia (o qual permite flertar com o real e o imaginário) facilite seu acesso ao mundo das artes<sup>12</sup> não se pode descartar seu aspecto documental e de registro de um tempo que passou. Especialmente na hipótese proposta neste trabalho, como se verá ao longo do texto. Assim, Peter Burke reconhece esse caráter teatralizante (ainda que não utilize a mesma expressão cunhada por Soulages), mas destaca que basta buscar contextualizar as imagens produzidas para imediatamente dar um primeiro passo em direção a uma leitura crítica. Sobre a necessária contextualização, enfatiza que

nem sempre é fácil no caso de fotografias, uma vez que a identidade dos fotografados e dos fotógrafos é muitas vezes desconhecida, e as próprias fotografias, originalmente – em muitos casos, ao menos – são oriundas de uma série e foram separadas do projeto ou do álbum no qual eram inicialmente mostradas, para acabarem em arquivos ou Museus (2017, p. 37).

Essa contextualização se mostra indispensável porque há muito a fotografia permite compor a cena ao gosto do fotógrafo ou do fotografado:

Antes da década de 1880, na era da câmera de tripé e exposições de 20 segundos, os fotógrafos compunham as cenas, dizendo às pessoas onde deveriam se posicionar e como se comportar (como até hoje nas fotografias de grupo), tanto no estúdio quanto em fotos ao ar livre. Algumas vezes, eles construía as cenas da vida social de acordo com as convenções familiares da pintura do gênero, especialmente cenas holandesas de tavernas, camponeses, mercados, etc. Considerando a descoberta da fotografia por historiadores sociais britânicos na década de 1960, Raphael Samuel comentou de forma pesarosa sobre “nossa ignorância dos artifícios da fotografia vitoriana”, apontando que “muito daquilo que reproduzimos com tanto amor e observamos (como acreditávamos tão meticulosamente era falso – uma pintura na origem e intenção mesmo que fosse documental na forma)”. Por exemplo, para criar a famosa imagem de um menino de rua tremendo de frio, feita por O. G. Rejlander, o fotógrafo “pagou a um menino de Wolverhampton cinco *shillings* para posar de modelo, vestiu-o com farrapos e sujou seu rosto com a fuligem apropriada” (BURKE, 2017, p. 38-39).

Essa reprodução nas imagens de convenções, típicas de um determinado período, não é exclusiva do campo da fotografia; muito antes, como exemplifica Peter Burke (2017, p. 42), os retratos já eram pintados à luz dos padrões de dado período. Mais ainda, eram produzidos visando

---

<sup>12</sup> Apenas a título de exemplo e se valendo do objeto desta pesquisa, os álbuns de família também têm ganhado espaço nos museus de arte e galerias, como se pode verificar na obra da artista plástica Rosângela Rennó (ver Menos-valia [leilão], 2012). Em tempo, importante registrar que existe diferença entre a narrativa tradicional (visualizada nas fotografias de família e nos álbuns para se restringir ao objeto da pesquisa) e a narrativa das fotomontagens; pois “enquanto a primeira [fotografia tradicional] está muito mais condicionada ao *mostrar*, aquilo que, impositivamente, foi captado do real, cabendo ao observador interpretar aquilo que é *mostrado*, na segunda [fotomontagem], a combinação intencional e a pós-captação fotográfica dos elementos de várias fotografias em função de um efeito ou mensagem visual, aproximam a interpretação da fotomontagem à de uma estória *contada* onde a informação é recebida pelo observador já foi filtrada pela criatividade e intencionalidade estética e até ideológica do autor” (FERNANDES, 2012, p. 52).

atingir um determinado propósito, como a apresentação do retratado de forma especial (BURKE, 2017, p. 43). Sérgio Miceli destaca, ainda, que

Os retratos constituem, antes de tudo, o fruto de uma complexa negociação entre o artista e o retratado, ambos imersos nas circunstâncias em que se processou a fatura da obra, moldados pelas expectativas de cada agente quanto à sua imagem pública e institucional, quanto aos ganhos de toda ordem trazidos pelas diversas formas e registros de representação visual, enfim, quanto ao manejo dos sentidos que retratistas e retratados pretendem infundir, seja na própria obra, seja nos parâmetros de sua leitura e interpretação (1996, p. 18).

Na fotografia não foi diferente e padrões de representação foram rapidamente difundidos, inclusive se apropriando daqueles utilizados pelos pintores: “Algumas dessas convenções sobreviveram e foram democratizadas na era do retrato de estúdio fotográfico, a partir da metade do século XIX. Camuflando as diferenças entre classes sociais, os fotógrafos ofereciam a seus clientes o que foi chamado de ‘imunidade temporária em relação à realidade’” (BURKE, 2017, p. 44).

Essas imagens, chamadas negociadas, nas palavras de Miceli, indicam um verdadeiro projeto integrado visando afirmação e projeção social (MICELI, 1996, p. 131). Elas reproduzem os padrões visuais consolidados que, para a hipótese dos álbuns, ainda que na maioria as imagens tenham sido produzidas pelos próprios agentes familiares, permitem perceber também essa lógica da negociação quando se observa a direção feita pelo fotógrafo diante do fotografado.

Os álbuns ora estudados, também apresentam imagens que reverberam essa padronização dos retratos, o que se pode observar nas três fotografias a seguir, extraídas dos álbuns da Família Mueller, Essenfelder e Hatschbach, respectivamente:

FIGURA 3 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983,  
P. 13



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 4 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981,  
P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 5 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Nas três fotografias, todas feitas em estúdio (ainda que apenas na fotografia/Fig. 5 seja possível identificar o estúdio — Estúdio Heisler<sup>13</sup>, Curitiba e com datação expressa apenas na última imagem, 1930), observa-se o mesmo tipo de composição da imagem, com destaque exclusivo para as retratadas. Todas as fotos, em variações sutis da utilização do primeiro plano (retrato de busto), indicam que o padrão buscado quando se adentrava um estúdio permaneceu o mesmo durante a primeira metade do século XX.

Diante de tais imagens, o questionamento feito por Ana Maria Mauad a respeito de ser ou não a fotografia uma cópia do real se faz oportuno, pois destaca que a fotografia foi utilizada durante muito tempo como prova inquestionável do fato registrado:

No plano do controle social, a imagem fotográfica foi associada à identificação, passando a figurar, desde o início do século XX, em identidades, passaportes, e nos mais diferentes tipos de carteiras de reconhecimento social. No âmbito privado, através do retrato de família, a fotografia também serviu de prova. O atestado de um certo modo de vida e de uma riqueza perfeitamente representada por meio de objetos, poses e olhares (2008, p. 31).

De acordo com Mauad, a fotografia, ao contrário, “é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda, uma leitura do real realizada mediante o recurso de uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica” (2008, p. 31).

Desse modo, o caráter teatralizante da fotografia e a reprodução nas imagens fotográficas das convenções de representação de dado período podem ser estendidos para os álbuns de fotografia. Como apontado anteriormente e conforme se verá ao longo do texto, os álbuns são igualmente produzidos para transmitir uma determinada imagem da família, não necessariamente a família tal qual foi naquele tempo e espaço fotografado (já que muito pouco ou quase nada de prováveis problemas e perdas aparecem ao longo das páginas dos álbuns).

Esta fotografia, que não é neutra e está carregada de uma bagagem cultural, de técnicas e práticas historicamente determinadas (SOULAGES, 2010, p. 86), além de permitir uma visão muito particular de dada família (trazendo o discurso do autor para o tema ora tratado), fornece ao observador/leitor/espectador uma experiência muito mais abrangente do que a simples constatação de que “isso foi”.

Essa absorção por parte da fotografia e seus suportes da bagagem representativa de uma época que passou, igualmente não afasta a riqueza de sua leitura. Como bem ressalta

---

<sup>13</sup> Este estúdio começou a operar em Curitiba por volta de 1870 (KOSSOY, 2002, p. 173).

Boris Kossoy, ao abordar o caráter de informação fragmentária das fotografias, sua interpretação e manipulação,

Isto não impede em absoluto a procura, na aparente inocência das imagens do passado – ou do presente –, de seus significados mais profundos. Cabe neste sentido considerar, primeiramente, que manipulações e interpretações de diferentes naturezas ocorrem ao longo da vida de uma fotografia, desde o momento em que ela foi materializada iconograficamente. Tais manipulações/interpretações, que muitas vezes se confundem em uma só atitude, envolvem: o *fotógrafo*, que registra – e cria – o tema; o *cliente* ou *contratante*, que lhe confia a missão de retratar ou documentar; *a casa publicadora* – (se é que a imagem foi veiculada, seja na época de sua produção, seja posteriormente em qualquer outra época), que utiliza segundo determinada orientação editorial; *os diferentes receptores* (contemporâneos à sua produção, ou que tomarem contato com ela posteriormente à sua realização), que veem – seja em sua forma original, seja impressa – e reagem de formas totalmente diversas – emocionalmente ou indiferentemente – na medida em que reconheçam ou não aquilo que veem (em função dos repertórios culturais individuais), na medida em encarem com ou sem preconceitos o que veem (em função das posturas ideológicas de cada um) (2012, p. 118).

Desse modo, ainda que a imagem possa ter sido produzida e não retrate exatamente o fato narrado tal qual aconteceu, ou reflita as pressões daqueles que as divulgam (quando veiculadas em jornais e revistas, por exemplo), sua relevância é indiscutível, pois “[...] imagens frequentemente revelam detalhes significativos que reportagens verbais omitem. Elas oferecem aos espectadores distanciados no espaço ou no tempo algum senso da experiência de batalha em diferentes períodos. Elas também atestam de forma nítida as mudanças das atitudes em relação à guerra” (BURKE, 2017, p. 225).

Por tais motivos, importante então refletir especificamente sobre o tipo de narrativa fotográfica posta nos álbuns de fotografia de família, o que será desenvolvido na sequência.

### 2.1.2 A narrativa fotográfica nos álbuns de fotografia de família

Inicialmente, é importante reforçar que em um álbum de fotografias “a imagem visual é predominante e assume um papel ativo na construção de sentidos, articulando-se, em vez de submeter-se aos textos e legendas” (CARVALHO, LIMA, 2008, p. 19) e “a narrativa é relato e dá aos narradores o poder de manipular as histórias nas quais a família está envolvida e que mereceram ser arquivadas como imagem” (SILVA, 2008, p. 24).

Assim, os álbuns de família se caracterizam como os mais completos registros fotográficos justamente porque receberam, ao longo de um determinado espaço de tempo, os mais variados tipos de fotografias (retratos individuais, de grupos, eventos sociais, entre

tantos outros), nos mais diferentes formatos. Não raro podem acondicionar outros documentos como cartas, postais e recortes de jornais, por exemplo. A ideia, desde o seu surgimento, era de fato reunir e arquivar em um mesmo espaço lembranças da família e de sua época, o que torna os álbuns excelentes fontes para a pesquisa histórica (LACERDA, 1993).

Para Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho:

Muito embora o retrato de família restrinja-se à esfera privada, ele não deixa de cumprir trajetórias. A construção da memória familiar acontece também graças a um conjunto de ações normativas designado pelo termo *retratística*. A historiadora da arte inglesa Marcia Pointon, estudiosa do retrato no século XVIII, define a retratística como os meios pelos quais diferentes grupos sociais se autorrepresentam. O “retratar-se” é uma prática cultural que integra uma rede de comunicação e atua, como tantos outros processos, na regulação da sociedade. Essa perspectiva de análise leva em conta o seu teor simbólico, na medida em que ele é um gênero pictórico (e mais tarde também fotográfico) orientado por convenções na escolha da cenografia e da pose, por se tratar de uma forma simbólica de representação pública dos sujeitos, é importante que se considerem as expectativas sociais e individuais, ou seja, o olhar do espectador.

Os retratos e as narrativas que compõem os álbuns familiares cumprem funções afetivas e didáticas ao materializar as regras e a etiqueta do viver urbano (LIMA; CARVALHO, 2013, p. 49).

Os álbuns permitem, enquanto arquivos pessoais<sup>14</sup>, uma série de abordagens<sup>15</sup> e, quanto à sua forma de organização, como chama atenção Aline Lopes de Lacerda,

é interessante notar que em todos os arquivos sempre existem algumas imagens que, por falta de dados básicos, ficam armazenadas ao final, após as fotos identificadas, constituindo uma espécie de *arquivo mudo* que não se articula na teia de informações tecida na organização do arquivo e que, conseqüentemente, não serão indexadas e incorporadas ao sistema de informação, porta de acesso para a pesquisa de documentos (1993, p. 46).

Já para Nelson Schapochnik,

Os álbuns de família registram o decurso do tempo sob a forma de séries diversas. Entre os episódios registrados parece incidir uma dupla temporalidade. Sob a aparente continuidade das sucessivas gerações que compõem a história visual de uma família, assomam momentos de significado ritualístico e, portanto, submetidos a um tempo cíclico. As séries de retratos reunidas num álbum ou depositadas em algum continente menos solene remetem para os ritos da vida privada, pontuando os momentos que “marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social” (1998, p. 472).

---

<sup>14</sup> Conforme Aline Lopes de Lacerda (1993, p. 41), em *Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais*, arquivo pessoal aqui é entendido pelo “conjunto documental produzido e/ou acumulado por um indivíduo ao longo de sua vida tanto na esfera de atuação privada quanto pública. Esse conjunto pode se constituir das mais variadas espécies documentais, tais como cartas, impressos, recortes de jornais, vídeos, fotografias etc.”.

<sup>15</sup> Abordagens estas que podem ser úteis para as mais diferentes áreas do conhecimento, mas que no tocante à História, aqui se privilegiará a observação do que as famílias do período estudado costumavam arquivar em seus álbuns, permitindo um panorama parcial e visual de determinados e teatralizados costumes familiares da referida época.

Nestes termos, o arranjo das fotos no álbum também faz parte da linguagem narrativa, decorrendo daí a necessidade de se observar o conjunto consistente não só nas fotos, mas também observando o “contexto material<sup>16</sup>” no qual a foto é exibida.

Na obra *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo*, Lima e Carvalho já destacaram que a narrativa visual extraída da organização sequencial das fotografias ao longo das páginas dos álbuns, constituiu o reforço da abordagem escolhida, destacando esta ou aquela qualidade do tema tratado (LIMA; CARVALHO, 2008, p. 104).

Para os limites propostos por esta pesquisa, a partir da posição de Lima e Carvalho<sup>17</sup>, é possível afirmar que no tocante a organização das fotografias ao longo do álbum, são elementos essenciais para a narrativa fotográfica a forma final do arranjo de fotos (uma ou mais fotos por página, por exemplo), a ordenação delas (por temas, por personagem familiar, por evento, por datas), o ritmo empregado na distribuição das fotos (quantidade de fotos para destacar dado evento, intervalos etc.) e a harmonia dessas composições.

De acordo com as autoras:

o arranjo, que permite o desenvolvimento de uma narrativa, proporciona relações de significação que dependem exclusivamente da existência do conjunto. É por causa do arranjo que as imagens de baixa incidência, mas alto impacto visual, não podem ser desprezadas. A função da pontuação cumpre papéis de reforço ou contraponto, que dão ao conjunto de imagens do álbum uma dinâmica própria. (LIMA; CARVALHO, 2008, p. 106).

Assim, é indiscutível que uma fotografia isolada tenha seu valor como fonte histórica e a presente pesquisa não questiona tal verdade. No entanto, quando do estudo de um álbum de família, o problema abrange no que diz respeito à importância da análise, do conjunto de fotografias que o compõe e da narrativa própria que dele decorre. Isso porque “cada documento pode falar por si, mas é o seu conjunto que pode expressar certa relação entre ele e quem o acumulou” (LACERDA, 1993, p. 48). No caso dos álbuns de família, é justamente a leitura desse corpo complexo que fornecerá elementos para uma leitura da família do local e período estudado.

---

<sup>16</sup> Peter Burke ensina que “o significado das imagens depende do seu ‘contexto social’” e ele explica que no contexto social inclui-se “o ‘contexto’ geral, cultural e político, bem como as circunstâncias exatas nas quais a imagem foi encomendada e também seu contexto material, em outras palavras, o lugar físico onde se pretendia originalmente exibi-la” (2017, p. 267). Para a hipótese dessa proposta, o “contexto material” poderia ser entendido como o álbum, já que as famílias produziam as fotos para ali depositarem aquilo que pretendiam que ficasse eternizado, destacando que, em um primeiro momento, tal álbum foi pensado para circular apenas no ambiente privado, no círculo familiar.

<sup>17</sup> Importante destacar que, no caso específico da obra citada, o objeto de análise foram álbuns cujo tema é a cidade de São Paulo e não álbuns de família especificamente, mas a leitura feita pelas autoras, com os reconhecidos descritores icônicos, tomando de empréstimo pressupostos teórico-metodológicos das artes visuais, é igualmente valiosa para este trabalho.

Armando Silva destaca que o álbum, enquanto condicionador de uma coleção de fotografias, não deve ter suas fotos analisadas separadamente se o objetivo da pesquisa é a família, ao contrário, “com relação aos álbuns de fotografia, uma foto sempre se relaciona tanto com a anterior quanto com a posterior, e todas revelam tanto um sentido literário quanto visual, que exige a compreensão antes do conjunto que da fração de um de seus elementos” (SILVA, 2008, p. 118). Silva destaca ainda que:

O álbum tem seus caprichos nas formas de mostrar ou esquecer, mas há algo inevitável: ele possui uma ordem, em que uma foto se encadeia a outra, e, portanto, *sua visão produz a figura do “salto”* – palavra que me parece definir bem esse fenômeno –, tendo em vista que devemos “saltar” de uma foto para a outra, para recompor um propósito global. Sua enunciação muda, como no teatro, com cada encenação, com a introdução de uma foto que transforma a ordem das já existentes. (2008, p. 32).

O álbum de família pode ser organizado de tantas formas distintas, dando ênfase a carreira pública de um membro da família, do êxito nos negócios, referindo-se apenas aos momentos informais em família, às fotos posadas em estúdio, às viagens, mesclando fotos e postais e até mesmo anexando outros documentos. Contudo, o ponto que se quer explorar é justamente o fato de que esse conjunto tão vasto de temas, dispostos ao longo das páginas de um álbum, só faz sentido para o estudo dos modos de vida de uma família se analisado em sua totalidade<sup>18</sup>.

Artur Freitas, no artigo *História e imagem artística: por uma abordagem tríplice*, propõe que as fontes visuais, especialmente as artísticas, sejam exploradas a partir de três dimensões, quais sejam, a formal, a semântica e a social, e que é possível se verificar a importância “do contexto de apresentação da imagem”. Ensina o autor que “é fácil compreender por aí que o conteúdo de uma imagem visual depende tanto do contexto de apresentação da imagem — uma bienal internacional, um culto, um livro didático — quando de sua visualidade específica — sua forma” (2004, p. 14).

Trazendo a lição do autor para a hipótese proposta por esta pesquisa, é possível afirmar, portanto, que o álbum de fotografia faz parte desse contexto no qual a imagem se apresenta. Daí a insistência em que a leitura de uma fotografia, em especial as imagens arquivadas em álbuns de

---

<sup>18</sup> Aqui relevante ressaltar mais uma vez que, não raro, os álbuns de fotografia de família trazem poucas legendas, reforçando ainda mais a necessidade de ler o álbum a partir de seu conjunto, o que pode permitir uma melhor compreensão da história ali narrada a partir das fotografias que o compõem. Marcella Lopes Guimarães, ao chamar a atenção para a necessidade de se observar o conjunto de fotografias sobre determinado tema contido em dado álbum de fotos de família, pontua que “[...]. A sucessão das fotos revela a surpresa diante do inusitado para quem idealizou o registro, segreda modas e oferece a oportunidade de visualizar veículos de transporte, praça, monumento, vias públicas e prédios já tão diferentes hoje” (2012, p. 52).

família<sup>19</sup>, deva levar em conta o conjunto do qual fazem parte (folha de álbum, álbum como um todo, bem como as fotos ali arquivadas e seus arranjos independentemente do tema).

Desse modo, como ensina Valter Gomes Santos de Oliveira, “os álbuns de famílias constituem universos visuais ligados às memórias particulares de grupos. Suas páginas de lembranças estão repletas de imagens que mesclam valores de culto e de exposição”. O autor vai além e afirma que os álbuns de família “possuem dinâmicas próprias de vida. Imagino que nascem na adição das primeiras fotografias, desenvolvem-se com a incorporação de novas aquisições, adoecem na retirada de fotografias ou esfacelamento de suas páginas, envelhecem com o amarelecimento ou enrugamento de suas imagens e páginas e às vezes chegam a morrer com sua dissolução, restando apenas algumas imagens avulsas” (OLIVEIRA, 2013, p. 119).

No caso específico dos álbuns objeto desta pesquisa, analisando-se a página inicial de cada um deles, é possível observar que já no início o narrador de cada álbum pontuou um ou alguns dos elementos dessa narrativa fotográfica, tais como narrador, personagem ou personagens principais, tempo e espaço (ainda que nem todos os elementos sejam passíveis de identificação ao se abrir as primeiras páginas, percebe-se que em todos constam indícios do que possivelmente se encontrará nas páginas subsequentes, ou seja, os registros fotográficos de um determinado período de vida de cada uma das famílias).

O álbum da família Hatschbach é aberto com um pequeno retrato do casal Jessie e Erwin na contra capa (Fig. 6), o que indica, claramente, sobre quais personagens familiares girarão as histórias contidas no álbum. Na primeira página (Fig. 7), constam oito fotografias, apenas três delas com legendas na folha de seda que faz o entrefolhamento das páginas deste álbum (a primeira do canto superior esquerdo indica na legenda “São Paulo, 1929, Colégio Mackenzie”, a fotografia de um camelo tem a legenda “jardim zoológico” e a última foto da margem inferior traz a legenda “Museu Ipiranga”). A primeira fotografia da segunda linha da margem esquerda registra uma data escrita com letras garrafais no chão, mas pela qualidade da imagem, e porque a fotografia não capta a integralidade da grafia do dia e mês, só é possível identificar o ano (1929, possivelmente 4 de julho de 1929).

---

<sup>19</sup>Ainda sobre os álbuns de família, Eugêncio Bucci destaca que “as imagens ali expostas, abertas, admitem múltiplas sequências narrativas; os fatos passados se expandem e se ligam entre si movidos pela carga afetiva do olhar que costura as associações possíveis” (2008, p. 78).

FIGURA 6 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, CONTRACAPA



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

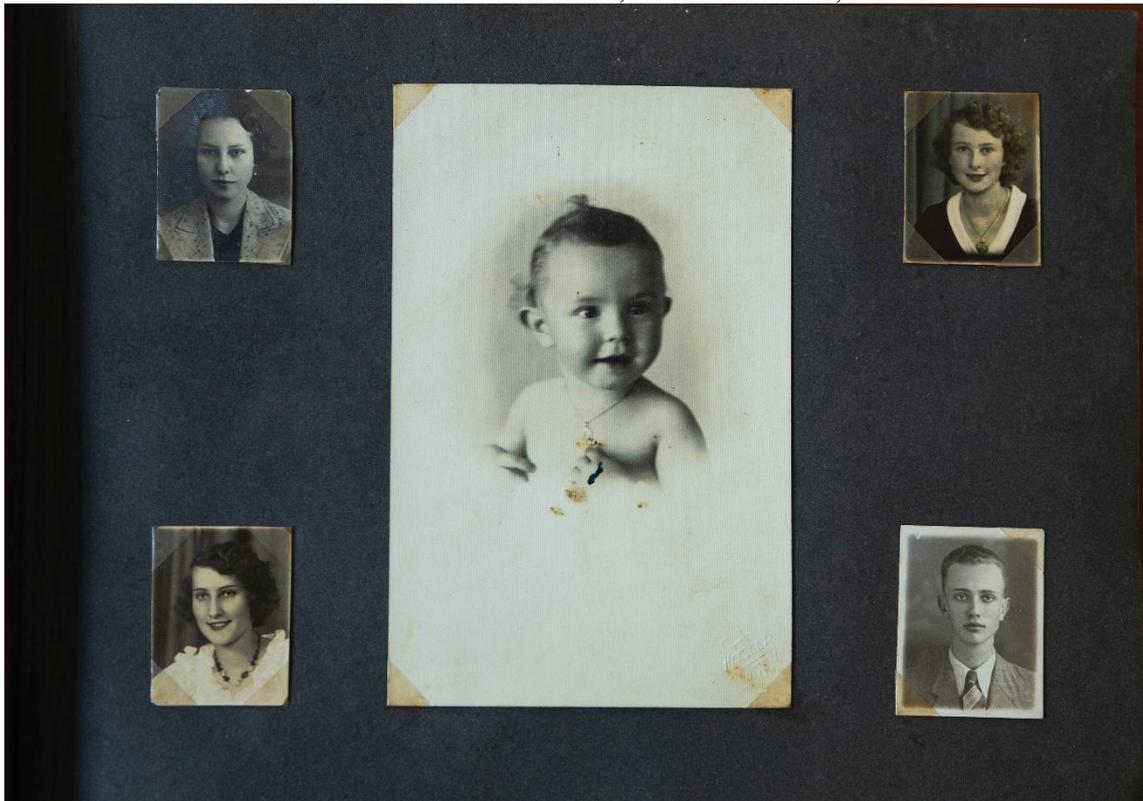
FIGURA 7 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 1



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Já no álbum da família Essenfelder, além da capa trazer uma foto de Curitiba, o que dá indícios de que a história da família se passa nessa cidade (Fig. 1), a primeira página do álbum apresenta um retrato de cada um dos quatro filhos do casal Frederico e Alvina Asmè (retratos 3x4) e um retrato maior, de um bebê cuja identidade não é possível apurar, provavelmente a primeira neta ou primeiro neto de Asmè.

FIGURA 8 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 1



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por fim, no que diz respeito ao álbum da família Mueller, a primeira página, ainda que com as marcas indicativas de que duas ou mais fotos foram extraídas, a partir das legendas/anotações é possível constar que o álbum contém fotografias de 1908 a 1919, conforme anotação no canto superior direito da página. Também se percebe que a flora brasileira foi utilizada para localizar geograficamente este período da vida familiar (ainda que sem a imagem, a legenda sobrevivente indica que ali fora colada uma foto de um ou mais pinheiros). Destaca-se, ainda, no canto inferior esquerdo, uma foto da matriarca desse núcleo familiar com seus cachorrinhos de estimação.

FIGURA 9 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 1



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Já nas páginas iniciais, portanto, o narrador deixa pistas sobre os elementos que compõem sua narrativa fotográfica. Como se observa, não existe uma regra, um padrão que permita extrair prontamente quem montou o álbum, a quais entes da família especificamente se dedica etc. No entanto, é possível verificar — mesmo em se tratando de um objeto pessoal, em que talvez não houvesse a necessidade de deixar transparecer qualquer um desses elementos —, a preocupação do narrador, presente em todos os três álbuns, em indicar, de alguma forma, o rumo da narrativa a ser lida nas páginas subsequentes.

A identificação desses elementos da narrativa nos álbuns em questão permite observar que existem algumas peculiaridades neles que exigem uma reflexão, não apenas no tipo de narrativa encontrada, mas também na observação de que, ao longo da trajetória do álbum (do acervo privado do narrador para o acervo de uma instituição pública de guarda), há maior ou menor potencialidade das imagens e das narrativas, a depender da maneira como o narrador conta a história da sua família (isso para a hipótese das imagens analisadas no conjunto do álbum como aqui proposto), como se verá a seguir.

## 2.2 O ÁLBUM DE FAMÍLIA E SUAS PECULIARIDADES

Ainda no século XIX, quando a fotografia teve sua produção e circulação potencializadas, passando a ser objeto material de desejo por segmentos sociais específicos, logo tornou necessário desenvolver um local apropriado para guardá-la. Assim, em síntese, os álbuns<sup>20</sup> de fotografia surgiram como uma opção, inicialmente moldados para receber os *carte de visite*<sup>21</sup> (que eram, literalmente, encaixados nos espaços próprios, normalmente quatro por página) e depois com páginas em branco, nas quais as fotos poderiam ser dispostas livremente (exatamente este o formato dos álbuns objeto desta pesquisa).

Como aponta Solange Ferraz de Lima, é na Paris de 1860 que surgem os primeiros cadernos destinados a acondicionar as fotografias que tinham caído no gosto de todos, de modo que, assim como as fotos, os álbuns foram rapidamente popularizados (1993, p. 99). De acordo com Lima:

O álbum surge, assim, atrelado à ideia de coleção, à prática de acumular objetos revestidos de alto valor afetivo e simbólico. Produzidos inicialmente vazios, à espera do arranjo específico que cada história de vida daria aos retratos acumulados, os álbuns não tardam a se transformar em ‘coleções’ montadas por um editor, reunindo fotografias de grandes eventos como as exposições universais, ‘souvenires’ de viagens e vistas urbanas de lugares exóticos (1993, p. 100).

André Rouillé, por sua vez, ensina que “encontramos o álbum em domínios tão diversos como a arquitetura, as obras públicas, as viagens e descobrimentos, a ciência e a indústria, a medicina, a arqueologia, a guerra, os estudos do nu, os retratos de celebridades, as cenas cotidianas, a atualidade, etc.”. Tudo que era fotografado precisava ser guardado, de modo que, para Rouillé, é justamente da união entre fotografia e álbum que resulta “a primeira máquina moderna” de documentação do mundo (2009, p. 98).

---

<sup>20</sup> Maria Angélica Melendi explica que “a palavra latina ‘álbum’ quer dizer ‘branco’ e, entre os antigos romanos aludia à tábua – em branco – onde se faziam as transcrições, para serem expostas à leitura pública, frases comemorativas, editais dos pretores, anúncios. Mais tarde passou a designar um livro em branco, destinado ao registro de pensamento, notas pessoais, poesias, autógrafos, trechos de músicas, impressões de viagem e, por fim, um livro de folhas de cartolina ou de papel grosso, às vezes, luxuosamente encadernado, próprio para colar fotografias ou cartões-postais” (2003, p. 27).

<sup>21</sup> Foi Disdéri que introduziu o formato ‘*carte de visite*’, em 1858, formato este que permitia fazer até 8 retratos com uma mesma chapa de vidro. De acordo com Pedro Vasquez, “o advento da *carte-de-visite* foi elemento propiciador do surgimento de outro modismo oitocentista: o álbum de fotografias. De acabamento esmerado, geralmente de couro com adornos de metal dourado ou prateado, os álbuns eram expostos em lugar de destaque nas salas de visita das famílias abastadas do período. Chegaram a existir inclusive modelos de álbuns contendo uma caixinha de música embutida, que era acionada quando se abria a capa do volume” (2000, p. 193). Por fim, como resumem Solange Lima e Vânia Carvalho, “as origens do álbum enquanto tipologia editorial remontam a meados do século XIX, quando surgem os primeiros cadernos destinados ao acondicionamento de retratos fotográficos. Sua popularização foi imediata. No início, os cadernos traziam nas capas motivos decorativos que pouco a pouco passaram também a integrar as páginas internas” (2008, p. 19).

Existiu, portanto, já nesse primeiro momento de popularização da fotografia, uma disseminação de álbuns de conteúdos variados que, por consequência, ganharam rapidamente os Museus<sup>22</sup>. Em um segundo momento, os álbuns se popularizam também na esfera familiar e passaram a fazer parte da vida das muitas famílias<sup>23</sup>.

Especialmente em relação aos álbuns que acondicionam fotos de famílias, estes possuem características muito específicas na representação desse grupo, que é o grupo familiar. Maria Eliza Linhares Borges destaca que “nas fotografias de família — fossem elas reproduzidas em estúdios ou não — o que interessava era a representação dos papéis sociais. É com eles que se cria a identidade do grupo e se institui a memória de seus membros” (2011, p. 54).

Assim, é possível afirmar que fotografia que ganha as páginas de um álbum de família muito provavelmente foi ali acomodada porque despertou, naquele que organizou o álbum (que pode ser chamado de narrador<sup>24</sup>), um “quê” especial. Embora nem sempre seja possível recuperar os motivos pelos quais as fotos foram parar nas páginas do álbum de uma família, tem-se que retratam um momento que se pretendeu eternizar para ser compartilhado com os demais membros da família, independente de qual tema esteja tratando de forma específica.

Nesse sentido, o álbum de família corresponde a uma fonte importante para qualquer estudo sobre a família, porque diferente de outras tantas fontes, da primeira a última foto constantes em um álbum, todo o enfoque está centrado na família e na preservação da memória desta.

Em verdade, é justamente no domínio da família que o álbum encontra maior propagação, e talvez essa forma de documentação da vida familiar através de um álbum tenha tido rápida aceitação porque, como aponta Armando Silva em sua obra *Álbum de família, a*

---

<sup>22</sup> “A julgar pelo número de álbuns atualmente conservados nos Museus e bibliotecas do mundo, o desejo de [Menut Alexander] Alophe parece ter sido realizado ao máximo contento”, afirma André Rouillé (ROUILLÉ, 2009, p. 107) quando se refere ao entusiasmo do fotógrafo, descrito na obra *Le Passé, le presente et l’avenir de la photographie*, em 1861, de ver nos álbuns produzidos pelas missões que tinham o objetivo de fotografar tudo e todos, uma espécie de enciclopédia universal.

<sup>23</sup> Vânia Carneiro de Carvalho, ao destacar um trecho do livro *Senhora*, de José de Alencar, no qual um diálogo entre os personagens se desencadeia a partir dos álbuns de fotografia que ficam expostos na sala de visitas, constata a presença dos álbuns na São Paulo de 1870–1920 e afirma que “eram, portanto, afirmações de *status* e compartilhavam com os demais objetos de coração a tarefa de declarar o comprometimento com a cultura burguesa” (2008, p. 93).

<sup>24</sup> Ao longo do trabalho, será utilizado o termo “narrador do álbum”, assim como Armando Silva adotou em sua obra (2008, p. 129), ainda que em seu trabalho o autor tenha avançado nos desdobramentos da figura do narrador por incorporar as narrativas orais, extraídas de membros da família, a partir dos álbuns de fotografia de suas respectivas famílias, o que não se dará nesta pesquisa.

*imagem de nós mesmos* (2008, p. 115). Especialmente sobre álbuns de família destaca o autor que:

já existem registros poucos anos depois de inventada a fotografia, é a técnica doméstica de arquivo que vai permitir o cultivo de imagens de si mesmo e dos parentes mais próximos. No início, o álbum era constituído apenas de páginas soltas, embora criadas para tal fim, guardadas em armários e escrivaninhas, mas pouco depois de meados do século XIX já há notícia de álbuns editados como cadernetas ilustradas com luxuosas capas em países como França, Alemanha, Inglaterra e Itália (2008, p. 116).

Portanto, o álbum de fotos, desde seu surgimento, passa a ser um objeto constante nas casas e circula principalmente nas salas de visitas, onde ficam expostos e servem, com os demais objetos, como uma forma de afirmação do status da família<sup>25</sup>.

O álbum se consagra, então, como um espaço de conservação da memória<sup>26</sup> da família, com características distintas de outros documentos preservados com o mesmo fim. Assim, dada a grande circulação e presença no seio das mais diferentes famílias, surge o questionamento acerca da presença cada vez maior desses objetos nos acervos públicos.

A questão é que, mesmo que inicialmente os álbuns de família tenham sido concebidos como arquivo privado para serem lidos na esfera mais íntima das famílias, é inegável que hoje o resgate desse material constitui verdadeira contribuição para a construção da memória social. Ana Maria Mauad defende, inclusive, que os álbuns dos séculos XIX e XX permitem “penetrar na privacidade da memória através dos retalhos do cotidiano neles contidos” (2008, p. 41).

Armando Silva destaca que o álbum, enquanto condicionador de uma coleção de fotografias, não deve ter suas fotos analisadas separadamente se o objetivo da pesquisa é a família; ao contrário e justamente porque como defende o autor uma foto do álbum sempre se relaciona com as que as cercam (a anterior e a posterior), se exige a compreensão do conjunto das imagens em detrimento das fotografias isoladas (2008, p. 118).

---

<sup>25</sup> Walter Benjamin, em tom ácido, indica, a respeito do local por onde os álbuns de fotografia circulavam dentro das casas, que “podiam ser encontrados nos lugares mais glaciais da casa, de preferência em *consoles* ou *guéridons*, nas salas de visitas: grandes volumes encadernados em couro, com horríveis fechos de metal, e as páginas com margens douradas, com a espessura de um dedo, nas quais apareciam figuras tolamente vestidas ou cobertas de rendas [...]” (2012a, p. 104). Ainda sobre o local de circulação do álbum de família nas salas de visita e como servia de gatilho para animar as conversas, ver também Vânia Carneiro de Carvalho (2008, p. 92–93). Em sentido oposto, Nelson Schapochnik indica os quartos como locais de circulação dos álbuns de fotografia, especialmente “depositados em alguma gaveta da cômoda ou recolhidos no interior dos guarda-roupas” (1998, p. 510).

<sup>26</sup> Memória, aqui, nos termos propostos por Le Goff: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (2013, p. 437).

Partindo dessa proposição, cada álbum de família é único e recheado de informações carentes de maior atenção. Talvez, justamente por serem peças únicas que contêm, em grande medida, um propósito inicial privado, é que as fotos ali dispostas (justamente por fazerem parte de um conjunto) têm significativo valor para a pesquisa científica.

Contudo, em que pese não ser o objeto de discussão no presente trabalho, importante ressaltar que a leitura de um álbum de fotografias de família, assim como a leitura de fotografias avulsas, deve considerar uma série de aspectos, pois não pode ser tomado inocentemente como verdade absoluta.

Maria Ciavatta bem resumiu que “as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as geram. De onde se conclui a necessidade de articular sempre os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (2002, p. 22).

Mais ainda, como propõe François Soulages, importante sempre partir da problematização da fotografia como prova do real e, especialmente com relação à fotografia de família, o autor destaca que:

*A fotografia doméstica*, ou seja, aquela que mais ou menos todos nós fazemos na *domus* – em casa, em família, em férias, com amigos, etc. permite-nos lembrar nosso passado e, sobretudo, provar-nos que o vivemos dessa ou daquela maneira, melhor do que vivemos no presente. Garante um verdadeiro *cogito* fotográfico duplo: primeiramente, fui fotografado assim, logo eu existi assim; depois fui fotografado; logo, existi. Essa é exatamente a estranha função da polaroide que parece ser não só testemunha, mas principalmente, uma prova de nossa vida – transformando assim nossa vida banal e anônima em vida que merece ser vivida, dando valor ao mundo que não tem valor, dando sentido ao absurdo, pela simples “razão” de que essa vida se torna o objeto de uma representação “objetiva”. Função escópica da fotografia que fundamenta a versão suprema do *cogito* fotográfico – sou fotografado; logo eu existo. A fotografia é, então verdadeiramente performativa: faz-me ser no presente; a fotografia me faz sair da tentação do solipsismo (SOULAGES, 2010, p. 23).

Desse modo, ressaltadas as principais peculiaridades dos álbuns de fotografia de família é possível avançar na busca sobre qual lugar o álbum ocupa no campo da memória privada.

### 2.2.1 Coleções, arquivo e memória privada

Conforme o item anterior indica, o álbum de fotografias surge como um objeto/artefato para acondicionar uma coleção de fotografias. Solange Lima e Vânia Carvalho apontam que o álbum de fotografias, como lançado no século XIX, “sugere a ideia de coleção, permitindo o arranjo pessoal de registros fotográficos produzidos por encomenda, como é caso dos retratos feitos em estúdios, ou adquiridos como souvenirs de viagens, ou ainda daqueles relativos a eventos sociais e até mesmo a personalidades públicas” (2008, p. 19).

Desse modo, partindo do conceito de coleção elaborado por POMIAN<sup>27</sup>, é possível dizer que o álbum de fotografias pode ser duplamente enquadrado como uma coleção: a) primeiro porque as fotos arranjadas ao longo das páginas dos álbuns são fruto desse ato próprio do narrador de produzir, editar, organizar e cuidadosamente reunir as fotografias em um suporte próprio, colecionando imagens que considera relevantes para comporem sua coleção, ou seja, consiste em um suporte que acondiciona uma coleção de fotografias; b) segundo porque o álbum pode fazer parte de uma coleção de álbuns, possuindo cada álbum uma coleção de fotografias que conversem ou não entre si ou, como já mencionado, abrigando ainda outras coleções, cartões postais etc. As duas hipóteses referidas são importantes porque reforçam a necessidade de que o conjunto de fotografias disposto no álbum seja mantido e analisado conjunto<sup>28</sup>. É da essência desse objeto, portanto, que tudo que ele acondiciona seja visto no todo.

Além disso, observe-se o fato de que, no caso dos álbuns de fotografia de família, dificilmente as fotos não são tratadas desde o início como itens colecionáveis pela família (especialmente pelo narrador); um indício de que as pessoas colecionavam fotografias pode ser identificado no hábito de trocar e presentear retratos – nos álbuns de família sempre há espaço para essas fotos, normalmente acompanhadas de dedicatórias, como é possível observar na Figura 10, extraída do álbum da Família Essenfelder (na dedicatória consta “com sincera amizade”, “24-8-1932”, nome e assinatura ilegíveis):

---

<sup>27</sup> Segundo Pomian, uma coleção corresponde a “qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (1984, p. 53).

<sup>28</sup> Essa afirmação se faz necessária porque, ao longo da pesquisa, foi possível observar que não raro as fotografias são removidas de seu suporte/álbum original, algumas visando sua conservação “aprimoramento, no que se refere a condições de arranjo nos conjuntos originais” (FIGUEIREDO; MOSCIARO; SILVA, 2007, p. 301).

FIGURA 10 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 6



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por fim, esse atributo do álbum (coleção) corrobora o entendimento de Walter Benjamin, para quem o ato de colecionar faz fronteira com as recordações (2012b, p. 233). Por certo, as recordações são a essência das fotografias de família, ainda que a coleção não se inicie com a intenção clara de ser uma coleção, os atos praticados caminham nessa direção. Contudo, existem nuances que precisam ser reforçadas quando se fala da construção de uma coleção em potencial, configurada pelos itens que uma pessoa guarda ao longo de sua vida, pois o que se quer recordar é inquestionavelmente selecionado, ainda que não intencionalmente.

O arquivamento de si está de tal modo incorporado ao cotidiano do indivíduo que ações voltadas ao registro e guarda da vida pessoal não chegam a ser percebidos. Contudo, é possível observar que são inúmeros os atos praticados nesse sentido e cabe a cada um filtrar o que de sua vida será ou não arquivado. A identidade do indivíduo em uma sociedade, em seus múltiplos aspectos complexos<sup>29</sup>, depende da sua documentação, de modo como cada um, a sua maneira,

---

<sup>29</sup> Considerando a discussão construída conceitualmente em torno do conceito de identidade, sem aprofundar-se em seus méritos, destacando, por exemplo, livros como *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall (2002), *Identidade*, de Zygmunt Bauman (2005).

estabelecerá mecanismos para promover a guarda daquilo que considera importante. Documentos pessoais, cartas, fotografias, ao longo da vida serão regularmente organizados, arquivados, revisados, seja pelos próprios indivíduos ou por terceiros (quando da morte, por exemplo).

É inegável, como destaca Philippe Artières, que aquilo que se decide arquivar passa por um filtro (e outros tantos no decorrer da existência):

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (1998, p. 11).

Então, esta afirmação feita por Artières consiste em um aspecto relevante para a presente pesquisa, pois esse filtro feito no âmbito privado dos arquivos que estão sendo guardados, seja lá por qual razão especial, já deve ser considerado quando da leitura desses documentos a posteriori.

Especialmente sobre os álbuns de família, a dinâmica própria dessa forma de arquivamento da história familiar não passou despercebida pelo autor:

Em toda família, existe, com efeito, o hábito de dedicar regularmente longas tardes a reunir e a organizar as fotos relacionadas com a vida de cada um dos seus membros. Um casamento, um nascimento, uma viagem são objeto de uma ou de várias páginas. Não colamos qualquer foto nos nossos álbuns. Escolhemos as mais bonitas ou aquelas que julgamos mais significativas; jogamos fora aquelas em que alguém está fazendo careta, ou em que aparece uma figura anônima. E depois as ordenamos esforçando-nos para reconstituir uma narrativa. [...] Pois o álbum de retratos constitui a memória oficial da família [...] (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Ana Maria Mauad também fez questão de enfatizar a presença da fotografia e da organização das fotos de família. Para a autora:

[...] também faz parte da nossa prática de vida fotografar nossos filhos, nossos momentos importantes e os não tão significativos. Um elenco de temas que vai desde os rituais de passagem até os fragmentos do dia a dia no crescimento das crianças. Apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, em que narrativas engendram memórias. Em ambos os casos é a marca da existência das pessoas conhecidas e dos fatos ocorridos que salta aos olhos e nos faz indicar na foto recém-chegada da revelação: “Olha só como ele cresceu!” (2008, p. 34).

Esse processo de organização de álbuns tão próximo do ato de fotografar, ou, nos termos de Artières, esse “arquivamento do eu”, sempre levará em conta um possível leitor:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (1998, p. 32).

Talvez seja possível ir um pouco além e dizer que quando esse leitor é um terceiro, distante do círculo mais próximo daquele que arquiva, o filtro inicialmente feito (e até mesmo os que se seguirão no âmbito das pessoas mais próximas) pode nunca ficar legível, ainda que indícios permitam identificá-los (quando estejam conservados). Este é outro aspecto do álbum de família enquanto arquivo que merece destaque.

No caso dos álbuns, por exemplo, as fotos que foram sacadas das páginas e que deixam vestígios de que aquele espaço foi outrora ocupado (marcas de cola, cantoneiras que demarcam o espaço antes ocupado por uma foto), demonstram essa intenção do narrador (ou dos que tiveram o álbum em sua guarda) de reescrever seu arquivo, mas não necessariamente permitem a reconstrução do que levou a esse ato.

Dos álbuns objeto desta pesquisa se extraem exemplos de como esses suportes sofreram alterações ao longo do tempo, embora não seja possível afirmar o porquê de as fotos terem sido extraídas (se para serem distribuídas para algum parente, se para migrarem para um porta-retratos ou se simplesmente foram jogadas fora por algum motivo), os indícios de que estiveram ali estão presentes. Com isso, é inquestionável que a narrativa original resta alterada, ganhando outras versões na medida em que o álbum vai sofrendo alterações. A foto da Figura 11, do álbum dos Essenfelder, indica que ao menos duas fotos foram removidas das páginas 24 e 25. Na última, as cantoneiras ainda sobrevivem:

FIGURA 11 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 24 E 25



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

No álbum da família Mueller restaram, além dos vestígios de cola, várias legendas como a que segue (Figura 12), em que na parte inferior, de onde possivelmente foram removidas três fotografias, consta uma legenda centralizada indicando “Almoço de batizado no hotel Dolsky, Curitiba, 1910”, sendo que a foto central superior indica “batizado”:

FIGURA 12 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Assim, essa pequena coleção de fotografias acaba sendo recebida de forma diferente quando migra para o âmbito público, pois não terá as mesmas funções que originalmente possuía para o grupo familiar onde se desenvolveu (e onde, talvez, os filtros utilizados pudessem ser mais facilmente removidos, desfeitos, esclarecidos etc.), o que suscita outras reflexões, em especial sobre os papéis do narrador, do guardião e da instituição pública que por ventura recebe uma coleção privada contendo álbuns, como na hipótese da presente pesquisa.

### 2.2.2 O narrador, o guardião e a instituição pública de guarda da memória

Ana Maria Mauad aponta que “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultados de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor” (2008, p. 37). Especialmente na hipótese de álbuns de fotografia — principalmente naquela de álbuns como conjunto de

fotografias em que o autor das imagens não pode ser prontamente reconhecido<sup>30</sup> — se faz necessário pensar em quais são as figuras ou componentes que devem fazer parte desse complexo material.

Assim, para uma melhor leitura dos álbuns de fotografia objeto desta pesquisa e de tantos outros que circulam em nossa sociedade, quer possam ou não fazer parte de um acervo público como os estudados no presente trabalho, faz-se necessário observar e refletir sobre o que aqui se considera as três figuras principais de um álbum<sup>31</sup>, quais sejam, o narrador, seu guardião e finalmente a instituição pública que pode receber esses álbuns de fotografia de família.

O narrador é aquele que confecciona o álbum, quem o monta, quem pensa quais fotografias irão compor as páginas e como serão distribuídas, é aquele que ora acrescenta ou não legendas e outros documentos. Pode ter feito ele mesmo as fotografias, como pode também selecioná-las entre as produzidas em estúdios, as recebidas de outros amigos ou parentes. Enfim, o narrador “é aquele que conta histórias daquilo que sabe por ter vivido ou se acumulou nele, porque ele passou pela vida e por aquelas coisas, ou porque as ouviu de outrem” (ARRIGUCCI JR., 1998, p. 30).

O narrador — assim considerado porque aqui, segundo o tema, está contando a história da sua família (ou pequenas passagens da história dela) — é o narrador “Eu testemunha” como explica Arrigucci Jr, é aquele “que viu as coisas acontecerem e que tem alguma relação com a história, ou que ouviu de álbum a história” (1998, p. 18).

O conceito de “narrador do álbum” — termo cunhado por Armando Silva (2008, p. 129) e utilizado nesta pesquisa para tratar daquele que conta, através das fotografias, a história das três famílias cujas fotos foram reunidas nos álbuns objeto de análise —, pode ser ampliado e estendido. O “narrador coletivo”, como propõe Silva, é uma noção que abarca todos aqueles que oralmente constroem “em palavras uma história que já está contada em fotografias”.

Todavia, neste trabalho (e por força dos recortes anteriormente justificados), o narrador do álbum será considerado aquele que ao montá-lo “deixa esse reconhecimento

---

<sup>30</sup> Ressalte-se que uma primeira análise do objeto desta pesquisa permitiu identificar apenas alguns nomes, datas e locais, que cotejados com os dados cadastrados no sistema de registro do Museu Paranaense, pouco contribuíram para a leitura dos álbuns.

<sup>31</sup> Importante esclarecer que para além do narrador, do guardião e da instituição pública que recebe um álbum de fotografia de família, como o acima apontado por Ana Maria Mauad ao tratar de textos visuais, os personagens/protagonistas do álbum e o leitor/espectador também fazem parte desse tipo de texto visual (álbum). Optou-se por primeiro tratar do autor e daqueles que estão mais próximos dele (o guardião e a instituição pública) para na sequência refletir sobre os personagens que recheiam as imagens e, ao fim, o leitor.

expresso mediante a escrita pessoal em rodapés de fotos ou outros artifícios que o identificam” (SILVA, 2008, p. 129), ainda que não seja possível identificá-lo nominalmente.

Para além da figura do narrador, importa refletir também sobre o guardião, figura de suma importância, principalmente quando um álbum passa da esfera privada para a pública (exatamente a hipótese dessa pesquisa). A figura do narrador (e de um possível relator) precisa ser lida em conjunto com a do guardião e com a forma como o álbum é recebido na instituição pública (como já apontado anteriormente, na hipótese dos álbuns ora estudados foi possível identificar com precisão o narrador de apenas um dos álbuns, o álbum da família Hatschbach, o que será explorado mais adiante no texto<sup>32</sup>).

O guardião, para fins dessa pesquisa, deve ser entendido como aquele que por um período de tempo manteve o álbum de fotografia da família sob sua guarda, podendo ser um membro da família objeto das fotografias ou até mesmo um terceiro, colecionador etc. Essa pessoa (ou pessoas, porque um álbum pode ter passado por muitas mãos ao longo de sua vida) tem papel fundamental não apenas na conservação como também pode interferir diretamente na narração do álbum que está sob sua guarda:

Contudo, na pesquisa surgiu outra causa, que pode ser mais importante que a anterior: *o álbum é usado para reescrever*. O que ali se mostra é reescrito pelos futuros sobreviventes, comportando-se como palimpsesto. Muda-se a ordem, outras mensagens são escritas, enfim, mudam os propósitos originais. Então o álbum vive se reconstruindo com permanente elucidação derridiana (SILVA, 2008, 75).

Como se observa, o álbum de fotografia de família pode se apresentar como um objeto complexo, principalmente porque esses elementos nem sempre estão claros para o leitor (principalmente quando o álbum passa a fazer parte de um acervo público). Ao sair da esfera familiar, o álbum ganha novos contornos e passa a ser lido, em boa parte das vezes, exclusivamente a partir de suas fotografias (sem o respaldo das figuras do narrador, do relator e, em muitos casos, sem o auxílio de informações prestadas pelo guardião e doador). O que floresce, portanto, é a narrativa fotográfica.

Por fim, para a presente pesquisa, outra figura que se mostra igualmente relevante para a leitura dos álbuns de fotografia de família consiste na instituição pública que o recebe e a forma como esta instituição o recebe. Como é de se supor<sup>33</sup>, a falta de investimentos e

---

<sup>32</sup> Para os outros dois álbuns a coleta a leitura e a coleta de elementos complementares somente permitiu apontar os possíveis narradores.

<sup>33</sup> Para Maria Cecília Londres Fonseca (2009, p. 15), em *O patrimônio em processo*, “as políticas de preservação do patrimônio cultural transcendem em muito os recursos viabilizados pela aplicação de leis, decretos e portarias por parte dos órgãos estatais de patrimônio”.

estrutura tendem a não permitir que para cada objeto doado para um acervo público seja feito prontamente um estudo específico de suas peculiaridades.

No caso específico em que a instituição pública é um museu (e pensando apenas em objetos como os álbuns aqui tratados), ao observar o grau de proximidade do doador com o objeto doado, a equipe responsável pelo protocolo de aquisição dos bens para o acervo pode tomar medidas que garantam a reunião de maiores informações sobre as pessoas retratadas etc. A tomada de depoimentos é um exemplo<sup>34</sup>.

### 2.2.3 Os protagonistas das fotografias contidas nos álbuns de fotografia de família

Conforme visto anteriormente, desde o surgimento<sup>35</sup> dos álbuns como suporte para proteger e expor uma coleção de fotografias, esses objetos se firmaram como um espaço para a reunião de imagens sobre determinado tema. Nesta esteira, o álbum de fotografias de família reúne, por certo, fotografias das famílias que o montam, mas não só. Daí ser oportuno refletir sobre quem seriam os protagonistas das imagens retratadas nos álbuns.

Para pensar quem seriam os personagens que habitam a narrativa do álbum de família, toma-se como ponto de partida a obra de Armando Silva. Tem-se que em um álbum de família seria possível identificar (ainda que não seja uma regra aplicável a todos os álbuns) o que o autor chama de “árvore genealógica”, constituída por “ascendentes (os pais e avós), descendentes (filhos e netos), estende-se para (irmãos e tios), coestende-se para (famílias não consanguíneas) e amplia-se para (amigos e conhecidos)” (2008, p. 137).

O autor também aponta como presença recorrente nas páginas dos álbuns os animais de estimação da família, bens e objetos que nomeia como “as coisas que queremos” (SILVA, 2008, p. 140). A partir, então, desse protagonismo das pessoas, seus animais de estimação e bens materiais que se busca expor, como que para ressaltar um padrão social demonstrável a

---

<sup>34</sup> Sobre esse processo de entrada de doações em um Museu, ver COSTA, 2008, LIMA, 2014.

<sup>35</sup> Como explica Zita Rosane Possamai: “coleccionar, catalogar e classificar eram práticas concebidas como forma de aproximar o mundo e as coisas até então desconhecidas pelo homem europeu. As coleções eram, dessa forma, o meio através do qual adquiria visibilidade um mundo invisível situado em terras exóticas e longínquas. Nessa perspectiva, quando de sua invenção, a fotografia ao ser percebida como registro fidedigno da realidade, cumpriu muito adequadamente uma das funções mais importantes da coleção, ou seja, tornar visível aquilo que era, até então, invisível. No entanto, no caso das fotografias perdeu-se essa noção de que as mesmas atuavam, tal como outros objetos, enquanto semióforos, ou seja, objetos que possuíam determinado significado, o de que representar mundos distantes. As fotografias foram tidas como pedaços da realidade. Colecioná-las, nesse sentido, significava colecionar também esses pedaços de mundo” (2005, p. 137).

partir de objetos que cercam a família, é possível delimitar um fio condutor inclusive para auxiliar na identificação de um álbum como sendo ou não de fotografias de família.

Na pesquisa de Silva, em razão da metodologia usada — a qual buscou atrelar cada álbum estudado a um relato (ou mais de um) de um membro da família a quem pertenceu o álbum —, foi possível triar com mais precisão esses personagens, inclusive quantificando a presença de um determinado número de pais, mães, filhos, etc. (2008, p. 137-138). Contudo, uma constatação relevante feita pelo autor é a de que “os grupos de família tendem a ser fechados, compostos de família nuclear, mas com importantes exceções” (2008, p. 138).

Esses apontamentos são importantes porque, na presente pesquisa, desafiam a pensar como identificar quem seriam os protagonistas na hipótese de não se ter, ou se ter de forma precária, a identificação daqueles que aparecem registrados nas imagens dos álbuns de família ora estudados<sup>36</sup>, já que não se pode descartá-los simplesmente por não apresentarem ou porque não existe a figura do relator (como já mencionado anteriormente).

Como se verá no Capítulo seguinte, todos esses personagens (pais, filhos, avôs e avós, tios e tias, amigos, conhecidos, animais de estimação etc.) estão presentes nas páginas dos álbuns aqui estudados e, ainda que as legendas sejam escassas, indícios permitem identificar esses protagonistas, que podem ser condensados sobre a rubrica da “família”. Em verdade, a protagonista do álbum é a família.

Contudo, conforme apontamento anterior, os álbuns de família hoje geram interesse para além da célula familiar mais fechada e desse grupo de pessoas que a rodeia, alcançando arquivos públicos, tornando-se, então, igualmente necessário observar esse percurso.

### 2.3 OS ÁLBUNS E SUA CIRCULAÇÃO

No caso dos álbuns de fotografia de família é possível afirmar, conforme o exposto, que se trata de um objeto cujo conteúdo foi elaborado e pensado para ser visto e, portanto,

---

<sup>36</sup> Em um ambiente ideal, todos os álbuns de família que migrassem para um acervo público poderiam vir acompanhados de um caprichoso texto como o escrito por Elisa Lispector para sua sobrinha Márcia, publicado postumamente sob a organização de Nádia Batella Gotlib: “A autora Elisa é também a narradora e é ainda uma das figuras (ou pessoas ou, quem sabe, um tipo especial de personagem) que aparecem na história. Tudo é visto em função dessa releitura de Elisa, que se volta para os antepassados, de um lado, contando sua história, e se volta para o futuro, de outro, no apelo que faz à sobrinha, Márcia, para que preste atenção ao relato. Mas tudo é visto no momento mesmo em que Elisa vê o álbum de fotografia dos antepassados. Esta é a história que conta: a história do ‘ver o álbum de fotografia da família’” (2012, p. 59). Em realidade, para seguir adotando os termos propostos por Armando Silva, como já visto, Elisa ocuparia o espaço de relatora e também de personagem do álbum de sua família.

para circular, ainda que em um primeiro momento apenas no seio privado. Arlette Farge afirma que “o caderno mais íntimo, largado em um canto de sótão e encontrado alguns séculos depois, sugere que, apesar de tudo, quem o escreveu pretendia de algum modo ser descoberto e acreditava que os acontecimentos de sua vida tinham de ser redigidos” (2017, p. 15-16).

A analogia do diário pessoal com um álbum de família se mostra aqui pertinente porque permite apontar algumas reflexões para pensar em como se dá a circulação desses álbuns: será que o narrador pensou na hipótese de não estar presente para transmitir um conteúdo complementar (de forma oral) e às vezes indispensável para leitura de uma ou mais fotografias<sup>37</sup>? Será que o narrador pensou que outras pessoas além dos familiares e amigos próximos teriam acesso às imagens<sup>38</sup>? Será que o narrador deixou alguma chave de leitura não aparente nos álbuns<sup>39</sup>?

Como já mencionado, os álbuns de fotografia de família com frequência fazem parte de acervos públicos, e para além das referidas peculiaridades que essa fonte apresenta na esfera privada (quando de sua montagem e guarda), existem outros aspectos, agora no âmbito do arquivamento público, que merecem destaque.

No entanto, como destaca José Reginaldo Santos Gonçalves (2007, p. 23-24), importante não se olvidar que:

O deslocamento dos objetos materiais para os espaços de coleções privadas ou públicas ou para Museus (por exemplo, na condição de ‘objetos etnográficos’ ou ‘arte primitiva’) pressupõe evidentemente a sua circulação anterior e posterior em outras esferas. Antes de chegarem à condição de objetos de coleção ou de objetos de Museu, foram objetos de uso cotidiano, foram mercadorias, dádivas ou objetos sagrados.

Desse modo, passar a fazer parte de uma coleção pública é apenas mais um momento na vida social desses objetos (GONÇALVES, 2007, p. 24), não se podendo

---

<sup>37</sup> No álbum da família Hatschbach, ainda que o narrador tenha incluído mais dados nas legendas do que nos outros dois álbuns, tem-se que, por exemplo, a guardiã (e neste caso específico também doadora) não se recorda de todas as pessoas retratadas, seja porque não as conheceu, seja porque não mais recorda do que lhe foi contado por seu pai.

<sup>38</sup> Para esta pergunta, por exemplo, tem relevância o percurso que o álbum fez até chegar a um Museu, como na hipótese desta pesquisa, o que leva a questões como os motivos que levaram à doação. Tais aspectos serão desenvolvidos mais adiante no texto, mas já se é possível afirmar que o mais provável é que o impulso de confecção do álbum esteja mais ligado à necessidade de se registrar e deixar registrada uma visualidade da família para os seus, já que poucas são, por exemplo, as legendas que identificam os retratados nas fotografias.

<sup>39</sup> Como sabido, desde os *carte de visite* é comum existirem dedicatórias e outras anotações nos versos das fotografias. Contudo, quando elas passam a fazer parte de um acervo público, nem sempre é possível o manuseio (e, portanto, a retirada e recolocação das imagens nos álbuns) para se fazer a verificação. É exatamente a hipótese da pesquisa.

ignorar o percurso que essa coleção percorreu da esfera privada até sua inserção em uma instituição aberta de guarda.

Assim, antes mesmo de se tratar dos pontos relevantes que cercam o caminho entre a guarda privada e entrada na esfera pública, uma reflexão inicial consiste na triagem que é feita previamente ao depósito do que foi acumulado na esfera privada e que se pretende sejam preservados na esfera pública. Para além dos já mencionados filtros pelos quais um conjunto de arquivos passa quando ainda adstrito ao núcleo familiar, nesse momento que antecede a doação para uma instituição pública há também um recorte:

Do aparente ‘aleatório’ da acumulação, podemos nos indagar a respeito de uma ‘construção’ do que é acumulado pelo titular do arquivo, bem como do que efetivamente é doado a uma instituição de preservação da memória. De fato, o momento de doação pode comportar uma ‘reconstrução’ desse conjunto, pois nessa ocasião o doador, seja ele o titular ou seus familiares, muitas vezes realiza uma triagem no material acumulado, tendo em vista sua entrada no círculo público das instituições de memória. (LACERDA, 1993, p. 48-49).

Assim, o conjunto de documentos que adentra um Museu exige ser lido à luz dessa triagem inicial, que quando é possível ser resgatada (já que nem sempre se podem registrar as intenções do doador), diz muito do conjunto doado.

Especialmente em relação às fotografias — e partindo do pressuposto que fotografias de família são também documentos que compõe um arquivo específico, o qual visa resguardar a memória de um grupo de pessoas ligadas por seus vínculos de parentesco —, quando elas migram para um Museu, por exemplo, podem fazer parte de um rol mais amplo de documentos, o dos arquivos pessoais. Em sendo assim, nesses casos, passam a ser tratados a partir da lógica da arquivística, e aqui reside o segundo aspecto que merece destaque nessa transição de um álbum de fotografias de família que migra para o espaço público (já que em muitos casos a coleção é tratada isolando-se as fotografias ou promovendo ações em seu suporte – FIGUEIREDO; MOSCIARO; SILVA, 2007).

No tocante ao documento fotográfico, as discussões sobre a catalogação costumam versar sobre aspectos pensados para a fotografia isolada<sup>40</sup>, em que pese se dê ênfase na necessidade de atenção à proveniência do documento. Ana Maria Almeida de Camargo faz

---

<sup>40</sup> Para Aline Lopes de Lacerda “a despeito das mais variadas formas de catalogação de fotografias encontradas nas diversas instituições existem algumas categorias de informação que são consideradas ‘modelo’ para descrição de imagens: código do documento, autor, título ou legenda (compreende a descrição do evento e das pessoas retratadas), local, data, descrição física do documento (tipo, cor, dimensões), notas.” (1993, p. 41-42).

questão de reforçar que arquivos pessoais (arquivos de pessoas) são, efetivamente, arquivos e assim como no caso dos arquivos de instituições, há a

necessidade de preservar a integridade do fundo e o sistema de relações que os documentos mantêm entre si e com o todo; o respeito à proveniência; a primazia do contexto sobre o conteúdo (ou do valor probatório sobre o valor informativo), nas operações de arranjo e descrição; e a impermeabilidade do arquivo em face de seu uso secundário (2009, p. 29).

Enquanto arquivos pessoais<sup>41</sup> ou arquivos familiares<sup>42</sup>, os álbuns permitem uma série de abordagens<sup>43</sup> e, especialmente quanto ao seu registro dentro da esfera pública, ou têm sido registrados por conta de seu valor como artefato ou enfatizando as fotos neles contidas.

Enquanto artefato, Solange Ferraz de Lima enquadra os álbuns de fotografia de família no que ela chama de “objetos de afeto”, que

são vetores de performance individuais ou de grupo, que não esgotam seu potencial nas mensagens do conteúdo iconográfico. As imagens são tratadas como artefatos, com vida social ativa e geradora de feitos de toda sorte no cotidiano de seus primeiros detentores. A maioria dos suportes é, como Meneses qualifica, programaticamente destinada a terceirizar memórias – dos cartões postais como suvenires aos álbuns ou conjuntos de fotografias de família (2014, p. 170).

Em relação ao registro de fotografias, segundo Aline Lopes de Lacerda, costuma ser comum que a ficha catalográfica descreva a imagem isoladamente ou imagens “agrupadas em um dossiê”, desconsiderando o suporte em que foi e está guardada, razão pela qual pergunta a autora, se não se deveria considerar o todo do qual a foto faz parte e se esse conjunto não apresentaria outros indícios capazes de revelar e contribuir para a pesquisa. A verdade, segundo Lacerda, é que “cada documento pode falar por si, mas é o seu conjunto que pode expressar certa relação entre ele e quem o acumulou” (1993, p. 48).

Portanto, considerar a totalidade do álbum é importante, entre outras questões, porque garante que a incorporação daquele documento ao acervo público se dê de maneira a preservá-lo o mais próximo da sua função original, quando transitava pela sala de visitas e

---

<sup>41</sup> Arquivo pessoal aqui entendido pelo “conjunto documental produzido e/ou acumulado por um indivíduo ao longo de sua vida, tanto na esfera de atuação privada quanto pública. Esse conjunto pode se constituir a partir das mais variadas espécies documentais, tais como cartas, impressos, recortes de jornais, vídeos, fotografias etc.” (Aline Lopes de Lacerda in *Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais*, 1993, p. 41).

<sup>42</sup> Explicam Daniele Cavaliere Brando e Ana Lúcia Merege que “há divisões nos arquivos familiares e pessoais, nos quais os chamados ‘arquivos puramente familiares’ são constituídos por documentos relativos à família, enquanto os arquivos pessoais se compõem de documentos relacionados particularmente a um indivíduo” (2009, p. 62).

<sup>43</sup> Como na obra já referida da artista plástica Rosângela Rennó. Ver *Menos-valia [leilão]* (RENNÓ, 2012).

detinha a importante tarefa de demonstrar a identidade daquele grupo familiar e preservar sua memória<sup>44</sup>.

Maria Lúcia Cerutti Miguel já alertava ao discorrer sobre o acervo fotográfico do Arquivo Nacional em 1993 que:

para a interpretação da fotografia enquanto documentação histórica o que interessa são as seriações, pois o retrato isolado não permite captar ambiguidade do objeto-imagem e o seu sentido. As séries são que são reveladoras desse sentido. As sequências de outras imagens permitem ao observados captar a articulação entre as diferentes cenas da vida e possibilita, ainda, a articulação a outros textos, orais ou escritos, capazes de desdobrar as conotações das fotografias (1993, p. 127).

Além disso, destaque-se que, salvo naqueles casos muito específicos, onde o álbum é todo confeccionado para alcançar o espaço público (como no exemplo de pessoas públicas que intencionalmente arquivam seus documentos já pensando na possibilidade de divulgá-los mais adiante), quando ele chega a um Museu, muitas vezes se constitui em um arquivo isolado. Quando muito é parte de uma coleção contendo outros documentos, o que justifica que não seja tratado de modo fracionado e deva ser estudado a partir da catalogação conjunta das fotografias que o compõem.

Ana Maria Almeida de Camargo alerta que, em decorrência da “complexidade das operações necessárias para compreender a funcionalidade dos documentos em sua dimensão temporal” (2009, p. 34), é comum o arquivista da instituição de guarda dar prioridade a descrição do conteúdo em detrimento do contexto.

Na realidade, no caso de um arquivo como o álbum de fotografias de família que passa já na esfera privada por uma série de filtros por parte de seu narrador, o papel do arquivista da instituição de guarda é fundamental para tentar minimizar a contaminação desse material. O registro da totalidade do álbum, assim como a atenção e, quando possível, recuperação do fundo ao qual o documento pertence, são imprescindíveis para se perceber a unidade e o sentido do conjunto documental (LACERDA, 1993, p. 42).

Em verdade,

---

<sup>44</sup> José Reinaldo Santos Gonçalves destaca a importância dos objetos materiais tanto no processo de formação da autoconsciência individual como coletiva: “sejam os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais, simbólicos e rituais da vida cotidiana de qualquer grupo social; sejam eles retirados dessa circulação cotidiana e deslocados para os contextos institucionais e discursivos das coleções, Museus e patrimônios; o fato importante a considerar aqui é que eles não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam (na medida em que os objetos são categorias materializadas) a percepção que temos de nós mesmos individual e coletivamente” (2007, p. 27).

Longe de significar que os agentes imediatamente responsáveis pela elaboração dos documentos são neutros ou livres de preconceitos, o atributo refere-se ao fato de tais documentos não serem produzidos em razão de outros interesses que não os ditados por sua estrita e imediata funcionalidade. Poder-se-ia afirmar que os documentos de arquivo desfrutam, assim, de uma dupla condição: são sempre parciais em relação ao ente produtor, isto é, são partes constitutivas de sua lógica interna; e são, simultaneamente, imparciais em relação ao pesquisador, isto é, não são partes constitutivas da lógica da pesquisa. (CAMARGO, 2009, p. 35-36).

São, portanto, muitas variáveis que merecem ser observadas quando um arquivo com tantas particularidades, como um álbum de fotografia de família, adentra uma instituição de guarda, e apenas algumas serão aqui abordadas. Enquanto peculiar objeto material que guarda uma coleção particular de fotografias, o álbum representa um desafio a ser trabalhado quando se desloca para o espaço público, daí a importância das reflexões aqui expostas.

Desse modo, partindo do pressuposto que os álbuns de família são mais do que apenas fotografias agrupadas em um suporte, é possível dizer que eles são ferramentas importantes para o resgate e compreensão de um tempo que passou. Assim, apesar de todas as ressalvas quanto ao que de fato uma fotografia dá a ver, é inegável que o álbum se abre com uma série de possibilidades e, talvez, decorra daí sua incorporação cada vez maior aos acervos públicos.

Nestor Canclini, ao tratar do patrimônio cultural, destaca que

A política cultural referente ao patrimônio não tem como tarefa resgatar apenas objetos ‘autênticos’ de uma sociedade, mas os que são culturalmente representativos. Os processos nos interessam mais do que os objetos, e nos interessa, não por sua capacidade de permanecer ‘puros’, iguais a si mesmos, mas sim porque ‘representam certos modos de conceber e viver o mundo e a vida próprios de certos grupos sociais’(1994, p. 113).

Desse modo, ainda que o álbum derive de uma memória privada, a qual não deva ser tomada exclusivamente como representativa de determinada memória coletiva, tem-se que a sua preservação e estudo fornecem caminhos para tornar legível a família de determinada localidade e período. Portanto, é inegável que os álbuns correspondem a objetos que propõem uma série de hipóteses, inclusive dialogando diretamente com outros objetos e documentos do acervo público ao qual pertencem.

Canclini reforça que “o Museu e qualquer política patrimonial devem tratar os objetos, os ofícios e os costumes de tal modo que, mais que exibi-los, tornem inteligíveis as relações entre eles, proponham hipóteses sobre o que significam para a gente que hoje os vê e evoca” (1994, p. 113).

Ainda é necessário destacar que a relevância dos álbuns como “principal suporte e arquivo doméstico” das famílias se faz presente porque hoje a relação das famílias com o registro fotográfico vem gradativamente ganhando novos contornos, como explica (SILVA, 2008, p. 178):

[...] o álbum de fotos, desapareceu tanto em sua forma de relíquia, de livro-tesouro onde se guardavam as histórias da família, como no sentido prático e espontâneo de caixa, em que jogavam as fotos à espera de que algum dia pudessem ser vistas, organizadas e coladas. Em seu lugar, apareceram as técnicas digitais em diferentes e variados formatos [...].

Em sendo assim, a recepção no acervo público dos álbuns de família só pode somar e viabilizar uma série de possibilidades de uso desses objetos dentro do espaço público, dadas as já mencionadas especificidades.

### 2.3.1 O leitor/espectador

Antes mesmo de se discorrer sobre a figura do leitor/espectador do álbum de fotografia de família, importa ressaltar a opção por não discuti-lo logo na sequência da análise das figuras do narrador e dos protagonistas. Isso se deu justamente porque, no caso específico dos álbuns objeto desta pesquisa, como eles se encontram em um acervo público, entendeu-se que seria oportuno ressaltar primeiro que a leitura, nesta hipótese, pressupõe a observação das peculiaridades oriundas da circulação de um objeto que migrou do espaço privado para o público.

Feitos estes apontamentos, observa-se que a leitura de um álbum de fotografias de família parece pressupor a presença do narrador (ou na sua falta daquele que o sucedeu na guarda do álbum). Não raro as referências feitas a este tipo de texto visual o atrelam à memória oral. Maria Angélica Melendi diz que as representações dos familiares e de seus modos de vida estampados nas fotografias que compõem o álbum “serão atualizadas cada vez que o narrador o abrir e relatar suas histórias” (2003, p. 28).

Para a autora, quando o álbum de fotografia ainda está no seio da família, constata-se que

se o álbum é, na maior parte das vezes, organizado cronologicamente, as narrativas quase nunca o são. Cada vez que alguém abre o álbum, o faz em busca de uma determinada imagem – o aniversário de quinze anos da menina, o batismo do menino, o casamento – e, depois, vai avançando à deriva segundo a evocação e as recordações. Pulam-se as páginas, voltam-se atrás. A história vai sendo contada lançando pontes entre os vazios e as falhas, as do álbum e as da memória, porque o álbum demonstra aquilo que já aconteceu, reforça aquilo que está claro, repete o que todos sabem: que a viagem foi inesquecível, que o casamento foi luxuoso, que o menino é muito bonito, que a menina dança balé (MELENDI, 2003, p. 28)<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Maria Angélica Melendi abre a possibilidade de pensar ainda em outra narrativa a partir do álbum de fotografias; uma feita pontualmente pelo narrador (ou por outro familiar) a cada nova leitura (isso oralmente). Contudo, em razão dos álbuns objeto desta pesquisa terem migrado do espaço privado para o público, não existindo mais a possibilidade de resgatar tais narrativas orais de seus narradores por conta do falecimento destes, essa linha não será explorada neste trabalho.

De certa forma, a leitura feita na esfera pública pode se aproximar da proposta por Melendi, pois justamente em razão da informação já chegar filtrada ao Museu e, muitas vezes, sequer passível de ser recuperada, faz-se a leitura buscando temas específicos e relativizando o conjunto das imagens contidas no álbum. Todavia, mesmo assim, é preciso refletir sobre o papel desse leitor/espectador.

Avançando e retomando a afirmação de Soulages de que a fotografia não é neutra<sup>46</sup>, é preciso atentar para a figura do *espectador* nessa proposta de leitura das fotografias dispostas especificamente em álbuns. Desse modo, para além do *narrador* (que pode ter feito parte direta ou indiretamente do processo de produção das fotografias), aquele que está folheando um álbum ou o observando nas vitrines de um Museu, aqui chamado de *espectador*, como propõe Soulages (2010, p. 87), tem essa leitura permeada por uma série de fatores que não podem ser desconsiderados e que influem diretamente nesse processo da narrativa fotográfica.

Para o autor,

*o espectador não olha uma foto nunca como olha o mundo. Aliás, é o que constitui o interesse de uma foto: ela permite aprender não a ver, mas a receber de maneira diferente uma imagem visual. Diante de uma foto, o espectador obedece a uma outra estrutura de expectativa quanto à representação, ao reconhecimento, à rememoração, à emoção, ao imaginário, ao desejo, à morte, etc. Finalmente, o dispositivo fotográfico e a imagem fotográfica condicionam também as diferenças entre a recepção de uma foto e a dos fenômenos visuais do mundo: o tamanho dos objetos vistos não é o mesmo, a relação com o concreto e o abstrato muda, os vínculos com o tempo e a duração são totalmente diferentes; o movimento desaparece; as cores são transformadas e até substituídas pelo preto e branco; os quatro outros sentidos não mais acompanham visão da mesma maneira: o cheiro, o som, o gosto e a tutilidade de uma foto não são os dos fenômenos. Vê-se então de outro modo e outra coisa (SOULAGES, 2010, p. 87-88).*

No caso específico desta pesquisa, a recepção das fotografias contidas no álbum pelo leitor/espectador/observador se percebe de forma ainda mais distante de seu objeto inicial. A razão é, justamente, por se tratarem de álbuns que migraram para um acervo público. Assim, para além do fator tempo que infelizmente acaba por não apenas deteriorar o suporte e as fotografias, mas também o grande número de informações adicionais que se perdem ao longo do trajeto casa/arquivo privado-Museu/arquivo público<sup>47</sup>.

Philippe Dubois destaca que o observador se distancia da fotografia ao longo do processo de leitura. Para ele, no momento da contemplação da imagem fotográfica:

---

<sup>46</sup> Conforme item 2.1.1, p. 27.

<sup>47</sup> Boris Kossoy destaca e reforça que quanto mais se distancia a catalogação de uma fotografia, mais informações se perdem (2012).

A separação é até o que fundamenta qualquer efeito de olhar sobre uma foto. É ela que induz os movimentos perpétuos do sujeito espectador, que não para, do ponto de vista da imagem, de passar do *aqui-agora* da foto para o *alhores-anterior* do objeto, que não cessa de olhar intensamente essa imagem (bem presente, como imagem), de nela submergir, para melhor sentir seu efeito de ausência (espacial e temporal), a parcela de intocável referencial que ela oferece à nossa sublimação. Ver, ver, ver – algo que necessariamente esteve ali (um dia, em algum lugar), que está tanto mais presente no imaginariamente quanto se sabe que atualmente desapareceu de fato – e jamais poder tocar, pegar, abraçar, manipular essa própria coisa definitivamente desvanecida, substituída para sempre [...] (2012, p. 313-314).

Em verdade, esse leitor/espectador de um álbum de fotografia de família estabelece uma relação diferente com a fotografia, considerando o lugar que ocupa (se promove a leitura ainda com o álbum no seio da família ou se em uma instituição pública) e a distância que o separa do narrador e do momento em que a narrativa foi feita. Essa distância, portanto, pode favorecer ou comprometer a leitura de um álbum. Daí a importância de se pensar o leitor/espectador quando se oferta ver um álbum de fotografia de família em um espaço público, distante do ambiente privado para o qual foi inicialmente pensado, já que muitos são os fatores que importam na sua recepção/leitura.

### 2.3.2 Presença e ausência nas páginas dos álbuns

O distanciamento entre a consolidação da cena familiar registrada em fotografia e arquivada em um álbum, e sua leitura posterior por qualquer que seja o público (aqui, por conta do objeto da pesquisa, pensado especialmente quando a leitura é feita nos contornos de uma instituição pública de guarda) exige também uma reflexão que percorre os conceitos de ausência e presença, esquecimento e lembrança.

Nesse sentido, as reflexões feitas por Andreas Huyssen (2014), ainda que pensadas em outro contexto<sup>48</sup>, podem aclarar essa percepção inicial de que um álbum de fotografia de família retrata apenas momentos felizes, de que tudo que diz respeito à família está ali representado etc. Está demonstrada a pertinência de tratar da presença e da ausência.

Ao abordar a cultura da memória, Huyssen analisa grandes monumentos criados para homenagear acontecimentos significativos para a memória coletiva. Inicia enfatizando o caminho percorrido pela arte alemã após a Segunda Guerra, que segundo ele, viveu primeiro um momento de “negação e um esquecimento deliberado do passado” (2014, p. 119).

---

<sup>48</sup> Grandes memórias criados a partir de grandes eventos traumáticos, ou seja, a Segunda Guerra Mundial e o atentado às Torres Gêmeas americanas.

De acordo com Huyssen, o arcabouço imagético produzido após a Grande Guerra, em que pese pudesse ter operado desde o início explorando os acontecimentos, resultou em uma produção que reforçou o esquecimento, talvez até como forma de evitar qualquer alegação de exploração do horror vivido. Contudo, ainda assim, destaca de maneira excepcional que “pode haver vestígios de presença na ausência da representação, do mesmo modo que a presença na representação pode levar a novas formas de esquecimento e invisibilidade” (HUYSSSEN, 2014, p. 127).

Em verdade, a opção por determinado tipo de lembrança e sua consagração em determinados monumentos e outros tipos de registro, indicam, ao se analisar mais detidamente, vestígios daquilo que não se quis explorar, relembrar, enaltecer. Esse jogo de memória e esquecimento demonstra como o processo de criação de uma memória coletiva é seletiva e destaca determinados temas e acontecimentos em detrimentos de outros, o que não significa que a ausência de dados assuntos não tenha tido impacto para determinado grupo ou sociedade. Destaca Huyssen que é importante reconhecer que “o esquecimento, em sua mistura com a memória, é crucial para o conflito e a resolução nas narrativas que compõem nossa vida pública e nossa vida íntima” (HUYSSSEN, 2014, p. 158).

Portanto, para o autor, “qualquer narrativa é seletiva e implica, passiva ou ativamente, certo esquecimento de que uma história poderia ser contada de outra maneira” (HUYSSSEN, 2014, p. 158). E é neste aspecto que as reflexões de Huyssen se aproximam do objeto desta pesquisa, pois o resultado final contido em álbum de fotografias, mais do que uma síntese de dado momento, ou de pequenos momentos de certa família, é produto de uma decisão deliberada em deixar de fora momentos de perda, de tristeza, de insucesso. Porém, como visto em Huyssen, não significa que momentos como estes últimos não existiram.

O narrador do álbum tanto pode, por conta da narrativa fotográfica ter se dado contemporaneamente aos fatos narrados, ter deixado de contá-los naquele momento para o fazer posteriormente (mesmo que oralmente complementando a narrativa fotográfica), como pode ter optado por deliberadamente excluir dados assuntos, justamente para construir uma narrativa feliz de uma família de sucesso e que possa ser assim recordada no futuro. Desse modo, ainda que não seja possível (ao menos em hipóteses como a desta pesquisa, em que os narrados não mais estão acessíveis) identificar claramente quais assuntos o narrador deixou de tratar ou quais fez questão que fossem mantidos no esquecimento, os vestígios deixados naquelas imagens que consignou no álbum apontam para indícios de presença nas ausências. E, ainda, se o álbum não for lido com as ressalvas já tratadas até o presente, principalmente

quando este material encontra-se em um acervo público, corre-se o risco de que certos temas continuem sendo invisíveis e excluídos da memória coletiva.

No álbum da família Mueller não há, por exemplo, qualquer menção expressa à morte, e ainda que os temas prevalentes em cada um dos três álbuns objeto desta pesquisa sejam analisados mais detidamente nos capítulos seguintes, interessante mencionar já neste momento que apenas em duas imagens do álbum dos Mueller se extrai algum indício de que sim, existiram momentos de perda no período ali condensado.

As imagens abaixo indicam, respectivamente, dois momentos relacionados à morte. No primeiro, um retrato já página seis do álbum no qual se retrata um túmulo sobre o qual se encontram muitas flores e dois retratos com a legenda “o túmulo dos pais<sup>49</sup>”:

FIGURA 13 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 6



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

No segundo momento que remete à morte, vê-se a foto de um grupo de pessoas no qual com a ampliação ressalta uma pequena cruz feita à caneta e a anotação de um nome, “Fritz”:

---

<sup>49</sup> Aqui é importante pontuar que talvez a intenção de registrar o túmulo da família importe mais ou também o registro de patrimônio, pois possuir um túmulo de tais proporções reforça a questão patrimonial presente nos álbuns, como se verá na sequência da pesquisa.

FIGURA 14 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 34



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Esses dois exemplos, como bem pontua Zita Rosane Possamai, reforçam que “o álbum mostra-se como a reunião de imagens selecionadas de acordo com os desejos e intenções do seu produtor, que reúne uma coleção de imagens, colocando-as ao olhar do público” (2013, p. 43). O narrador coloca ao olhar do público apenas aquilo que quer que seja público, o que não exclui ou não evita que sejam deixados vestígios de momentos que, talvez, preferisse esquecer (em ambas as fotos não constam legendas mais detalhadas e a anotação à caneta da segunda imagem é bem discreta, o que pode indicar que não era a intenção expor claramente o tema morte).

Boris Kossoy corrobora essa posição ao afirmar, especialmente no que toca a fotografia de família, que

Quando o homem vê a si mesmo através dos velhos retratos nos álbuns, ele se emociona, pois percebe que o tempo passou e a noção de passado se lhe torna de fato concreta. Pelas fotos dos álbuns de família, constata-se a ação inexorável do tempo e as marcas por ele deixadas, apesar de nos álbuns só aparecerem os momentos felizes; como lembra um psicólogo: ‘As famílias constroem uma pseudonarrativa que dá realce a tudo o que foi positivo e agradável na vida, com uma sistemática supressão do que foi sofrimento (2012, p. 112).

Assim, mesmo que em um primeiro momento possa ser mais fácil visualizar essa manipulação e esquecimento “propositivo” de determinado acontecimento público em grandes eventos, como os analisados por Huyssen, e nos grandes memoriais, que são produzidos para

materializar a memória daqueles eventos, é possível dizer, salvaguardadas as devidas proporções, que a narrativa de um álbum de fotografias de família é desenvolvida exatamente sobre esse jogo de lembranças/esquecimentos, como se verá a seguir. Em verdade, “o ciúme, a inveja e as intrigas foram banidas, pois o retrato deve fixar uma aura de harmonia e organicidade” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 481).

#### 2.4 DESCRITORES ICÔNICOS E A BUSCA POR TEMAS PREDOMINANTES NAS PÁGINAS DOS ÁLBUNS

Partindo do pressuposto, como já mencionado, que a narrativa dos álbuns de fotografia se opera a partir do binômio memória/esquecimento, é possível afirmar que o narrador do álbum seleciona aquilo que pretende que seja eternizado. Trata-se, portanto, daquilo tido como representativo de sua família e que quer que seja preservado ao longo do tempo (mesmo que o narrador não tenha imaginado que o álbum circularia em um ambiente público, como um Museu, por exemplo).

Assim, ainda que os álbuns de família, especialmente os do final do século XIX e início do século XX, privilegiem determinados temas<sup>50</sup>, para que se tenha um aproveitamento mais adequado do material fotográfico contido nos álbuns é preciso encontrar mecanismos que permitam a leitura deles e a identificação do que dada família optou por arquivar em sua coleção de fotografias. Para tanto, o trabalho desenvolvido por Zita Possamai em sua tese doutoral (2005) auxiliará nessa caminhada.

Tendo como um dos problemas a serem respondidos em sua tese a questão da existência de uma nova visualidade da cidade de Porto Alegre, a partir da exploração de ícones que tornaram possível fixar uma nova imagem dela, Possamai utilizou em sua metodologia a identificação de padrões visuais. Para tanto, criou uma grade interpretativa a partir da grade desenvolvida por Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho<sup>51</sup> e, dentro dos limites da série de fotografias que queria analisar, estabeleceu os chamados “descritores icônicos” e “descritores formais”.

---

<sup>50</sup> Aqui relembro que Miriam Moreira Leite destaca que os “momentos retratáveis” pelas famílias no período compreendido entre 1890 e 1930, em São Paulo, giravam, como já visto, em torno das categorias: “casamento (o retrato da noiva), casais, mães e filhos menores, idades da mulher, família (uma ou mais gerações), classe escolar e piqueniques” (2000, p. 73).

<sup>51</sup> A grade foi desenvolvida na obra *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo*. Álbuns de São Paulo [1887 –1954] (LIMA; CARVALHO, 1997).

Segundo Possamai, “os atributos icônicos seguem vocabulário de uso corrente referente aos aspectos figurativos contidos na imagem” (2005, p. 207) e são referentes a localização, tipo de estrutura arquitetônica, elementos móveis de gênero e etário etc. Já os descritores formais referem-se ao enquadramento, arranjo, articulação de planos e, de acordo com a autora, “o manejo das escolhas no âmbito formal para dar a ver determinados motivos figurativos implicam na construção de sentidos a serem apreendidos pelos leitores visuais das imagens fotográficas” (2005, p. 215). A leitura em conjunto dos descritores icônicos e formais permitiu a identificação de “padrões temáticos-visuais” que apontaram para uma visualidade particular da cidade objeto da pesquisa da autora.

Contudo, para a hipótese da presente pesquisa, apenas a aplicação de uma grade com os descritores icônicos é suficiente para analisar e apontar quais seriam os temas prevalentes que aparecem nas páginas dos três álbuns ora analisados, bem como o tipo de visualidade que essas famílias consolidaram em seus álbuns de fotografia.

Desse modo, da mesma forma como os álbuns de vista se configuram como criadores de uma visualidade da cidade, os álbuns de fotografia de família o fazem no tocante à imagem de família que se pretendeu eternizar. Explica Possamai que

os álbuns e suas imagens fotográficas constituem-se em criadores de uma visualidade particular para a cidade, veiculadores de um imaginário específico, mediadores entre a cidade e seus leitores visuais. Desse modo, as fotografias de edificações e os álbuns analisados tendem a apresentar uma imagem de cidade monumental, através da presença destas grandes obras monumentalizadas pelo ato fotográfico no interior das publicações (idem, p. 229).

Nesse sentido, como já mencionado, a formatação de um roteiro de leitura e, especialmente, a utilização dos descritores icônicos (com as devidas adaptações e ressalvas) aplicados por Possamai em sua pesquisa, permitem apontar com mais rigor os temas retratados.

Foram elaboradas três tabelas<sup>52</sup> para a presente hipótese que, provendo os ajustes necessários, visaram à análise de cada uma das 473 fotografias. Foram sete chaves utilizadas para ao final buscar quais podem ser os possíveis temas mais registrados pelas três famílias curitibanas no período do recorte. O quadro tem a seguinte configuração:

---

<sup>52</sup> Apêndices nº 4, 5 e 6.

FIGURA 15 - RESUMO DA TABELA DE DESCRITORES APLICADA

ÁLBUM	Nº da Linha
	Foto
	Página/Foto nº
	Fotógrafo/Estúdio
	Local
	Temporalidade
	Registro Em Ambiente
	Estrutura/Funções Arquiteturais
	Elementos Móveis/Gênero/Etário
	Elementos Móveis/Personagens
	Tema

Fonte: A autora, 2019.

Com relação ao autor da fotografia, se observará se a identificação de quem a tirou, se fotógrafo amador (maioria das fotos, pois são álbuns de família) ou se feita por fotógrafo profissional (incluindo-se aqui os estúdios).

No tocante ao local, após uma primeira triagem, optou-se por apontar fotos feitas em Curitiba (“CWB”), em outras cidades (“O” seguido do nome da cidade identificada) ou indicar as com local não identificado com “I”.

Para temporalidade será observado se as fotografias foram feitas no período diurno (“D”), noturno (“N”) ou, ainda, se não foi possível identificar (“I”). O mesmo critério será usado para a verificação sobre se a fotografia foi feita em ambiente externo (“e”), interno (“i”) ou quando impossível precisar (“NI”).

No campo estruturas/funções arquiteturas se buscará verificar se a fotografia foi feita: a) na residência da família (“R”), entendendo-se por residência também o jardim da casa; b) em ambiente urbano, como prédios públicos, praças, ruas, etc. (“PB”); c) em ambiente rural (“AR”); d) em ambiente industrial, fabril (“AI”); e) em ambiente comercial (“C”); na praia ou mar (“PR”); em estúdio fotográfico (“EF”) ou, ainda, f) quando a fotografia não se encaixa em nenhuma das categorias (“I”).

Para os elementos móveis gênero e etário serão usados “H” para homem, “M” para mulher, “C” para crianças, “I” para idosos e “Mi” para fotografias contendo mais de um elemento de gênero. Já para os elementos móveis que dizem respeito ao número de pessoas/personagens que aparecem nas imagens, serão usados “R” para retratos individuais,

“D” para casais e fotografias com duas pessoas, “G” para grupos com três pessoas ou mais e “A” para fotografias só de animais.

A partir desses elementos e dentro do recorte da pesquisa, estabeleceram-se sete grandes temas, ressaltando que uma fotografia pode acabar se encaixando em mais de um desses temas propostos, quais sejam: a) viagens (“V”), passeios (“P”), bens imóveis (“BI”), bens móveis (“BM”), paisagens/vistas (“P/V”), retratos posados em estúdio (“RE”), piqueniques (“Pi”).

Por fim, identificados os temas com a leitura das fotografias a partir dessa tabela, será possível observar quais são os temas fotografados prevalentes na Curitiba do período estudado, como tais temas foram fotografados e incluídos nas micronarrativas expostas nos álbuns de fotografia de família e se estes seguem um padrão visual específico. Contudo, antes da aplicação destes atributos icônicos, faz-se necessário resgatar a inserção da fotografia no período estudado, bem como apresentar mais detalhadamente os álbuns objeto desta pesquisa.

*“Dire corpo e dire fotografia é quase um pleonasma.”  
(SCIANNA, Ferdinando, 2014, p. 3)*

*“O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado.”  
(KOSSOY, Boris, 2012, p. 29)*

### **3 A FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA EM CURITIBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX – ÁLBUNS DO MUSEU PARANAENSE**

#### **3.1 A FOTOGRAFIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL**

É possível afirmar que no início do século XX a fotografia já há muito não era considerada uma novidade no Brasil, ainda que estivesse acessível apenas a uma parcela mais abastada. Mesmo consolidada enquanto linguagem, algumas características identificadas chamam atenção. De acordo com Paulo Borges, “desde a sua chegada ao Brasil, a linguagem fotográfica foi reconhecida como objetiva e imparcial em seus registros [...]” (2009, p. 8).

Fazendo referência a obra de Erika Billiter, Borges destaca que o fotógrafo americano tem um caráter naturalista

que, com o tempo, torna-se documental. Billiter afirma que a fotografia americana não se caracteriza pelo experimentalismo (tão comum à linguagem fotográfica europeia), mas, limita-se a registrar o que vê, denotando uma forte vocação para o registro do real, uma espécie de senso de estética testemunha. A fotografia americana antes de narrar uma história, a testemunha. Como se mais importante que que criar formas de expressão, ou mesmo experimentá-las, fosse simplesmente registrar, com o máximo de fidelidade, sua própria história. Ainda segundo Erika Billiter, a fotografia americana possui um *leitmotiv* específico, um ritmo próprio oriundo de um humanismo tipicamente latino (2009, p. 11).

Segundo o autor, esse caráter naturalista que dominou todo o século XIX, adentrou o século XX e, ao menos no que toca a fotografia de família, seguiu influenciando o desejo de ainda documentar e registrar tanto mais fosse possível, seja através das fotografias de família

contratadas com fotógrafos profissionais, seja com a introdução das câmeras amadoras no mercado.

No Brasil, Boris Kossoy identificou entre 1900–1910 mais de 270<sup>53</sup> fotógrafos e estabelecimentos afins em operação, o que indica um mercado consolidado e a presença da fotografia em todos os cantos do país. Tal número, é ainda reforçado pelo advento da fotografia amadora, impulsionada pela invenção da famosa Kodak. Para a hipótese desta pesquisa, porque todos os álbuns em questão apresentam tanto fotografias de estúdio quanto câmeras amadoras, importante observar, ainda que brevemente, a quem elas estavam dirigidas e como se inseriram no mercado nacional.

Boris Kossoy considera que “o grande impulso que teve a fotografia amadorística se deveu à introdução da câmara Kodak” (2002, p. 42). Esse “sistema”, como denomina Kossoy, foi inventado por George Eastman em 1888 e “revolucionou definitivamente a fotografia, tornando-a acessível a qualquer pessoa mediante breves instruções de seu manuseio” (2002, p. 42).

O salto na produção de fotografias proporcionado pelo advento da câmera portátil não pôde ser mensurado, mas é certo que a fotografia tomou conta das famílias e os momentos felizes (como visto no capítulo anterior) “precisavam” ser registrados para a posteridade. O modelo Brownie da Kodak, mais portátil ainda do que o modelo de 1888, porque não exigia que o recarregamento da câmera com novo filme fosse feito exclusivamente na fábrica, vendeu, quando do lançamento em 1900, mais de 100 mil exemplares (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 470-471).

No Brasil, as câmeras portáteis circularam primeiro pelas mãos daqueles que transitavam pelo exterior, ou seja, era acessível aos economicamente mais favorecidos, sempre atentos a reproduzir e a adquirir o que se consumia principalmente na Europa. Contudo, já

no princípio de 1890 lia-se no Rio de Janeiro sobre a Kodak: “A câmara photographica a mais pequena, a mais compacta e a mais fácil para funcionar até hoje conhecida; é a mais apropriada para viajantes, *touristes*, curiosos, etc., e a única que se pode usar sem instruções”. Quem estivesse interessado poderia adquirir uma na Rua Theophilo Ottoni, 72, sobrado (KOSSOY, 2002, p. 43).

---

<sup>53</sup> KOSSOY, 2002, p. 366-373.

Nelson Schapochnik, por sua vez, destaca que

por volta dos anos 10 as Kodaks já estavam disponíveis no território nacional. J. Stolze, importador estabelecido na rua XV de Novembro, número 29<sup>a</sup>, fazia anunciar na programação do Teatro Municipal de São Paulo (1911) a venda de Kodaks. O anúncio estabelecia elos entre fotografia e consumidor feminino. Essa identificação não era aleatória: o apelo à consumidora parecia amparado no papel atribuído à mulher, encarnação das emoções, e, portanto, mais afeita à preservação dos valores permanentes e familiares propiciados pela imagem fotográfica. Todavia, é possível inferir que a manipulação do equipamento, na maioria das vezes, passava pelo controle masculino (1998, p. 471).

O autor indica, ainda, que a partir da década de 30 o retratismo amador já estava plenamente consolidado no Brasil<sup>54</sup>,

A difusão do retratismo de caráter amador, por volta dos anos 30, com a introdução das câmaras Leika, distribuídas em São Paulo pela casa Lutz Ferrando, correspondeu paulatinamente a diminuição das prerrogativas do fotógrafo profissional. Este não deixou de ser contratado para documentar os momentos mais solenes da vida familiar, no entanto as situações mais informais passaram à alçada de algum membro da família. Apenas de as funções da fotografia profissional e amadorística serem análogas, isto é, pretendem fixar uma imagem de um indivíduo ou de um grupo que quer ser reconhecido, recordar e ser recordado, compartilhar experiências, atingir um grau limitado de imortalidade, elas também apresentam assimetrias gigantes (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 470).

Ana Maria Mauad, sobre quem produzia imagens a partir das câmeras portáteis arremata:

No início do século XX, já era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora: 'You press the botton, we do the rest'. É importante levar em conta também que o controle dos meios técnicos de produção cultural que envolve tanto aquele que detém o meio quanto o grupo ao qual ele serve, caso seja um fotógrafo profissional. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que o controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 1950, foi privilégio da classe dominante ou de frações desta (2008, p. 37).

Esse rápido avanço da fotografia no país se deu, ainda, explorando o caráter documental da fotografia como se verá na sequência.

### 3.1.1 O caráter documental da fotografia

O rápido crescimento da fotografia exige também uma reflexão no que diz respeito ao contexto no qual se deu esse avanço do interesse pelo universo da imagem, que, como se

---

<sup>54</sup> Contudo, como mostra o capítulo seguinte, os álbuns objeto desta pesquisa mesclam fotos feitas em estúdios, com registros possivelmente amadores, feitos com câmera própria e em período anterior ao fixado por Schapochnik.

observará na sequência, repercutirá também em Curitiba e, por consequência, nos álbuns aqui estudados.

A historiografia indica o surgimento da fotografia como um processo natural<sup>55</sup> decorrente de uma série de experiências feitas por diferentes pessoas ao redor do mundo (não podendo se olvidar que em território brasileiro, por volta de 1833, Hercule Florence também desenvolveu a fotografia, como comprova Boris Kossoy – KOSSOY, 2006). A famosa fotografia Vista da janela em Le Gras, feita por Joseph Nicéphore Niépce, em 1826–1827, é apontada como a primeira, tendo na sequência despontado uma série de inventos com o mesmo fim: a fixação da imagem em uma superfície<sup>56</sup>.

Ressalte-se que, nesse período, vivia-se na Europa, especialmente em Londres e Paris (locais onde se publicizaram as primeiras experiências fotográficas com Niépce e Talbot), uma grande aceleração da vida em sociedade, que mergulhou em um processo de industrialização, urbanização, implicando em uma nova economia de mercado:

A modernidade da fotografia e a legitimidade de suas funções documentais apoiam-se nas ligações estreitas que ela mantém com os mais emblemáticos fenômenos da sociedade industrial: o crescimento das metrópoles e o desenvolvimento da economia monetária; a industrialização; as grandes mudanças nos conceitos de espaço e tempo e a revolução das comunicações; mas também, a democracia. Essas ligações, associadas no caráter mecânico da fotografia, vão apontá-la como a imagem da sociedade industrial: aquela que documenta com o máximo de pertinência e de eficácia, que lhe serve de ferramenta, e que atualiza seus valores essenciais. Do mesmo modo, para a fotografia, a sociedade industrial representa sua condição de possibilidade, seu principal objeto e seu paradigma (ROUILLÉ, 2009, p. 29-30).

Para Rouillé, foi esse contexto da industrialização que “assegurou as condições de seu aparecimento [da fotografia], que permitiu seu desdobramento, que a modelou, que se serviu dela” (2009, p. 31). A sociedade precisava de um sistema que permitisse o registro do que estava ocorrendo de maneira mais próxima ao acelerado desenvolvimento. A fotografia respondeu à altura, já na metade do século XIX, resultando, como visto anteriormente, em uma ferramenta amplamente difundida no início do século XX.

A produção da imagem, com a fotografia, a partir desse aparelho que por muito tempo se pensou reproduzir fielmente aquilo que era enquadrado pela objetiva, revolucionou a forma como a sociedade se relacionava com a imagem. Rapidamente foi

---

<sup>55</sup> “[...] a fotografia apenas aguardava sua descoberta. Os historiadores concordam que seu advento se deu tardiamente. Ao longo das três primeiras décadas do século XIX, em diferentes lugares, diferentes pesquisadores buscavam alcançar um antigo desejo: tornar permanentes as imagens dos objetos externos formados no interior da *câmera obscura*” (KOSSOY, 2006, p. 119).

<sup>56</sup> Ver HACKING, 2012; KOSSOY, 2006.

admitida como o meio mais bem-adaptado para o acompanhamento e controle da confusa extensão do horizonte do olhar, para responder à vertigem suscitada pela repentina consciência de sua vastidão e de sua profusão. Por isso, ela suscitou imediatamente o interesse dos arqueólogos, dos engenheiros, dos arquitetos, dos médicos, etc. Todos aqueles que, em suas respectivas áreas, quiseram seguir os movimentos do mundo, utilizaram-na para confeccionar uma miríade de álbuns a respeito de monumentos longínquos ou nacionais, construções de pontes ou de ferrovias, agitações urbanas, estudo das doenças de pele, observação de povoações indígenas, e evidentemente acerca de indivíduos próximos ou célebres. Essa profusão de álbuns teve o efeito de uma maneira moderna de ver e, dela, tornou-se o instrumento que organiza o mundo visível, fragmentando-o e relacionando-o em séries classificadas de clichês (ROUILLÉ, 2009, p. 38).

O novo modelo de sociedade, cujo crescimento era dinâmico e acelerado, incorporou a fotografia como sendo a ferramenta mais apropriada para a produção de uma visualidade dessa nova realidade.

Em oposição aos cânones da pintura e do desenho<sup>57</sup>, a fotografia se firma como reprodução de “todo o visível, visto ou não visto, sem seleção e sem perda (‘tudo o que é realmente visível no objeto’)” (ROUILLÉ, 2009, p. 41) e se consolida como o modo oficial de ver o mundo.

Ainda, nas palavras de Bourdieu, a fotografia é um verdadeiro sociograma (2003, p. 61), pois

a prática fotográfica mais comum, deve-se à função social que é característica de ser o que é e de ser apenas isso. Com efeito, quer sejam seus ritmos, seus instrumentos ou sua estética, a função social que lhe permite existir define, ao mesmo tempo, os limites em que pode existir e exclui o desvio para outra prática de um tipo diferente, mais intensa e exigente. Por causa do caráter que sua função social lhe confere, esse tipo de prática se adapta aos ritmos do grupo e, tendo que se limitar a algumas ocasiões e a certos objetos, só pode ser esporádica e ocasional (2003, p. 69)<sup>58</sup>.

À fotografia é atribuído, então, valor documental que dá conta de registrar justamente certas ocasiões e objetos, especialmente na fotografia doméstica, de modo esporádico; este valor documental aderente a ela só mais tarde começa a ser questionado<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> Resume Rouillé que “ao paradigma artesanal do desenho, que é a expressão do artista e fruto de sua habilidade manual, sucede o paradigma industrial da fotografia, que a captura das aparências de uma coisa por uma máquina. De um lado, a representação, o ícone, a imitação; do outro, o registro, o índice, a impressão” (2009, p. 64).

<sup>58</sup> Tradução livre de “la práctica fotográfica más comum debe a la función social que le es propia el hecho de ser lo que es y de ser únicamente eso. En efecto, ya se trate de sus ritmos, de sus instrumentos o de su estética, la función social que le permite existir define al mismo tiempo los límites en los que puede existir y excluye la desviación hacia otra práctica de diferente tipo, más intensa y exigente. Por el carácter que le confiere su función social, este tipo de práctica se adapta a los ritmos del grupo y, teniendo que limitarse a algunas ocasiones y a ciertos objetos, no puede ser sino esporádica y ocasional.”

<sup>59</sup> Para André Rouillé, “durante mais de um século, confundiu-se a imagem verídica com a fotografia-documento: sua máquina, suas práticas e suas formas. O verdadeiro teve suas formas, tanto quanto seu dispositivo e seus procedimentos. Pois o verdadeiro, ou melhor, a crença na verdade, não é imanente do

Desse modo, é possível afirmar que a sociedade curitibana, salvaguardadas todas as peculiaridades, também se interessou rapidamente pela fotografia e por seu caráter documental, tanto é que os álbuns aqui estudados demonstram claramente o uso das imagens como prova de que aqueles momentos ali condensados foram vividos pelas respectivas famílias. Parecia ser urgente registrar e, mais ainda, reunir tais documentos em álbuns, não olvidando a provável existência de fotografias avulsas nos acervos particulares das famílias (incluindo as famílias aqui estudadas).

Porém, mesmo antes de se analisar a circulação da fotografia em Curitiba, por se estar aqui a tratar de fotografia de família, imprescindível observar a relação entre a família e os registros fotográficos.

### 3.1.2 A família e os registros fotográficos

O desejo de ser representado em um retrato remonta aos reinados de Luís XV e Luís XVI, onde os retratos começaram a ser cultivados pela burguesia, já que antes estavam acessíveis apenas à aristocracia (FABRIS, 2004, p. 28). Em verdade, a vida privada antes ignorada pela iconografia, invade “particularmente a pintura e a gravura ocidentais no século XVI e, sobretudo, no XVII” (ARIÈS, 2017, p. 138).

Com inserção dos grandes grupos e, conseqüentemente, dos pequenos e grandes núcleos familiares na iconografia, o desejo por se ter a família representada foi se moldando de modo a refletir-se no significativo aumento da circulação dessas imagens<sup>60</sup>, que irão culminar, em apertada síntese, com a receptividade tão positiva da descoberta da fotografia e sua utilização como meio de registro da família.

Impulsionado pela fotografia e seu conseqüente barateamento proporcionado por essa técnica, o retrato rapidamente assume uma função social importantíssima, qual seja, a de contribuir “para a afirmação moderna do indivíduo, na medida em que participa da

---

procedimento, como é comum se pensar. O verdadeiro não é uma segunda natureza da fotografia: é somente efeito de uma crença que, em um momento preciso da história do mundo e das imagens, se ancora em práticas e formas cujo suporte é um dispositivo. O verdadeiro da fotografia-documento se estabelece pela diferença na comparação, de um lado, com o verdadeiro da pintura ou do desenho, e, do outro, com o da fotografia artística. As formas fotográficas do verdadeiro tendem a confundir-se com as formas do útil” (2009, p. 82-83).

<sup>60</sup> Ainda que não seja o objeto desta pesquisa analisar os modos de representação da família ao longo dos séculos, importante destacar que “a análise iconográfica leva-nos a concluir que o sentimento da família era desconhecido da Idade Média e nasceu nos séculos XV e XVI, para se exprimir com um vigor definitivo no século XVII” (ARIÈS, p. 143), de modo que a forma como a família aparecia representada foi sendo modificada ao longo do tempo.

configuração de sua identidade social. Todo retrato é simultaneamente um ato social e um ato de sociabilidade [...]” (FABRIS, 2004, p. 38).

A necessidade de autoafirmação dos membros da burguesia, tanto como indivíduo quanto como partícipes de uma coletividade, faz com que “ao afirmar-se burguês, o modelo do retrato fotográfico declara contemporaneamente seu pertencimento a um grupo, cujos valores registra na superfície da imagem” (FABRIS, 2004, p. 39).

É nesse contexto que se encaixam os retratos de família que recheiam os álbuns. Referidos retratos partem de “uma convenção fundamental do retrato familiar, alicerçada em relações de hierarquia, autoridade e subordinação” (FABRIS, 2004, p. 54), já identificada no XIX e que se estende século XX adentro.

É importante ainda frisar que

não é toda a vida que é fotografada. A fotografia é resultante de uma escolha, de uma ocasião ou de um aspecto das relações da família quem habitualmente, vem afirmar a continuidade e a integração do grupo doméstico. A maioria delas representa grupos sociais de pessoas e muitas incluem crianças, ou diversas gerações, captando a imagem da linhagem, às vezes com grande solenidade (LEITE, 2000, p. 95).

Leite demonstra em sua obra que há uma verdadeira uniformização dos retratos de família “por mais longínquos que tenham sido os locais em que tivessem sido tirados” (LEITE, 2000, p. 95) e exemplifica sua afirmação com um fato ocorrido em 1982:

O suplemento do *Diário de Minas* resolveu transcrever em página dupla e com grande destaque de publicação um artigo da antropóloga Marisa Correia, “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. Para ilustrar as reflexões aos estudos sobre a família brasileira, o jornal escolheu alguns retratos de família de minha coleção, entre eles os de algumas famílias que nunca tinham saído da Rússia. Essa confusão involuntária veio confirmar a uniformidade dos retratos (...) (LEITE, 2000, 95-96).

Essa padronização nos retratos de família também pode ser observada nos álbuns objeto desta pesquisa que apresentam fotografias muito próximas, ou até mesmo idênticas às apresentadas por Leite, seja quanto ao tema, seja no que diz respeito à composição, enquadramento, conforme se vê adiante.

FIGURA 16 - BEBÊ DE BRUÇOS, 1922 -  
FAMÍLIA KAUFFMANN



Fonte: LEITE, 2000, p. 100.

FIGURA 17 - BEBÊ DE BRUÇOS, S./D. -  
FAMÍLIA ESSENFELDER



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, Álbum MP  
8981, destaque, p. 23.

FIGURA 18 - O 1º AUTOMÓVEL, 1920 -  
FAMÍLIA AHUM



Fonte: LEITE, 2000, p. 32.

FIGURA 19 - AUTOMÓVEL, S./D - FAMÍLIA  
ESSENFELDER



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, Álbum MP  
8981, destaque, p. 22.

FIGURA 20 - O PÁTIO INTERIOR, 1898 -  
FAMÍLIA BERGSTROM LOURENÇO



Fonte: LEITE, 2000, p. 182.

FIGURA 21 - DOIS CASAIS DE NOIVOS, S./D -  
FAMÍLIA MUELLER



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, Álbum MP  
8981, destaque, p. 23.

Especialmente no que toca a esses retratos de grandes grupos familiares, eles são responsáveis por, segundo Georgia Quintas, eternizar uma característica bastante comum nos álbuns de fotografias de família: “a reunião de todos os membros do núcleo familiar. Desse modo, a identidade daquela família estaria preservada” (2015, p. 5). É possível dizer que o desejo por registrar fotograficamente momentos significativos para as famílias tinha o mesmo peso dos retratos padronizados identificados por Sérgio Miceli, ao comparar os retratos confeccionados pelos artistas nacionais a pedido da elite brasileira, na década de 1930:

a significação atribuída a essas obras pelas famílias interessadas tem a ver, de um lado, com os modelos de excelência social almejados por esses círculos de elite e, de outro, com a etapa decisiva em que se encontravam em matéria de investimentos (filhos, carreira e patrimônio) modeladores de um futuro prestigioso [...] (1996, p. 130).

Por fim, há uma característica dos registros familiares fotográficos feitos no Brasil que merece destaque: uma antecipação em relação à Europa na valorização dos registros de crianças. Pierre Bourdieu destaca que:

Nas antigas sociedades as crianças não eram, como hoje em dia, o centro das atenções. As grandes festas e cerimônias eram apenas assunto dos adultos. Apenas depois de 1945 as festas das crianças (a primeira comunhão, por exemplo) começaram a ter importância [...] Em outros tempos, se fotografava apenas os adultos; alguma vez, as fotos dos grupos familiares reuniam pais e filhos e, excepcionalmente, as crianças apareciam sozinhas. Hoje em dia essa hierarquia tem sido invertida (2003, p. 59-60)<sup>61</sup>.

Contudo, no Brasil, já desde o século XIX, as crianças ocupavam lugar de destaque, como explica Giovana Simão ao destacar o

elevado número de fotografias brasileiras que são remanescentes do século XIX, no qual o tema era de crianças posando sozinhas ou acompanhadas de demais crianças. A referida temática em Curitiba, igualmente ao restante do país, soma um lote considerável de fotografias das crianças curitibanas que foram registradas pelo estúdio Volk desde o final do XIX, sendo que a procura por essa modalidade fotográfica aumentou ainda mais no desenrolar do século XX.

Talvez o Brasil se caracterize distintamente com a temática da infância e, inclusive, antecipando o costume de fotografar crianças, justamente por conta de que no final do século XIX ocorreram as grandes levas de imigração ao país. Então, para aquelas etnias existia o desejo em manter o vínculo familiar com os parentes que ainda se encontravam no país de origem; em virtude desses laços ocorreram no Brasil as maiores investidas na temática infantil. Ou seja, os imigrantes começaram a fotografar os seus filhos a fim de apresentá-los, ao menos, por fotografia aos demais familiares (2010, p. 2008).

---

<sup>61</sup> Tradução livre de “En las antiguas sociedades el niño no era, como hoy en día, el centro de la atención. Las grandes fiestas y ceremonias eran solamente cuestión de los adultos. Sólo después de 1945 las fiestas de niños (la primera comunión, por ejemplo) comenzaron a tener importancia. [...] En otros tiempos, se fotografiaba sólo a los adultos; alguna vez, las fotos de los grupos familiares reunían a padres e hijos y, excepcionalmente, los niños aparecían solos. Hoy en día esa jerarquía ha sido invertida”.

Ainda sobre a presença das crianças na fotografia, interessante a informação trazida por Priscila Amaral Schmidt, de que as crianças, ao contrário da Europa, eram uma clientela importante no pioneiro Estúdio Volk de Curitiba<sup>62</sup>. Tais constatações são relevantes porque, como se verá mais adiante, as crianças não apenas estão presentes nos três álbuns objeto desta pesquisa, como no álbum da Família Mueller, do início do século XX, são o tema central, apontando para uma consolidada presença das crianças nos álbuns de fotografia de família.

Desse modo, as coleções de fotografia de família são um objeto de memória por excelência, como explica Ana Maria Mauad:

as comunidades, ao guardarem determinados objetos, ao relatarem certos eventos, ao organizarem uma coleção de fotografias, determinam o que deve ser lembrado e preservado da ação do esquecimento. Nenhum grupo social tem a sua perenidade assegurada, há que se trabalhar neste sentido, daí a preocupação das famílias em manter a identidade do grupo através da preservação e transmissão de sua memória. Por outro lado, a família, ao mesmo tempo em que é o espaço onde tais recordações podem ser avivadas, é também o objeto destas lembranças. Neste sentido, enquanto agente de memória, a família constrói uma determinada representação de si mesma que perdura no tempo e é reiterada pelo ato de recordar. Recordam-se, em família, os feitos, através dos objetos guardados pela própria família, preservando o lugar social a ser ocupado por ela e pelos seus descendentes (MAUAD, 2007, p. 4).

Os álbuns de família são, ainda, sobre essa família ampliada que alberga parentes distantes, funcionários, amigos e que, não raro, acabam sendo a única coisa que resta dessa família (SONTAG, 2004, p. 19). Cada família, a sua maneira, e se valendo das convenções imagéticas de sua época, como bem sintetiza Susan Sontag, “constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão” (2004, p. 19). Em resumo, como explica Bourdieu, “a fotografia afirma a continuidade e a integração do grupo doméstico e reafirma-os tornando-os manifestos” (2003, p. 67)<sup>63</sup>.

Portanto, os retratos para família se configuram como um elemento de afirmação e projeção social incluindo todos os membros da família e, em Curitiba, como já apontado, ainda que brevemente, a fotografia também fez sucesso e serviu como ferramenta para consolidar a identidade das famílias que aqui viveram.

---

<sup>62</sup> Em sua pesquisa, Priscila Amaral Schmidt afirma ter sido “possível identificar alguns fotógrafos estadunidenses e europeus a realizarem fotografias de crianças. Porém, as fotografias para comércio (realizadas a pedido de clientes) é encontrada com maior número nos Estados Unidos, sendo que as fotografias na Europa eram realizadas com filhos ou parentes dos fotógrafos que acabam registrando estes momentos íntimos pelo fato de serem fotógrafos e estarem ali com a câmera à mão. Porém não havia o hábito da clientela dele em retratar crianças, como realizado pelo Estúdio Volk em Curitiba” (2016, p. 62).

<sup>63</sup> Tradução livre de “la fotografia afirma la continuidad y la integración del grupo domestico y las reafirma al ponerlas de manifesto”.

### 3.2 A CIRCULAÇÃO DA FOTOGRAFIA NA CURITIBA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Embora não seja possível precisar quando a fotografia aportou em Curitiba, é interessante observar que, de acordo com o levantamento feito por Boris Kossoy, entre 1850–1859, tem-se o registro de cinco fotógrafos/estabelecimentos afins no Paraná<sup>64</sup>. Entre 1890–1900 existiam oito fotógrafos/estabelecimentos<sup>65</sup>, número que, entre 1900–1910, aumentou para 18 fotógrafos/estabelecimentos afins<sup>66</sup>.

Contudo, a presença desses fotógrafos não significou, ao menos no final do século XIX, uma circulação fácil e rentável da fotografia. Ao contrário, em uma cidade ainda provinciana como Curitiba naquela época, houve a necessidade de um intenso trabalho de marketing para divulgação dos serviços fotográficos. Era um trabalho que visava seduzir a clientela curitibana, convencendo-a de que o ato de se deixar fotografar implicava em um “costume moderno” (SIMÃO, 2010, p. 145).

Segundo Giovana Terezinha Simão, quando da instalação do estúdio Volk em Curitiba, em 1881, “até aquele momento – era incipiente a prática social de frequentar um estúdio fotográfico, pois ainda não fazia parte do repertório dos costumes da cidade” (2010, p. 148).

Desse modo, o “costume moderno” de se deixar fotografar e também fotografar acompanhou o desenvolvimento da capital paranaense, que parecia se esforçar para se modernizar. Larissa Busnardo destaca que

a julgar pelas opiniões de curitibanos encontradas nos jornais, o panorama da capital paranaense no século XX parecia muito iluminado, movimentado e tão vivo quanto os das grandes metrópoles nas quais a cidade se espelhava. Pelas ruas, a transformação era notável e merecia constantes colunas nos jornais, como, por exemplo, o registro de Dona Tomencisna em “A República”, sobre seu espanto com a presença dos bondes: “É grande *actualmente* o movimento nas ruas onde sobem e descem constantemente *bicycletas, bonds electricos* que com o seu enfadonho *delém-delém*, lá vão aleijando o que lhe estiver na frente”. Bem, se por um lado os bondes assombravam e, muitas vezes, apavoravam os habitantes citadinos, por outro, a presença das maravilhosas máquinas e seus inventores causavam também grande furor, e faziam crer na miragem cosmopolita que a cidade se empenhara em construir. E a aparição de balões, dirigíveis, aviões e automóveis constantemente virava notícia e cartão postal (2018, p. 54).

<sup>64</sup> São eles: “BARROS, Justiniano José de, DESLANDES, Henrique, MAVIGNIER, Cincinato, MENEZES, José M.B. de, NOGUEIRA, João” (2002, p. 337).

<sup>65</sup> São eles: “FAMULA, FOERSTER, M., GAVANI, Caldonheto, KOPF, Max, VASQUEZ, José Gonçalves, VOLK, Adolpho H., WEISS, Augusto, WEISS, José” (2002, p. 361).

<sup>66</sup> São eles: “AGUIAR, Nuno, ARAUJO, Hostilio, BARTHELIS, Hugo, FAMULA, FLEURY, Germano, FOERSTER, M., FONTANA, Francisco F., GOMES, Franklin Soares, HOFFMANN, Alfredo, KOPF, Max, LEHMANN, Bruno, LUSTOZA, Octavio, REQUIAO, Annibal Rocha, RUHLAND, José, SIQUEIRA, José Soares, VOLK, Adolpho H., VOLK, Fanny, WEISS, Augusto” (2002, p. 368).

Esse processo, que pode ser chamado de introdução da fotografia na sociedade curitibana, foi impulsionado logo nos anos seguintes por uma sede de progresso<sup>67</sup>, que foi assim resumida por Luís Fernando Lopes Pereira:

A técnica deixa seus rastros por todos os lados da sociedade que se constrói neste início do período Republicano. A sociedade assiste a ampliação da rede ferroviária, o uso da iluminação elétrica nos teatros e nas ruas, as reformas da Universidade do Paraná, o sistema de tração elétrica nos bondes, os primeiros balões e aeroplanos, o número crescente de automóveis em circulação nas grandes cidades, a fotografia, o cinematógrafo, o fonógrafo, as novas técnicas de registro sonoro, de impressão e reprodução de textos, desenhos e a indústria do reclame. A transformação no espaço urbano torna distante aquela imagem das carroças das “polacas”, que congestionavam o centro da cidade. Tudo isso mostra os avanços técnicos ligados de forma artificial a ascensão de uma nova forma de governo que tem por lema a ordem e o progresso, que acredita na evolução humana e que produzirá uma nova sociedade (1998, p. 57).

Nesse contexto, todas as forças convergem para a criação de uma imagem moderna da cidade, facilitadora da entrada de Curitiba e do Estado Paraná de forma mais ativa na cena nacional. Este movimento recebeu o nome de “movimento paranista”, que tinha como objetivo a “construção de uma identidade cultural para o Estado do Paraná; identidade esta impregnada por estes valores científicos e de fé em um novo sistema político que acaba orientando a sociedade para o futuro, um futuro mítico e perfeito” (PEREIRA, 1998, p. 63).

Como bem resume Cíntia Carneiro,

para a criação do sentimento de identidade paranaense, representantes do movimento paranista se expressaram através de obras de arte, de composições musicais, de decoração nas ruas e em salões de clubes, por meio de imagens e símbolos da terra e do homem paranaense, como o mate, o pinheiro, a pinha, as paisagens naturais e os grupos étnicos. Também criaram mitos, lendas indígenas e promoveram comemorações cívicas, com inaugurações de estátuas e movimentos em homenagem a heróis (2013, p. 93).

De fato, especialmente sobre a fotografia, os esforços realizados por fotógrafos como os Volk<sup>68</sup> (SIMÃO, 2010) renderam frutos em um curto período de tempo, de modo que é possível dizer que a fotografia já estava inserida na vida do curitibano nos primeiros anos do

---

<sup>67</sup> Da mesma forma como ocorreu no Rio de Janeiro, existiu um grupo economicamente mais privilegiado ávido por criar uma identidade e reivindicar uma visualidade própria do seu tempo. Nesse sentido, Cláudio de Sá Machado Júnior aponta que “pode-se afirmar que as classes médias urbanas tiveram papel fundamental quanto às reivindicações burguesas, pois incorporaram aos poucos uma espécie de papel social disciplinador, sendo que a imagem delas próprias passaria a servir como exemplos para a formação de um modelo comportamental ideal de nação. Estes grupos, elites e classes médias urbanas, atribuíam-se o rótulo de uma sociedade ‘moderna’, uma vez que estiveram alinhadas às últimas tendências de seu tempo” (JÚNIOR, 2012, p. 32).

<sup>68</sup> Não podendo aqui deixar de ser destacado o protagonismo de Fanny Paul Volk, que atuou diretamente no estúdio Volk, exercendo o ofício de fotógrafa com destaque como restou demonstrado por Giovana Terezinha Simão (2010).

século XX. Surgiu como tema, direta ou indiretamente, em diversas oportunidades nos principais jornais da cidade.

Assim, com o objetivo de demonstrar a circulação da fotografia em Curitiba, no início do século XX (justamente o marco temporal inicial desta pesquisa), serão apresentados, na sequência, alguns dados colhidos por amostragem de jornais, como o jornal A República, que circulou em Curitiba de 1888 a 1930.

Em nota publicada no jornal A República nº 4<sup>69</sup>, de seis de janeiro de 1900, há a indicação de que a cidade contava, naquela ocasião, com quatro “ateliers” de fotografia (embora a nota não faça referência a quais sejam os fotógrafos proprietários, essa informação é relevante porque a lista de fotógrafos/estabelecimentos apresentada por KOSSOY<sup>70</sup> não especifica quantos dos fotógrafos indicados estavam estabelecidos na capital).

Anúncios como do tradicional estúdio Volk indicam o tipo de produtos fotográficos ofertados:

FIGURA 22 - RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 1º/04/1900, ANO XV, Nº 73, P.3

**Atelier Photographico**

De primeira ordem  
**Rua Marechal Deodoro n. 10**

Adolpho Volk, estabelecido nesta capital ha mais de 19 annos, offerece os seus serviços photographicos á rua Marechal Deodoro n. 10, onde os seus favorecedores encontrarão um bem montado atelier photographico.

O seu proprietario, que dedica-se á arte photographica ha mais de 35 annos, incumbe-se de tirar photographias pelos processos mais modernos e aperfeiçoados até hoje conhecidos, como seião :

**Platinotypia e Pigment**  
( retratos sobre fundo de côr )

sendo que os retratos tirados por este ultimo processo, pelo qual o mesmo tem trabalhado ha mais de 25 annos, são absolutamente inalteraveis.

Tiram-se tambem retratos em porcellana para broches, botões, etc., e para ornamentação de tumulos.

Fazem-se reproducções desde os menores tamanhos até ao natural.

**Preços rasoaveis**

36—1  
Dom., 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>71</sup>.

<sup>69</sup> Ver anexo nº 4.

<sup>70</sup> KOSSOY, 2002, p. 368.

<sup>71</sup> Transcrição do anúncio: “Atelier Photographico, De primeira ordem, Rua Marechal Deodoro n. 10, Adolpho Volk, estabelecido nesta capital ha mais de 19 annos offerece os seus serviços photographicos á rua Marechal Deodoro n. 10, onde seus favorecedores encontrarão um bem montado altelier photographico. O seu proprietario, que dedica-se á arte da photographia há mais de 35 annos, incumbe-se de tirar fotografias pelos processos mais modernos e aperfeiçoados até hoje conhecidos, como seião: Platinotypia e Pigment (retratos sobre fundo de côr) sendo que os retratos tirados por este ultimo processo, pelo qual o mesmo tem trabalhado ha mais de 25 annos, são absolutamente inalteraveis. Tiram-se tambem retratos em porcelana para broches, botões, etc., e para ornamentação de tumulos. Fazem-se reproducções desde os menores tamanhos até ao natural. Preços rasoaveis, 36-1, Dom., 4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>.”

Ainda que não seja possível afirmar se as ampliações em formatos diversos e reduzidos, encontradas nas páginas do álbum da família Mueller, foram feitas pelo Estúdio Volk, tampouco que sejam exatamente as ofertadas no anúncio, as imagens a seguir apontam no sentido de que existia mercado para os diferentes produtos fotográficos. Em apenas uma página é possível observar ampliações em formato reduzido oval, retangular com recorte especial:

FIGURA 23 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 24



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Outra informação que corrobora a existência de um mercado ativo em torno da fotografia é extraída da edição nº 182, de agosto de 1900, do Jornal A República, na qual se anota a chegada de um “caixote objetos de photographia” com “18 kilos” no Porto de Paranaguá com destino a “Curityba”, conforme destaque:

FIGURA 24 - RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 18/08/1900, ANO XV, Nº 182, P.2

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 7 de Agosto</b>							
DESPACHANTES	MARCAS	VOLU- MES	MERCADORIAS	DESTINOS	KILOS	TAXAS	DIREITOS PAGOS
Alberto Veiga & Irmão	Letreiro	1	Pacote de drogas	Morretes	2700	400	
João Eugenio & Comp.	C	1	Caixa roupas algodão	Interior	108	800	
»	Idem	1	Fardo tecidos idem	Idem	108	800	
»	Idem	1	Caixa tecidos de lã	Idem	109	800	
»	Idem	2	Fardos tecidos algodão	Idem	807	800	
»	J T & C	2	Ditos idem idem	Idem	229	800	
»	J G & C	2	Caixas louça de ferro esmaltada	Idem	194		
»	Idem	1	Barrica arame para pregos	Idem	115	20	
»	Idem	1	Caixa ferragens obra	Idem	285	80	
»	A J	1	Dita com batatas	Curityba	80	10	
»	Idem	1	Dita com sabão	Idem	18	20	
»	Idem	1	Sacco com milho	Idem	60		Livre
»	Idem	1	Encaçados lata de banha	Idem	10	50	
Hurlimann & Comp.	—A—	1	Caixão de fazendas	Idem	185	800	
»	Idem	2	Ditas idem	Idem	495	800	
»	Idem	3	Fardos idem	Idem	500	800	
»	Idem	20	Rolos arame parpado	Idem	840	40	
»	H C	1	Caixa fazendas	Idem	175	800	
Leite Mendes & Comp.	E C L	1	Caixote objectos de photographia	Idem	18	200	
Ceciliano Correia	A E & C	1	Caixa amostras S/valor	Idem	68		Livre
Arthur de Abreu & C.	M M C	30	Ditas vidro ordinario	Idem	1800	50	
João Eugenio & Comp.	B B	2	Ditas de vinho	Interior	45	50	
Camargo & Comp.	F D S	1	Sacco de sal	Morretes	36	12,5	
»	G	20	Ditos de assucar	Curityba	1200	80	
»	L	1	Dito de café	Idem	60		Livre
»	Idem	1	Dito de arroz	Idem	60		Livre
»	Idem	1	Dito de assucar	Idem	50	80	
»	Idem	2	Ditos farinha mandioca	Idem	84		Livre
»	E D S	1	Dito de assucar	Morretes	50	80	
Somma..						840	

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>72</sup>.

O mesmo se observa nas edições nº 266, de novembro, onde consta a chegada de um volume “Dita chapas cartões photographia” com “175 kilos”, e na edição nº 283, de dezembro, onde indica a chegada de um volume “Dita aparelhos fotografia” com “18 kilos”, tudo com destino à Curitiba, conforme os despachos de importação publicados no referido jornal<sup>73</sup>.

Nesse início do século XX, outros fotógrafos requereram alvará junto à Prefeitura de Curitiba, bem como anunciaram seus serviços<sup>74</sup>, indicando haver ao menos expectativa

<sup>72</sup> Transcrição do destacado no anúncio:

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 7 de agosto</b>							
Despachantes	Marcas	Volu- mes	Mercadorias	Destinos	Kilos	Taxas	Direitos Pagos
Leite Mendes & Comp.	E C L	1	Caixote objetos de photographia	Idem [Curityba]	18	200	Ilegível

<sup>73</sup> Ver anexos nº 5 e 6.

<sup>74</sup> Ver anexos nº 7, 8 e 9.

positiva quanto a este ramo na cidade, mesmo que muitos destes fotografos estivessem apenas de passagem. Em 1908, na edição nº11 do Almanach do Paraná de 1908<sup>75</sup>, há destaque para os estúdios Annibal Rocha & Cia., Fanny Volck<sup>76</sup>, Franklin S. Gomes e José Weiss & Irmão.

Mais ainda, e especialmente relevante para o recorte desta pesquisa, na edição de nº 292 do Jornal A República, aparece como tendo sido recebido no Porto de Paranaguá um carregamento específico de álbuns para fotografia com destino à Curitiba. A carga, despachada em 28 de novembro de 1901, pesava “70 kilos”:

FIGURA 25 - RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 27/12/1901, ANO XVI, Nº 292, P.2

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
DESPACHOS DO DIA 28 DE NOVEMBRO DE 1901							
DESPACHANTES	MARCAS	VOLU- MES	MERCADORIAS	DESTINO	KILOS	TAXAS	DIREITOS PAGOS
Guimarães & Comp.	E F Q	2	Bardos com tecidos	Interior	155	800	462500
„	idem	1	Caixa chapéus de sol	idem	15	800	93000
„	—A & I—	50	Ditas vellas	idem	788	80	583040
„	CH & C	50	Ditas kerosene	idem	1800	20	363000
„	A & I	25	Saccos assucar	idem	1497	20	299940
„	F D L	1	Caixa machina para agricultura	idem	88	50	13650
„	A E	10	Saccos sal 77 ls.	idem	708	12 5	83850
José Tavares	S	7	Cestos ferros velhos	idem	375	—	—
„	M	9	Caixas garrafas	idem	420	10	42000
Polycarpo Pinheiro & C.	F S	1	Caixão armarinho	Rio Negro	40	800	240000
„	A J G	1	Dito ornamentos igreja	Curityba	80	—	—
„	idem	1	Dito albuns para photographia	idem	70	—	—
Camargo & Companhia	E P	10	Caixas kerosene	Morretes	800	20	72000
„	E D S	1	Dita dito	idem	85	20	700
„	A B	1	Sacco assucar refinado	idem	50	80	13500
Jorge Barbosa & Comp.	B	10	Ditos farinha mandioca	Interior	400	—	Livre
„	G	2	Ditos assucar	idem	120	20	2400
„	idem	5	Caixas kerosene	idem	185	20	3700
Schack & Companhia	Letreiro	2	Barris cerveja nacional	Curityba	78	60	4380
„	C & M	5	Caixas polvora	idem	150	200	26000
„	—H C—	2	Barris enxadas ferro	idem	175	20	3500
„	S & C	1	Caixa tecidos	idem	125	800	87500
„	E H	4	Ditas phosphoros em massa	idem	274	—	Livre
João Estevão & Comp.	J V	8	Ditas kerosene	Morretes	110	20	22000

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> Ver anexo nº 10.

<sup>76</sup> A grafia do sobrenome Volk aparece nos anúncios também como Volck e Wolk.

<sup>77</sup> Transcrição do destacado no anúncio:

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
Despachos do dia 28 de novembro de 1901							
Despachantes	Marcas	Volu- mes	Mercadorias	Destinos	Kilos	Taxas	Direitos Pagos
“ “ [Polycarpo Pinheiro & C.]	Idem [A J G]	1	Dito albuns para photographia	Idem [Curityba]	70	—	—

Um pouco adiante, em 1903, na edição de nº 107, o jornal destacou o desenvolvimento da fotografia e sua presença em Curitiba, indicando como sendo esta uma das artes “industriais” que mais se desenvolvia na Capital<sup>78</sup>:

Photographias.

É sem duvida a Photographia uma das artes industriaes que mais tem se desenvolvido nesta Capital.

As produções photographicas tem aqui chegado a tal gráo de perfeição que não podemos invejar ás de quaisquer outros centros. A photographia do sr. A. Wolk, actualmente instalada á rua 15 de Novembro tem exhibido trabalhos que são verdadeiramente dignos de admiração, pela artistica disposição de luz, pose original e aggrupamento intelligente.

Vimos um retrato à luz intensa do receiptavel ancião sr. Rosany, que é um verdadeiro primor, parecendo mais a reproducção de uma pintura originalissima. A apposição de luz è tão acertadamente combinada que o retrato parece brilhar de vida e movimento.

Alguns magníficos instantaneos da *praça de tou os*, revelam uma perfeição dos aparelhos de que dispõe o atelier do sr. Wolk.

Além disso, grupos e bustos feitos em grande formato, trabalhos á luz artificial e tantas outras variedades photographicas collocam este estabelecimento emparelhado com os melhores do paiz.

O sr. Wolk que acaba de expor na Associação dos Empregados no Commercio è o fundados dos ateliers photographicos de Curityba e que aqui reside ha cerca de 20 annos.

Os fotógrafos amadores também já circulavam por Curitiba com suas Kodaks no início do século XX, o que restou comprovado ao final da nota sobre um desfile de tropas militares em 1905, na edição nº 271 do Jornal A República, na qual se registrou a presença das câmeras nas mãos de amadores:

FIGURA 26 - RECORTE JORNAL A REPÚBLICA, 15/11/1905, ANO XVIII, Nº 271, P.2

Durante a parada, que apesar do tempo brusco e ameaçador, apresentou bastante animação, muitos amadores photographos, de *Kodak* em punho, tiraram vistas do local. O publico apreciou muitissimo o garbo das torças, tecendo elogios á correcção, asseio e disciplina dessa parcella do nosso glorioso exercito.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> Nota do jornal no anexo nº 11.

Como se verifica, não era apenas a cidade de Curitiba que se modernizava. No ambiente privado, a modernização também se acelerava com a chegada dos mais diferentes aparelhos “como a câmera fotográfica, o fonógrafo, o gramofone e o cinematógrafo; e de práticas variadas, como a tipografia de jornais e periódicos, a impressão litográfica e o instantâneo fotográfico” (BUSNARDO, 2018, p. 59), e os curitibanos faziam questão de expor e usar suas aquisições.

Essa circulação da fotografia, todavia, indica que a oferta por equipamentos para amadores demorou bastante para se solidificar, de acordo com texto (com conteúdo de anúncio) publicado em janeiro de 1930, no jornal *A República*. Nesta oportunidade, destaca-se a carência de opções de venda desses equipamentos, até então. O texto sobre a *Optica Americana*, diz que a nova loja veio

A fim de satisfazer as necessidades de que a nossa capital já de há muito se ressentia, no que diz respeito á photographia, a *Optica Americana*, foi dotada de uma secção modelar de photographia, em que se acham marcas de camaras que por si só se recommendam, taes como: Zeiss-Ikon, Agfa, Goerz, Kodak, Contessa Nettel, Voigtlander e outras, bem com todos os artigos de photographia.<sup>80</sup>

Este texto é relevante porque, mesmo no álbum com datação mais antiga, o álbum da família Mueller, já se encontram fotografias feitas com câmera própria, o que indica, para além do que será percorrido na sequência, uma condição social bem abastada e uma conexão com a fotografia amadora que — ainda engatinhava em Curitiba — a ponto de ser objeto de notas, como a anteriormente citada sobre os amadores e suas Kodaks em punho.

Como se observa, portanto, a fotografia estava presente na Curitiba da primeira metade do século XX. Os contornos até aqui apresentados configuram, mesmo que modestamente, o contexto no qual os álbuns ora estudados foram confeccionados, inclusive reproduzindo padrões comuns às imagens produzidas em outras partes do Brasil e do mundo.

---

<sup>79</sup> Transcrição da nota: “Durante a parada, que apesar do tempo brusco e ameaçador, apresentou bastante animação, muitos amadores photographos, de *Kodak* em punho, tiraram vistas do local. O publico apreciou muittissimo o garbo das forças, tecendo elogios á correcção, asseio e disciplina dessa parcella do nosso glorioso exército.”

<sup>80</sup> Texto/Anúncio na íntegra no anexo nº 12.

### 3.3 O DESEJO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FAMILIAR: UM MUSEU, TRÊS ÁLBUNS, TRÊS FAMÍLIAS, UMA DOAÇÃO

Como já visto ao longo deste trabalho, as pessoas estão constantemente arquivando itens que permitem indicar seu lugar na sociedade e, mais ainda, promovendo, ao longo de suas vidas, constantes revisões em seus pertencentes mais caros, visando preservá-los (ARTIÈRES, 1998). Para boa parte das pessoas, esse conjunto de retalhos formado de documentos, cartas, fotografias e outros tantos objetos, não é arquivado com vistas a formar uma coleção. Contudo, para outras, desde muito cedo se cria o hábito de cultivar pequenas coleções (as de figurinhas, feitas na infância, são um bom exemplo), que com o avançar da idade acabam resultando em acervo pessoal consistente e representativo sob muitos aspectos (relevante, por exemplo, como memória individual a ser transmitida para possíveis herdeiros e até mesmo relevante para a memória coletiva).

Já para outras pessoas é a partir de quando se herda uma coleção qualquer que se desperta o desejo de conservá-la e, muitas vezes, de iniciar uma coleção própria<sup>81</sup>. Walter Benjamin, ao tratar de sua coleção de livros, pontuou com precisão que “a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca. Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse” (BENJAMIN, 2012b, p 240). No mesmo texto, sobre sua biblioteca, o autor indica que o papel do colecionador não se restringe apenas a alimentar e cuidar daquilo que tem sobre sua posse, mas também lhe cabe achar o local ideal para cada um desses itens [livros] dentro da sua coleção (BENJAMIN, 2012b, p. 234).

Estas observações se fazem pertinentes porque os objetos que desencadearam a presente pesquisa seguiram, em boa medida, esse roteiro: compuseram durante muito tempo uma coleção familiar à qual foram se somando itens herdados de diversas frentes, que acrescidos a outros, colecionados pela doadora, hoje compõem a Coleção Luci Hatschbach do Museu Paranaense. Os motivos que levaram a essa doação e que estão estampados ao longo

---

<sup>81</sup> Conta Walter Benjamin que “por fim, caíram em minhas mãos dois volumes encadernados com papelão desbotado: dois álbuns com figurinhas que minha mãe colou quando criança e que herdei. São as sementes de uma coleção de livros infantis que ainda hoje cresce constantemente ainda que não seja no meu jardim. – Não há nenhuma biblioteca viva que não abrigue, em forma de um livro, um número de criaturas das regiões fronteiriças. Não precisam ser álbuns de colar figuras ou livros de família, nem cadernos de autógrafos ou ainda encadernações com sumários ou textos construtivos no interior: muitas pessoas se afeiçoam a folhetos e prospectos, outras a fac-símiles de manuscritos ou cópias datilografadas de livros impossíveis de achar; e com certeza, revistas podem compor as orlas prismáticas de uma biblioteca” (2012b, p. 240).

das próximas páginas, deixam no ar algumas perguntas. A primeira delas é: essa guardiã/colecionadora/doadora teria desempenhado com êxito suas funções para com sua coleção ao decidir promover a migração de todos esses itens de seu acervo privado para um acervo público? Tal ação fecharia o “círculo mágico<sup>82</sup>” do colecionar por ter localizado o lugar último para encerrar cada um dos mais de mil itens doados?

Para Solange Ferraz de Lima, esse ato de transferir um bem pessoal para um Museu não deixa de ser um descarte. Segundo a autora, “podemos pensar que, como ato pessoal, o descarte pode ser lido como uma das maneiras de os indivíduos se redesenharem, mudarem suas dinâmicas de vida, se reinventarem” (2014, p. 175). Os objetos doados seriam a materialização da pretendida simbólica mudança, “nesse contexto que podemos considerar os Museus como coparticipes ativos nesse processo, garantindo um lugar apropriado para o destino daquilo que não cabe mais na nova vida” (2014, p. 175).

Por fim, independente dos motivos que levaram à doação aqui tratada, é certo que a preservação da memória familiar e um desejo de contribuição para a memória coletiva permearam todo esse processo. Nas palavras de Ana Maria Mauad,

a memória possui um papel específico na coesão social da família que a constrói e transmite, uma memória que, ao definir o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Geralmente, tal coesão é realizada pela adesão do grupo à uma “comunidade afetiva”, criada a partir de um processo de conciliação entre memória individual e coletiva, alcançada através da preservação de determinadas lembranças narradas de geração em geração, de objetos preciosos e das próprias fotografias familiares (2008, p. 4).

A memória preservada nesses álbuns revela uma visualidade que interessa à memória coletiva<sup>83</sup>, como restará ainda mais claro a seguir.

### 3.3.1 O Museu Paranaense, a Coleção Luci Hatschbach e seus álbuns

Os três álbuns objeto desta pesquisa, como já mencionado na introdução, fazem parte de um conjunto de objetos doados por Luci Berta Hatschbach para o Museu Paranaense, o que

---

<sup>82</sup> Termo usado por Benjamin (2012b, p. 234).

<sup>83</sup> Memória coletiva aqui entendida como sintetiza Ana Maria MAUAD: “longe de ser um somatório de memórias individuais, a memória coletiva é, justamente, a reconstrução de narrativas individuais a partir de um enquadramento coletivo, guardando os determinantes temporais e espaciais como elementos fundamentais em tal processo. Desta forma, entende-se por memória coletiva o passado que se perpetrou e ainda vive na consciência coletiva” (2007, p. 4).

torna indispensável apresentar este Museu, a coleção Luci Hatschbach e, especialmente, os álbuns desta coleção em razão do objeto do presente trabalho.

### 3.3.1.1 O Museu Paranaense

O Museu Paranaense foi inaugurado em 25 de setembro de 1876. Surgiu na esteira da organização das grandes exposições, da necessidade se estabelecer um local para promover a guarda do que resultava da participação nestes eventos e de se fomentar as riquezas do Paraná. Inicialmente privado e com acervo de 600 peças, o Museu passou a incorporar as instituições do Paraná, ainda província, em 1882.

Desde os primeiros anos de sua constituição, as doações fizeram parte da história do Museu. D. Pedro II doou alguns objetos (CARNEIRO, 2013, p. 53) quando aqui esteve em 1880 e muitas doações foram anunciadas no jornal *A República*, no início do século XX (CARNEIRO, 2013, p. 53).

Esse período dos primeiros anos do Museu coincide também com o período da efervescente modernização da cidade de Curitiba e com a formação do já mencionado movimento paranista<sup>84</sup>, que visava criar e sedimentar uma identidade regional. Nesse contexto, Cíntia Carneiro afirma que o Museu Paranaense teve papel ativo, pois “os Museus se constituíram em locais capazes de auxiliar na construção do imaginário da região, por reunirem e preservarem símbolos e signos que facilitavam a identificação de uma comunidade [...]” (CARNEIRO, 2013, p. 89).

Romário Martins<sup>85</sup>, um dos primeiros diretores do Museu, foi um dos principais divulgadores do movimento paranista, de modo que é possível imaginar como as exposições do Museu giraram em torno da difusão dos valores paranistas.

Cíntia Carneiro destaca ainda que o “Museu se constituía, através de sua coleção de quadros, a qual se destinava a divulgar a natureza do Paraná e, sobretudo, a perpetuar a memória de homens da elite paranaense, em um espaço para a promoção de políticos renomados, numa espécie de panteão dos personagens paranaenses importantes” (CARNEIRO, 2003, p. 109).

---

<sup>84</sup> Como resume Cíntia Carneiro, “o paranismo trazia em seu bojo elementos básicos para a construção de uma identidade para o Paraná: sua natureza específica, o território e o homem paranaense voltado par ao trabalho, o progresso e a civilização” (CARNEIRO, 2013, p. 92).

<sup>85</sup> Romário Martins nasceu em 1874, em Curitiba, e faleceu em 1948. Foi diretor do Museu Paranaense entre 1902 e 1928.

Interessante salientar aqui que o pinheiro, símbolo largamente difundido pelos paranistas, está presente nos três álbuns aqui estudados (em mais de um momento inclusive), seja como o tema central aparente da fotografia, como na primeira foto extraída do álbum dos Hatschbach (aparente porque observando mais detidamente duas meninas estão posando para a foto aos pés do pinheiro, que na verdade acaba sendo o ponto de atração do olhar em um primeiro momento), seja enquadrado na composição de um retrato familiar na segunda imagem do álbum dos Essenfelder ou, ainda, no vestígio deixado pela legenda da foto localizada já primeira página do álbum dos Mueller:

FIGURA 27 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 4.  
FAMÍLIA HATSCHBACH

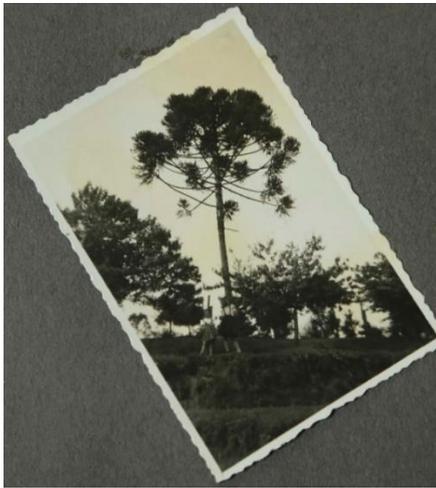
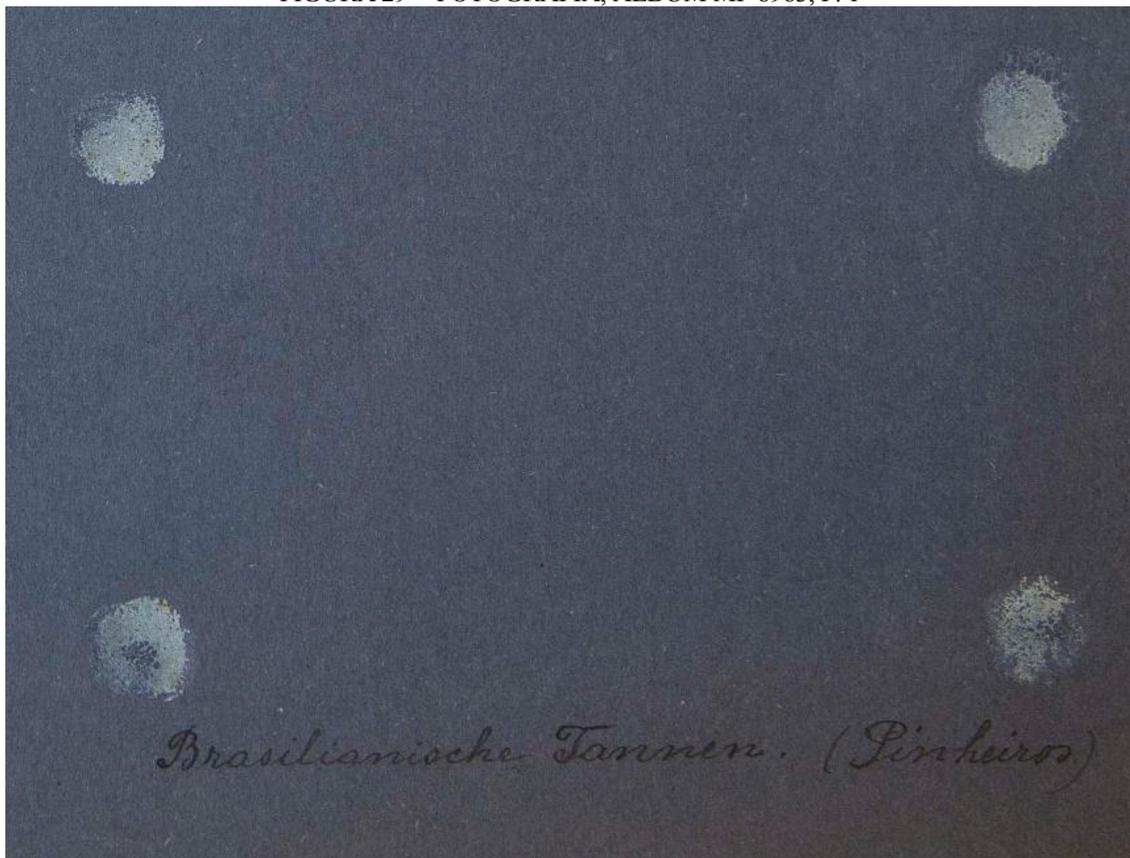


FIGURA 28 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981,  
P.19.FAMÍLIA ESSENFELDER



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 29 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 1



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Esses registros dos pinheiros podem ser considerados um indício de que os valores paranistas largamente difundidos no período estudado repercutiam, de alguma maneira, no imaginário daquelas famílias a ponto de merecerem algum espaço em seus registros fotográficos.

Além disso, retomando o Museu, destaque-se que sempre foi conhecido por ter um acervo muito variado, possuindo seções de arqueologia, zoologia, mineralogia, botânica, chegando a contar inclusive com um zoológico na área externa, mas a seção mais disputada, como aponta Cíntia Carneiro, era outra:

a de objetos antigos e históricos, segundo Romário, era a que maior interesse despertava no público, contando com um vasto acervo constituído por peças históricas, como troféus de guerras, armas, lanças, espadas, fardas, varas dos ouvidores, juizes e oficiais da Câmara do tempo colonial e imperial, relógios, objetos do século XVIII, coleções de medalhas e moedas. Essa seção do Museu, bem como a Pinacoteca (...) eram as que estavam mais diretamente relacionadas à memória e à construção de uma identidade (2013, p. 116).

Assim, a partir dessas origens, o Museu seguiu seu curso passando por diversas sedes até se estabelecer, em definitivo, no endereço atual, no Palácio São Francisco, localizado no centro histórico de Curitiba (Rua Kellers, 289).

FIGURA 30 - FOTO MUSEU PARANAENSE



Fonte: <http://www.Museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48>. Acesso em: 27 dez. 2018.

O acervo hoje conta com aproximadamente 400 mil itens, distribuídos em três setores técnicos: antropologia, arqueologia e história, além da Biblioteca Romário Martins. A aquisição “é feita por meio de doação, compra, permuta, coleta e herança jacente. Todos podem ser realizados, desde que haja interesse no acervo”, como esclarece a funcionária do Museu, Tatiana Takatuzi<sup>86</sup>. Assim, foi para essa instituição que Luci Berta Hatschbach doou parte de seu acervo particular.

---

<sup>86</sup> Apêndice nº 3.

### 3.3.1.2 A Coleção Luci Hatschbach

FIGURA 31 - PRINT VÍDEO ENTREVISTA LUCI HATSCHBACH



Fonte: A autora, Curitiba, 23 mar. 2018.

Em duas oportunidades distintas, no ano de 2014, Luci Berta Hatschbach doou para o Museu Paranaense mais de mil itens entre álbuns de fotografias, fotografias avulsas, cédulas, plantas de imóveis, brinquedos e documentos diversos<sup>87</sup>. Esse conjunto de objetos recebeu o nome de Coleção Luci Hatschbach, embora nem todos os itens estejam indexados no sistema *Pergamum*<sup>88</sup> como pertencentes a esta coleção<sup>89</sup>.

Dotada de um senso de preservação ímpar, Luci entendeu que os objetos doados estariam mais bem conservados se mantidos em uma instituição pública como o Museu. Segundo a doadora,

*Eu só tenho um filho, ele é casado, mas não quer ter filhos, então pra quê que vai guardar isso dentro de casa, né? Melhor... estar aqui no Museu. Ainda, destaca que como Hatschbach foi uma família marcante, os Mueller e Essenfelder também, né?... pelo trabalho deles... que na realidade os nossos antepassados fizeram Curitiba, né... eu acho que é uma coisa muito importante ficar na história, né... (entrevista, apêndice nº 2).*

<sup>87</sup> A relação completa de todos os itens doados pode ser conferida no anexo nº 27.

<sup>88</sup> *Pergamum* é o sistema atual utilizado pelo Museu Paranaense e boa parte de seu acervo já está disponível *on line* nessa plataforma.

<sup>89</sup> De acordo com Tatiana Takatuzi: “No Pergamum ainda não estão disponíveis algumas coleções adquiridas após 2012, por questões técnicas. Entendemos uma coleção de acordo com a relevância de um tema específico, volume do acervo doado. No caso da Luci, por se tratar de tipologias bastante diferenciadas, inferimos a coleção pela origem do doador. Os objetos tridimensionais não foram indicados no Pergamum por uma falha de comunicação no processo de catalogação. Como disse antes, os objetos tridimensionais foram catalogados pelo LACORE [laboratório de conservação e restauro] ou outro setor responsável” (apêndice nº 3).

Perguntada, ainda, sobre a escolha do Museu Paranaense para receber uma parte do seu acervo privado, disse que “*a gente*”, certamente se referindo à sua família, “*tem assim uma certa ligação desde criança com o Museu Paranaense... (...) então acho que era um lugar que agente gostava de... poder doar...*” (entrevista, apêndice nº 2).

Sobre os itens doados, no áudio gravado por Tatiana Takatuzi, Luci menciona que doou uma coleção de cédulas que teria pertencido ao seu avô, Albino Hatschbach, ou ao seu bisavô, Adolfo Hatschbach; uma coleção sua de *botons*, moda na adolescência, segundo ela; cartões postais recebidos pelo avô; cardápios e jornais de navio também reunidos pelo avô em suas viagens; um diário de viagem do avô; brinquedos de sua infância; documentos referentes aos imóveis de sua família; documentos que pertenceram à família de seu ex-marido.

Contudo, como já visto no primeiro Capítulo, o processo de migração de uma coleção privada para um acervo público passa por inúmeros filtros ao longo da existência dos itens doados. No caso específico do doador, aquele que tinha sobre sua guarda não apenas seus arquivos pessoais, mas os arquivos que reuniu e herdou de seus familiares, este promove uma ação bem significativa no momento da doação.

Como ficou nítido das manifestações da senhora Luci, ela não doou tudo que considera significativo e com valor histórico. Antes disso, desmembrou sua coleção pessoal deixando claro que muitas coisas “*eu ainda não descartei por que meu filho ‘mãe, mas era do vô*”, deixando escorregar que “*devagarinho...*” talvez retorne com outras doações<sup>90</sup>.

Especificamente sobre álbuns de fotografia de família<sup>91</sup>, a senhora Luci doou 12 álbuns em 25/11/2014, os quais foram incorporados ao Museu em 01/07/2015, de acordo com os registros no sistema *Pergamum*<sup>92</sup>. De todos os álbuns do Museu, incluindo os 12 álbuns doados por Luci, apenas três se enquadraram no recorte da pesquisa por ilustrarem a vida de famílias residentes em Curitiba no período pesquisado<sup>93</sup>. Curiosamente, são três álbuns de famílias distintas, que no avançar da pesquisa se constatou terem chegado ao Museu pelas mesmas mãos.

---

<sup>90</sup> A referência a outros itens do acervo (ainda privado) de Luci e sua predisposição à colaborar com o Museu Paranaense podem, no futuro, gerar um novo recorte e pesquisa.

<sup>91</sup> Foram localizados 14 álbuns de fotografia de família, datados entre 1901–1950 (sendo que um deles possui fotos do período que vai de 1890 a 1943) no acervo do Museu Paranaense.

<sup>92</sup> Como esclarece Tatiana Takatuzi sobre o trâmite quando da entrada do objeto doado no Museu e se é realizado algum laudo de interesse e conservação: “Não fazemos laudo na entrada, pois eliminamos a ficha física, agora são cadastrados diretamente no Pergamum. Mas o LACORE realiza um inventário próprio e posteriormente cadastra as condições físicas das peças no Pergamum”.

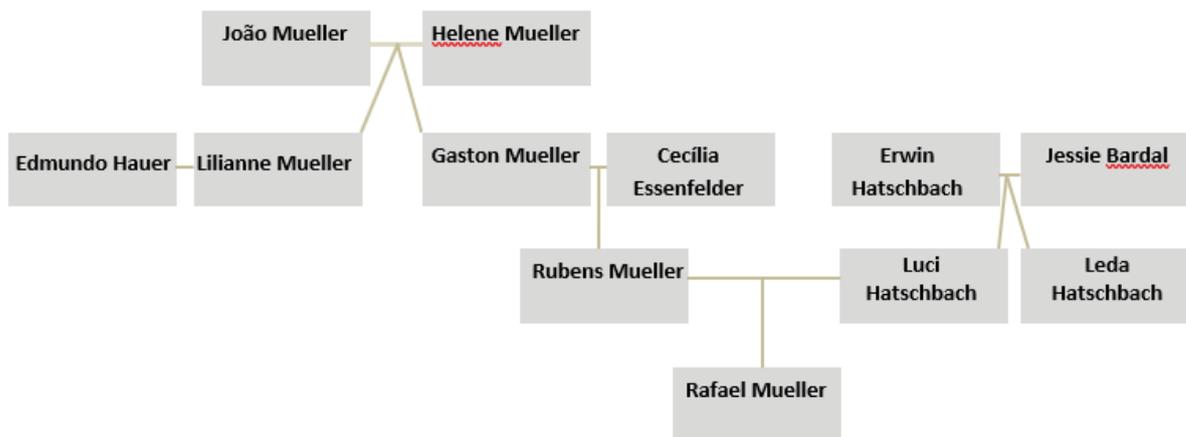
<sup>93</sup> Para a seleção do que se enquadraria em fotografias de família, tomaram-se como referência as categorias já referidas utilizadas por Miriam Moreira Leite (LEITE, 2000).

Em resumo, com relação aos três álbuns objeto desta pesquisa, Luci doou álbuns de fotografia herdados de sua família e, também, da família de seu ex-esposo, ou seja, o conjunto de álbuns apresenta fotos de três famílias distintas, todas de origem europeia e já estabelecidas em Curitiba, cujas fotos retratam a primeira metade do século XX. Tratam-se das famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder.

Durante o período em que o conjunto de álbuns, que fazia parte do acervo de sua família e da de seu ex-esposo, permaneceu com a doadora, ela é categórica ao afirmar que não removeu nenhuma foto de nenhum dos álbuns, conservando-os como chegaram às suas mãos. No entanto, mencionou que *“os álbuns que eram mais antigos a fotografia conserva perfeita... e os mais modernos... eu... muitos eu joguei no lixo... porque saiu assim a cor... quando começaram filmes coloridos, né... ficavam estragados, grudavam... então o que valia mesmo era (sic) esses álbuns feitos mais antigos”* (entrevista, apêndice nº 2).

A árvore genealógica a seguir indica os laços familiares que resultaram na reunião de tais álbuns nas mãos de Luci Berta Hatschbach:

FIGURA 32 - ÁRVORE GENEALÓGICA



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos álbuns e documentos reunidos ao longo da pesquisa, 2018.

É inegável, então, que a função social do sujeito que “lembra” é inquestionável; como destaca Ecléa Bosi:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (1994, p. 63).

Contudo, como destaca a autora, “a experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que o todo o sujeito que lembra tem em comum com o historiador” (BOSI, 1994, p. 59).

Desse modo, importante ressaltar que ainda que os álbuns aqui estudados tenham advindo de uma mesma doação e que tenham feito parte do acervo privado da Sra. Luci, justamente pela peculiaridade desta ter também ficado na guarda de álbuns que pertenceram à família de seu ex-marido, a bagagem de informações transferida para o Museu a respeito de cada um dos álbuns é, desse modo, bem distinta. Se para as imagens contidas no álbum dos Hatschbach, as lembranças já escapam em razão do decurso do tempo, no tocante aos álbuns dos Mueller e dos Essenfelder, as informações se tornam ainda mais escassas e, portanto, uma reconstituição de todos os fatos ali narrados e a identificação de todos os personagens contidos nas fotografias resta improvável.

Sobre os álbuns e fotografias doados ao Museu em mais de uma oportunidade, Luci reforça, quando conversa com Tatiana Takatuzi: “*então eu acho que é difícil, às vezes, conseguir identificar...*”, “*ai, ai, identificar essa turma aqui não é fácil!*”, “*... é... isso é bem difícil da gente identificar porque é... complicado... e também daquela época pra hoje tá bem diferente*” (áudio, apêndice nº 1).

Por esta razão, o caminho percorrido na análise dos álbuns, como já exposto, foi no sentido não de identificar cada uma das pessoas que aparecem nas páginas dos álbuns, mas sim observar se os registros feitos seguiram os padrões anteriormente já identificados na literatura (LEITE, 2000; SCHAPOCHNIK, 1998), bem como quais seriam os possíveis temas prevalentes, registrados de modo a indicar que tipo de visualidade essas três famílias quiseram deixar.

Isso porque tomando por base a afirmação de Boris Kossoy de que “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (2012, p. 38), é possível afirmar que os álbuns ora estudados tiveram como objetivo “congelar” a representação da família como

ela considerou ser a forma ideal a ser perpetuada (agora concretamente ressaltada por ter sido incorporada a um acervo de uma instituição pública).

De certa forma, reside aqui a dificuldade do trabalho do historiador, pois, ainda que sejam, como demonstrado, os únicos registros de álbuns de fotografia de família do período e local estudados presentes no acervo do Museu Paranaense, as famílias ali representadas não podem ser tomadas como exemplo padrão da família curitibana do período, mas sim como uma primeira e significativa amostra da visualidade familiar do recorte proposto. Daí porque se optou por analisar os três álbuns conjuntamente, vez que apenas o conjunto é representativo e revelador da representação que estas famílias, que se cruzaram em determinado momento da história, quiserem deixar arquivado. Como bem pontua Miriam Moreira Leite sobre analisar uma coleção de fotografias como um todo:

ao tomar a coleção como um todo, não se está à procura do volume nem da beleza das fotografias, mas das seriações possíveis, cujas ilações não poder ser extraídas de retratos isolados. A série formada por retratos de casamento, retratos de casais, casais com primogênito, bebês, irmãos, piqueniques, várias gerações é que passa a ser reveladora da representação da família, não por si mesma, como pelas sequências de outras imagens semelhantes que desencadeiam na mente do observador. (2000, p. 96).

Assim, partindo dessas premissas, passa-se agora à análise de cada um dos três álbuns para, na sequência, tentar promover uma mostra daquilo que têm em comum e daquilo que, eventualmente, os tornam registros singulares.

### 3.3.2 O álbum da Família Hatschbach (MP 8990)

#### 3.3.2.1 Uma breve história da família Hatschbach

A história do tronco da família Hatschbach que se estabeleceu no Brasil começa com o casamento, no final de década de 1850, de Johan Gottlieb Hatschbach (7/03/1835–9/04/1897) e Karoline Richeter Hatschbach (15/04/1835–?), que imigraram para o Brasil, vindos da aldeia de Schumburg, distrito de Gablonz, pertencente ao antigo Império Austro-húngaro, em 1883. O casal teve sete filhos, todos nascidos em Gablonz.

Com as dificuldades decorrentes do contexto político da região e tendo recebido notícias de terras prósperas na América, Johan comprou passagem para “São Francisco”, imaginando estar a caminho da América do Norte; aportou, no entanto, em Santa Catarina, em

São Francisco do Sul. Esperançoso com as possibilidades das novas terras, pediu para que a esposa e filhos também viessem, tendo mais tarde se fixado em Curitiba. O pedido de naturalização de Johan foi deferido em 15/09/1883.

O filho Rodolpho<sup>94</sup> (25/02/1868-29-06-1948), por sua vez, casou-se com Mathilde Hatschbach e teve cinco filhos, dentre os quais Albino Hatschbach Sobrinho (03/03/1890–16/05/1974). O Sr. Albino casou-se com Hedwig Garmatter Hatschbach (11/03/1897–06/09/1970) e tiveram três filhos, Erwin Hatschbach (06/12/1913–?), Erhardt Hatschbach (21/02/1917–?) e Gert Hartchbach (22/08/1923–?).

Erwin<sup>95</sup>, por sua vez, casou-se com Jessie Bardal (16/10/1913–?) e estes são os pais da doadora dos álbuns aqui estudados, Sra. Luci Berta Hatschbach (09/07/1943). O casal Erwin e Jessie teve mais uma filha além da Sra. Luci, Leda Marisa Hatschbach (20/05/1939–?). Todos os dados acima expostos foram extraídos de um documento elaborado por membros da Família Hatschbach. Visando elaborar uma árvore genealógica de todos os herdeiros de Johan e Karoline, tal documento foi distribuído entre os familiares e a cópia constante no anexo nº 26 foi disponibilizada pela senhora Luci quando da entrevista realizada no dia 23/03/2018<sup>96</sup>.

Complementa esse documento, as memórias de Rodolpho Hatschbach, que foram organizadas<sup>97</sup> pelo herdeiro e bisneto Ronald Kyrme e gentilmente cedidas para esta pesquisa. Como indica Kyrme, em 15 de dezembro 1947, Rodolpho, então com 79 anos, começou a escrever suas memórias em “estreitas e compridas folhas de papel”. Nessas memórias, Rodolpho faz questão de relembrar os tempos difíceis da travessia dos pais, do trabalho exaustivo para prosperar na nova terra e, principalmente, um pouco de seus esforços para sustentar sua família.

Rodolpho destaca em uma das passagens de suas memórias que “na Rua Riachuelo comecei em 1890. Prosperei bastante; mas naquele tempo eu já havia tido bastante

---

<sup>94</sup> De acordo com a doadora, senhora Luci, seu bisavô Rodolpho “era muito doido... ele foi acho que 24 vezes para a Alemanha e voltou... porque ele ficava aqui e aí não queria mais... daí, ele ficava um tempo e voltava... eles foram antes da Primeira Guerra Mundial... Estourou a guerra e eles tinham alugado um apartamento em Hamburgo... acabaram comprando um que tinha sido do Consul alemão... e só puderam voltar quando acabou a guerra...” (áudio, apêndice nº 1).

<sup>95</sup> Visando deixar bem claro o núcleo familiar de Erwin, o narrador do álbum dos Hatschbach como se verá mais adiante, é possível consultar a árvore contida no anexo nº 13.

<sup>96</sup> Tendo em vista o volume do documento, o anexo se concentra no ramo familiar de Luci (anexo nº 26).

<sup>97</sup> O texto organizado por Kyrme, bisneto de Rodolpho, foi elaborado com finalidade de ser publicado, mas essa publicação ainda não foi efetivada. Ronald Kyrme se encontra na posse das tiras originais que compõem esse conjunto de memórias.

movimento. Eu trabalhava das 6 da manhã até as 10 da noite, tendo vários auxiliares, como tio Guilherme, Benjamin Zilli, que era aprendiz, e assim vários outros”.

Em várias passagens de jornais do início do século XX se fazia referência à empresa do senhor Rodolpho. No número 698 de 1908 do Jornal A Notícia, por exemplo, o nome da empresa (R. Hatschbach & Irmão) aparece na lista de industriais que iriam participar da Exposição Nacional de 1908 no ramo de calçados.

Outras notas publicadas no início do século XX também reforçam que a família Hatschbach estava bem estabelecida em Curitiba e que se tornara conhecida a ponto de ter, em 1902, o registro de um furto em seu estabelecimento noticiado no jornal:

Hontem à noite a casa dos srs. Rodolpho Hatschbach & C.<sup>a</sup>, sita á rua do Riachuelo n. 36, foi visitada por um audaz gatuno que uzando de chaves falsas penetrou no estabelecimento pela porta da frente.

Não dormindo pessoa alguma na casa, tentou o ladrão arrombar a burra, que não conseguiu.

De uma gaveta do balcão foi subtraído 70\$000 em dinheiro.

O sr. commissario Paulo Assumpção tomou conhecimento do facto e iniciou as diligencias necessarias para a descoberta do criminoso (anexo nº 14).

Além disso, é possível observar em um curioso anúncio que indica um litígio envolvendo o Sr. Hatschbach e seus funcionários sapateiros, o espaço que a empresa da família ocupava (por conta da atividade econômica desenvolvida) na Curitiba do início do século XX. O impasse com os funcionários rendeu uma série de notas com direito a réplicas e tréplicas entre a Liga dos Sapateiros e a empresa Hatschbach durante o mês de julho de 1906, todas publicadas no jornal A Notícia.

De acordo com texto publicado na edição nº 211 de 1906, consta que Rodolpho, pressionado em relação aos valores pagos aos seus funcionários, teria dito que: *“Eu non aumenda... eu prefirrra pusca no Allemania téz ou finde officials pem pea, de primerrra, e no pagou um mim reis para mais a este sapaterrra que non presta”* (texto na íntegra no anexo nº 15).

Como se pode observar, embora o senhor Rodolpho tenha tido uma série de contratemplos em seus negócios, preferiu registrar em suas memórias momentos que lhe conferem, inclusive, certo grau de heroísmo, como na passagem em que narra ter sido detido pelos revolucionários na guerra da Lapa e ter conseguido retornar ileso para Curitiba, após ter sua carga de mercadoria apreendida quando de uma tentativa de abastecimento de seus clientes militares<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> Consta nas memórias que “[...] Como estava ficando a situação bastante crítica, e o comandante necessitava de novos reforços, mas não tinha comunicação, ficou então feito um plano para que nós, Roberto, meu sogro, mais três pessoas e eu, à noite batêssemos em retirada. Levaríamos pedidos por telegramas e outros documentos,

O nascimento dos filhos, a evolução do patrimônio e as viagens são motivos de atenção e indicam que o senhor Rodolpho não tinha nenhum receio em se deslocar pelo país e para o exterior. Em duas passagens dá ênfase às travessias marítimas:

Mais tarde, em 1914, as nossas bodas de prata festejamos em alto-mar. Nessa ocasião, levei a família toda para a Alemanha, fazendo residência em Hamburgo, para dar-lhes uma educação nas escolas etc. etc. A família era composta dos filhos e filhas: Alzira, Elfrida, Alice, Rudi, Alfonso e Tito, porque deviam ter o mesmo direito que o filho mais velho. Infelizmente rebentou a Guerra, e puderam só aproveitar 2 anos e meio, quando nos vimos obrigados a voltar para a nossa Curitiba.

Quero ainda mencionar quantas vezes atravessei o oceano, o grande mar. Em 1872/81 e 82 [sic]: quando da primeira viagem, e em 1881/82 quando voltamos para a Áustria, e de novo de volta a Curitiba. As seguintes viagens foram parte só e parte com Mamãe ou com a família: 1896, 1899, 1901, 1903, 1905, 1908, 1908, 1911, 1914, 1921, 1927 e 1930 (anexo nº 27).

Portanto, é dessa família que a doadora Luci descende e da qual o álbum de fotografias ora estudado, o MP 8990, aqui nominado álbum da família Hatschbach, de certa forma, cuida de dar continuidade à história.

---

contando da crítica situação, e pedindo urgência de reforços. Um velho caboclo serviu-nos de guia para a fuga pelos matos. E assim fizemos. Tudo ia muito bem, e já eram 9 horas da manhã, e já nos achávamos salvos, quando de repente ouvimos uns apitos, e não demorou para estarmos nas garras dos revolucionários. Quem fez a minha prisão foi um Capitão Walauer [?], da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul. Tudo o que nos podia comprometer, como telegramas e outros documentos, por segurança tínhamos decorado, rasgado os mesmos e posto fogo. Eu, por minha parte, tinha uma bolsa de viagem contendo faturas e seis contos de réis em dinheiro. Pelo dito capitão fui revistado e aliviado de todos os valores, além de um relógio de ouro com corrente, com um medalhão que era uma onça, de grande valor. Por fim, queria me tirar as botas para eu ficar descalço. Implorei, e consegui por intromissão de outros, que me deixassem calçado. Com Roberto fizeram a mesma cousa. Depois de realizado esse drama, nós dois, como chefes da turma, fomos amarrados juntos num laço, este amarrado na cincha do cavalo. Dali nos levaram ao acampamento deles. Essa viagem levou mais ou menos umas 10 horas, passando por valas e rios, e tínhamos que acompanhar correndo muitas vezes, se não levar-nos-iam de arrasto (grande brutalidade). Roberto desmaiou várias vezes, implorava se eu não tinha um canivete; queria cortar as veias porque achava que não podia mais suportar as torturas. Mas eu ia sempre firme e com coragem. Os outros nossos companheiros presos iam escoltados soltos [...]” (anexo nº 27).

### 3.3.2.2 O álbum dos Hatschbach

FIGURA 33 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE CONTRACAPA



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>99</sup>.

O álbum da família Hatschbach, registrado sob o n° 8990 no Museu Paranaense, faz parte, como visto, do conjunto de objetos doados por Luci Berta Hatschbach, em 2014<sup>100</sup>. O álbum mede 24,5 cm de altura por 32 cm de largura, possui 36 páginas de papel acartonado cinza<sup>101</sup> (ao contrário do que consta na ficha cadastral – 40 páginas) com entrefolhamento em papel de seda já com sinais de bastante oxidação e perda nas bordas. A capa é em corino preto texturizado, com as bordas pespontadas com contracapa também em papel acartonado cinza. A fixação das folhas se dá através de dois furos na extremidade esquerda do álbum sob os quais passa um cordão marrom.

São 281 fotografias em preto e branco, de formatos bem variados distribuídas em uma média de quatro a nove fotos por página. A maior parte das legendas encontra-se nas folhas-de-seda e foi escrita à caneta ou a lápis (além de aparentemente terem sido escritas em momentos distintos como se observa no destaque abaixo, em que a mesma foto recebe

<sup>99</sup> Jessie Bardal e Erwin Hatschbach, fotografia sem indicação de autoria, local e data.

<sup>100</sup> Consta como data de aquisição no acervo do Museu Paranaense o dia 05/05/2015, data de entrada o dia 25/11/2014 e data da incorporação o dia 01/07/2015, conforme dados constantes no cadastro junto ao *Pergamum* (anexo n° 1).

<sup>101</sup> O número total de páginas e fotografias aqui descrito difere do número lançado no *Pergamum*, o que será objeto de uma sugestão para correção do texto lançado no sistema.

legendas a lápis e à caneta, com caligrafia com traços diferentes e com grafia distinta para a mesma palavra: a praia de Matinhos aparece com “tt” na legenda feita a lápis). As anotações à caneta parecem ter sido escritas mais apressadamente se comparadas aos traços mais desenhados das legendas a lápis:

FIGURA 34 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 3 COM ENTREFOLHA DE SEDA



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 35 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 36 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE LEGENDAS P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

O álbum em questão possui fotos datadas do período compreendido entre 1928 e 1947 e foi montado pelo pai da doadora, Erwin Hatschbach. De acordo com as informações fornecidas quando da entrevista em 23/08/2018, Luci menciona que seu pai possuía várias

câmeras fotográficas: “*foi cada vez comprando uma... mais moderna*” (entrevista, apêndice nº 2). O hábito paterno de fotografar a família ficou registrado em sua memória, assim como o ritual de a cada nova leva de fotografias, adicioná-las ao álbum: “*aí assim pelo que eu me lembro... quando tirava fotografias... novas fotografias... das redondezas de Curitiba... que a gente passeava muito... nos domingos fazia piquenique... tirava fotografia, aí punha no álbum...*” (entrevista, apêndice nº 2).

Especialmente sobre o álbum em questão, Luci menciona ter sido “*um álbum que marcou muito a família... que naquela época não faziam tantas fotografias, né?... então era uma coisa assim que a gente gostava muito de olhar... então tava (sic) à disposição*” (entrevista, apêndice nº 2). Chamou também a atenção da doadora a forma cuidadosa como o pai tomava conta do álbum “*e meu pai era muito cuidadoso, punha data, punha o nome das pessoas, os lugares...*” (entrevista, apêndice nº 2), destacando que as legendas nele contidas foram todas escritas pelo punho de seu pai, Erwin.

No tocante a circulação privada do álbum, a doadora esclareceu que ele permaneceu na posse de seu pai até o falecimento, em 2000, passando então para as mãos de Luci, que entendeu ser mais interessante doá-lo ao Museu pelas razões já mencionadas anteriormente.

Quando do primeiro contado com este álbum (e com todos os demais), chamaram a atenção os bilhetes (*post-it* amarelos)<sup>102</sup> colados em algumas das páginas do álbum. A partir dessas informações, além das contidas no sistema *Pergamum* do Museu Paranaense, iniciaram-se a pesquisa e a digitalização deste álbum (bem como dos outros dois objetos desta pesquisa).

Os *post-it*, como o que consta no detalhe a seguir, foram encontrados nos três álbuns, indicando sempre a qual família pertencia o álbum, alguns personagens e locais. Ao longo da pesquisa, descobriu-se que foram afixados nos álbuns quando da conversa realizada entre a historiadora do Museu, Tatiana Takatuzi, e Luci, na oportunidade que gerou a gravação do áudio já comentado<sup>103</sup>, transcrito em anexo.

---

<sup>102</sup> Importante esclarecer que quando da digitalização, os *post-its* foram removidos com autorização da responsável, a historiadora Tatiana Takatuzi, tomando-se, no entanto, o cuidado de salvar uma cópia com a digitalização deles.

<sup>103</sup> Importante destacar que no caso deste e dos demais álbuns doados por Luci Hatschbach, mesmo tendo sido, neste caso específico, doados diretamente por um membro da família para um Museu, tem-se que, não fosse esse cuidado da historiadora do Museu Paranaense (ainda que de forma precária em razão da estrutura daquela instituição) quando da entrada da doação, o álbum certamente estaria fadado a figurar como um objeto “curioso” (já que cada vez menos se ampliam as fotos e se montam álbuns de fotografias), pois pouco ou nenhuma informação complementar se conseguiria extrair das poucas legendas (na maioria indicando apenas local e data).

Na ocasião desta conversa, a ideia foi aproveitar a ida de Luci ao Museu para assinar os termos de doação a fim de extrair o maior número de informações possíveis dos itens selecionados por Tatiana, tentando dar sentido ao conjunto de itens que cabiam ao setor de História do Museu. Contudo, por se tratarem de fotografias, com exceção das fotografias que tiveram esse acréscimo de informação fornecida por Luci firmados nos *post-its*, as demais indicações feitas acabaram se perdendo, porque através do áudio não se consegue localizar a quais fotos exatamente Luci se referia ao longo da conversa gravada.

Porém, das anotações feitas por Tatiana Takatuzi, como abaixo, que indica “fábrica, metalúrgica do pai e tio”, é que se buscou, na sequência da pesquisa, localizar entre os demais itens doados, documentos que pudessem complementar a narrativa fotográfica exposta no álbum (o que foi mais adiante complementado com a entrevista filmada que foi transcrita no apêndice nº 2 como já mencionado).

FIGURA 37 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 6



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Ao longo da pesquisa, identificou-se que dentre os itens doados por Luci não constam certidões de nascimento ou outros documentos capazes de individualizar (através dos nomes completos, datas de nascimento e/ou óbito) todos os personagens do álbum. Desse modo, decidiu-se por concentrar os esforços a fim de se identificar quem seriam os personagens principais para, na sequência, com a aplicação dos descritivos icônicos já

mencionados, identificar quais temas essa família privilegiou registrar (assim como as famílias Mueller e Essenfelder também).

Sobre a forma como o narrador desse álbum, Erwin Hatschbach<sup>104</sup>, conta a história de sua família, é interessante observar que desde o início resta claro que o álbum (como já visto na Figura 6, onde consta uma foto do casal Erwin e Jessie na contra capa) vai abordar momentos de Erwin ainda solteiro, momentos que antecedem seu casamento, como o seu noivado, por exemplo, até os passeios com as filhas um pouco crescidas.

É possível verificar que o álbum está organizado em pequenas micronarrativas, que às vezes ocupam uma página inteira com quatro ou mais fotografias (hipótese da página 3 em que se vê uma série de registros de passeios, cujos locais indicados variam entre litoral paranaense, Santa Catarina e sítios, sendo que só a foto central indica a data, 1930) ou, ainda, com um arranjo de apenas duas fotografias, como ocorre já na página 2 do álbum, em que o noivado do casal Erwin e Jessie<sup>105</sup> aparece em duas fotografias que dividem espaço com outras duas imagens, onde há um grupo grande de pessoas e uma legenda indicando “Matinhos, 1932” (a seta abaixo indica como a disposição da micronarrativa noivado foi disposta na diagonal ao longo da página do álbum):

FIGURA 38 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 2 E 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

<sup>104</sup> Ver a árvore genealógica do núcleo familiar de Erwin no anexo nº 13.

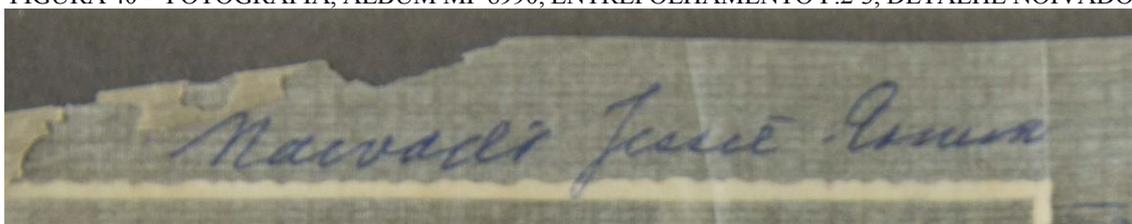
<sup>105</sup> Jessie e Erwin casaram-se em 10 de abril de 1937, de acordo com averbação lançada na matrícula do imóvel do casal, conforme se extrai de documento doado ao Museu Paranaense (MP. 8898 – anexo 16).

FIGURA 39 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 2, DETALHE NOIVADO



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 40 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, ENTREFOLHAMENTO P.2-3, DETALHE NOIVADO



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Das 281 fotografias que compõem o álbum, 250 foram feitas em ambiente externo e 31 em ambiente interno, destas, 29 em estúdio, com predominância para retratos 4x4. Algumas páginas do álbum como a página 5, por exemplo, ganham ares de galeria de retratos (ilustrando que o hábito de trocar e presentear com retratos os amigos e familiares ainda era comum no final da primeira metade do século XX), já que estão concentrados no mesmo espaço:

FIGURA 41 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Embora quando da entrevista a doadora tenha afirmado inicialmente que, especificamente sobre esta página de retratos, teria recordação de quase todas essas pessoas, indicou com precisão apenas o avô Albino Hatschbach Sobrinho e avó Edwig Garmater Hatschbach (Heta Hatschbach, como consta na legenda). O mesmo ocorre com a foto do período em que Erwin serviu o exército. Na página 7, com uma legenda a lápis no entrefolhamento que permite extrair apenas o ano “1931”, Luci indicou seu pai no retrato central, em pé à direita e na última foto da página, como destacado a seguir:

FIGURA 42 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Há no álbum uma clara valorização dos momentos de lazer representados por um grande número de fotos de viagens. São 125 fotos de viagens e 74 fotos de passeios (constatadas a partir das legendas identificando os destinos), sem contar as muitas fotografias de paisagens e vistas (sem a presença de qualquer figura humana). Das 203 fotografias que possuem legenda, a maioria foi feita no sítio da família, que fica na região metropolitana de Curitiba, e no litoral do Paraná, indicando que a família frequentava bastante as praias:

FIGURA 43 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 36



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Sobre as muitas fotografias feitas no litoral, Luci afirma que costumavam ir “*muito pra praia*”, “*pelo menos uma vez por mês... ficavam alguns dias na praia... pelo menos... porque meus avós gostavam muito e meus pais também...*” (entrevista, apêndice nº 2).

Embora seja possível reconhecer claramente Luci e Leda em algumas fotos do álbum, é apenas em uma, justamente na praia, que Luci se identifica com precisão quando folheia o álbum no dia da entrevista. Na foto em questão, Luci está com sua irmã mais velha Leda, posando com a bicicleta na beira do mar:

FIGURA 44 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 12



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

No álbum chama a atenção uma viagem de navio para Buenos Aires, em 1934, passando pelo Rio Grande do Sul, “Bahia de Agostini”, Magalhães, entre outros lugares visitados, conforme roteiro extraído das legendas contidas no álbum. Ao todo, são sete páginas destinadas a essa micronarrativa da viagem feita por Erwin ainda solteiro. Dessas fotografias, cinco pequenas imagens, como a da página 11, são retratos do grupo que viajava com Erwin, sem qualquer detalhe nas legendas quanto a quem seriam e, as demais fotos, vistas das paisagens por onde passou, com se pode observar nas fotos seguintes:

FIGURA 45 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 11



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 46 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 21



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

É possível constatar, também, que o narrador do álbum, senhor Erwin, dá ênfase muito grande ao registro do patrimônio amealhado pela família e familiares: casas na capital, no litoral, na área rural, bem como destaque para os negócios da família. Uma sequência de imagens destacada por Luci, quando da entrevista, foi a de simbólicas fotografias de Jessie no portão da casa de seus pais, ao lado de uma fotografia de Erwin no portão da casa onde morariam e que acabara de ficar pronta<sup>106</sup>:

FIGURA 47 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 28



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

---

<sup>106</sup> As legendas na entrefolha indicam sobre a foto de Jessie “1-3-37” e “R. Ângelo Sampaio”, e na foto de Erwin “29-03-37” e “R. Pe. Ildefonso”.

As duas fotos estão logo após de uma sequência de 8 fotografias que ilustram o processo de construção da casa do novo casal<sup>107</sup>. Esta casa, de acordo com a legenda<sup>108</sup>, está localizada na Rua Padre Ildefonso, nº 113, em Curitiba:

FIGURA 48 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 26



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Como visto ao longo das páginas anteriormente citadas, o narrador do álbum usava a concentração de duas ou mais fotos para alinhar suas micronarrativas, que contaram em verdade, como se verificou, a história da formação da família nuclear de Erwin, que incluiu fotografias de solteiro, dos tempos do namoro, do noivado e dos passeios com a esposa e filhas. Isto permite imaginar, inclusive pela já referida indicação da doadora de que não doou tudo que diz respeito a sua família, que existam outros álbuns e fotografias que versam sobre

<sup>107</sup> De acordo com outros documentos doados ao Museu Paranaense, o terreno onde a casa foi construída foi recebido por Jessie Bardal através de doação, enquanto ainda solteira, em 02/09/1913 (MP. 8895 – anexo nº 17), tendo sido a doação registrada em 10/10/1936, conforme transcrição do registro de imóveis nº 8568, que recebeu o número MP. 8895. Referido imóvel foi mais tarde vendido pelo casal através da escritura de compra e venda datada de 26/09/1986, arquivada no Museu sob o nº MP. 8889 (anexo nº 18).

<sup>108</sup> Consta na referida legenda: “construção da nossa casa”, “1936/1937”, “Rua Padre Ildefonso, 113”.

o mesmo período (por exemplo, um álbum de casamento e um referente ao nascimento e crescimento das filhas).

Importante ressaltar que, como visto no primeiro Capítulo, talvez o narrador tenha sido econômico nas legendas em razão de supor, talvez, que seus descendentes seriam capazes de complementar oralmente a narrativa fotográfica exposta ao longo de todas as páginas. Como ficou demonstrado, a tarefa de leitura é difícil para a descendente/doadora, seja porque não estava presente em muitos daqueles eventos anteriores ao seu nascimento, seja porque os apagamentos da memória são algo natural diante da passagem do tempo.

Por outro lado, a circulação do álbum dentro da família de Luci garantiu que histórias não registradas nas fotografias ficassem gravadas em sua memória como no trecho da entrevista em que recorda (quase como se estivesse presenciado), ao se deparar com a figura acima, da página do álbum que trata da construção da casa dos pais, que:

*Ah, aqui é a construção da casa dos meus pais... da Padre Ildefonso...porque quando eles casaram, que a casa ficou pronta...eles, justamente naquele dia do casamento era a inauguração da Igreja Santa Terezinha...então, tava (sic) tudo arrumado assim...com grama no caminho, tudo limpinho...e com bandeirinhas...e assim, coisas pra homenagear a igreja que (sic) tava sendo inaugurada...*

O recorte feito pelo narrador, por fim, ainda que tenha registrado apenas momentos positivos vividos por ele no período identificado nas fotografias (1929–1947), é extremamente rico em termos imagéticos, porque abarca diferentes temas, lugares e pessoas.

### 3.3.3 O álbum da Família Mueller (MP 8983)

#### 3.3.3.1 Uma pequena história da família Mueller

O suíço Gottlieb Mueller, nascido em 1843, imigra para o Brasil e se estabelece em Curitiba em 1877, após casar-se com Ana Maria Baumer. O casal teve sete filhos: Rodolpho, Oscar, João, Adolpho, Alfredo, Ana, Sofia e Maria. Já no ano de 1878, Gottlieb instala uma ferraria na saída de Curitiba, que mais tarde ficará conhecida como a Mueller & Filhos, uma importante indústria de fundição. A empresa, que seguiria administrada por seus herdeiros, continuou ativa até meados da década de 1970, quando fechou por motivos financeiros, dando lugar a um shopping center que acabou usando o nome da família – Shopping Mueller.

João Mueller, por sua vez, é justamente o personagem principal do álbum doado por Luci, com sua esposa, Helene Mueller e os filhos, Gaston e Lilianne.

Como mencionado, a doadora aponta que o álbum chegou às suas mãos por conta de seu ex-marido, Rubens Mueller, neto de João, filho de Gaston Mueller e Cecília Essenfelder. O álbum teria sido “*feito pela vó dele*” (avó de Rubens). Ainda sobre a família do ex-esposo, Luci afirma que João Mueller, na época dos registros fotográficos contidos no álbum, foi “*diretor do Mueller Irmãos... onde hoje é o shopping Mueller [...]*”. Sobre Helene Mueller, esposa de João, a doadora menciona que ela “*era suíça e casou com ele que andou por lá uns tempos... também era suíço*”.

Porém, como não foram doados outros documentos capazes de identificar nomes completos, datas de nascimento e óbito e demais dados do referido ramo familiar, a leitura do álbum seguiu a mesma metodologia aplicada ao álbum dos Hatschbach, privilegiando os registros fotográficos e legendas, como se verá a seguir.

### 3.3.3.2 O álbum da família Mueller

FIGURA 49 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 35



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>109</sup>.

O álbum da família Mueller, registrado sob nº 8983 no Museu Paranaense, faz parte do conjunto de objetos doados por Luci Berta Hatschbach, em 2014<sup>110</sup>. O álbum mede 27,6

<sup>109</sup> Na foto, o núcleo familiar objeto do álbum, o casal João Mueller e Helene Mueller e os filhos Gaston e Lilianne, 1919, São Paulo.

<sup>110</sup> No acervo do Museu Paranaense consta como data de aquisição o dia 05/05/2015, data de entrada o dia 25/11/2014 e data da incorporação o dia 01/07/2015, conforme dados constantes no cadastro *Pergamum* - anexo nº 2.

cm de altura por 34,7 cm de largura, possui 40 páginas de papel acartonado cinza e verde com sinais de bastante perda nas bordas em razão do manuseio. A capa é em papelão com uma figura de uma casa com roda d'água colada no campo superior esquerdo. A fixação das folhas se dá através de dois furos na extremidade esquerda do álbum sob os quais passa um barbante marrom.

São 125 fotografias<sup>111</sup> em preto e branco e sépia, de formatos bem variados, além de um postal e dois cartões. As fotos estão distribuídas de duas a sete fotos por página e todas as legendas, assim como o conteúdo dos dois cartões, estão em alemão. A maior parte das legendas está escrita à caneta nas próprias fotos ou em seu entorno, diretamente nas páginas do álbum. Ressalte-se que muitas fotos estão faltando, cujos vestígios são comprovados pelas legendas que restaram ou pelos restos de cola que continuam fixados nas páginas.

O álbum em questão possui fotos datadas do período compreendido entre 1908 e 1919 e tem como narradora Helene Mueller, o que pode ser confirmado a partir de legendas como a constante na foto abaixo, que indica “a nova moradia do cunhado Oskar”:

FIGURA 50 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3

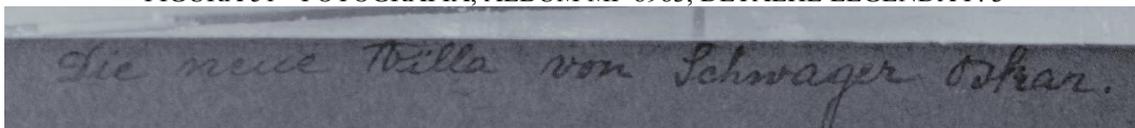


Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

---

<sup>111</sup> O número total de fotografias aqui descrito difere do número lançado no *Pergamum*, o que será objeto de uma sugestão para correção do texto lançado no sistema.

FIGURA 51 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE LEGENDA P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

De acordo com Luci Hatschbach, o casal João Mueller e Helene Mueller teria criado os filhos, Gastão e Lilianne, na Suíça, além de afirmar, quando da entrevista, que neste álbum apareceriam fotos desse período, inclusive sugerindo que a casa da família que aparece nas fotografias seria na Suíça:

*“mas chega um ponto que eles vêm pro Brasil... ó tudo isso, até a cruzinha da... da Suíça... [silêncio]... isso aqui já é... é Brasil... porque na Suíça não tem... acho que... pode ser que tivesse na rua... vou confirmar... e apesar do casal tá casado, né... o João Müller com a... esposa... ela ficava muito na Suíça... ela criou os filhos... vinha um pouco pra cá, ele um pouco pra lá... mas ficavam... criaram os filhos na Suíça...[..]) é tudo Suíça, sim... meu sogro menino... daí depois quando nasceu a [Lilian], casada com o Hauer... irmão do meu sogro... [silêncio]... aqui já é Brasil... aqui também já é Brasil... opa...” (entrevista, apêndice nº 2).*

Contudo, da leitura do álbum se extrai que boa parte do período narrado, senão durante todo ele, a família manteve residência em Curitiba. Além de verificar que o álbum apresenta é um significativo conjunto de fotos de Curitiba, ou que referenciam a cidade nas legendas, além de outros pontos passíveis de serem reconhecidos como localizados nesta capital, especialmente quando do nascimento dos filhos Gaston (15/02/1909) e Lilianne (17/05/1914), observa-se que, em ambos os cartões de anúncio de nascimento, consta como local a cidade de Curitiba:

FIGURA 52 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>112</sup>.

FIGURA 53 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 22



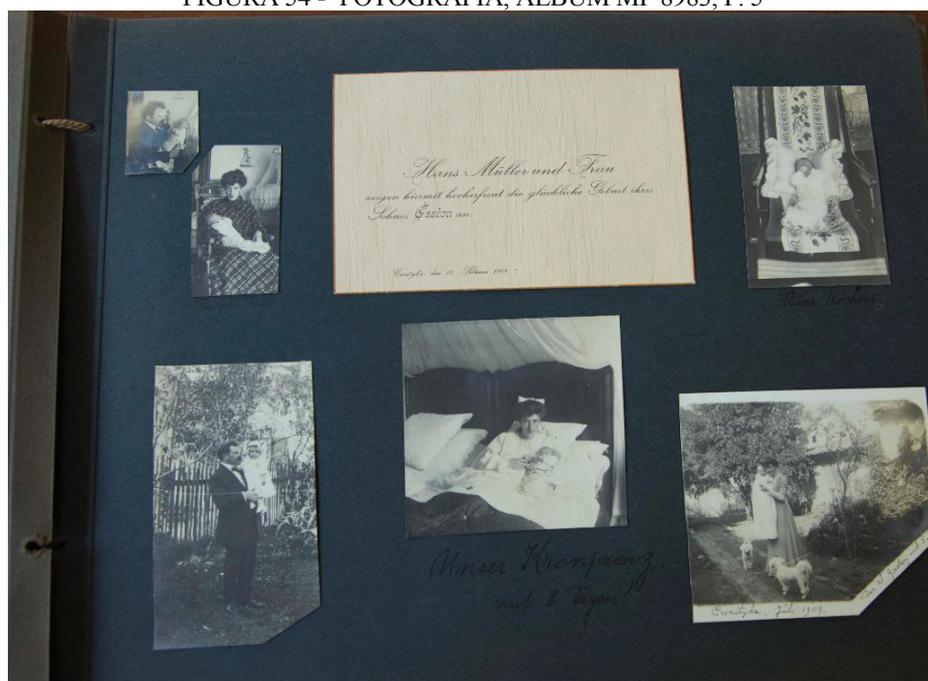
Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>113</sup>.

<sup>112</sup> Tradução do texto do cartão: “Hans Mueller e Esposa têm o prazer de anunciar o feliz nascimento de seu filho Johnes Gaston. Curitiba, 15 de fevereiro de 1909”.

<sup>113</sup> Tradução do cartão: “O feliz nascimento de uma menina anunciam Hans Mueller e Esposa. Curitiba, 17, mai 1914. Lilianne”.

Desse modo, é crível que, ao menos durante todo o período em que registram o nascimento dos filhos, a residência estava fixada em Curitiba. A última foto, inclusive, no canto inferior direito da página 5 indica textualmente “Curitiba, julho 1909” e “o pequeno Gaston com 5 meses”. A foto feita no jardim tem Helene segurando o filho Gaston no colo e os dois cachorrinhos da família aos seus pés:

FIGURA 54 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 55 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 5



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Desse modo, tomando como referência a história dos Hatschbach, que no início do século XX circulavam bastante entre Brasil e Europa, é possível que tenha ocorrido algo similar com os Mueller, o que não foi possível comprovar até o presente momento. Contudo, como a própria doadora menciona quando da entrevista, especialmente ao falar dos álbuns que pertenceram ao ex-marido, que *“eu tenho lá em casa mais uns álbuns desses que eu achei, que tão melhores que esses aqui...”* (entrevista, apêndice nº 2), em outro momento, com um novo recorte pode ser possível confirmar qual e por quanto tempo João e Helene teriam morando na Suíça. Assim, justificado porque se optou por manter o álbum de fotografia dos Mueller, mesmo após, na entrevista, a doadora suscitar dúvida sobre o local de residência destes no período registrado no álbum, é possível dar sequência em sua análise.

Das 125 fotos, 96 possuem registros variados do cotidiano familiar, sendo que a maioria das fotos foi feita no jardim da casa da família ou da casa de parentes. Logo nas primeiras páginas, como já visto no primeiro capítulo, além da delimitação através de uma legenda de que o álbum alberga o período de 1908 a 1919, há na página 3 destaque para o comércio da família (Figura 56).

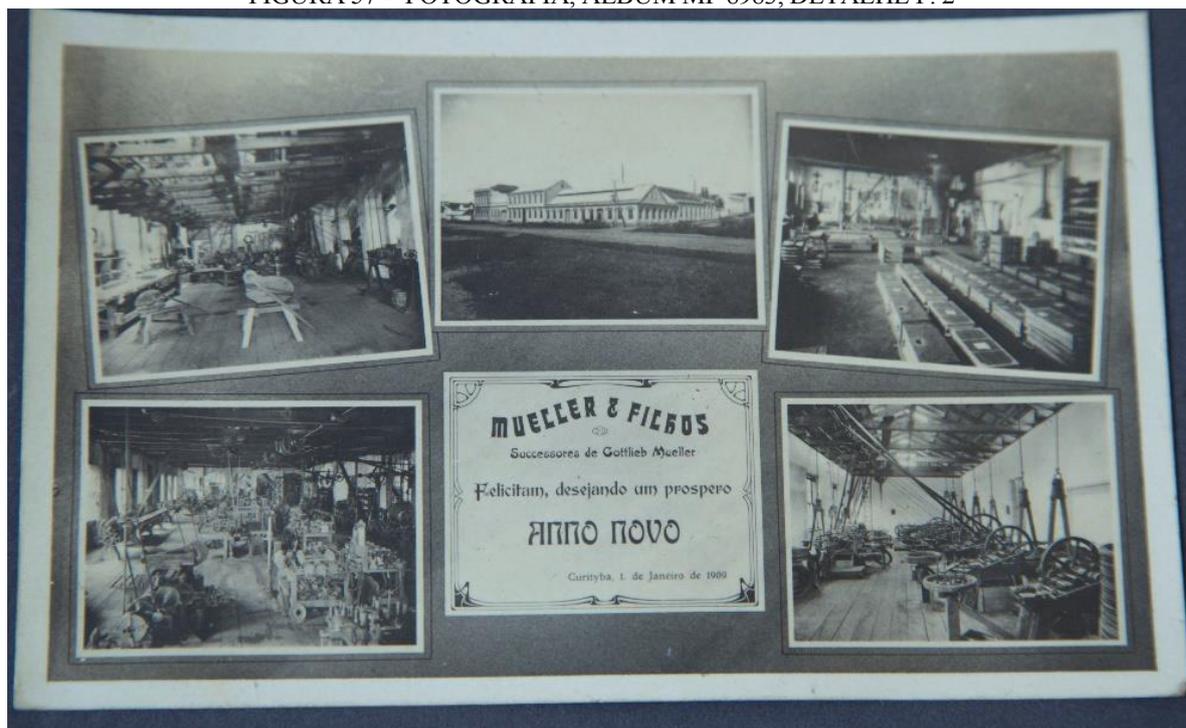
FIGURA 56 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Não é possível precisar em que ano a foto da fachada da Relojoaria e Ourivesaria Mueller foi feita, mas João posa na frente do estabelecimento, próximo da primeira porta, do lado esquerdo da imagem. Além disso, há na segunda página um cartão da empresa “Mueller & Filhos”, cujo texto central indica “Mueller & Filhos, sucessores de Gottlieb Mueller, felicitam, desejando um prospero anno novo, Curitiba, 1 de janeiro de 1909”:

FIGURA 57 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

As fotos sugerem, portanto, que para além de ocupar uma posição na fábrica da família com seus irmãos, João também tinha outros negócios, e a narradora fez questão de destacar os negócios da família já no início de sua narrativa.

Na mesma página 2, outras duas fotos parecem marcar o local onde Helene havia se instalado (isso tomando por base a informação da doadora Luci de que Helene era suíça) e do qual passa a contar a história de sua família. A primeira é uma vista do Passeio Público de Curitiba e a segunda, a foto de dois homens com trajes muito surrados, cujas legendas indicam “nativo da floresta” (logo abaixo da imagem) e “índios caigangs” (anotado sobre a foto, na lateral esquerda):

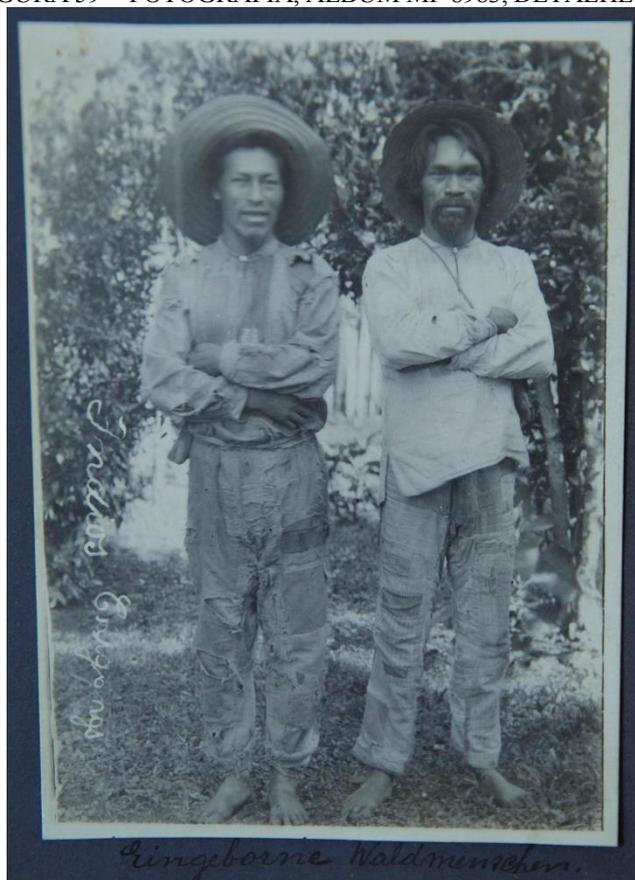
FIGURA 58 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2



*Passeio publico in Curitiba.*

Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 59 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 2



*Indians Crugema.*

*Uingeborne Waldmunchen.*

Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Ao todo, apenas cinco fotos do álbum foram feitas em estúdio, uma apenas sendo possível identificá-lo. E só uma foto de estúdio com a família completa, justamente a última, cuja legenda indica “in São Paulo Nov. 1919”:

FIGURA 60 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 35



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

O fato de apenas na fotografia de estúdio a família aparecer completa pode ser mais um vestígio de que todas as demais fotos foram feitas pelo casal, já que podem indicar que sempre um dos dois deveria estar operando o equipamento fotográfico. Além disso, o que corrobora a afirmação de que a família tinha sua própria câmera, para além da qualidade de muitas das imagens (com enquadramento que faz cortes de pernas, por exemplo), são fotos como a seguinte, cuja legenda indica “os primeiros passos na casa da vovó”. Observe-se que surge uma mão do lado esquerdo da imagem e um homem cortado logo atrás do pequeno Gaston:

FIGURA 61 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 11



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Nesta outra fotografia feita no mesmo dia da visita à casa da vó, é possível observar que no canto direito da foto alguém usa um boneco para chamar atenção de Gaston:

FIGURA 62 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 11



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Os temas que mereceram maior destaque foram os registros do crescimento dos filhos, das viagens e passeios e do patrimônio adquirido. Contudo, é possível afirmar que pelas molduras e recortes especiais, o destaque do álbum recai sobre a relação materno-paterno-filial, pois são várias imagens como a que segue, dando-se ênfase ao tema, inclusive com a revelação através de molduras especiais. Além de legendas como “nosso príncipe herdeiro com 8 dias!”, “a feliz mamãe”.

FIGURA 63 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 16



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Como já apontado por Armando Silva (SILVA, 2008), a família buscou registrar os momentos felizes (datas especiais, como batizados, Natal, Páscoa e passeios), com destaque significativo para as casas e empresas da família. Em contrapartida, o único indício de uma perda ou momento não feliz aparece na página 34 do álbum, onde uma pequena cruz foi desenhada e um nome (Fritz) foi indicado na legenda, remetendo a um provável falecimento como já mencionado no primeiro capítulo (figura nº 14). Ainda, é possível destacar uma foto

na página 6 tirada do túmulo da família (que também por ser lida como sinônimo de reafirmação da condição econômica privilegiada):

FIGURA 64 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE P. 6

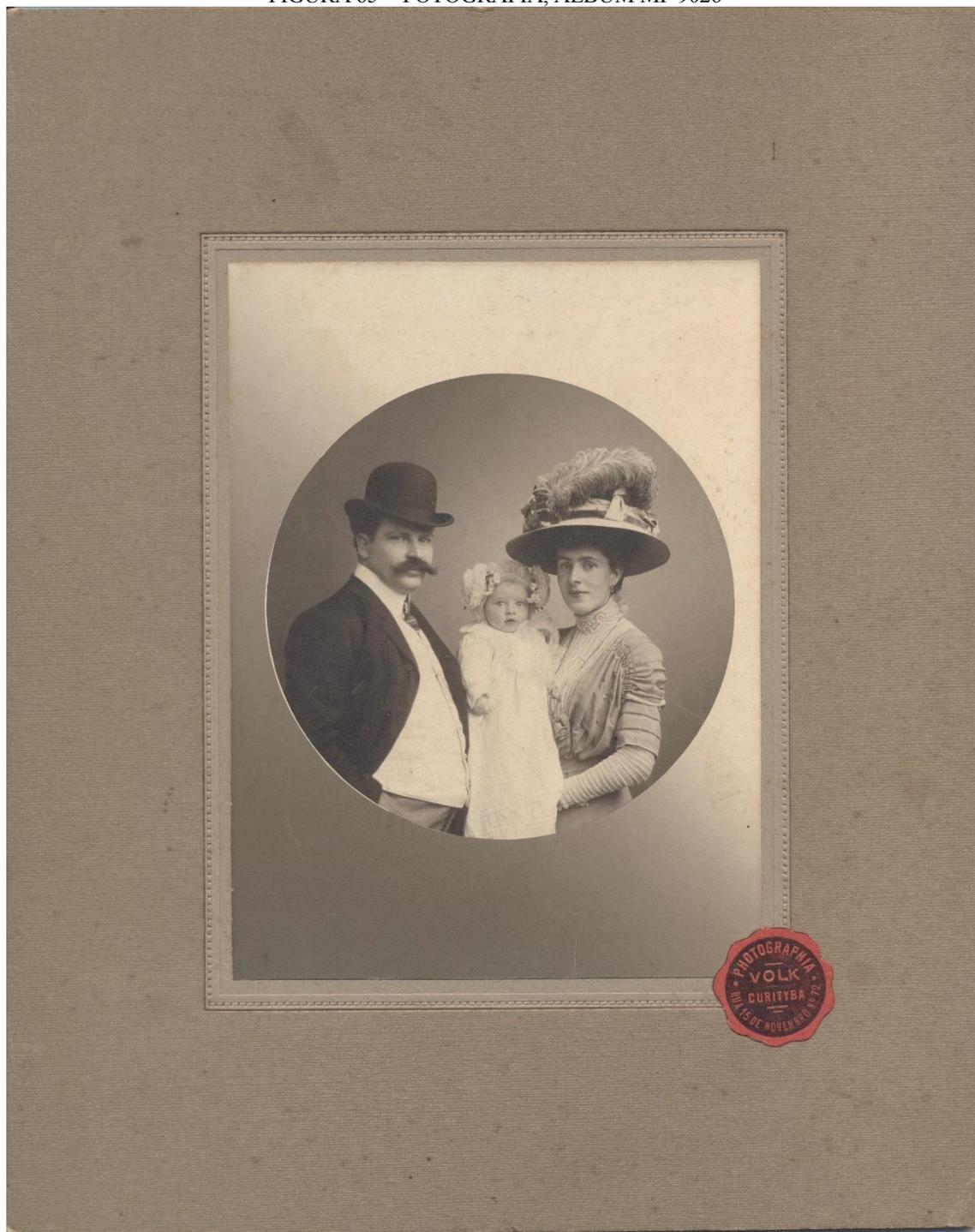


Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Como se pode observar, o álbum MP 8983, assim como o MP 8990, também está organizado a partir de micronarrativas, embora com menos imagens para cada novo assunto. Talvez por ser de um período anterior em relação aos demais, de circulação menor dos equipamentos e insumos para fotografia. Contudo, é possível perceber que a narradora dá ênfase a temas específicos ao longo de cada página, indicando claramente a continuidade do assunto tratado. Ainda, o uso de câmera própria, a revelação das fotografias em tamanhos e formatos emoldurados, bem como a existência de fotos feitas em estúdios, reforçam a circulação da fotografia em Curitiba, como já abordado neste trabalho.

Além disso, a foto abaixo (também doada para o Museu Paranaense) indica que os Mueller frequentaram e, provavelmente em mais de uma ocasião, o pioneiro Estúdio Volk. Embora não esteja datada, pode ter sido tirada no dia (ou em razão) do batizado do primeiro filho (provavelmente a segunda hipótese como se verá na sequência):

FIGURA 65 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9026



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Do batizado, restou apenas uma foto no álbum da família, na qual Gaston aparece sentado em uma rica poltrona de veludo (na legenda da foto “o batismo” e uma legenda “almoço de batismo no hotel Dolsky em Curitiba, 1910”, logo abaixo de onde estavam coladas outras três fotos), como pode se observa abaixo:

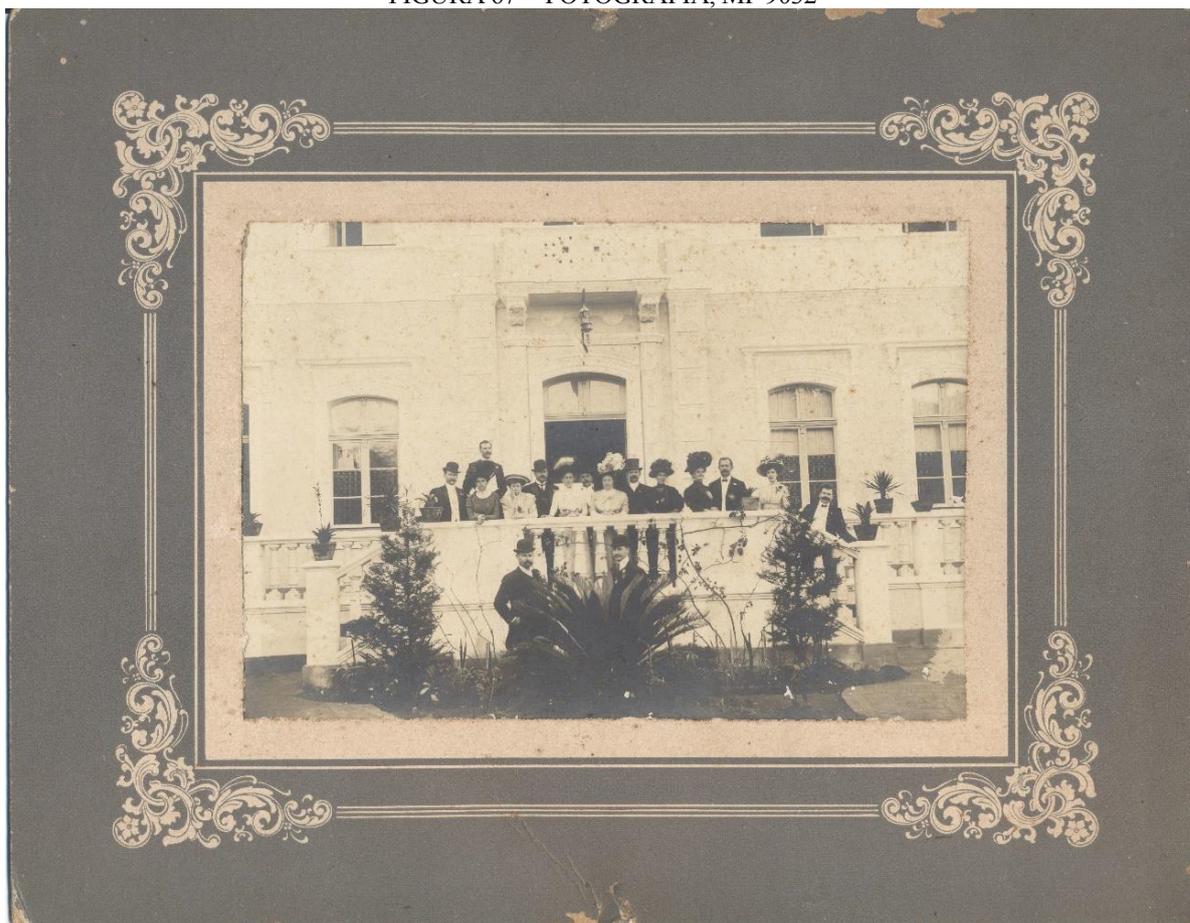
FIGURA 66 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Mas em outra foto também da coleção Luci Hatschbach, de um grande grupo de pessoas muito bem-vestidas, com trajes festivos que incluem penas nos chapéus das mulheres, há no verso a legenda “Batisado de Gaston”. Helene e João são o primeiro casal na escadaria do Hotel à direita da foto (a posição de João, inclinado na imagem por conta da escadaria, sugere que o fotógrafo que fez a fotografia no Hotel não tinha a mesma qualidade técnica do Estúdio Volk — que fez a foto/figura 65 —, pois deixou justamente o pai do batizando em pose desconfortável aos olhos, parecendo cair da imagem, sem contar a linha do horizonte, que claramente não foi observada. Talvez, portanto, a imagem não tenha sido feita por um profissional ou foi feita por um profissional de pouca experiência):

FIGURA 67 - FOTOGRAFIA, MP 9032



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

A primeira foto, do Estúdio Volk, muito provavelmente foi feita não no mesmo dia da festa do batizado, pois se observa que na foto do grande grupo, em frente ao Hotel Dolsky, Helene usa um arranjo florido que enfeita o colo de seu vestido. Além disso, João está de traje a rigor preto completo e usando uma pequena gravata borboleta, de modo contrário ao que aparece na foto posada em estúdio, em que nenhum detalhe aparece no vestido de Helene e João está com calças claras e gravata tradicional; o bigode de Gaston também parece estar mais desenhado na foto feita no estúdio. Ademais, é possível que tenha sido outro fotógrafo responsável pelo registro no dia da festa, já que o acabamento do retrato entregue pelo estúdio Volk é muito superior, incluindo até uma moldura costurada arrematando o retrato no papel cartão, acrescida do selo identificando o estúdio.

Ou seja, como nos dias atuais em festas de casamento, por exemplo, a família Mueller fez fotos da festa com sua câmera amadora, mas contratou um profissional para registrar oficialmente o evento que estavam comemorando e, por fim, ainda se dirigiram ao estúdio para garantir um retrato com qualidade impecável da família.

João Mueller faleceu em 26/04/1943, conforme nota publicada no Jornal O Dia (edição nº 6047):

FIGURA 68 - RECORTE JORNAL O DIA, 25/04/1943, ANO XX, Nº 6046 P. 2



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira<sup>114</sup>.

<sup>114</sup> Transcrição da nota de falecimento: “João Mueller. Ecoou dolorosamente nos meios industriais e sociais desta Capital, hontem pela manhã, a infausta notícia do falecimento do prestante cidadão e estimado industrial senhor João Mueller, Diretor-geral das importantes organizações Mueller Irmãos Ltda. e João Mueller & Filho Ltda., esta com Usina Siderúrgica, em Rio Branco, neste Estado.

Deixa o extinto viúva a senhora Helena Merz Mueller e era pae do Snr. Gastão Mueller, casado com a senhora Cecilia Essenfelder Mueller, e de dona Lilian Mueller Hauer, casada com o Snr. Edmundo J. Hauer.

Era o pranteado morto dotado de fidalgo coração, dedicando-se á pratica do bem e do trabalho.

Espírito empreendedor e dinâmico, fundou e tornou-se precursor da indústria pesada em nosso Estado, sendo considerado o ‘Pioneiro do ferro gusa paranaense.’

O seu prematuro desaparecimento vem abrir uma grande lacuna no seio da sociedade curitibana e, principalmente, junto á laborioza classe industrialista, da qual era membro de real destaque.

Hontem, ás 16 horas, com enorme acompanhamento, realizou-se o seu enterro no Cemitério Evangélico”.

A foto publicada junto ao anúncio de seu falecimento parece ter sido uma edição da foto abaixo, também doada ao Museu por Luci, retratando o casal Mueller com um pouco mais de idade se comparados aos retratos contidos no álbum:

FIGURA 69 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9020



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por fim, outras duas fotografias avulsas que compõem a Coleção Luci Hatschbach reforçam a afirmação de que os Mueller fizeram uso de fotógrafos profissionais e que viam na fotografia uma forma de registrar a família. Viúva, Helene continuou frequentando estúdios fotográficos como nas fotos a seguir, a primeira com todos os netos (incluindo Rubens, ex-marido da doadora Luci) e, a segunda, um retrato feito em Santos, em 1947.

FIGURA 70 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9021



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 71 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 9001



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Desse modo, do que se extrai da leitura do álbum dos Mueller e desse conjunto de fotografias avulsas que hoje faz parte do acervo do Museu Paranaense é que Helene foi uma mãe preocupada em deixar registrado para os filhos (e netos) um pouco da história da família<sup>115</sup>.

### 3.3.4 O álbum da Família Essenfelder (MP 8981)

#### 3.3.4.1 Uma breve história dos Essenfelder

Em 1889, Florian Essenfelder, então casado com Maria Jacomowski, imigrou da Alemanha (Berlim) para a América do Sul, estabelecendo-se inicialmente em Buenos Aires, onde abriu, em 1890, uma modesta fábrica de pianos. O casal teve seis filhos: Carlota, Floriano, Frederico, Carlos, Ernesto e Margarida. Com o falecimento da esposa e a dificuldade nos negócios, mudou-se para o Brasil, em 1902, iniciando suas atividades no Rio Grande Sul (Pelotas) e, mais tarde, fixando-se em definitivo em Curitiba, onde a fábrica foi instalada à Rua Ubaldino do Amaral, Alto da Glória, e lá funcionou até a falência, em 1996.

Em 1913 Frederico casou-se com Alvina Asmè e teve quatro filhos: Edith, Cecília, Esther e Alceu. Foi Frederico quem ficou à frente da fábrica do pai e gerenciou a F. Essenfelder & Cia. Ltda. por mais de quarenta e cinco anos.

No nº 1 da Revista Ilustração Paranaense, de 1933, há um bom resumo da atividade da fábrica de pianos:

Estabelecimento fundado em 1890. Seus productos honram a indústria nacional e rivalizam com os melhores estabelecimentos do estrangeiro. Os pianos verticaes Essenfelder estão hoje profusamente espalhados pelos Estados brasileiros e contam-se por milhares. Os grande cauda “Essenfelder” teem sido preferidos pelos concertistas de maior fama que visitaram o Brasil. Os pequena cauda “Essenfelder”

---

<sup>115</sup> Há ainda uma pequena poesia deixada para o filho Gaston em um caderno de recordações também doado ao Museu (este com apenas três páginas preenchidas) onde Helene escreve:

“Dois pais e um Deus!  
Dois pais têm um amado  
E um Deus, não mais...  
E quando não mais existirem,  
Numa outra vida ainda permanecerão.  
Meu amor  
Gaston  
Na lembrança de papai e mamãe  
[?], dez. 1920 (anexo nº 19)”.

figuram nos estúdios dos professores de mais renome do nosso paiz e tomaram o logar aos seus congêneres pela sua sonoridade e pelo dócil funcionamento de seu teclado (anexo n° 20).

Por seu porte, era constantemente objeto de referência nos jornais do período<sup>116</sup> e das páginas desses mesmos jornais foi possível constatar que a fabricação de pianos não só era a atividade econômica principal da família, como também era objeto de estudo. Cecília Essenfelder, a provável narradora do álbum da família aqui estudado, como se verá na sequência, é mencionada em mais de uma oportunidade por conta de suas audições de piano<sup>117</sup>.

Foi Cecília Essenfelder quem casou, em 1941 com Gastão Mueller<sup>118</sup>, o garoto do álbum dos Mueller, sogro da doadora Luci Hatschbach, como se extrai dos proclamas de casamento publicados no jornal *O Dia*. De certa maneira, são estes proclamas que iniciam a teia de acontecimentos que acabam por culminar com a doação dos álbuns objeto dessa pesquisa ao acervo do Museu Paranaense. É a partir do casamento de Gaston (Gastão) com Cecília que as famílias se cruzam de forma direta.

#### 3.3.4.2 O álbum dos Essenfelder

O álbum da família Essenfelder, registrado sob o n° 8981 no Museu Paranaense, também faz parte do conjunto de objetos doados por Luci Berta Hatschbach, em 2014<sup>119</sup>. O álbum mede 19,5cm de altura por 28 cm de largura, possui 44 páginas de papel acartonado cinza escuro preenchidas. A capa é em material emborrachado bordo, com o escrito “fotografias” em dourado, com uma foto na moldura que abre do lado esquerdo. A foto da capa tem a legenda “Curitiba – Ginásio” e a contracapa possui papel estampado floral em tons de vermelho e amarelo. A fixação das folhas se dá através de dois furos na extremidade esquerda do álbum, sob os quais passa um cordão bordô.

---

<sup>116</sup> As notas em anexo reforçam a importância da fábrica de pianos, anexos 21 e 22.

<sup>117</sup> Destas menções, destacam-se as duas notas que podem ser conferidas nos anexos 23 e 24.

<sup>118</sup> Os proclamas podem ser conferidos no anexo 25.

<sup>119</sup> Consta como data de aquisição no acervo do Museu Paranaense o dia 05/05/2015, data de entrada o dia 25/11/2014 e data da incorporação o dia 01/07/2015, conforme dados constantes no cadastro junto ao *Pergamum* (anexo n° 3).

São 67 fotografias em preto e branco e sépia, de formatos bem variados, distribuídas ao longo das páginas entre uma e cinco fotos por página, todas fixadas com cantoneiras e algumas páginas com marcas de que fotografias foram removidas. É uma média de quatro a nove fotos por página. São poucas as legendas, na maior parte dedicatórias.

A narradora deste álbum possivelmente é Cecília Essenfelder, como aponta a doadora Luci na entrevista. Cecília aparece já na primeira página, no canto inferior esquerdo, ladeada pelos irmãos Edith, Esther e Alceu. De acordo com Luci, o bebê da foto deve ser o filho(a) de uma das irmãs:

FIGURA 72 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 1



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Contudo, como são poucas as legendas e como sobre este álbum a doadora pouco se recordou, é possível que ele também possa ter sido montado por Alvina Asmé, esposa de Frederico Essenfelder, em razão de legenda como a que segue (o que pode ser reforçado pelo número de fotos de seus filhos, como já mencionado). Na dedicatória consta “À minha grande amiga D. Alvina ofereço esta recordação com todo afeto”, a assinatura está ilegível, mas a data indicada é “16-12-1932”.

FIGURA 73 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 9



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por conta da inexistência de legendas indicando as pessoas retratadas no álbum e valendo-se das indicações feitas pela doadora, as fotos concentram-se nos filhos do casal (Fred e Alvina), Edith (a primogênita de Frederico), Cecília, Esther e Alceu. Cecília, como mencionado anteriormente, casou-se com Gastão Mueller, Esther com Henrique Cunha Melo e Edith com Paulo Ehrl (a primeira filha do casal, Laís, foi apontada pela doadora em algumas fotos). No livro *A História dos Pianos Essenfelder*, Edith conta que

Vovô era de temperamento alegre e frequentemente reunia todos os netos em volta de um piano para cantarem, geralmente, músicas populares alemãs, que ele coordenava e regia. Cecília e eu éramos as escolhidas para o acompanhamento ao piano. Entusiasmado, ele encenava todos os gestos de um verdadeiro maestro e, assim, orientava a festiva audição musical (MELLO, 1982, p. 57).

Ainda que sem legenda e, portanto, sem datação e indicação de quem seriam as pessoas na fotografia, o piano, elemento de identificação da família Essenfelder pelas razões anteriormente expostas, aparece já na terceira página do álbum (foto do canto superior esquerdo), confirmando, portanto, seu papel de destaque para esta família:

FIGURA 74 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Com relação às legendas e datas, a primeira foto datada se refere a um registro feito na Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, em 1933, sendo que as demais fotos datadas correspondem a fotos feitas entre 1932 e 1937:

FIGURA 75 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 4



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Desse modo, como nos demais álbuns, prevalecem as fotos que indicam o crescimento das crianças da família, as viagens, sempre destacando o patrimônio e condição econômica privilegiada (na segunda imagem, que ocupa a página inteira, há um registro possivelmente de Esther Essenfelder e seu marido posando em frente as portas de um pequeno avião):

FIGURA 76 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 7



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 77 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 14



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por fim, a narrativa deste último álbum é mais simplificada talvez em razão do tamanho das fotografias (que ocupam em grande parte a página inteira do álbum) e da variedade das micronarrativas expostas, o que não afasta a clara intenção da família Essenfelder em também deixar registrado apenas os “momentos felizes”.

*“Vive-se em nossos dias atribuladamente e tão à beira do risco que mal dá tempo de parar para pensar, muito menos para recordar. Talvez por isso, sempre que mexo nos meus guardados e deparo com o velho álbum de família, detenho-me a lembrar até onde posso, e a querer penetrar num passado que nem sempre foi o meu. Pois datam as fotografias do começo do século – algumas de antes – não poucas retratam as pessoas que nem sequer cheguei a conhecer, mas das quais não me posso descartar. Parece-me um relicário que seria um sacrilégio destruir.”*

*(Elisa Lispector)*

## 4 ÁLBUNS DE FAMÍLIA E SEUS TEMAS PREVALENTES, ASPECTOS COMUNS E SINGULARIDADES

### 4.1 A VISUALIDADE DA FAMÍLIA NOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA

Armando Silva destaca que ao folhear um álbum de fotos de família

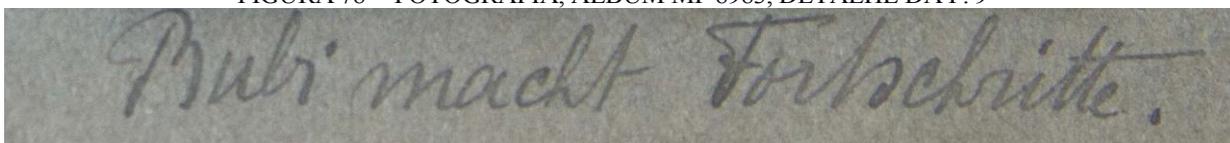
o que aos poucos vai se revelando sob toda a sua decomposta representação é nada menos que certa maneira de construir, para nós e para os outros, uma memória visual, da idade adulta para trás. Trata-se de *uma memória pensada para frente*, para o futuro. Imagens do futuro constituem o álbum, poder-se-ia dizer. Atrás da família está a pessoa, seu ídolo, com lugar em uma genealogia, uma geração em relação à outra. É a pessoa com corpo e rosto como principais fatores de identidade de si mesma. *O álbum nos torna conscientes, principalmente, de nosso próprio envelhecimento*, com o passar dos anos (2008, p. 48).

O caráter documental da fotografia, conforme demonstrado no capítulo anterior, repercute diretamente na fotografia de família. É possível afirmar neste ponto da pesquisa, que a linguagem fotográfica “profundamente calcada na realidade é documentalista por excelência” tal como observada por Paulo Borges (2009, p. 12) por todo o XIX, adentra a primeira metade do século, recorte temporal da presente pesquisa no que toca a fotografia de família.

Especialmente em relação a esse tipo de fotografia, a partir da leitura aqui proposta, o mesmo perfil documental parece estar presente com a aplicação dos descritores icônicos previamente estabelecidos. Os principais temas fotografados ao longo das 473 fotos contidas nos três álbuns objeto deste trabalho indicam que as famílias procuraram documentar alguns temas específicos, como se verá no tópico seguinte, restringindo os registros a pequenas passagens da complexa e longa vida de um núcleo familiar.

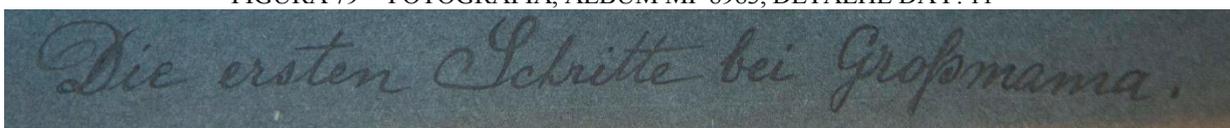
Esse conteúdo documental parece ser reforçado, sobretudo a partir da observação de algumas legendas em que, tanto no caso do álbum dos Mueller como no álbum dos Hatschbach, há ênfase na delimitação do local, data e ação, não necessariamente contendo todos os referidos dados em uma mesma legenda. No álbum dos Hatschbach, por exemplo, para além do que a doadora mencionou em relação ao cuidado do pai ao montar o álbum e indicar local e data, constata-se que ele realmente se preocupava de modo especial em indicar o local onde as fotos foram tiradas (como se observa na Figura 36). Já a narradora do álbum dos Mueller enfatiza muito as ações, apontando para os pequenos progressos no desenvolvimento dos filhos, como se verifica das legendas abaixo:

FIGURA 78 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 9



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>120</sup>.

FIGURA 79 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 11



Fonte: Acervo do Museu Paranaense<sup>121</sup>.

Se observados os períodos que os referidos álbuns abarcam (não ignorando que as famílias podem ter e possivelmente, pela entrevista da doadora, montaram outros álbuns), fica claro que os fatos registrados através das fotografias correspondem a poucos, mas certamente, porque incluídos no álbum, significativos momentos. Como já mencionado, entre 1929 e 1947 os Hatschbach reuniram em seu álbum 281 fotografias, já os Mueller, entre 1908 e 1919,

<sup>120</sup> Em tradução livre “Bubi evoluindo” (legenda da foto 29).

<sup>121</sup> Em tradução livre “Os primeiros passos na casa da vovó” (legenda das fotos 33-36).

incluiram em seu álbum 125 fotografias<sup>122</sup>, enquanto que os Essenfelder, entre 1932 e 1937 reuniram 67 fotografias em seu álbum.

Importante destacar também que, além do caráter documental da fotografia familiar encontrada nos álbuns ora estudados, o caráter comunicacional<sup>123</sup> também está presente neste tipo de suporte, pois enquanto dotado de uma narrativa visual, sua intenção é transmitir uma mensagem de dada família, cujo tipo, tomando o local do álbum (se circulando apenas no âmbito privado ou se migrando para o público como visto nos capítulos antecedentes), implica em uma mensagem, a partir da observância dos temas registrados, via de regra positiva.

#### 4.1.1 A aplicação dos descritores icônicos nos álbuns objeto da pesquisa

Da leitura dos álbuns, a partir da aplicação das categorias tratadas no item 2.4 do presente trabalho, resultaram as tabelas constantes nos apêndices 4, 5 e 6, cujos dados serão expostos nos gráficos a seguir, indicadores dos caminhos analisados para se apontar os temas mais recorrentes nas páginas dos três álbuns.

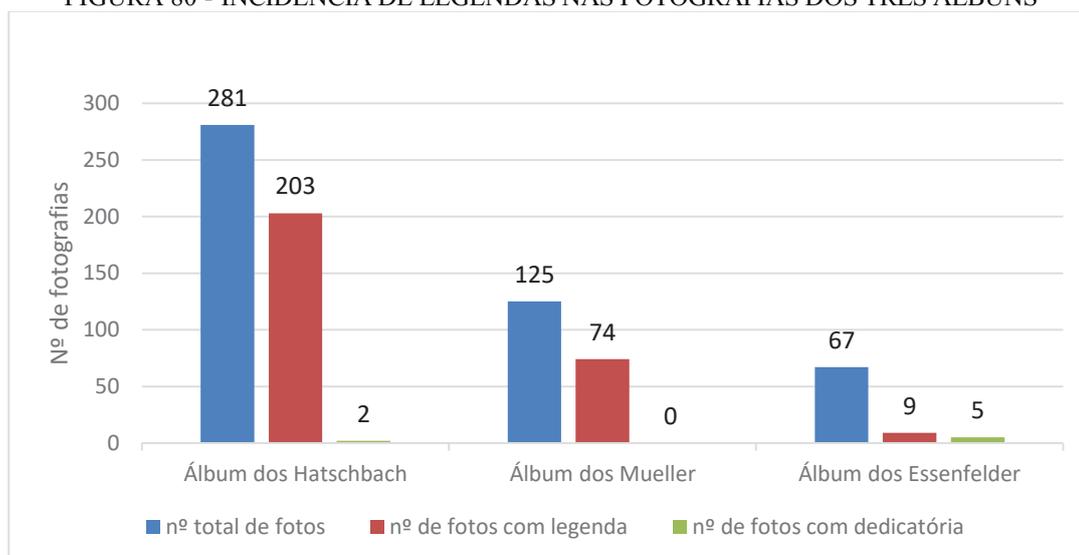
Com relação à existência de legendas, elas foram encontradas em número mais significativo nos álbuns das famílias Hatschbach e Mueller, sendo que apenas nove legendas estão presentes no álbum dos Essenfelder, destas, ainda, cinco são dedicatórias.

---

<sup>122</sup> No caso dos Mueller, como ficou demonstrado com o evento do batizado do pequeno Gaston, a família também recorria ao Estúdio no caso da foto posada dos pais e filho (Figura 65) para registrar o batizado, bem como para um fotógrafo profissional para registrar a festa, como na foto que reúne todos os convidados em frente ao hotel onde a família os recepcionou para um almoço (Figura 67).

<sup>123</sup> Manuel Fernandes, ao tratar de fotomontagens, diz que “qualquer narrativa, mesmo que sugerida visualmente, é um acto comunicacional e, na dependência do Poder pelo discurso, a sua veiculação através da potência simbólica da arte, envolve a mensagem moral ou ideológica numa adesão afectiva que favorece a persuasão do público” e acrescenta que assim como na publicidade “as fotomontagens nos parecem *enfáticas* e *francas*, pois tudo é intencional e organizado mediante um sentido concreto e preciso final” (2012, p. 57).

FIGURA 80 - INCIDÊNCIA DE LEGENDAS NAS FOTOGRAFIAS DOS TRÊS ÁLBUNS



Fonte: A autora, 2019.

Outro aspecto relevante é praticamente a ausência da indicação do fotógrafo (seja amador ou profissional). Foi possível observar claramente a presença de fotografias feitas em estúdio, como constatado na “galeria de retratos” já mencionada, que se encontra nas páginas 5 e 7 do álbum dos Hatschbach; apenas nessas duas páginas concentram-se 28 fotografias feitas em estúdio, a maioria 4x4. Contudo, mesmo quando se constata que a fotografia foi feita por um profissional, não é possível apontar qual, com exceção de uma única fotografia do álbum dos Mueller, um retrato do estúdio curitibano Photoprogresso:

FIGURA 81 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHES P. 33



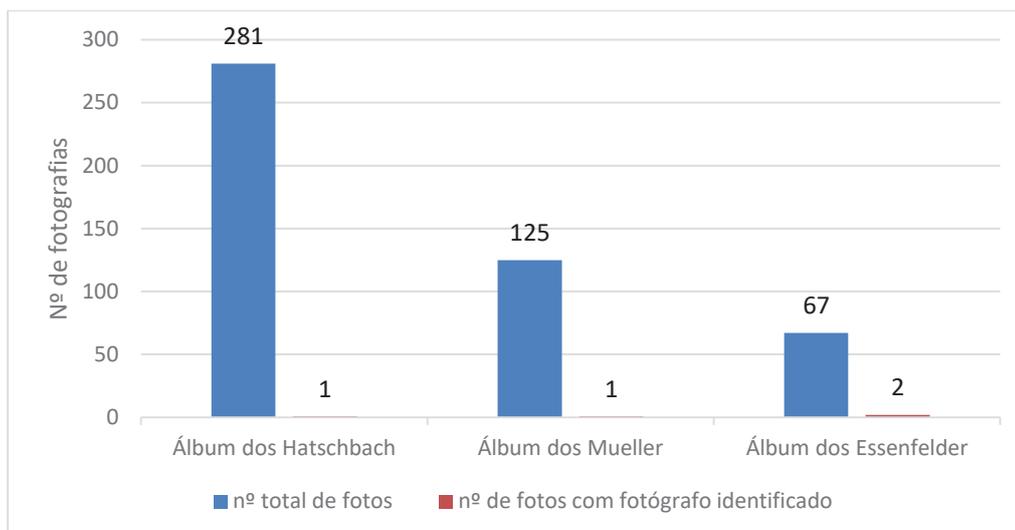
Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 82 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHES P. 33



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

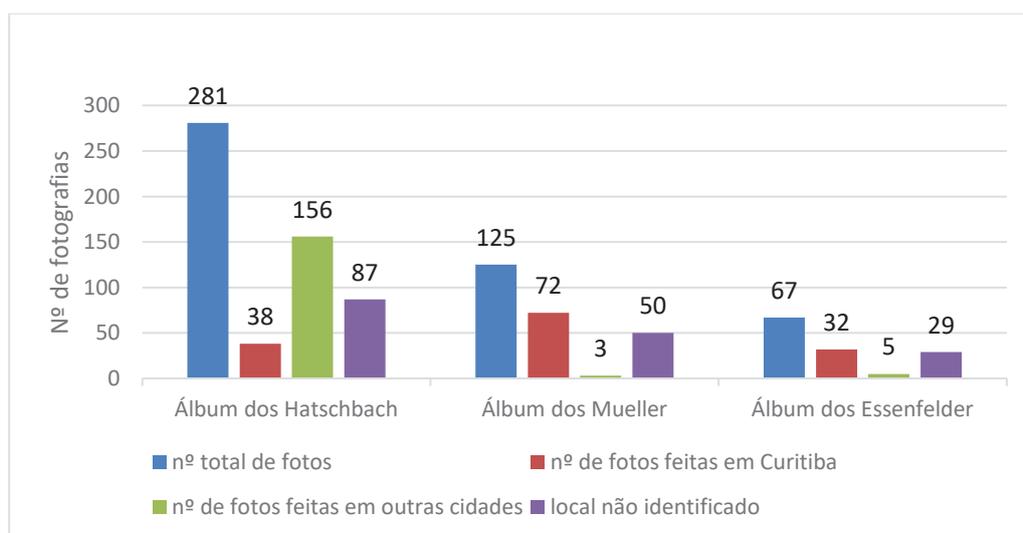
FIGURA 83 - FOTÓGRAFO OU ESTÚDIO



Fonte: A autora, 2019.

Com relação ao local em que as fotografias foram feitas, é possível observar que no álbum dos Mueller elas se concentram na residência da família, em Curitiba, em razão de o tema base girar sobre o nascimento e primeiros anos de vida dos filhos, ao passo que no álbum dos Hatschbach, as fotos se concentram em passeios e viagens. Já em relação ao álbum dos Essenfelder, a identificação do local restou mais difícil porque as fotografias dão mais ênfase a fotos cujos destaques são os personagens em enquadramentos que dificultam a identificação da localização:

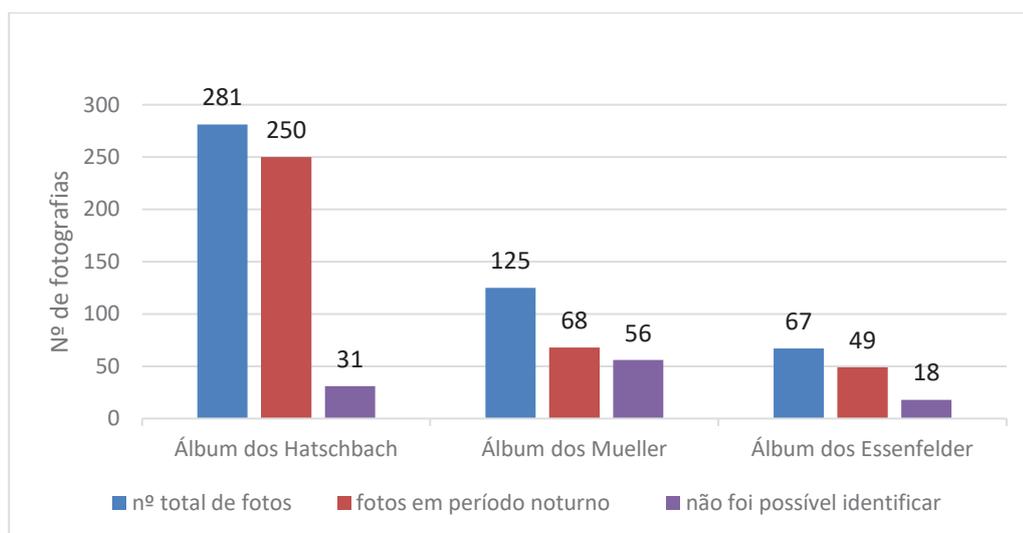
FIGURA 84 - LOCAL



Fonte: A autora, 2019.

No tocante à temporalidade, analisando os números colhidos, tem-se que predominantemente as fotografias foram feitas em ambiente externo e mesmo no caso do narrador e fotógrafo principal do álbum dos Hatschbach, com bom domínio da câmera fotográfica (como será apontado mais adiante no texto) e adquirindo equipamentos mais modernos, como aponta a doadora em entrevista, ele opta também por preferir fazer as fotos à luz do dia:

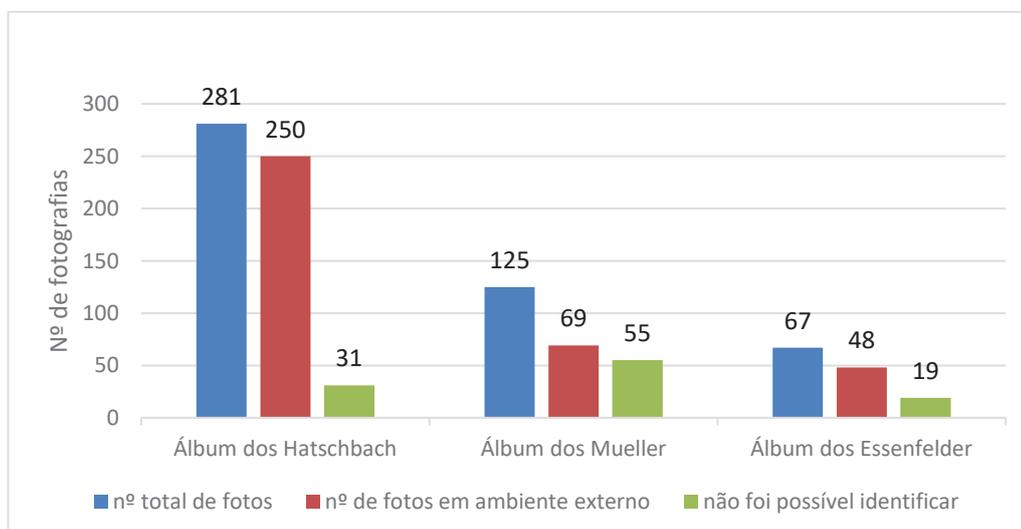
FIGURA 85 - TEMPORALIDADE



Fonte: A autora, 2019.

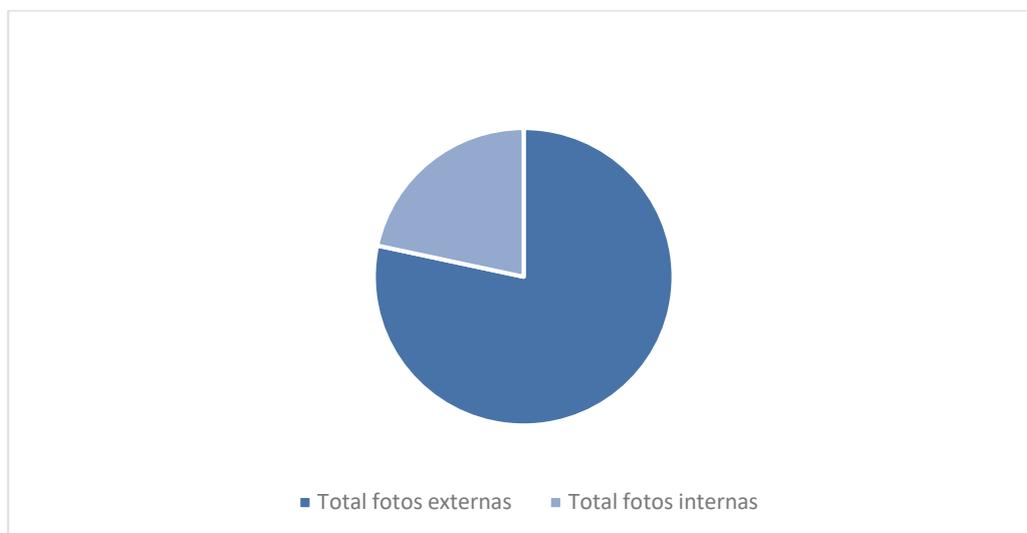
O mesmo ocorre com a ambientação das fotografias em ambiente externo, larga maioria das fotos, pois, das 473 fotografias, 367 foram feitas em locais abertos, como se observa abaixo:

FIGURA 86 - REGISTRO EM AMBIENTE



Fonte: A autora, 2019.

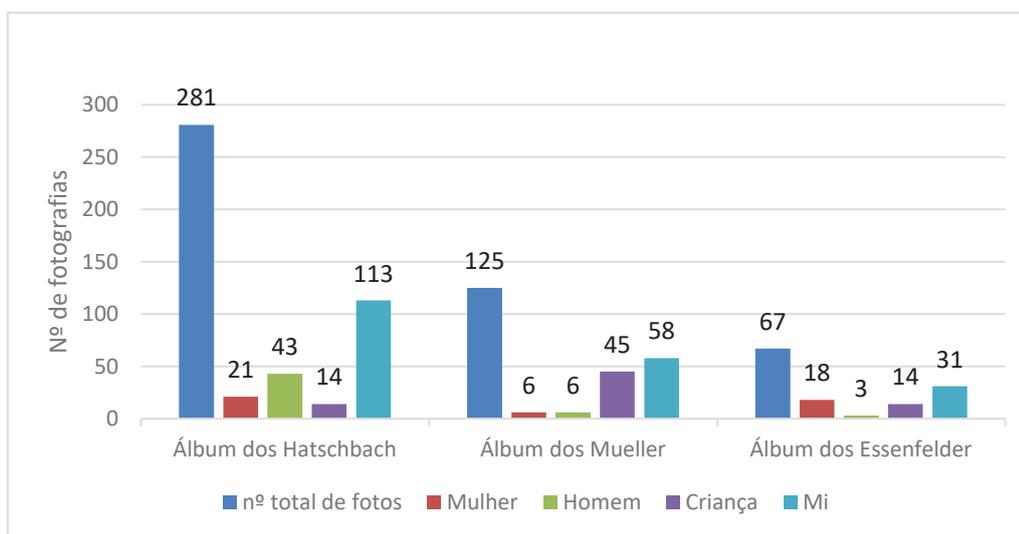
FIGURA 87 - FOTOS EXTERNAS X FOTOS INTERNAS



Fonte: A autora, 2019.

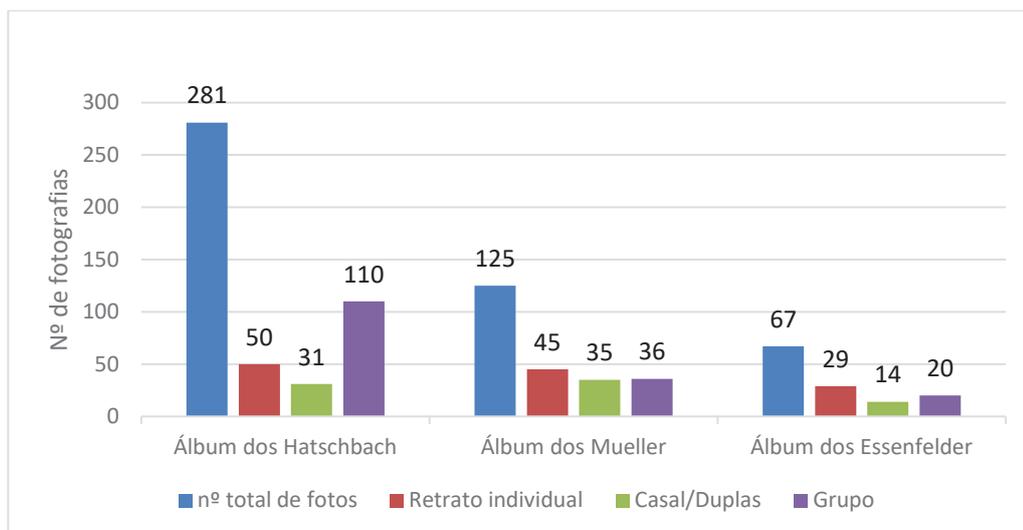
Especificamente quanto aos retratados nas fotografias, observou-se primeiro em quantas fotografias aparecem homens, mulheres, crianças, idosos, indexando como “Mi” as fotos em que aparecem duas ou mais dessas categorias. Além disso, foi feita uma triagem para verificar quantas fotos são retratos individuais, quantas são de casais e duplas e quantas são de grupos (aqui consideradas para fotografias com mais de três pessoas):

FIGURA 88 - ELEMENTOS MÓVEIS DE GÊNERO



Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 89 - ELEMENTOS MÓVEIS/Nº PESSOAS

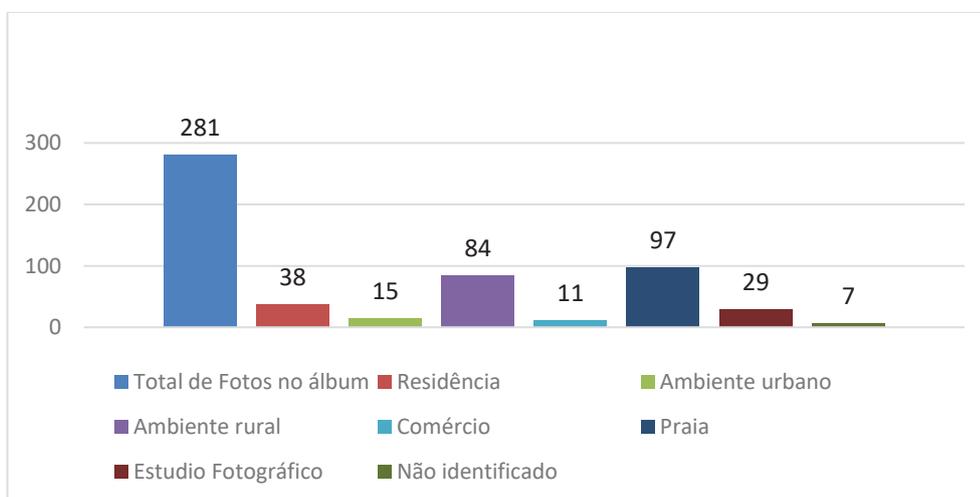


Fonte: A autora, 2019.

Da análise das duas últimas categorias, observa-se que o álbum dos Hatschbach contém uma quantidade grande de fotografias sem que sejam retratadas quaisquer pessoas. São ao todo 90, das 281 fotografias, de modo que, como aparecem em números de 1 e 9 nos álbuns dos Essenfelder e Mueller respectivamente, optou-se por não incluir esses números na tabela acima.

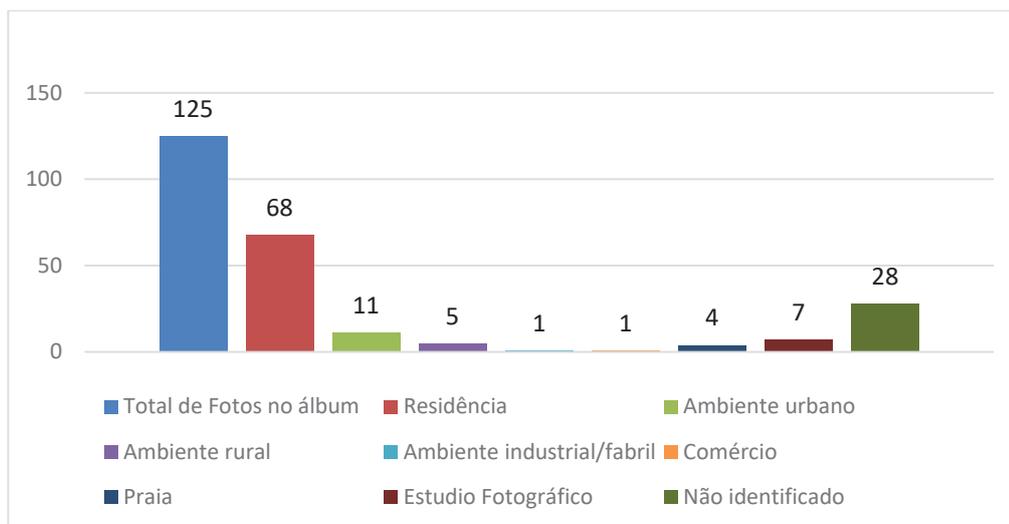
Na sequência, verificou-se o local em que as fotografias foram feitas na tentativa de identificar se elas se concentraram no ambiente doméstico ou em sendo fora de casa, se em ambiente urbano, rural, na praia e o que se percebeu é que cada álbum, já a partir dessa categoria, começa a apontar na direção dos temas principais registrados. Os gráficos abaixo identificam essas estruturas nas fotografias de cada um dos álbuns:

FIGURA 90 - FAMÍLIA HATSCHBACH - ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS



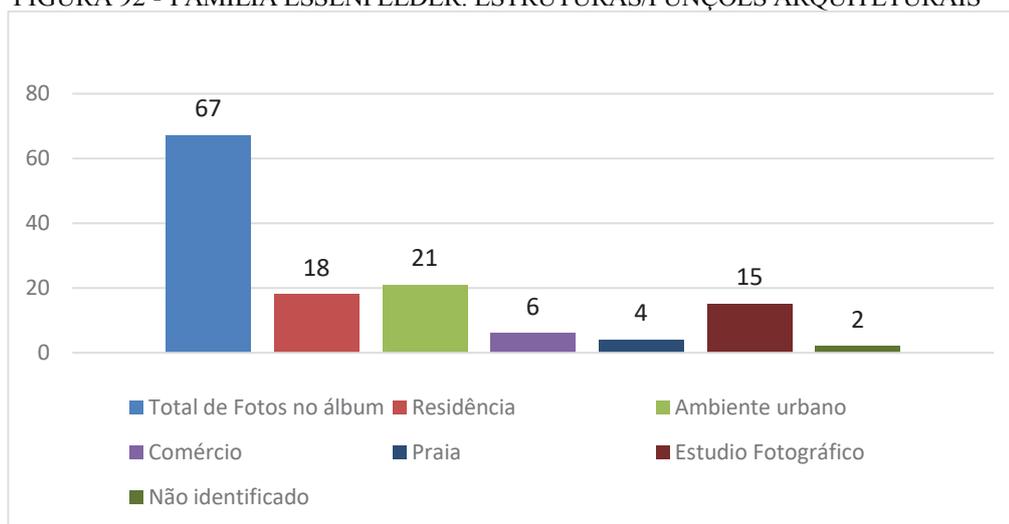
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 91 - FAMÍLIA MUELLER: ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS



Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 92 - FAMÍLIA ESSENFELDER: ESTRUTURAS/FUNÇÕES ARQUITETURAIS



Fonte: A autora, 2019.

Importante destacar que seria possível desdobrar ainda mais cada uma das categorias aplicadas, como por exemplo, apontar o número exato de pessoas nos grupos, quantas fotografias com crianças nos passeios etc. Todavia, como já mencionado, a hipótese prevista pretendeu uma primeira leitura dos álbuns buscando os temas prevalentes, razão pela qual, embora não desenvolvidos neste trabalho, podem ser complementados no futuro. Desse modo, passa-se à apresentação dos temas prevalentes nos três álbuns.

#### 4.1.2 Temas prevalentes nos álbuns das famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder

Como já exposto ao longo desta pesquisa, a promoção de uma leitura de uma série de fotografias a partir de descritores icônicos previamente estabelecidos permite a extração do de “padrões temático-visuais<sup>124</sup>” (POSSAMAI, 2005). A busca por tais padrões levou em consideração, conforme já mencionado, as categorias temáticas apontadas por Miriam Moreira Leite como sendo as prevalentes entre as famílias na São Paulo de 1890-1930, ou seja, “casamento (o retrato da noiva), casais, mães filhos menores, idade da mulher, família (uma ou mais gerações), classe escolar, piqueniques” (2000, p. 73). Estes seriam o que ela chama de “momentos ‘retratáveis’ na vida de um grupo social, que deseja fixar esse momento” (2000, p. 73).

A presente pesquisa por sua vez identificou então oito temas, que podem ser apontados como os preferencialmente retratáveis para o grupo das três famílias estudadas; tais temas podem ser assim resumidos:

- a) Viagens,
- b) Passeios,
- c) Fotos em ambiente doméstico (dentro das residências, varandas, jardins),
- d) Piqueniques,
- e) Bens móveis,
- f) Bens imóveis,
- g) Fotografias de paisagens e vistas;
- h) Retratos posados em estúdio.

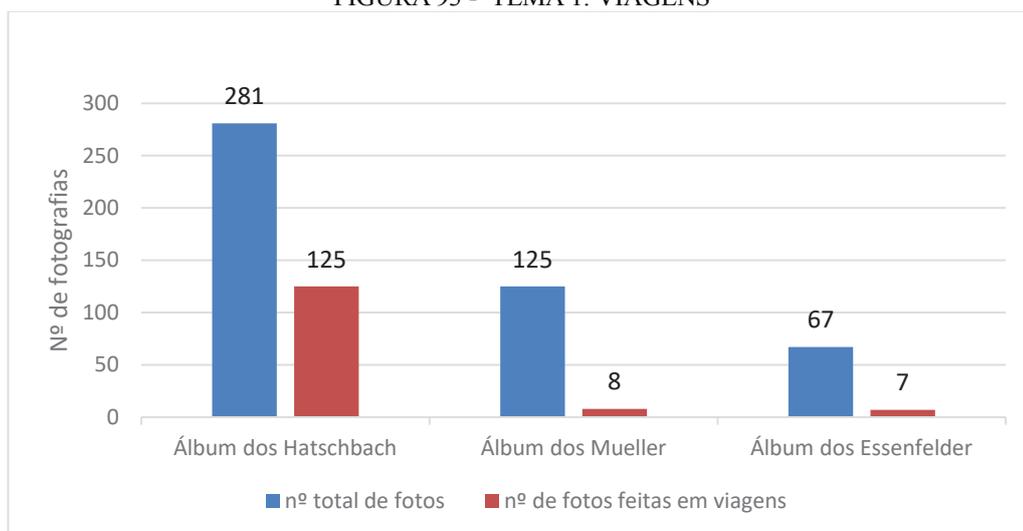
Os dados apresentados no item anterior refletem diretamente na concentração dos temas das fotografias contidas nos álbuns dentro desses oito temas propostos, que, da mesma forma como foi apontado, poderiam ser desdobrados em subtemas, por exemplo, viagens curtas X viagens longas etc., o que pode ser objeto de um novo recorte futuramente. A eleição por parte das famílias desses temas específicos para serem eternizados indica práticas sociais compatíveis com esse modo de vida, como se extrai das fotografias.

Desse modo, cada um desses oito temas será, na sequência, apresentado individualmente, comparando o número em cada um dos três álbuns.

---

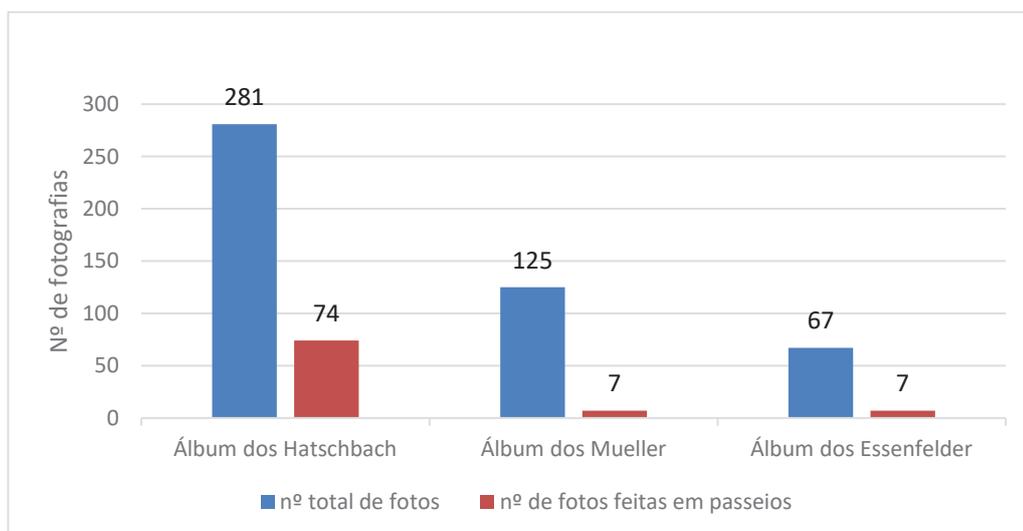
<sup>124</sup> Importante destacar aqui mais uma vez que para a hipótese da pesquisa de Possamai foram utilizados descritores icônicos somados a descritores formais em razão de se estarem analisando fotografias de vistas urbanas, para as quais a análise dos aspectos formais detinha um peso significativo para a leitura do conjunto de imagens, o que não se dá nessa pesquisa.

FIGURA 93 - TEMA 1: VIAGENS



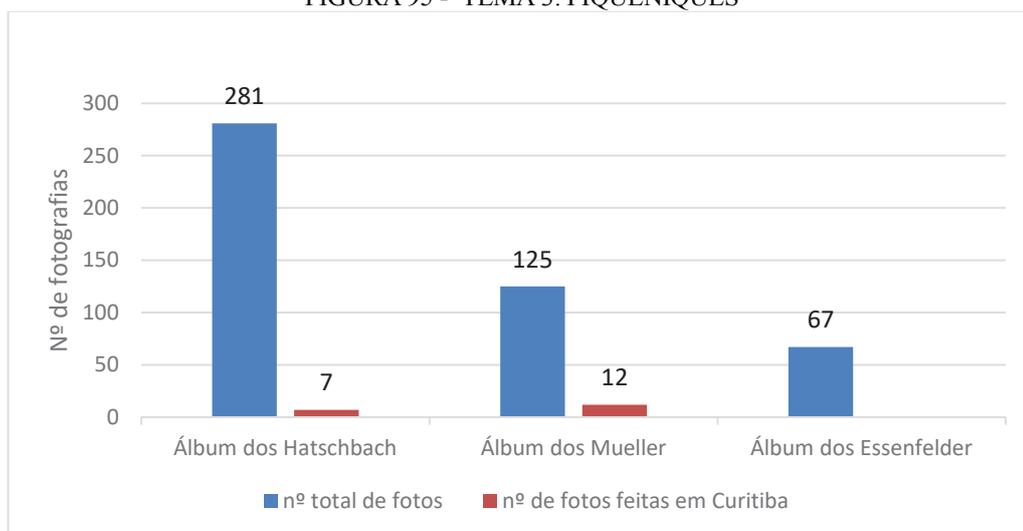
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 94 - TEMA 2: PASSEIOS



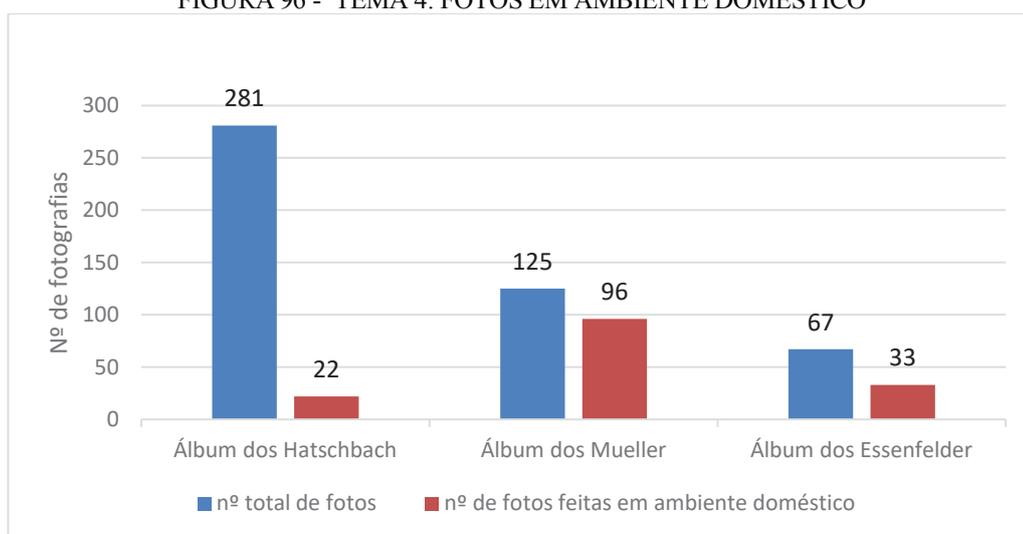
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 95 - TEMA 3: PIQUENIQUES



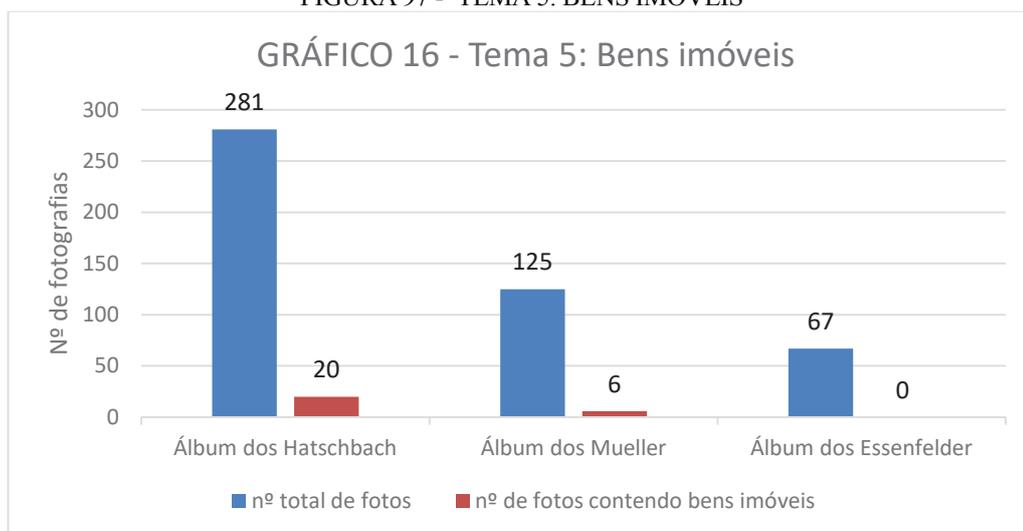
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 96 - TEMA 4: FOTOS EM AMBIENTE DOMÉSTICO



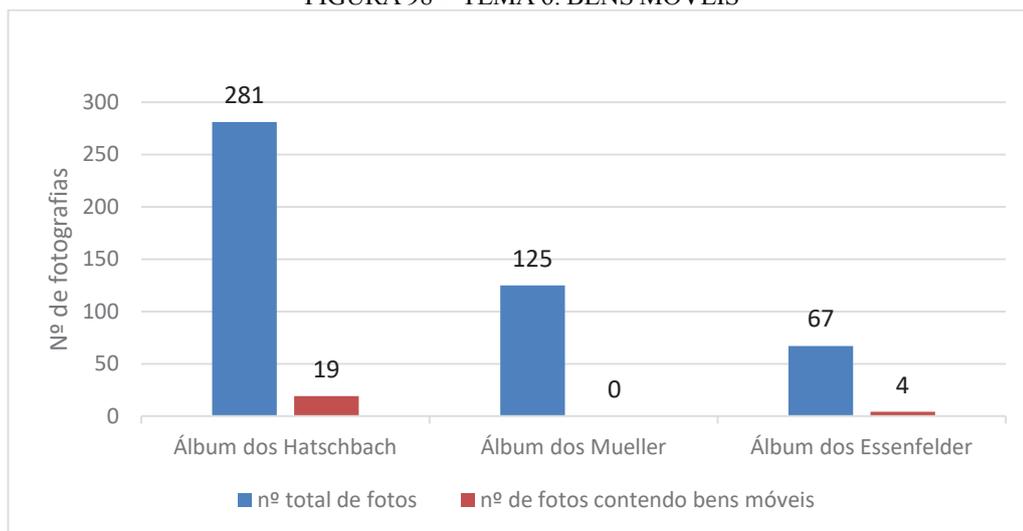
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 97 - TEMA 5: BENS IMÓVEIS



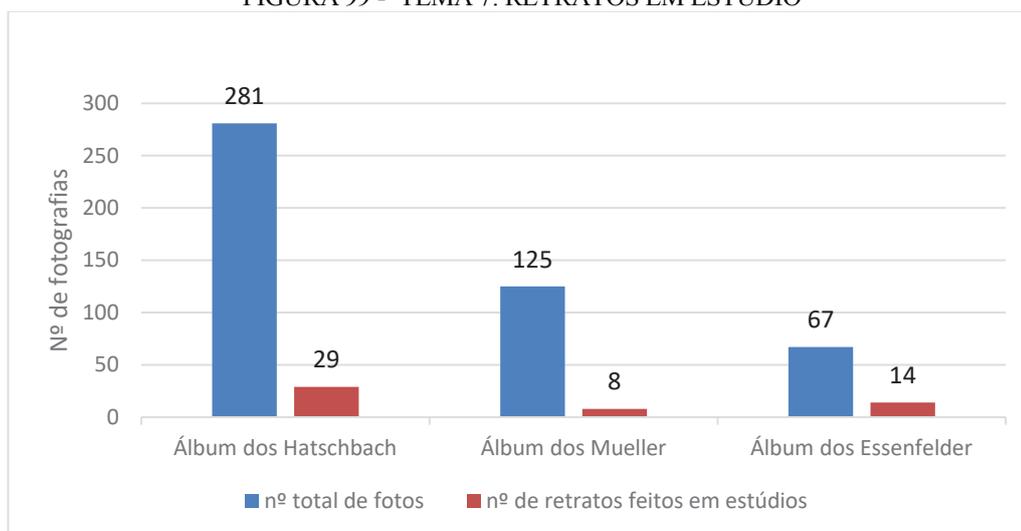
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 98 - TEMA 6: BENS MÓVEIS



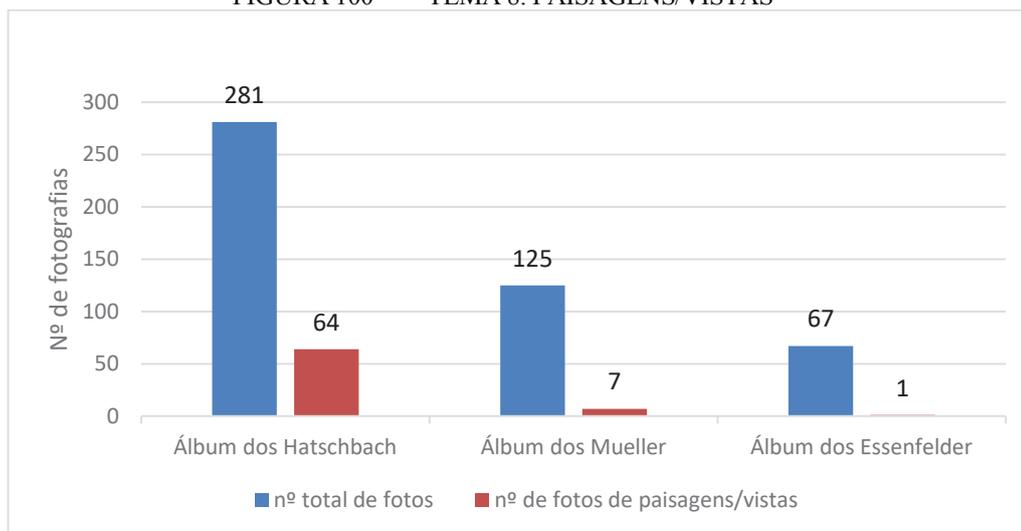
Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 99 - TEMA 7: RETRATOS EM ESTÚDIO



Fonte: A autora, 2019.

FIGURA 100 - TEMA 8: PAISAGENS/VISTAS



Fonte: A autora, 2019.

Como se observa, algumas fotografias acabam se encaixando em mais de um tema, como ocorre, por exemplo, com as fotografias de paisagens e vistas feitas durante as viagens, que por esta razão foram computadas em ambos os temas. Especialmente no álbum dos Hatschbach é possível observar uma quantidade significativa de fotografias de paisagens e vistas, são 64 das 281 fotografias, ou seja, em quase todas as páginas há uma foto representativa do local tema da micronarrativa entabulada.

As legendas auxiliaram principalmente para estabelecer, na hipótese de fotos fora da cidade de Curitiba, se se enquadrariam nas temáticas passeio ou viagens, já que se adotou como regra viagens para aqueles passeios feitos para além da região metropolitana de

Curitiba. É o que ocorreu, por exemplo, com a maioria das fotografias de passeios para o sítio da família Hatschbach, nominado nos álbuns como “Sítio Florestal”, que fica na cidade de Quatro Barras, bem próxima de Curitiba.

Ainda, sobre bens imóveis e móveis, o critério para computar as fotografias junto a estes temas não considerou a propriedade de tais bens, mas sim a indicação clara no registro fotográfico ou na legenda de se estar a mostrar tais bens.

Assim, apresentados os temas prevalentes, na sequência se buscará identificar, possíveis identidades entre os três álbuns e quais foram as singularidades encontradas.

#### 4.2 TRÊS ÁLBUNS, TRÊS FAMÍLIAS CURITIBANAS: IDENTIDADES E SINGULARIDADES ESTAMPADAS NAS PÁGINAS DOS ÁLBUNS

Da leitura feita a partir dos descritores icônicos e ressaltando que os álbuns possuem graus diferentes de densidade de conteúdo (somando-se a narrativa fotográfica aos demais documentos e informações orais resgatadas) em razão dos fatores que lhes são externos (como no caso do álbum dos Mueller e Essenfelder, cuja relação com a guardiã que doou os álbuns é diferente da relação com o álbum de sua própria família) e também das opções feitas por cada narrador quando da montagem do álbum (o narrador do álbum dos Hatschbach, por exemplo, fez uso de muitas legendas), é possível apontar que existem pontos comuns nos três álbuns, assim como características singulares que destoam dos estudos já feitos com esse tipo de suporte.

Um aspecto que não pode ser ignorado é o fato de que, assim como aponta Miriam Moreira Leite, o álbum “é um registro de classe média e alta” (2000, p. 75). Muito embora, como visto no capítulo anterior, a fotografia amadora tenha sido objeto de destaque na mídia local e existisse oferta de produtos para amadores, assim como a presença de fotógrafos profissionais na cidade, apontando para a presença da fotografia em Curitiba no período estudado, ainda estava restrita, principalmente com relação à fotografia doméstica, à uma elite detentora de significativo poder aquisitivo<sup>125</sup>.

---

<sup>125</sup> A presente pesquisa, em razão de seu recorte temático, não enfrenta a delicada questão da delimitação conceitual e sociológica do termo elite. A observação exposta no texto é apenas uma constatação de que a fotografia em seus primórdios, notadamente em Curitiba, era restrita a um menor grupo de pessoas, detentoras de condições econômicas para a aquisição de produtos de alto custo, assim como possuidores de informação acerca da então nova tecnologia.

Seja pela quantidade de viagens de passeios feitos pelos Hatschbach, seja porque se extrai do álbum que a família possuía casa em bairro nobre da Capital, casa na praia, sítio, carro; seja pelos retratos exibindo carros e viagem de avião como no álbum dos Essenfelder; seja pelo registro das mulheres que prestavam serviço na casa dos Mueller (há no álbum uma foto da governanta e fotos da babá como as expostas abaixo), além das ricas casas de familiares registradas ao longo das páginas; os presentes álbuns sedimentam a memória de famílias mais abastadas.

FIGURA 101 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 22<sup>126</sup>



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 102 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, DETALHE DA P. 22



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Arlette Farge destaca que “as elites não são decididamente as únicas a determinar uma cultura e uma visão dilacerada de sua consciência, ainda que sejam as únicas a ter facilidade de se expressar, e a felicidade de se expressar por escrito” (2017, p. 99), podendo-se acrescer também aí a felicidade de se expressar através de imagens, como na hipótese das três famílias ora estudadas.

No início do século XX, conforme destaca Cíntia Braga Carneiro, para além dos esforços dos paranistas em idealizar a Curitiba da época e aquela que se almejava com a maior brevidade possível, havia outra realidade:

Ao lado dos projetos do governo para promover o progresso da cidade e dos discursos da elite da época, havia uma outra realidade, não descrita com tanta veemência; a dos habitantes na luta contra a pobreza, a carestia, o desemprego, a falta de moradia, as doenças e a violência policial. [...]

Apesar do discurso pró-desenvolvimento por parte do governo e da elite paranaense, a insalubridade, as epidemias, o crescimento populacional que ocasionava a

---

<sup>126</sup> Na legenda da foto “A babá”.

insuficiência de moradias, de empregos e de infraestrutura sanitária, os problemas de segurança pública e as tensões entre nacionais e imigrantes foram alguns dos muitos problemas desse período, que nos alertam para contradições e conflitos vividos pela sociedade curitibana de então (2013, p. 73-74).

Para constar tal realidade basta que se veja as condições da família de possíveis funcionários de sua fazenda na fotografia cuja legenda indica “Fazenda do João Mueller” (sem data), em que João aparece no canto direito da imagem de terno, sobretudo e chapéu em contraste com as três pessoas a sua esquerda, uma mulher e dois homens, todos descalças:

FIGURA 103 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 35



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

O que foi possível resgatar da história das famílias no que diz respeito aos momentos de lazer, os álbuns indicam terem se enquadrado perfeitamente naquele perfil mirado pela publicidade das famosas câmeras compactas Kodak, cujos anúncios do início do final do século XIX e início do XX remetiam férias perfeitas ao uso de uma máquina fotográfica (HACKING, 2012, p. 59) e indicavam a câmera como sendo perfeita para viajantes (KOSSOY, 2002, p. 43).

Ressalte-se que sobre ritos religiosos, com exceção do batizado registrado no álbum dos Mueller — mesmo assim sem qualquer referência sobre a igreja em que teria ocorrido ou quem teria sido celebrante —, não existem indícios que permitam afirmar categoricamente

qual a religião dessas famílias. Do que se extrai dos álbuns, possivelmente os Mueller e os Hatschbach seriam cristãos por haver registros de comemoração de Natal e Páscoa (no álbum dos Mueller e no dos Hatschbach há uma legenda fazendo alusão à Pascoa).

Ainda, com relação a possíveis laços endogâmicos presentes nas uniões mencionadas neste trabalho, tem-se que as famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder possuem origens de cidades europeias distintas, não sendo possível através dos dados levantados até a conclusão desta pesquisa apontar se existiram ou não casamentos endogâmicos, comuns entre os grupos de imigrantes que chegavam ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX.

No entanto, pelos motivos já apresentados, é possível afirmar que ao menos a união entre as famílias Mueller e Essenfelder, com o casamento de Gaston Mueller e Cecilia Essenfelder (que viriam a se tornar mais tarde sogros da doadora), decorreu sem dúvidas das relações entabuladas por aqueles filhos e netos de imigrantes já estabelecidos em Curitiba, que mantinham, por força da atividade industrial significativa que suas famílias desempenhavam relações sociais dentro de um mesmo grupo, qual seja de uma elite de industriais paranaenses.

Por fim, é possível afirmar que o fio condutor dos álbuns (ainda que cada qual com seu recorte familiar específico) consiste no desejo de seus narradores de deixar registrado não apenas o êxito econômico, mas seus modelos de família exemplar e feliz, nos moldes apontados por Miceli<sup>127</sup> (1996, p. 130).

#### 4.2.1 Uma análise preliminar: a presença de elementos comuns nos três álbuns

Nos três álbuns é possível observar que, embora a narrativa central seja um recorte temporal da vida de cada família, não existe tema único. Ao contrário, são várias micronarrativas que se valem de duas ou mais fotografias para contar uma passagem da vida dos personagens ali retratados. Ainda, não raro, há atenção especial na composição da página ou utilização de ampliações com formatos diferenciados<sup>128</sup> para destacar outro assunto.

A utilização desses recursos narrativos faz com que a figura do “salto” trazida por Armando Silva, evidencie-se, permitindo que a leitura do álbum transcorra facilmente pelas micronarrativas. A aplicação dos descritores icônicos permite apontar que nos três álbuns

---

<sup>127</sup> O que foi analisado mais detidamente no item 2.2.2 do segundo capítulo, que trata da família e dos registros fotográficos.

<sup>128</sup> A figura 63 é um exemplo da utilização desse recurso.

encontramos forte presença de registros que retratam fases do crescimento dos filhos e que, normalmente quando a temática da micronarrativa é uma ou mais crianças da família, são utilizadas mais de uma foto para contar determinado evento. Elas estão diluídas em meio às fotografias das temáticas de viagem, passeio, ambiente doméstico e retratos em estúdio.

As micronarrativas observadas nas páginas abaixo, em que as famílias destacam um pouco do dia de Natal (no álbum dos Mueller), três momentos das crianças da família (no álbum dos Essenfelder) e dois passeios com as filhas, um para praia e outro para área rural (no álbum dos Hatschbach) demonstram uma identidade na reunião das fotografias em torno de temas específicos:

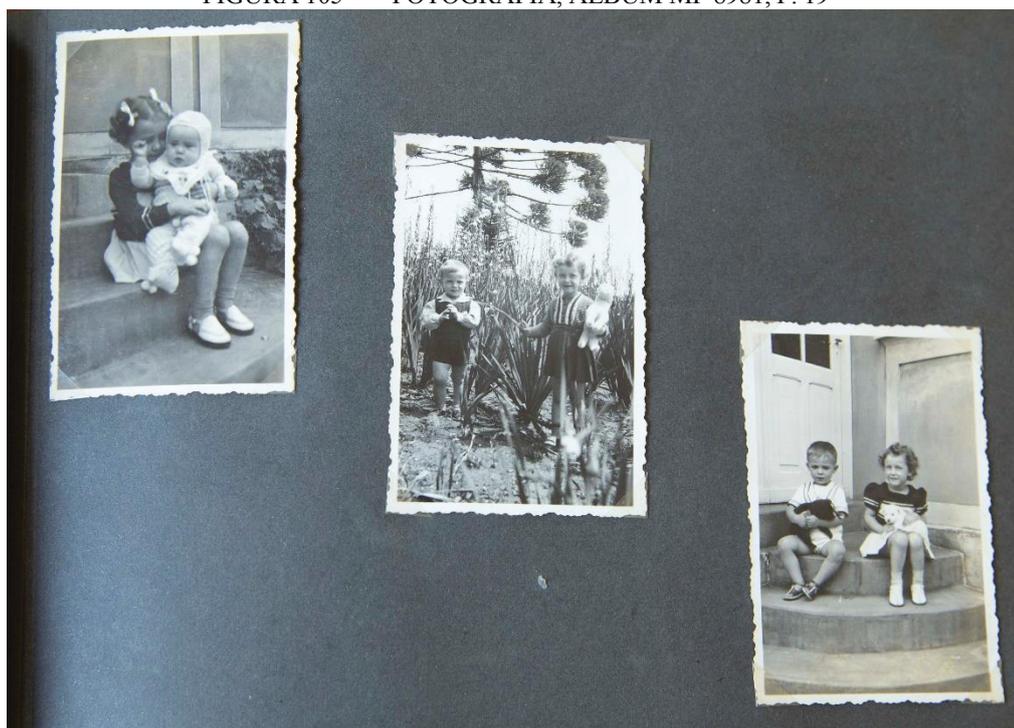
FIGURA 104 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 16



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018<sup>129</sup>.

<sup>129</sup> Na legenda da página “Natal”.

FIGURA 105 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 19



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 106 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 12



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

A aplicação dos descritores icônicos também possibilitou verificar que os álbuns procuram seguir uma ordem cronológica crescente (ainda que no caso do álbum dos Hatschbach essa ordem observe uma lógica diferenciada, como se verá no item seguinte).

Outro aspecto comum identificado nos três álbuns é a prevalência das fotografias de grupos, pois são 156 do total de fotos dos três álbuns, em sua grande maioria feitas em ambiente externo certamente por conta da melhor condição de luz:

FIGURA 107 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 18



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 108 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 18



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

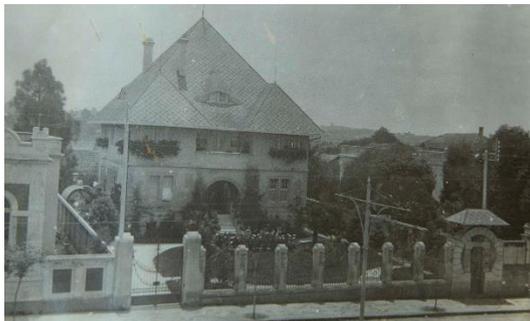
FIGURA 109 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990 P. 2



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

De acordo com menção prévia, aparecem ainda registros dos bens imóveis e móveis dessas famílias nos três álbuns. Além das casas, os carros são destaques nos álbuns dos Hatschbach e dos Essenfelder, como se pode verificar na página seguinte. As residências nos álbuns dos Mueller são apresentadas a partir de fotografias que privilegiam toda a fachada, enquanto que os veículos que aparecem nos outros álbuns são registrados normalmente atrelados aos momentos de lazer dessas famílias.

FIGURA 110 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983,  
P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 111 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983,  
P. 3



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 112 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8983, P. 10



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 113 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P. 22



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 114 - FOTOGRAFIA,  
ÁLBUM MP 8990, P. 14



Fonte: Acervo do Museu  
Paranaense, 2018.

FIGURA 115 - FOTOGRAFIA,  
ÁLBUM MP 8990, P. 16



Fonte: Acervo do Museu  
Paranaense, 2018.

FIGURA 116 - FOTOGRAFIA,  
ÁLBUM MP 8990, P. 36



Fonte: Acervo do Museu  
Paranaense, 2018.

Por fim, outro componente presente em todos os álbuns é a presença de uma verdadeira massa de anônimos, cuja identidade desconhecida ficará encerrada para sempre dentro do álbum da família, aos menos na leitura de terceiros que não os narradores (incluindo aqui, também, na hipótese desses três álbuns, a guardiã e doadora). São pessoas que, naquele momento específico em que a fotografia foi feita, estavam presentes tanto por serem funcionários, conhecidos ou parentes mais distantes ou até mesmo, como é comum nas fotografias feitas em viagens, pessoas que tiveram contado com os registrados em razão de uma travessia de barco, de um transporte etc.

Ainda, juntam-se a estes anônimos aqueles que, embora o familiar tenha certeza que são parte do seu núcleo familiar, os nomes e laços de parentesco se apagaram da memória. É o que se extrai da entrevista de Luci, pois, mesmo afirmando ter recordação de “quase todas” as pessoas que aparecem no álbum de sua família, ao folheá-lo, muitos são os que não são reconhecidos de pronto.

Tal constatação é importante porque implica no reconhecimento de que os braços da família se estendem para além do núcleo familiar mais fechado quando do exato momento (e dos contíguos) em que determinada ação registrada na fotografia aconteceu. No entanto, com o passar do tempo, ao menos nesse tipo de suporte, apenas os laços mais fechados são resgatados, seja em razão da complementação oral da narrativa fotográfica contada no álbum, seja pelas legendas que reforçam destaque para os membros mais próximos do narrador (e, via de regra, se referem aos momentos que consistem nos temas centrais das micronarrativas e dos personagens principais retratados nos álbuns).

Os personagens, portanto, estão imersos na vida social, política e econômica de sua época e isso resta transparente ao longo das páginas dos álbuns, ainda que o narrador nem sempre aponte para essa grande massa de anônimos.

As imagens a seguir, da página do álbum dos Hatschbach, em específico, são um exemplo de como pessoas que em dado momento fizeram parte do convívio direto do narrador, a ponto de merecer destaque em uma página do álbum por ele montado, tiveram seus nomes omitidos<sup>130</sup>, fazendo constar na legenda apenas “Festa de Natal Bardal e Cia”.

---

<sup>130</sup> Não se descarta a possibilidade de que um patrão não conheça pelo nome cada um dos seus funcionários, o que pode ocorrer dependendo do volume de trabalhadores e tempo de empresa de cada um. Todavia, pelas fotos contidas no álbum, tanto da construção da fábrica quanto nessas da confraternização, observa-se que não se trata de uma grande fábrica, muito menos de um número alto de funcionários, o que contribui para a conclusão de que o narrador optou deliberadamente por dar nome aos seus colaboradores (e poderia tê-lo feito ao menos para alguns, por exemplo).

Erwin

FIGURA 117 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 6



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Assim, a partir desses pontos identificados como comuns e presentes nos três álbuns, na sequência se destacará o que se observou como singular tomando por base a bibliografia já apresentada.

#### 4.2.2 O álbum da família Hatschbach: a constituição de uma família entre viagens e passeios

Arlette Farge alerta para a necessidade de não se acomodar com o arquivo<sup>131</sup> e pontua que “seja qual for o objetivo, a pesquisa nesse caso é efetuada a partir do mesmo, do idêntico aparente, e a coleção de textos recolhidos será tratada em seguida tentando romper o jogo das semelhanças para encontrar o dessemelhante, e mesmo o singular” (2017, p. 66).

<sup>131</sup> A autora se refere especificamente a arquivos porque seu objeto de pesquisa são os arquivos judiciais, mas seu texto se aplica igualmente para outros tantos objetos de pesquisa.

Nessa linha de ideias, o folhear incessante do álbum dos Hatschbach permitiu identificar algumas características que destoam dos demais álbuns e também das características descritas na literatura aplicada ao tema como sendo comuns e gerais aos álbuns de fotografia de família.

A primeira diz respeito ao fato de o álbum de fotografia de família estar relacionado ao ambiente feminino (CARVALHO, 2008), e de que a voz que conta a história da família seria, em geral, das mulheres (MELENDI, 2003)<sup>132</sup>, o que se constatou, como já pontuado no capítulo anterior, que não ocorre neste álbum dos Hatschbach, pois foi montado e conservado por Erwin até seu falecimento, como afirmou a narradora em entrevista. Inclusive, ainda que não conste identificação de que todas as fotos foram feitas por Erwin (exceto os retratos de estúdio) — como já justificado ao optar-se por incluí-las sob a rubrica das que não foi possível identificar o fotógrafo —, observa-se ao longo das páginas que, se Erwin não fez todas as fotos, dirigiu-as, pois são várias as tomadas em que em uma foto ele aparece fazendo parte do grupo e na seguinte não está, o que indica ter solicitado para que alguém fizesse a tomada. E, por fim, existe uma legenda em uma única foto apontando que definitivamente era ele quem fazia os registros. Na foto abaixo (Figura 119), Erwin escreveu “foto de Jessie”:

FIGURA 118 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 27 (A)



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 119 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 27 (B)



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

<sup>132</sup> Para Maria Angélica Melendi “uma voz — em geral feminina — conta as histórias escondidas entre suas páginas. Avós, mães, tias, irmãs mais velhas atualizam o relato que vai sendo pontuado através dessas imagens e desses objetos. O romance familiar, que se condensa nas velhas fotos, se dissemina e se adensa” (2003, p. 28). Ao que se soma a afirmação de Vânia Carneiro de Carvalho para quem “os álbuns são exemplos típicos das categorias de objetos usualmente associados à mulher, já que neles estão bem claras as funções de reprodução social” (2008, p. 92).

O álbum dos Hatschbach percorre um recorte temporal extenso, de 18 anos (1929–1947), ao que se extrai de suas páginas. Nesse período, ao contrário do álbum dos Mueller, em que o tema central da narrativa fica bem definido no nascimento e primeiros anos dos filhos do casal, por exemplo, são muitas as micronarrativas, que vão desde a vida de solteiro de Erwin, aos tempos de namoro e noivado com Jessie, além dos passeios e viagens com as filhas (que não figuram como personagens destacadas nas micronarrativas, o que pode indicar a existência de outros álbuns temáticos paralelos cobrindo esse mesmo período, o que se imagina ter ocorrido também com o casamento, já que apenas o noivado está albergado no álbum).

Essa observação sobre o recorte temporal alargado e variadas temáticas expostas ao longo das páginas suscitou uma hipótese que mais tarde foi endossada pela doadora quando da entrevista, qual seja, de que Erwin reaproveitou um álbum de sua juventude (anterior ao período do noivado). O que chamou a atenção em um primeiro momento foi à alternância de fotografias com formato diferente, o que poderia significar tão somente que a família possuía mais um equipamento amador. Na sequência, observou-se que as micronarrativas tinham continuidade ao longo de páginas saltadas, como se a cada virada de página uma história acontecesse no anverso e outra no verso da página e estas seguindo por mais de uma página.

De fato, a partir de ampliações e da conferência das datas encontradas nas legendas, tal hipótese se concretizou; Erwin parece ter contado no anverso das páginas do álbum um pouco de sua juventude enquanto solteiro e no verso há registros de sua vida de casado (isso já a partir das páginas iniciais). Tal detalhe confere ao álbum uma característica especial, que destoa da regra geral apontada por Armando Silva, para quem a fotografia anterior, via de regra, estará sempre relacionada com a posterior e assim por diante (2008, p. 118).

Da mesma forma, a figura do “salto” característica desse tipo de veículo — tal como propõe Silva, para quem o leitor salta os olhos de uma foto a outra para promover a leitura do álbum —, fica relativizada, já que no caso específico deste álbum uma micronarrativa pode saltar inclusive muitos versos e anversos. É o que se vê ao longo da micronarrativa da viagem que Erwin fez ainda solteiro ao sul do continente americano. Foram mais de 30 dias de viagens nas datas apontadas, registrados em fotografias que se encontram apenas no anverso das folhas do álbum, se estendendo pelas páginas 11, 13, 15, 17, 19, 21 e 23.

Com isso, a figura do “salto” desenvolvida por Armando Silva (2008, p. 32) sofre um ajuste, podendo exigir também saltos entre páginas, como exemplificado adiante. A página 22 do álbum traz o registro da construção da fábrica da família “Bardal e Cia Ltda.” em 1944 conforme legenda. Na página 23 tem-se o fechamento da micronarrativa da viagem ao sul, em

1934 (passando pelo Rio Grande, Garibaldi, Tierra del Fogo, Ushuaia, Montevideu entre outros lugares). Como se observa, o lapso temporal dos fatos narrados entre uma página e a outra é de 10 anos:

FIGURA 120 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 22



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 121 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 23



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

O fato de as fotografias estarem todas coladas nas folhas do álbum descarta a hipótese de que as folhas possam ter se desprendido ao longo do tempo e sido realocadas nessa ordem cronológica não linear. Ao contrário, parece ter sido realmente uma opção do narrador, que pode sim ter reaproveitado os versos do álbum quando a última folha foi preenchida, continuando sua narrativa, que se lida no conjunto do álbum percorre os anos de solteiro, exército, namoro, noivado e as filhas já grandes.

Ainda, esse álbum se torna único porque reserva uma página para registrar um pouco da vida de uma família que Erwin ajudou durante a Segunda Guerra. A legenda “Fotos da Alemanha família” se revelou, ao contrário do que poderia se supor em uma leitura apressada, que não se trata de nenhum ente da família Hatschbach, mas sim de fotos recebidas por Erwin em retribuição ao auxílio em decorrência das dificuldades sofridas pela família registrada nas fotos.

De acordo com a doadora, o “pai colecionava selos... e se correspondia com esse senhor que... morava na zona de Berlim, em Berlim, mas na zona que ficou da Rússia, né?!” (entrevista, apêndice nº 2).

FIGURA 122 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, P. 8



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

A doadora conta que como lá, nesse período, *“eles tinham muita falta de comida meu pai mandava pacotes... sabe, fazia uns pacotes e despachava para lá e eles ficavam tão felizes... que mandaram pro meu pai uns fantoches que hoje em dia estão aqui no Museu!”* (entrevista, apêndice nº 2).

Ainda segundo Luci, *“eles contavam que quando chegou o pacote e tinha manteiga... era uma das coisas que foram pra lá no pacote... eles juntaram os vizinhos e fizeram quase uma festa, porque fazia anos que eles não viam uma manteiga... foi na época da guerra, né?!”* (entrevista, apêndice nº 2).

Luci não se recorda o nome desse senhor com o qual o pai se correspondia e tampouco das outras mulheres e crianças que aparecem nas fotos, mas é categórica ao dizer que todas as pessoas registradas seriam da mesma família. Importante registrar que a legenda escrita por Erwin está sobre a última foto inferior do lado direito, a das duas meninas.

Registre-se também que os fantoches com os quais Luci chegou a brincar durante sua infância também foram doados ao Museu Paranaense<sup>133</sup> e integram a Coleção Luci Hatschbach:

FIGURA 123 - FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14140



FIGURA 124 - FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14141



FIGURA 125 - FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14142



FIGURA 126 - FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14143



FIGURA 127 - FOTOGRAFIA, FANTOCHE MP 14144



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

---

<sup>133</sup> Os fantoches estão registrados sob os números MP 14140, MP 14141, MP 14142, MP 14143 e MP 14144.

Por fim, o álbum dos Hatschbach é singular não apenas por apresentar um grande número de fotografias de vistas e paisagens com qualidade muito boa, mas também pela atenção que o fotógrafo (Erwin, como ficou claro ao longo da pesquisa) tinha em seus cliques. Imagens que já indicam o uso criativo da fotografia amadora, com composições que utilizam os elementos da paisagem para emoldurar a cena retratada, com imagens que observam muito bem a linha do horizonte, com ou sem a presença de personagens. Por estas razões o narrador do álbum se mostrou de fato um apreciador da fotografia, deixando em seu álbum um conjunto muito rico de fotos, dentre as quais se destacam as seguintes, que exemplificam o olhar de Erwin sobre os temas retratados:

FIGURA 128 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 32



FIGURA 129 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 35



FIGURA 130 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 29

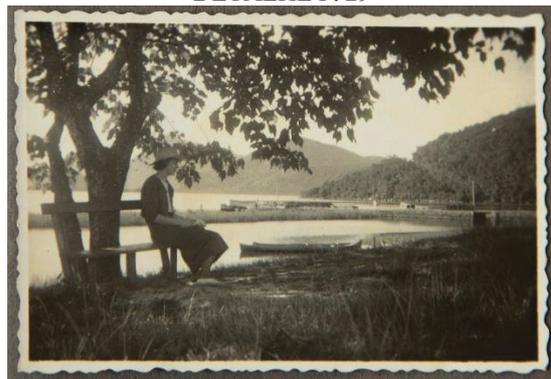


FIGURA 131 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 36



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

#### 4.2.3 Álbum da família Mueller: os primeiros passos dos herdeiros

Como já evidenciado nas páginas antecedentes, a narradora do álbum da família Mueller buscou deixar registrado aquilo que considerou especial no desenvolvimento de seus dois filhos, Gaston e Lilianne. Iniciando o álbum, pontuando o local em que a família estava

crecendo, registrando um pouco da Curitiba do início do século XX, privilegiou deixar bem evidente, através do uso das molduras e dos recortes feitos nas fotografias, que as crianças foram o centro da atenção da casa, sendo cada conquista registrada em fotografias, acrescidas de legendas que são verdadeiros arremates das micronarrativas ali postas. “Os primeiros passos na casa da vovó” consta em uma dessas legendas. Em outras o uso de diminutivos e adjetivos carinhosos como “nosso herdeiro”, “nosso menininho”, “nosso casazinho” indicam que a intenção era deixar marcada uma relação familiar muito afetuosa.

Contudo, como também já mencionado, o álbum deixa evidente a diferença de classes e como os filhos foram criados com fartura e reproduzindo os costumes da época.

Imagens contidas no álbum reforçam o status da família, que possuía até governanta entre seus funcionários. Tal status era reproduzido na educação dos filhos:

FIGURA 132 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8990, DETALHE P. 30



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Na última imagem, muito esmaecida, logo abaixo do pinheirinho de Natal (“Natal, 1916” na legenda), um bercinho e duas bonecas se destacam. A que embala o berço é negra e vestida com vestido de tom escuro; o bebê no berço usa roupinhas similares às que as crianças Mueller usavam enquanto menores. A roupa da boneca que parece embalar o berço é bem diferente da roupa da boneca ao lado, de vestido claro e chapéu, assim como usa roupa diferente das outras duas bonecas que aparecem nas fotos (uma no colo de Lilianne e outra atrás, na mesa). O Natal farto não foi uma exceção; existem outros registros ao longo do álbum e em todos sempre muitos presentes.

O álbum dos Mueller é, portanto, muito singular porque registra, em um período em que as câmeras amadoras tinham difícil trato para uso em ambientes internos, uma mostra de que era o interior de uma casa de família abastadas. Em detalhes é possível observar a presença de diferentes papéis de parede, cortinas de renda enormes como as que aparecem na foto anterior, quadros, porta-retratos, móveis ricamente decorados no quarto dos filhos etc.

Ainda, o álbum em questão é especialmente singular porque permite comprovar uma hipótese levantada ao longo da pesquisa a partir do conhecido hábito de se fazer anotações nos versos das fotografias. Levando-se em conta as dedicatórias encontradas e a quantidade de legendas, não seria leviano apontar que muito provavelmente existisse nos versos de algumas das fotos desses três álbuns anotações, legendas complementares. Todavia, folheando os álbuns, em um primeiro momento nada se localizou.

Porém, em uma desses contatos diretos com as páginas dos álbuns se identificou uma sombra de caneta azul na foto acima e que não parecia ser um vazamento de tinta do verso, justamente porque as páginas de papel acartonado não são finas (ao contrário da fotografia, que por ter uma cor muito esmaecida acabou por deixar vaziar umas sombras do verso do papel). Refeita a digitalização e fazendo vários testes em programa específico de tratamento de imagens, conseguiu-se observar que existe uma longa anotação em caneta no verso desta, como é possível notar na foto.

Tal constatação, contudo, deixa para uma próxima oportunidade as ações que permitam remover sem danificar as fotografias com a finalidade de consultar os versos (ou até mesmo acessar os versos sem remover as fotos). Isso seria mais fácil, por exemplo, no álbum dos Essenfelder, já que as fotos foram todas afixadas com cantoneiras, ao contrário de todas as demais diretamente coladas nos álbuns.

Sobre a viabilidade de verificação dos versos das fotografias dos álbuns ora estudados, a historiadora responsável do Museu disse que “alguns álbuns já foram desmembrados e esse processo interferiu no processo de pesquisa. Antes de qualquer

interferência o LACORE deve analisar o álbum e verificar a viabilidade de remover as cantoneiras sem causar dano às imagens. Isso é possível ser realizado, mas é impossibilitado em função da falta de funcionários e outras prioridades mais urgentes do setor”.

Desse modo, até a presente data, são esses os possíveis apontamentos que corroboram o que Constanza Caraffa defende quando se está a trabalhar com fotografias de acervos, pois as digitalizações, por exemplo, podem acarretar o “não consigo ver nada?”<sup>134</sup>, limitando o acesso à fotografia. Para tanto Caraffa advoga o “*please turn over!*”<sup>135</sup> que consiste em, partindo do pressuposto que a fotografia é um objeto também material, vê-la não só com os olhos, mas com gestos, usando os movimentos das mãos (CARAFFA, 2011, p. 38).

Por fim, o álbum dos Mueller é singular porque comprova pela grande quantidade de resíduos de cola e legendas que outras tantas fotos foram arrancadas do álbum, que, como já apontado no primeiro capítulo, o álbum passa por filtros ao longo de sua existência no ambiente privado (ARTIÈRES, 1998), são rasuras, portanto, que não podem ser ignoradas.

#### 4.2.4 O Álbum da família Essenfelder: os filhos deixam a casa dos pais

É possível dizer que o álbum dos Essenfelder tem por característica ser um ligeiro e inacabado apanhado dos momentos compreendidos na mocidade dos filhos, os casais de namorados e os primeiros netos. Inacabado porque apenas 27 páginas estão preenchidas, em um total de 54. Daí, inclusive, pelo menor número de imagens, é o de temática mais simples, inclusive possuindo micronarrativas que se esgotam em uma única fotografia.

Como já visto no segundo capítulo, o álbum abre com os pequenos retratos dos quatro filhos de Alvina e Frederico Essenfelder, mais o retrato de um possível primeiro neto. Dos apontamentos feitos pela doadora e do cruzamento dos demais dados levantados se observa que se encontram neste álbum as fotografias que registram os laços iniciados com o namoro de Gaston Mueller e Cecilia Essenfelder, justamente os ex-sogros da doadora.

Uma foto que traduz as relações entabuladas entre as famílias Mueller e Essenfelder é a que segue. Embora não datada, refere-se certamente ao período de namoro/noivado ou logo no início do casamento de Gaston e Cecilia. Na foto estão João e

---

<sup>134</sup> Tradução livre de “can’t see anything?” (CARAFFA, p.25).

<sup>135</sup> Expressão que no texto de Caraffa pode ser lida em tradução livre como “Por favor, veja o verso!”.

Helene Mueller, os filhos Gaston e Lilianne, Frederico Essenfelder, a filha Cecilia e, possivelmente Alvina:

FIGURA 133 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 18



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

FIGURA 134 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 18



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Por fim, observa-se no álbum dos Essenfelder a presença de retratos, postais/retratos distribuídos após apresentações de piano aos presentes no espetáculo, nos quais as pianistas por vezes colocavam seus autógrafos e escreviam dedicatórias, como a que consta na primeira foto abaixo, da pianista Guiomar Novaes:

FIGURA 135 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, DETALHE P. 4



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Já na foto que segue talvez a dedicatória tenha ficado no verso, já que também parece existir uma sombra de tinta na altura do piano:

FIGURA 136 - FOTOGRAFIA, ÁLBUM MP 8981, P.12



Fonte: Acervo do Museu Paranaense, 2018.

Tais fotos demonstram e reforçam que os álbuns abrigam bem mais que fotografias de apenas um núcleo familiar mais fechado, pois momentos considerados especiais, ainda que os familiares não sejam objeto do registro fotográfico, também têm espaço garantido nas páginas dos álbuns (não podendo se olvidar que possa ter existido um vínculo mais próximo da família Essenfelder com essas duas pianistas em questão).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O álbum de fotos surgiu quase que concomitantemente ao advento da fotografia e, portanto, já nesse primeiro momento de popularização desta ocorreu uma disseminação de álbuns de conteúdos variados. Os álbuns se popularizaram também na esfera familiar e passaram a fazer parte da vida de muitas famílias, razão pela qual podem ser encontrados hoje também nos acervos dos Museus e instituições públicas de guarda.

Especialmente no âmbito familiar, o álbum de fotografia passa a ser um objeto constante nas casas e circula principalmente nas salas de visitas, onde ficam expostos e servem, com os demais objetos, como forma de afirmação do status da família. Esse objeto se consagra, então, como um espaço de conservação da memória da família, com características distintas de outros documentos preservados com o mesmo fim.

Em Curitiba, não foi diferente. Através da pesquisa foi possível observar que a fotografia estava presente na cidade desde a segunda metade do século XIX e, principalmente, no início do século XX, já era possível verificar a produção de imagens por profissionais e também por amadores. Do mesmo modo e do que foi possível constatar, verificou-se que os álbuns de fotografia já estavam sendo comercializados na cidade em 1901. Em paralelo à modernização da cidade, no ambiente privado, os aparelhos como as câmeras eram cobiçados e, como restou demonstrado, resultaram na produção de imagens que chegaram aos acervos públicos.

O acervo do tradicional Museu Paranaense inclui exemplares que comprovam o acondicionamento dos registros fotográficos feitos pela família e para a família (na hipótese das fotografias feitas por profissionais) em álbuns já a partir da segunda metade do século XIX. Contudo, por conta do recorte temporal adotado nesta pesquisa, o trabalho se concentrou em três álbuns de fotografia de família do acervo do referido Museu, cujas imagens foram produzidas entre 1908 e 1947 pelas famílias Hatschbach, Mueller e Essenfelder, tendo sido o material doado por Luci Berta Hatschbach. Um Museu, três álbuns, três famílias, uma doação. Este material doado ao Museu Paranaense foi o ponto de partida e também o fio condutor para análise das 473 fotografias dispostas ao longo das páginas dos álbuns em questão.

A doação feita por Luci Berta Hatschbach permitiu observar o que essa singela, mas significativa amostra de famílias curitibanas costumava arquivar em seus álbuns e quais os temas que privilegiaram registrar, assim como de que modo a fotografia circulou entre as

famílias e como se deu a caminhada deste material até sua entrada em uma instituição de guarda, o Museu.

O debruçar sobre os álbuns partiu, em um primeiro momento, da reflexão sobre a narrativa histórica fotográfica, pois, diferentemente de álbuns de família que circulam no ambiente privado, os ora estudados, pertencentes a um acervo público, ali foram depositados sem a bagagem que parece ser a eles inerente, qual seja, aquele arcabouço de histórias que são transmitidas pela família cada vez que o álbum é folheado.

Nesse sentido, a proposta de narrativa visual de Peter Burke auxiliou na leitura dos álbuns, não apenas na proposição de que os leitores das imagens hoje vivem em uma cultura diferente daquela na qual as imagens foram produzidas, mas também ao destacar que as imagens reproduzem fórmulas visuais, e que os temas representados oferecem evidências dos fatos contatos.

Um número reduzido de legendas, ora constando indicação de local, ora de data, ou ainda, fazendo referência a nomes sem maiores detalhes, exigiu a busca de ferramentas para promoção da leitura dessa narrativa fotográfica exposta nos álbuns. Dentre estas, e também com auxílio de Burke, constatou-se que, inclusive pelas peculiaridades dos álbuns, a leitura só seria possível a partir do conjunto de todas as fotografias contidas nos álbuns. Este caminho contribuiu, então, para leitura inicial dos três álbuns analisados, especialmente nessa busca por evidências a partir do conjunto das imagens.

O caráter teatralizante da fotografia se faz presente também, e em grande medida, na fotografia de família orientando a percepção de que a família se vale dos padrões de representação vigentes para criar certa imagem de seu grupo, idealizado, bem sucedido, feliz, podendo não representar exatamente a família tal qual como foi naquele tempo e espaço congelados na imagem cuidadosamente arquivada no álbum. O alertado por François Soulage para quem toda a fotografia seria teatralizante, assim como o apontamento feito por Miriam Moreira Leite de que existe uma uniformidade nos retratos de família, direcionam no sentido de que o conjunto de imagens acondicionadas nos álbuns quer transmitir um retrato teatralizado da família feliz.

Especialmente a partir dos retratos contidos nos três álbuns, foi possível observar a reprodução dos padrões de representação, inclusive se valendo dos padrões utilizados pelos pintores. Tais padrões estão presentes também nas imagens produzidas pelos próprios agentes familiares quando se observa a direção feita pelo fotógrafo diante do fotografado. Essas imagens, chamadas negociadas, nas palavras de Sérgio Miceli, indicam um verdadeiro projeto integrado visando afirmação e projeção social do retrato.

Os álbuns, portanto, são igualmente produzidos para transmitir uma determinada imagem da família, não necessariamente a família tal qual foi naquele tempo e espaço fotografado (já que muito pouco ou quase nada de prováveis problemas e perdas aparecem ao longo das páginas dos álbuns). A fotografia de família encontrada nos álbuns, desse modo, assim como as demais, não é neutra e está carregada de uma bagagem cultural, de técnicas e práticas historicamente determinadas, além de permitir uma visão muito particular de dada família (trazendo o discurso do autor para o tema ora tratado), fornece ao observador/leitor/espectador uma experiência muito mais abrangente do que a simples constatação de que “isso foi”.

Ainda em relação à narrativa fotográfica nos álbuns, esta possui uma lógica própria e seus elementos foram observados ao longo dos três exemplares aqui estudados. No presente trabalho se deu especial atenção, em razão da peculiaridade do álbum de família, às figuras do narrador, do leitor/espectador, dos protagonistas das imagens e também do guardião e da instituição pública de guarda. Todas essas figuras influenciam no produto final resultante do agrupamento de fotografias em um álbum.

O arranjo das fotografias possui um ritmo impulsionado pelas micronarrativas que são entabuladas a cada página, ou mais de uma, como visto ao longo do trabalho, de modo que a leitura se faz a através do “salto”, como propôs Armando Silva, para quem o observador/leitor/espectador salta de uma foto para outra para absorver o conteúdo transmitido no todo pelo álbum.

É nas páginas iniciais que o narrador deixa pistas sobre os elementos que compõem sua narrativa fotográfica. Não existe uma regra, um padrão que permita extrair prontamente quem montou o álbum, a quais entes da família especificamente se dedica etc. No entanto, é possível verificar — mesmo em se tratando de um objeto pessoal, em que talvez não houvesse a necessidade de deixar transparecer qualquer um desses elementos —, a preocupação do narrador, presente em todos os três álbuns, em indicar, de alguma forma, o rumo da narrativa a ser lida nas páginas subsequentes.

A figura do guardião recebeu atenção especial porque é aquele que por um período de tempo mantém o álbum de fotografia de família sob sua guarda (um membro da família ou até mesmo um terceiro), podendo, inclusive, ser responsável por reescrever a história do grupo familiar. Por fim, a instituição de guarda que eventualmente incorpora ao seu acervo álbuns de fotografia de família também consiste em figura importante para leitura desses textos visuais, pois os protocolos de aquisição podem influenciar sobremaneira a leitura.

Na hipótese específica dessa pesquisa foi possível observar a importância, quando possível, de se coletar dados a respeito dos objetos doados com o doador dos objetos recebidos pelo Museu. Essa coleta de dados não apenas permite conhecer o caminho feito pelo objeto até seu depósito em uma instituição de guarda, como também auxilia na compreensão e resgate de informações sobre a história do objeto, e, no caso específico dos álbuns, sobre o conteúdo das imagens neles constantes.

Esse objeto, álbum, como se viu, não deixa de ser uma coleção. É possível dizer que o álbum de fotografias pode ser duplamente enquadrado como uma coleção: a) primeiro porque as fotos arranjadas ao longo das páginas dos álbuns são fruto desse ato próprio do narrador de produzir, editar, organizar e cuidadosamente reunir as fotografias em um suporte próprio, colecionando imagens que considera relevantes para comporem sua coleção, ou seja, consiste em um suporte que condiciona uma coleção de fotografias e b) segundo porque o álbum pode fazer parte de uma coleção de álbuns, possuindo cada álbum uma coleção de fotografias que conversem ou não entre si ou, como já mencionado, abrigando ainda outras coleções, cartões postais etc.

As duas hipóteses referidas são importantes porque reforçam a necessidade de que o conjunto de fotografias disposto no álbum seja mantido e analisado em conjunto. É da essência desse objeto, portanto, que tudo que ele condiciona seja visto no todo.

Essa coleção de fotografias contidas em um álbum também corresponde a uma das maneiras de se arquivar a própria vida, selecionando aquilo considerado passível de ser guardado para ser lembrado em um momento futuro, o arquivamento é submetido a uma série de filtros durante sua existência, daí a relevância de se tentar resgatar o caminho percorrido pelo álbum desde sua circulação na esfera privada até a esfera pública.

Com base no pensamento de Philippe Ariès, pode-se afirmar que arquivar a própria vida indica que não arquivamos nossas vidas aleatoriamente, não arquivamos todos os documentos e fotografias, fazemos escolhas, manipulando aquilo que se pretende deixar para a posteridade. As pessoas omitem, rasuram, riscam, sublinham e destacam algumas passagens de suas vidas em detrimento de outras. Todas essas ações são filtros, filtros que importam e refletem na leitura que o álbum oferta. O narrador, o guardião, a instituição pública que recebe um álbum, portanto, todos são figuras que não podem ser ignoradas. Ainda, os personagens retratados, mesmo que não possam ser todos reconhecidos, fazem parte dessa grande representação da família que, via de regra, busca retratar e contar, como já referido, momentos felizes em detrimento de possíveis perdas ou infelicidades.

Para o leitor/espectador, a densidade da história narrada depende do lugar em que se encontra. É mais detalhada enquanto o álbum permanece no ambiente privado e mais dependente de uma leitura crítica quando o álbum já migrou para um ambiente público de guarda. O espectador tem a leitura do texto visual permeada por uma série de fatores que não podem ser desconsiderados e que influem diretamente nesse processo da narrativa fotográfica.

No caso específico desta pesquisa, a recepção das fotografias contidas no álbum pelo leitor/espectador/observador se percebe de forma ainda mais distante de seu objeto inicial. A razão é, justamente, por se tratarem de álbuns que migraram do ambiente privado familiar para um acervo público. Assim, para além do fator tempo, que infelizmente acaba por não apenas deteriorar o suporte e as fotografias, igualmente consiste em um problema para leitura dos álbuns o grande número de informações adicionais que se perde ao longo do trajeto casa/arquivo privado-Museu/arquivo público.

Em verdade, esse leitor/espectador de um álbum de fotografia de família estabelece uma relação diferente com a fotografia, considerando o lugar que ocupa (se promove a leitura ainda com o álbum no seio da família ou em uma instituição pública) e a distância que o separa do narrador e do momento em que a narrativa foi feita. Essa distância, portanto, pode favorecer ou comprometer a leitura de um álbum. Daí a importância, como se procurou demonstrar, de se pensar o leitor/espectador e da necessidade dele em ter acesso ao todo do álbum quando se oferta ver um álbum de fotografia de família em um espaço público, distante do ambiente privado para o qual foi inicialmente pensado, já que muitos são os fatores que importam na sua recepção/leitura.

Tal proposição pode ser exemplificada a partir das próprias imagens contidas nos álbuns objeto desta pesquisa, que até então, na instituição de guarda, tinham sido utilizadas de maneira isolada para ilustrar ao menos uma exposição temática (uma foto de Gaston Mueller de bicicleta ilustrou uma exposição do Museu sobre brinquedos, embora não tenha sido possível localizar imagens dessa exposição). Talvez até aquele momento, para os espectadores dentro deste novo local de guarda, fosse essa a única possibilidade de leitura (de tomada de imagens isoladas a partir de temas específicos). A presente pesquisa, com a promoção da leitura a partir de outra perspectiva, com base no conjunto das imagens contidas no álbum, demonstrou uma narrativa mais reveladora dos álbuns de fotografia da família.

Ainda, para a hipótese de um álbum pertencente a um acervo público, uma chave de leitura efetiva pode ser a adotada nesta pesquisa, extraída da metodologia proposta por Zita Rosane Possamai em sua tese doutoral (2005). Possamai identificou padrões temático-visuais que apontaram para uma visualidade particular da cidade objeto dos álbuns que analisou —

Porto Alegre. A grade interpretativa adotada por Possamai, a partir da desenvolvida por Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (1997), utiliza os chamados “descritores icônicos”, que se referem aos aspectos figurativos constantes nas imagens (2005, p. 207).

A leitura dos álbuns, portanto, foi feita a partir da aplicação das categorias dos seguintes descritores: local, temporalidade (se as fotografias foram feitas em período diurno ou noturno), ambiente (se feitas em ambiente externo ou interno), estruturas arquiteturais (se feitas na residência das famílias, em espaço urbano, rural, comercial, industrial, no litoral ou, ainda, em um estúdio fotográfico), elementos móveis/gênero/etário (fotos de homens, mulheres, crianças, idosos) e elementos móveis/personagens (quanto a quantidade de pessoas nas imagens, retratos individuais, casais ou grupos).

Para a presente pesquisa, a aplicação da grade com os descritores icônicos se mostrou suficiente para analisar, em razão do curto espaço temporal para realização desta, quais seriam os temas prevalentes que aparecem nas páginas dos três álbuns ora analisados, bem como o tipo de visualidade que essas famílias consolidaram em seus álbuns de fotografia (foi feita a verificação de cada uma das categorias apontadas em cada uma das 473 fotografias).

Demonstrou-se, na pesquisa, de modo objetivo, que os fatos registrados através das fotografias correspondem a poucos, mas certamente, porque incluídos no álbum, significativos momentos vividos pelas famílias estudadas. Da análise das fontes se constatou que entre 1929 e 1947 os Hatschbach reuniram em seu álbum 281 fotografias, já os Mueller, entre 1908 e 1919, incluíram em seu álbum 125 fotografias, enquanto que os Essenfelder, entre 1932 e 1937, reuniram 67 fotografias em seu álbum.

Os três álbuns objeto desta pesquisa, foram doados por Luci Berta Hatschbach que direcionou ao Museu álbuns de fotografia herdados de sua família e, também, da família de seu ex-esposo, ou seja, o conjunto de álbuns apresenta fotos de três famílias distintas (Hatschbach, Mueller e Essenfelder), todas de origem europeia (vindas do antigo império Austro-húngaro, da Suíça e da Alemanha, respectivamente) e, quando da confecção do álbum, já se encontravam estabelecidas em Curitiba.

O percurso feito pelos álbuns até a incorporação ao acervo do Museu Paranaense mereceu atenção justamente pela peculiaridade da doadora ter também ficado na guarda de álbuns que pertenceram à família de seu ex-marido; a bagagem de informações transferida para o Museu a respeito de cada um dos álbuns é, desse modo, bem distinta. Se para as imagens contidas no álbum dos Hatschbach, as lembranças da doadora já escapam em razão

do decurso do tempo, no tocante aos álbuns dos Mueller e dos Essenfelder, as informações se tornam ainda mais escassas e, portanto, uma reconstituição de todos os fatos ali narrados e a identificação de todos os personagens contidos nas fotografias não foi possível.

O álbum da família Hatschbach, montado pelo pai da doadora, Erwin Hatschbach, está organizado em micronarrativas que contam a história de sua família, abordando momentos da vida de solteiro de Erwin, momentos que antecederam seu casamento, noivado e, ainda, sua vida de casado, com fotografias dos passeios com as filhas já um pouco crescidas. Entre outras constatações, observou-se que das 281 fotografias que compõem o álbum, 250 foram feitas em ambiente externo, sendo 125 fotografias de viagens e 74 de passeios.

Por sua vez, o álbum da família Mueller tem como narradora Helene Mueller. Com registros variados do cotidiano familiar – são 96 das 125 fotos – ela percorre o período de nascimento de seus dois filhos (Gaston e Lilianne), além de dar ênfase aos negócios da família, indicando a necessidade de se registrar o patrimônio amealhado.

Já no álbum dos Essenfelder, cuja narradora não foi possível identificar com precisão, prevalecem fotos que indicam o crescimento das crianças da família, as viagens, sempre com destaque para o patrimônio e condição econômica privilegiada. Mesmo com uma narrativa mais simplificada, o álbum se mostrou relevante por também apontar o momento em que as relações entabuladas entre as famílias Mueller e Essenfelder se consolidam, com a relação de Gaston Mueller e Cecília Essenfelder, pais de Rubens, ex-esposo da doadora Luci Hatschbach.

Diante de tal quadro, a utilização dos descritores icônicos nessa busca pelos temas prevalentes foi fundamental para constatação, em conjunto com a observação da circulação da fotografia em Curitiba no período estudado, de que a fotografia amadora produzida entre as famílias cujos álbuns hoje fazem parte do acervo do Museu Paranaense, estava mais próxima das famílias economicamente abastadas.

Seja pela quantidade de viagens de passeios feitos pelos Hatschbach, seja porque se extrai do álbum que a família possuía casa em bairro nobre da Capital, casa na praia, sítio, carro; seja pelos retratos exibindo carros e viagem de avião como no álbum dos Essenfelder; seja pelo registro das mulheres que prestavam serviço na casa dos Mueller (há no álbum uma foto da governanta e fotos da babá em seus uniformes), além das ricas casas de familiares registradas ao longo das páginas; os presentes álbuns sedimentam a memória de famílias mais abastadas.

Transmitia-se, assim, um modo de vida de bastante êxito, quer pelo apontamento dos bens imóveis, móveis, pela grande circulação em viagens e passeios; quer pela clara felicidade

com os registros que dão conta da chegada dos novos membros (herdeiros) de toda essa “felicidade” estampada nas páginas dos álbuns. Todavia, esse modo de vida estampado nas fotografias dos álbuns conflitava com a realidade da cidade de Curitiba, principalmente no início do século XX, onde a pobreza, o desemprego, a falta de moradia e a insalubridade estavam presentes.

Desse modo, os temas identificados como prevalentes nos registros feitos pelas três famílias curitibanas em questão são oito: viagens, passeios, piqueniques, fotos em ambiente doméstico, fotografias destacando bens imóveis, bens móveis, além de retratos em estúdio e fotografias de paisagens e vistas. Os temas identificados ampliam um pouco mais (ainda que isso possa ser um reflexo das condições econômicas das famílias ora estudadas) o leque da temática identificada por Miriam Moreira Leite na São Paulo de 1890-1930 (quando apontou que os momentos mais retratados eram o casamento, os casais, mães e filhos menores, idade da mulher, família, classe escolar e piqueniques).

Então, os temas identificados como os preferencialmente retratáveis para o grupo das três famílias estudadas indicam práticas sociais compatíveis com esse modo de vida que destaca o patrimônio e o poder aquisitivo significativo para desfrutar de viagens como as registradas, por exemplo. O que corrobora a afirmação de Leite de que o álbum de família seria um registro da classe média e alta (2000, p. 75).

Foi ainda possível observar que já em uma amostra como a deste trabalho (de três álbuns, 473 fotografias) se verificaram presentes exceções às afirmativas de que os álbuns de família eram produzidos pelas mulheres e que seguiriam uma ordem narrativa cronológica crescente, pois restou demonstrado que o álbum da família Hatschbach foi confeccionado por Erwin e que a leitura exige passadas largas entre as páginas em razão da narrativa não usar a tradicional sequência cronológica. Assim, restou demonstrada a necessidade da leitura do álbum como um todo, pois só a análise deste todo permitiu a extração dos dados garantidores dos apontamentos das exceções identificadas.

Importante também salientar que restou demonstrado que a narrativa encontrada nos álbuns também é seletiva. A partir das proposições de Andreas Huyssen se verificou que “o esquecimento, em sua mistura com a memória, é crucial para o conflito e a resolução nas narrativas que compõem nossa vida pública e nossa vida íntima” (2014, p. 158). Em verdade, a apresentação final contida em álbum de fotografias, mais do que uma síntese de dado momento, ou de pequenos momentos de certa família, é produto de uma decisão deliberada em deixar de fora momentos de perda, de tristeza, de insucesso. Porém, como visto em Huyssen, não significa que momentos como estes últimos não existiram.

É possível dizer que, com base na pesquisa realizada, tal como apontado por Walter Benjamin no texto no qual se refere a sua coleção de livros, e ao menos no que toca à doadora Luci, os álbuns objeto desta pesquisa encontram seu local definitivo, cerrados em seu “círculo mágico”, dentro do acervo do Museu Paranaense. De acordo com Luci, como já visto, qual seria a razão de deixar tais objetos dentro de casa se estes estariam melhor conservados no Museu?

Os filtros pelos quais os álbuns ora estudados passaram foram muitos, como se observou ao longo da pesquisa. Porém, levando-se em conta todas as peculiaridades que esse objeto/veículo carrega, restou apontada, com este trabalho, uma chave de leitura que pode, inclusive, avançar em razão da quantidade de fotografias contidas apenas nesses três álbuns, permitindo o aprofundamento em diversas direções (e, também, vislumbrando a existência de outros tantos álbuns no acervo do Museu Paranaense — e outros — que ainda podem ser objeto de estudo, ampliando a proposta desta pesquisa).

A experiência com a pesquisa de mestrado resultou na constatação de que o avançar da leitura bibliográfica específica (e da bibliografia utilizada ao longo do cumprimento dos créditos do mestrado) e da pesquisa no trato direto com as fontes, indicaram outros tantos caminhos para continuidade dos estudos. Tal constatação só ratifica a opinião desta pesquisadora para quem o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento só pode trazer resultados positivos. Em particular sobre o trabalho com esses três álbuns, a expectativa é a de que pesquisa possa de alguma forma contribuir para despertar o interesse pelo acervo do Museu, especialmente o acervo fotográfico.

## REFERÊNCIAS

**A NOTÍCIA.** Ano II, nº 211, 13 jul. 1906, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XV, nº 4, 6 jan. 1900, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XV, nº 73, 1º abr. 1900, p.3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XV, nº 182, 18 ago. 1900, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XV, nº 266, 29 nov. 1900, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XV, nº 283, 21 dez. 1900, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVI, nº 19, 23 jan. 1901, p.3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVI, nº 20, 24 jan. 1901, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVI, nº 128, 5 jan. 1901, p. 2 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVI, nº 292, 27 dez. 1901, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVII, nº 16, 21 jan. 1902, p.1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA.** Ano XVIII, nº 107, 14 mai. 1903, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA**. Ano XVIII, nº 271, 15 nov. 1905, p.2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA**. Ano XXIX, nº 261, 6 nov. 1914, p.2-3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

**A REPÚBLICA**. Ano XLV, nº 13, 16 jan. 1930, p.4. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

AGAMBEN, Giorgio. **Ninfas**. São Paulo: Hedra, 2012.

ÁLBUM MP 8981. Curitiba, 1932-1937. Acervo Museu Paranaense.

ÁLBUM MP 8983. Curitiba, 1908-1919. Acervo Museu Paranaense.

ÁLBUM MP 8990. Curitiba, 1928-1947. Acervo Museu Paranaense.

**ALMANACH DO PARANÁ**, Ano XI, Annibal Rocha & Comp. 1908. p.230. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2017.

ARRIGUCCI JR., Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal da Psicanálise**. v. 31, n. 57, São Paulo, p. 9-41, set. 1998.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, n. 21, 1998, pp. 9-32.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. I. 8. ed. rev. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012a.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. v. II. 6. ed. rev. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012b.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 3. ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BORGES, Paulo Humberto Porto. Testemunhal e fotojornalística: a narrativa fotográfica brasileira. **Revista Científica/FAP**. Curitiba, v. 4, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Un arte medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2003.

BRANDO, Daniele Cavaliere Brando; MEREGE, Ana Lúcia. Arquivos privados na biblioteca nacional. **Revista do arquivo público mineiro**, 2009, p. 58-71.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru: Editora EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BUSNARDO, Larissa Guedes. **Fotografias pictóricas, pinturas fotográficas: a circulação de imagens em Curitiba (1881-1918)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57643>. Acesso em: 24 jan. 2019.

CADERNO MP 8921. 1920. Acervo Museu Paranaense.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do arquivo público mineiro**, 2009, p. 26-39.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico Nacional e Artístico Nacional**. n. 23, p. 95-115, 1994.

CARAFFA, Costanza. From 'photo libraries' to 'photo archives': on the epistemological potencial of art-historical photo collections. In: \_\_\_\_ (Org.). **Photo archives and the photographic memory of art history**. Berlin, München: Deutscher Kunstverlag, 2011.

CARNEIRO, Cíntia Braga. **O museu paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba, SAMP – Sociedade dos Amigos do Museu Paranaense, 2013.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Editora Fapesp, 2008.

CARTA DE AVERBAÇÃO DE DOAÇÃO MP 8895. Curitiba, 1936. Acervo Museu Paranaense.

CIAVATTA, Maria. **O mundo da fotografia em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

COSTA, Helouise. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 16. n. 2. jul./dez. 2008, p. 131-137.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 14. ed. Campinas: Editora Papirus, 2012.

ESCRITURA COMPRA E VENDA MP 8889. Curitiba, 1986 Acervo Museu Paranaense.

FABRIS, Ana Teresa. **Identidades virtuais**: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FABRIS, Ana Teresa (Org.). **Fotografia**: usos e funções no século XIX. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FANTOCHE MP 14140. Acervo Museu Paranaense.

FANTOCHE MP 14141. Acervo Museu Paranaense.

FANTOCHE MP 14142. Acervo Museu Paranaense.

FANTOCHE MP 14143. Acervo Museu Paranaense.

FANTOCHE MP 14144. Acervo Museu Paranaense.

FERNANDES, Manuel Luís Bogalheiro Rocha. A fotomontagem no século XIX: da mecânica à narratologia. **Revista Rhêtorikê**. Covilhã/Portugal: n. 4, mai. 2012, p. 37-76.

FIGUEIREDO, Stela Horta; MOSCIARO, Maria Clara; SILVA, Ivy da. Conservação da coleção de álbuns fotográficos do Museu da Imagem e do Som de Goiás. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./jun. 2007. p. 281-302

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FOTOGRAFIA MP 9032. Curitiba, s/ data. Acervo Museu Paranaense.

FOTOGRAFIA MP 9020. s/ data. Acervo Museu Paranaense.

FOTOGRAFIA MP 9021. s/ data. Acervo Museu Paranaense.

FOTOGRAFIA MP 9001. Santos, 1947. Acervo Museu Paranaense.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 34, jul./dez. 2004. p. 3-21

GOMBRICH, Ernst Hans. **História da arte**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora, 2007.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de história**: o trabalho com fontes. Curitiba: Editora Aymará Educação, 2012.

HACKING, Juliet (Ed.). **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HATSCHBACH, Fernando (Org). História da Família Hatschbach. Curitiba, 1997, não publicado.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014.

**ILUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Ano VII, nº 1. Curitiba, 1933, p. 19. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <ndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

JÚNIOR, Cláudio de Sá Machado. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2012.

KYRMSE, Ronald (Org). Memórias: Rodolpho Hatschbach. São Paulo, 1997 (rev. 2018), não publicado.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Editor Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed., São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. **Hercule Florence – a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

LACERDA, Aline Lopes de. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, jan/dez 1993. p. 41-54

LE GOFF, Jacques. Memória. In **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 2. ed. rev., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LIMA, Solange Ferraz de. Espaços projetados: as representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século. **Revista Acervo**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, jan/dez 1993. p. 99-110

LIMA, Solange Ferraz de. A41 breve história de um armário de docões e suas implicações. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 61, jul./dez. 2014, Editora UFPR. p. 155-175

LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo.** Álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas: Editora Mercado das Letras, 1997.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassnezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Editora Contexto: 2013, p. 29-60.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes:** ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora Eduff, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Tramas do tempo:** fotografia como suporte de experiências e memórias, 2007. Disponível em [http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/tramas\\_tempo.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/tramas_tempo.pdf). Acesso em: 25.06.2016.

MELENDI, Maria Angélica. Bibliotheca ou das possíveis estratégias da memória. In: Rennó, Rosângela. **Rosângela Rennó:** o arquivo universal e outros arquivos. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2003, p. 23-35.

MELLO, Esther Essenfelder Cunha. **A história dos pianos Essenfelder.** Curitiba, 1982.

MICELI, Sergio. **Imagens negociadas:** retratos da elite brasileira (1920-1940). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento: uma instigação à leitura. **Revista Acervo.** Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, jan/dez 1993. p. 121-132.

**O DIA.** Ano XV, nº 4415, 15 dez. 1937, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital](http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital)>.

**O DIA.** Ano XVIII, nº 5348, 7 jan. 1941, p. 4. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital](http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital)>.

**O ESTADO.** Ano II, nº 423, 28 já. 1938, p. 3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital](http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital)>.

OLIVEIRA, Valter Gomes dos Santos de. Páginas de lembranças: uma análise de álbuns de famílias nos sertões baianos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.2, n.2, 2013. Disponível em: [ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4104](https://ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4104). Acesso em: 25 jun. 2016.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **O espetáculo dos maquinismos modernos – Curitiba na virada do século XIX ao XX**. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2002.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. 2005. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5251>. Acesso em: 24 jan. 2019.

POSSAMAI, Zita Rosane. Ensaio de um olhar moderno: imagens fotográficas no álbum Porto Alegre de Virgílio Calegari. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, nº 7, 2013. Disponível em: [projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewArticle/331](http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewArticle/331). Data de acesso: 17 ago. 2018.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In Enciclopédia Einaudi. v. 1. **Memória e História**. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

QUINTAS, Georgia. Os álbuns de família em Pernambuco: relíquia da memória visual e filtro da cultura. **Sudium**, Campinas, n. 37, set. 2015. p. 4-30

RENNÓ, Rosângela. **Menos-valia [leilão]**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In:

SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

SCHIMIDT, Priscila Amaral. **Retratos de crianças em Curitiba** (final do século XIX e início do XX). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais). 2016. Universidade Estadual do Paraná, Faculdade de Artes do Paraná.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

SIMÃO, Giovana Terezinha. **Fanny Paul Volk**: pioneira na fotografia de estúdio em Curitiba. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25985>. Acesso em: 24 jan. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX**. São Paulo: Editora Metalivros, 2000.

VOLK. **Fotografia MP 9026**. Curitiba, s/ data. Acervo Museu Paranaense.

## APÊNDICES

### APENDICE 1 - TRANSCRIÇÃO DE FAIXA DE ÁUDIO

Data: 05/05/2015

Loca: Museu Paranaense

T: Tatiana Takatuzi (entrevistadora, historiadora do Museu Paranaense)

M: Marta Morales (entrevistadora, historiadora, colaboradora no Museu Paranaense)

L: Luci Berta Hatschbach (entrevistada)

T: Seu?

L: meu avô... O Albino Hatschbach

T: Albino Hatschbach...

L: mas, não é o sobrinho...

T: Ah, é...

L: Imagina, naquela época... botar num navio? Com 9 anos...

T: foi esse navio aqui...

L: esse aqui foi com a minha avó...

T: ah é? [Inaudível]

L: isso aqui não é dele... porque... bem pode ter sido...

T: aham...

L: olha, 20 e pouco... É, né? 1924...

T: aham... 1924...

L: aqui é com a minha avó...

T: sei, sei... então, aqui tem alguns documentos... a gente achou interessante... uma coleção de cédulas...

L: ah...

T: essas daqui... a quem pertencia essa coleção?

L: essa é desse meu avô...

T: esse avô?

L: Albino Hatschbach... talvez até do pai dele.... Adolfo Hatschbach...

T: ah é?

L: porque eles foram... esse avô era muito doido... ele foi acho que 24 vezes pra Alemanha e voltou... porque ele ficava aqui e aí não queria mais... daí ele ficava um tempo e voltava... eles foram antes da Primeira Guerra Mundial... Estourou a guerra e eles tinham alugado um apartamento em Hamburgo... acabaram comprando um que tinha sido do Consul alemão... e só puderam voltar quando acabou a guerra...

T: sim...

L: eu acho que é dessa época que vem as cédulas...

T: isso foi no começo do...

L: foi... acho que foi logo no começo da Primeira Guerra Mundial...

T: 20... Depois da Primeira Guerra...

L: era... uma miséria muito grande lá...

T: tem muitas cédulas que era do período da hiperinflação... cédulas feitas de emergência que eles falam... Cédulas feitas no período da primeira guerra... e daí, acho que como aqui no Brasil... se colecionava muitas cédulas...

L: como meu avô estava estudando foi e ficou... então, eu não consigo assim... encaixar muito bem...

T: mas, de coleção que a gente conseguiu identificar... além das cédulas, tem aqueles botons, eles não estão aqui...

L: sim...

T: tem vários botons...

L: de políticos?

T: isso...

L: isso já era coisa minha...

T: ah é?

L: da adolescência... assim, era moda...

T: sei.... Foi mais da sua parte então?

L: não é tão antigo... se bem que eu já sou velhinha também... Não é tão novo...

T: e esses convites aqui no caso? São cartões postais?

L: Albino Hatschbach... que é o meu avô...

T: sim, sim...

L: Rua Riachuelo é onde era a fábrica de calçados dele... hoje dia tem a construção, mas não tem mais...

T: numa das viagens pra Alemanha, né? ...

L: alguém mandou de lá... que a gente quase não tinha... a gente não consegue decifrar a letra deles, né? Tias não sei o que aqui...

T: além desses tem uns interessantes aqui... que são acho... cardápio de navio [inaudível]

L: das viagens de navio...

T: sim, sim... tem uma coleção bem grande aqui... em cardápio de navio...

L: é, que tem...

T: esse aqui provavelmente todos esses pertenceram a seu avô?

L: todos esses pertenceram a meu avô...

T: certo... esses aqui...

L: tão lindo, né?

T: muito bem preservado... vários a gente conseguiu identificar, menos...

L: então, você veja... São várias viagens... Esse 1907

T: 1907... Sim...

L: eu precisava pegar a relação que tenho referente de quando que nasceram... pra identificar que idade ele tinha... É interessante...

M: Você tem árvore genealógica?

L: a família foi anotando, né? A gente tem um livro.... Até emprestei para um cara e ele detonou, perdeu...

T: e o nome da sua avó? Como que era?

L: Dessa aqui?

T: é...

L: [hipótese/inaudível] Hedwig Garmatter Hatschbach

T: ah, sim...

L: era irmã do dessa casa.... Esse aqui eu acho que não era do lado... esse aqui é do lado do meu marido... daí tem aqui.... Nome e sobrenome...

T: esse aqui é [hipótese/inaudível sobrenome] Halfmann... Halfmann... não... Gustavo... [Hipótese/inaudível]...

L: onde é que você tá vendo isso?

T: Gust... [hipótese/inaudível]

L: ah, é padrinho... Esse aqui é nome de família..

T: nome de família...

L: Gastão era meu sogro... o que que tá escrito aqui? Ah, protestante... religião...

T: ah, protestante...

- L: Curitiba, mas não tem data, né?  
T: não tem data...  
L: olha, aqui é o pai dele... Não, o pai dele não... o avô dele...  
T: então poderia... esse caderno de família então é da família do seu marido?  
L: aham, da família do meu marido...  
T: mas o nome do seu marido tem aqui?  
L: não... Não, não registraram nem no Consulado Suíço... podia ter hoje em dia cidadania suíça, mas... olha, na primeira folha não fizeram nada...  
T: pois é... mais nada...  
L: não...  
T: então, esses aqui seriam os pais e os avós?  
L: sim... o pai dele...  
T: a mãe... Ana Mueller... isso?  
L: engraçado, porque Ana... que gozado, porque aqui Gastão é meu sogro...  
T: sim...  
L: não tem data também, mas era 09... qualquer coisa eu lembro... fevereiro... De 1909... mas aqui não tem, né? Que gozado... aqui Mueller e Ana... olha, sinceramente... Esse aí eu estou perdida. Olha aqui, 1843. Eu sei que o [nome inaudível] Mueller foi o que veio e fundou a fábrica Mueller alemão... olha aqui... morto em 1902...  
T: 1902...  
L: e aqui acho que Joana era a esposa dele...  
T: do?  
L: Aham... Aqui, olha... nascido na Suíça... 1846... e ela 43...  
T: e ela faleceu...  
L: em [hipótese] Varsóvia... Olha, 1898... Mas, aqui pra frente... Não fizeram mais nada...  
T: mas, é interessante os teus registros de família...  
L: é... Ao invés de jogar no lixo, né?  
T: cédulas, do período lá... provavelmente, pelo período, também são do seu avô...  
L: deixa eu dar uma olhadinha aqui... É também...  
M: esse aqui eu achei...  
L: isso é jornal do navio, né? Olha, 1808...  
T: do navio?  
L: aham... era um tipo de jornalzinho, assim... que falavam... ia ter de atividade... Eu acho que as pessoas em comentário, né?  
T: sim, sim... Eu estava imaginando outra coisa... que o jornal que alguém da família fez...  
L: não, isso aqui é de viagem de navio...  
T: de viagem do navio...  
[Inaudível]  
L: eu tenho um pouco de dificuldade de identificar essa letra gótica... é difícil de entender, né?  
T: e aqui tá escrito?  
L: eu acho que é Bier [hipótese] Zeitung.... Bier é cerveja e Zeitung é jornal... Dia 15 de fevereiro... 1908...  
T: muita coisa escrita...  
L: muita. Olha, alguém fez um desenho...  
T: esses desenhinhos aqui... devia ter sido mimeografado, né?  
L: devia ter sido... aquela época... Pra você ver, cada um é uma letra, né? Escrevia... e esse aqui já é dos companheiros de viagem... escreviam também... é uma pena jogar essas coisas fora, né?  
T: mas é interessante...

L: jornal de Fiesta...

T: com esses aqui acho que são todos jornais de navio, né? Ah... é que tem alguns que são iguais...

L: sim, é... que era do meu marido... Esses daqui são daquele... é... cadernos de anotação...

T: ah sim...

L: esses daí também são interessantes...

T: esse daqui? Seu pai?

L: meu pai...

T: é um nome.... Como que se escreve?

L: é [hipótese] Zig Hatschbach [descrição de nomes/inaudível] isso é brinquedo... porque sim... no tempo da guerra tinha... as pessoas recebiam, assim... como que posso dizer? O que podiam comer...

T: sei...

L: deixa eu ver como é que é... olha o vestido de verão...

T: ou razão...

L: tá certo, mas é roupa também... um vestido de verão, um vestido de inverno...

T: um par de sapato...

L: sim... dois pares de meia, uma calcinha, uma blusa, [inaudível] não lembro o que é... uma saia de baixo... [Substantivo alemão inaudível] seria bolsa...

M: e esse de quem que era provavelmente?

T: esse brinquedo? Brincou com...

L: esse já não foi brincado mais...

T: ah, não foi?

L: quando abriram aquela rua... acho que era a rua São Francisco... deixa eu pensar... como é que era o nome... sabe onde é que tem o [hipótese] Haupt/Hall?

T: Sim...

L: mas, foi tudo demolido ali.... Hoje em dia é negócio de feira de artesanato, né?

T: sim...

L: e tinha uma loja [nome de loja incompreensível] que foi famosíssima na época... eles tinham na rua XV... Nessas alturas do Carnaval já estava na rua São Francisco... Não, a rua São Francisco é mais pra cá... a do [hipótese] Haupt/Hall... eu passei por lá, a pé, e vi que estavam liquidando tudo e iam demolir aquela rua... Aí, eu catei assim... um monte de coisa... de boneca, mas isso era uma coisa muito antiga... que tem outros brinquedos que vieram juntos... Que você vê assim as roupas... São do começo do século passado...

T: sim...

L: isso também... do tempo de guerra é... isso de brinquedo...

T: traziam pra cá, vendiam ou revendiam...

L: ah, sim... Isso aqui... Leben é de vida... cartão de... Não sei nem como traduzir isso... tem um nome...

T: e ele veio dessa forma?

L: veio dessa forma! As pessoas recebiam...

T: sim! Interessante... vamos continuar aqui...

L: tá o contrário... Deixa eu ver...

T: olha aqui fotografia...

L: fotografia... Fábrica lá de sapato...

T: ah, a fábrica...

L: Hatschbach & Cia...

T: essa que ficava na Riachuelo?

L: aham... era famosa...

T: existe ainda esse prédio?

L: existe...

T: existe ali na Riachuelo, né?

L: na esquina aqui tem... um assim... um canto que eles aumentaram... quando abriram a rua ali...

T: você sabe quando durou esse estabelecimento? A fábrica?

L: foi com meu bisavô...

T: teu bisavô fundou?

L: é... e depois meu avô trabalhou muitos anos ali... depois o último que ficou foi o Rodolfo Hatschbach...

T: também teve nome...

L: é, ficou todo mundo... ficou todo mundo com esse... e esse aqui, o que que é?

T: esse Rodolfo foi... deixa eu ver.... então acho que seu avô foi da Revolução Federalista... acho que sim...

L: ele tem uns escritos da Revolução Federalista...

M: em alemão?

L: tudo em alemão... tudo em alemão... olha aqui, os lugares que foi passado... Lisboa... tem umas coisas que não dá pra entender, né? Mas aqui eu acho que é Lisboa...

T: Recife...

L: Recife... Vitória...

T: Vitória...

L: Esse aqui Rio... conforme... deve ser um diário...

T: um diário de...

L: diversas recordações de viagem...

T: Então, o Albino era filho do Rodolfo?

L: também era filho do Rodolfo... e depois teve um Rodolfo irmão...

T: irmão...

L: um dos mais novos... olha, aqui vai dizendo: São Paulo, Paraná... vai guardando as coisas... que incrível, né? Infelizmente eu não consigo quase ler essa letra dele... tinha que pegar uma pessoa bem velha se quisessem...

T: vamos deixar aqui junto pra não perder a foto.... ah, esse aqui já foi... Esse...

L: esse aqui é do meu sogro também... eu vi que a avó dele deu pra ele, mas... Quando ele fez uns poucos anos... Eles eram lá do francês... o meu querido, muito querido...

[Inaudível]

T: ah, neto...

L: do Gastão... 3 pequenas recomendações de sentimento, eu acho... Não deseje jamais...

T: nossa, eu sou péssima no francês, acho que a Mari... entenda mais...

[Inaudível]

L: e assim vai, né? Ela dá uns conselhos pra ele... ah, foi o tio que deu... não é a vó....

T: ah, sim... sim...

L: [inaudível] Cesar... Daí eu vi que alguém... essa aqui era a mãe do meu sogro... Meu querido [inaudível] eu vi que algumas pessoas escreveram, mas depois parou...

T: seria um caderno assim?

L: é... eu tenho um da minha mãe, gente! É uma loucura...

T: de...

L: duas amigas...

T: caderno de recordação que falava, né?

L: tem da avó do Gustavo Fruet... tudo essa gente que hoje em dia...

T: escrevendo, falando...

L: muito lindo! Com letra maravilhosa, com fotografia... olha só... isso aqui eu acho que é uma licença da polícia...

T: sim... de... Hamburgo...

L: Hamburgo...

T: Albino, né?

L: aham! Isso aqui é 1890.

T: nossa...

L: tinha que ler isso... 1905...

T: e esse aqui? 23 de março...

L: é aniversário dele... ele nasceu no dia 23... de março...

T: isso aqui...

L: ah, isso aqui são as coisas de escola dele... coitadinho... mandaram ele sozinho pra Alemanha para estudar, com 9 anos...

T: aqui tem algumas plantas daí, né? De propriedade...

L: isso eu também passei pra vocês, né?

T: aham...

L: deixa eu ver de qual que é... isso aqui é da casa do meu pai. É o da Padre Ildefonso.

T: sim...

L: esse aqui é o nome da minha mãe, Jessie Bardal...

T: sim... Essa casa tem o endereço aqui, né?

L: tem...

T: pode...

L: perto da Igreja Santa Terezinha...

T: mas, tem outras plantas aqui também... essas aqui tranquilo, né? Tão tudo...

L: sim...

T: aqui não tem problema... É Jessie?

L: Jessie!

T: sua mãe então?

L: aham! Eu não sei se isso tem interesse... mas, afinal...

T: ah, tem outras escrituras aqui também... Compra e venda de... Ah, sim... Rodolfo...

L: é, Rodolfo [hipótese] "Arovelho"... Bisavô... Ah, da casa da praia...

T: mais ou menos sabendo quem são as pessoas, né...

L: é, aí você já vai... Facilita, né? Identifica, então... Jorge Maio é avô da Malu...

T: Malu... Albino, agora eu já sei o que é que é...

L: da Marinha... Isso aqui o que é que é?

T: é uma certidão... De terreno também... Isso aqui deve ser de um terreno lá do Litoral... Isso, aquilo olha: Milton Bardal...

L: Bardal... acho que esse era o nome da empresa do meu pai... Era sócio, né? Ele e o Milton Bardal... eles tinham uma fábrica onde é o Babilônia hoje... era uma metalúrgica... é a rua Riachuelo aqui...

T: aqui é da fábrica?

L: aham... Da fábrica do bisavô...

T: esse aqui tá tranquilo... antigamente eram bonitos... esse aqui acho que são todas plantas também... Propriedades e tudo... Sabendo identificar as pessoas fica mais fácil localizar as datas também... e...

L: local, né?

T: esse aqui acho que era a mesma... daquela...

L: isso era na casa dos meus pais... Isso mesmo...

T: isso aqui não vou pedir muito, acho que são mais as fotos...

L: só me fale...

T: aqui tem algumas coisas... tudo em alemão também...

L: Haus... Haus é casa... Ai, essa letra gótica é terrível... acho que é a mesma letra... interessante pra ver quem assinou... [inaudível] e Mueller, olha só... Essas cartas são da fábrica de... aqui também... tudo [inaudível] Junior... esse eu não sei quem é... mas é tudo história deles... essas cartas aqui... São da história do...

T: Rodolfo Mueller

L: Rodolfo era um... [hipótese] húngaro... mais um aqui sem data...

T: bom, isso aqui são as notas de costura e bordados... acho que também... É tranquilo...

L: interessante isso também...

T: bem interessante... Agora, o que quer... Aqui que a coisa vai pegar... Isso aqui é bem fácil...

L: lindinho, né?

T: então... deixa eu ver pelos nomes...

L: esse aqui da direita é [incompreensível/nome alemão masculino] Arvezic

T: e?

L: [incompreensível/nome alemão masculino] Rhes [inaudível]

T: o maior?

L: não, o maior é meu pai...

T: bem, vamos começar por aqui... Quem era?

L: esse aqui era da família Mueller... Deixa eu só dar uma olhadinha aqui... 24... Olha, essa aqui eu posso identificar... é Lilianne Hauer...

M: São fotos muito antigas também...

T: [hipótese] Hauer?

L: [hipótese] Hauer... aqui é tudo alemão... Uma salada... E todo mundo casado... Esse aqui eu acho que era o Gastão... e aqui era o [nome de local incompreensível] quando eu casei... eu fui morar nesse lugar aqui... Esse aqui é João... João Mueller... Essa aqui eu acho que era a esposa dele... não lembro o nome dela...

T: qual das duas? Essa aqui?

L: essa é mãe dessa daqui... Essas aqui são parentes... Mas eu não sei quem é... aqui deve ser o Gastão pequeno... aqui a Lili... chamava de Lili.

T: seria essa mesma aqui?

L: aham... Bem menorzinha...

M: eles eram irmãos?

L: irmãos... Gastão e Lilian... Hauer...

T: ela virou Hauer depois?

L: é...

T: ela casou, né? Deixa eu só colocar aqui...

M: como será que ela casou, a Lilianne?

L: a Lilianne? Com [hipótese] José Hauer... aqui também é... Gastão e a Lilianne... Olhando aqui é João...

T: aqui dá pra identificar...

L: São João da Graciosa...

T: São João da Graciosa...

L: aquela ponte lá embaixo...

T: 1925...

L: aqui de novo a Lilianne, Gastão... Aqui não dá para identificar... esse pançudo aqui eu acho que é o João...

T: pelo peso aqui eu acho que é... tem bigode... eu consigo identificar pelo bigode...

L: Gastão...

T: Lilianne...

L: aqui tá meio de lado...

T: isso aqui de certo é a mãe... você não sabe o nome?

L: eu sei o nome, mas não tem cara de ser ela não... ela era uma mulher muito bonita... eu sei que a Lilianne eu tô reconhecendo... aqui Lilianne de novo...

T: esse aqui será que é João?

L: não... será que é? Deixa eu enxergar... até pode ser mesmo...

T: aqui tem duas meninas...

L: essa é Lilianne, mas essa aqui eu não sei quem é... pode ser uma priminha, alguma coisa assim... João e... eu acho que é... eles eram uma família de muitos irmãos...

T: sim...

L: então eu acho que é difícil, as vezes, conseguir identificar...

T: Nosso sítio...

L: deve ser Serra abaixo...

T: Serra baixa?

L: Serra abaixo...

T: ah... Pensei que era o nome do lugar... deve ser Antonina, algum lugar...

L: acho que Antonina não... isso aqui eu acho que era o pinheiro do Dom Pedro... entre Quatro Barras...

T: é...

L: entre Quatro Barras e... eram os passeios deles... olha isso aqui! Vista Cavalcanti... Imagina? Como é que era... Que loucura... Tem uma fotografia que eu vou trazer pra vocês, não sei se... Querem... é desse tamanho assim... É um piquenique no meio da Estrada da Graciosa... Dois carros desses cobertos... estacionado...

T: sim...

L: e eles comendo... Eu ainda não descartei porque meu filho 'mãe, mas era do vô'... devagarinho... Olha, aqui é a Lilian de novo... Isso aqui é o Tanque do Bacacheri...

T: ah é?

L: isso aqui é...

T: então deixa eu colocar, se não vou esquecer... aqui tá em alemão, né?

L: tá... Só que eu não consigo entender o que que é isso aqui... tá meio apagado, né? Aqui é piquenique também... aqui também é o Tanque do Bacacheri... Ai, ai... identificar essa turma aqui não é fácil! Ali é a Lilianne... essa aqui era a mãe do Gastão Mueller... o gorducho do João tá ali... Aqui também, olha... Mas, eu não consigo ver e entender quem é... mas, é sempre dentro da família Mueller...

T: sim...

L: de novo... Acho que era lá no São João, eles tinham plantação... de banana... o que que eles mataram aqui?

T: capivara parece, né? Tão pequenininho, pode ser porco do mato. Pegando uma cobra...

L: onde que viu cobra?

T: aqui, olha...

L: ah, é...

T: podia ser no sitio também, né?

L: é... aqui, olha... plantação de banana, eles tinham... naquela região...

T: o sitio devia ser na... região do... São João...

L: por ali...

T: na Estrada da Graciosa mesmo...

L: aham...

T: nossa, quantos homens aqui...

L: aqui tem conhecidos... Lilianne é quem mais aparece... Imagina? Fazer piquenique de gravata e camisa!

T: e o Gastão se casou com?

L: Cecília Esselfender

T: aqui também tem, né? Da Esselfelder...

L: tem! Tem bastante coisa... Olha aqui de novo o João... aqui é tudo o bando dos Mueller... João... agora, essa gente aqui já desapareceu... não tenho ideia de quem seja, mas é família... irmãos... Festa de aniversário...

T: de carnaval...

L: provavelmente...

T: deve ser a casa deles...

L: a casa deles, acho que a maior parte do tempo eles moravam lá no Bacacheri... uma rua hoje em dia virou um tipo de condomínio fechado...

T: sei...

L: tinha uma casa... tinha não! Tem ainda... depois teve uma época que ela morou na esquina do Colégio Estadual... ali na frente do Colégio Estadual era a família Fontana... na esquina aqui era a casa deles... o marido morreu, não sei bem como é que era... hoje em dia mora um neto

lá!

T: então existe...

L: é uma casa... sim, existe! Bem bonitinha...

M: é próxima do Mueller...

L: bem próxima do Colégio Estadual... olha, isso aqui tudo é Tanque do Bacacheri... olha, eles andavam de barco... eu comecei a namorar meu marido aí! Olha, primeiro eles tinham... [inaudível] Bacacheri... era uma casinha, assim... simples... depois eles fizeram parecer meio que uma imitação de um castelo da Suíça... Olha, bandeira da Suíça...

T: que lugar, né? Maravilhoso mesmo...

L: lindo!

T: o Bacacheri era deles...

L: é! Era muito lindo...

M: agora com tanto prédio ali em volta é difícil visualizar, né?

L: Olha, primeiro era essa casa aqui... [inaudível casa pequena em alemão] House...cassinha... Meu deus, pra passear de barco: tudo chique! Bicicleta dela, que sarro...

T: moleca...

L: Moleca era o nome do cavalo...

[Risos]

T: pensei que era...

L: olha, eles tinham charrete...

T: Olha, a Lilianne...

L: vaca.. 1925... olha, com essa borboleta... olha, essa é a mãe... já falei qual era o nome dela? Já falei ou não?

T: não... não, não falou...

L: Gastão e Lilianne eram os filhos, o pai era João e ela... meu deus do céu...

T: de repente a gente consegue achar...

L: não, eu sei como é que é, mas eu esqueci... eu cortei... porque eu já sou separada há muito tempo... Olha, isso aqui é perto de Quatro Barras... Aquela estradinha de Quatro Barras... Olha aqui, o bando de criança em cima do cavalo... E olha, era reunião de família, todo mundo ia pra lá. Mas, essa outra gente eu não sei quem são. Olha, a Lili... a mãe... [inaudível] não sei quem é.... deve ser algum parente... olha aqui já deve ser mais arrumada, né?

T: aham...

L: porco, galinha...

T: aham... muito bom esse Tanque do Bacacheri... Não conheço...

L: precisa ir, tem parque lá! Hoje em dia eles tiraram o duto lá...

M: aquele onde fica...

L: é o parque! Dá para caminhar...

T: fica ali perto da Rosa Cruz, né?

L: isso...

T: no fundo...

L: e a chácara é parte de cima... que fica assim alto... cheio de pinheiro....

T: sim...

L: olha, aqui ainda é a casa velha...

L: isso aqui não é Bacacheri... aqui ó... tão viajando... aqui... ai... a mãe do Gastão e da Lili, ela era suíça... o pai também, né...

T: sim...

L: mas já acho que... não sei se nasceu aqui... esse detalhe eu não sei...

T: sim...

L: mas ela ele namorou lá... casou e veio pra cá... então ela ficava um pouco aqui e ficava um monte lá na Suíça... e ele ficava aqui e ela ficava lá... ela vinha e ia meu sogro... e ele fez exército lá na Suíça...

T: sim...

L: então ele se achava mesmo Suíço... olha era uma coisa assim muito forte neles... os mais velhos viviam lá...

T: os Muellers então são suíços?...

L: suíços... aham...

M: eu achava que eram alemães...

T: eu também achava que era alemão...

L: não...

T: eu tinha quase certeza...

M: também tem toda uma região lá no final do século XIX meio confuso de dizer se é só alemão só suíço...

L: não... mas acho que a Suíça é a Suíça mesmo...

M: é fronteira mesmo...

L: olha aqui Curitiba... quê que isso aqui? Você consegue ler? GINÁSIO! Isso aqui onde que é? Secretaria da... qualquer coisa...

T: Secretaria da cultura...

L: da cultura... olha aqui... isso aqui já é Essenfelder...

M: Essenfelder...

L: essa era minha sogra... Cecília, Edith e Esther...

T: deixa... deixa eu tentar fazer uma coisa aqui... Edith...

L: essa aqui que era a mais velha...

T: Cecília... e esse bebezinho? Não sabe quem é o bebezinho?

L: era filha talvez dessa mais velha...

T: essa aqui que é...

L: essa é a Esther... e esse é o Alceu...

T: deixa eu colocar aqui dentro...

[ruídos]

L: olha... essa é a Edith... e o marido dela, que eu não lembro o nome porque já morreu também... esses “senhorinhos” não sei quem são...

M: a senhora era Hatschbach de família?

L: sim, eu me casei e fiquei Mueller, daí me separei e retirei o Mueller...

M: ah sim...

L: tô tendo ler quem que tá tocando piano... mas não é nenhuma das irmãs... todo mundo tocava piano... minha sogra tocava tão bem... não é, não é...

T: esse aqui tá escrito alguma coisa...

L: é... pra...

T: Essenfelder também é da... é alemã? Essenfelder?

L: é... eu acho que sim... eles vieram, foram pra Argentina... e depois vieram pra cá e fizeram a fábrica de... de piano...

T: uhum...

L: isso aqui não é Curitiba...

M: é...

T: isso aqui também, não...

L: essa aqui é a ... Esther... Esther... essa aqui eu acho que é filha da Edith... a Laís..., mas eu não tenho certeza...

T: Laís?

L: acho que é...

T: Laís...

L: porque era a irmã mais velha... essa eu acho que é a Esther e o marido, mas eu não tenho certeza...

T: São Sebastião...

L: ó essa aqui é a avó, Alvina... Asmè... eu até sei bastante [risos]...

T: El... El...

L: Alvina...

T: Alvina...

L: Asmè Essenfelder...

T: Asmè como que escreve?

L: Asmè, do jeito mesmo...

T: obrigada...

L: essas duas crianças eu não tenho noção... aquele [inaudível] ali também nem pensar... olha... sempre juntavam os que vinham... fazer apresentação... dos pianos...

T: hum...

L: Lígia, mas não tem sobrenome... olha... essa aqui é a Esther... Essenfelder... e esse aqui é o marido dela... como é que era o nome dele... Henrique... Cunha Melo...

T: parece que é a Clotilda... tinha essa mesma foto lá na frente...

L: é mesmo?

T: uhum...

L: pode já ser filha dessa..., mas assim pequena não tenho noção. Aqui minha sogra e meu sogro...

T: ah sim...

L: Cecília já na casa grande lá do Bacacheri...

T: Cecília como que é o nome... é... do seu sogro?

L: Gastão...

T: ah Gastão... deixa eu colocar aqui... aqui já tá maior...

L: olha aqui de novo ó... a avó Alvina...

T: uhum... eu acho que é a ... Esther... e aqui minha sogra e meu sogro... e aqui olha tá... a Lili... a Lilianne com o [Edmundo] Hauer... aqui meu sogro e minha sogra de novo... aqui é até bem engraçado, elas são bem parecidas, até pode ser a minha sogra... mas não dá bem pra... identificar...

T: olha essa, não?

L: olha aqui ele era tão branquinho, sabe aqueles que tem cabelo branco de loiro?... aqui Edmundo Hauer... Gastão e Cecília... aqui não dá pra ver... olha, Gastão e Cecília... daí a sogra dela, né, a mãe do...

T: uhum...

L: do Gastão... essas outras eu não consigo identificar... aqui já velhinha a vó Vina... a Lilian... Hauer...

T: uhum...

L: a Cecília, o Gastão e esse aqui era o Frederico Essenfelder e... o João Mueller... essa aqui é a Laís com certeza... esse menino não sei... mas essa é a Laís, mesma carinha... mas esse não é meu marido também... que criança que é eu não sei... essa aqui deve ser a Liana, que é filha da Esther... cara de ser o primeiro nenê dela... e aqui o marido ó... Henrique Cunha Melo... aqui de novo Lilianne... Lili, né, que chamavam... e Gastão e Cecília... é... e aqui é Edmundo, Lilianne... Cecília... Gastão... a vó, que não tô conseguindo lembrar o nome, mas eu tenho anotado em algum lugar... essa menina não sei e esse menino também não... mas que não é meu marido não é... [risos]... Laís...

T: ai que linda a fotinha da menina...

L: é... engraçado... quem que era?...

T: olha essas fotos aqui... tão soltas...

L: é... aqui acabou...

M: [inaudível]

L: essas são...

T: essas são as deles... se bem que tem algumas...

L: tem algumas que minha sogra também anotou nome atrás...

T: ó... João... Nossa, mas é o mesmo, será?...

L: é... mas essa fotografia é pose, né?... ó o bigodão...

Todas: [risos]

T: olha o tamanho do bigode...

L: esse aqui, deixa eu ver se tem o nome... esse é Adolfo...

T: Adolfo Guimarães?...

L: não... Adolfo...

T: Adolfo Mueller Guimarães?

L: ah não, querida, então esse aqui realmente...

T: olha aqui, esposa de Adolfo Guimarães...

L: sim, Alencar Guimarães, quer ver... aquela rua... que tinha uma tia minha que quando morreu todo mundo, a segunda esposa do meu tio me entregou um monte de coisa...

T: ah...

L: e daí realmente, era... e eu que escrevi aqui pra não esquecer... ela era... como que era o nome dela...

M: [inaudível]

T: 1909...

L: 1909...

M: essa também?

L: é... e essa é daquela família Alencar Guimarães... que tem a rua, né, Alencar Guimarães...

M: [inaudível] dá até pra pegar, né?

T: é...

L: opa... essa é da família Bardal...

M: ah... que linda...

L: essa já era [Bischens], que era minha vó... casada com o Bardal... Ana [Bischens], era irmã da minha vó... o mundo é tão pequeno, né... eu tenho uma casa lá em Santa Catarina linda... no meio do mato com...

T: como que é o nome da sua vó? Cecília?  
L: não, a minha vó...  
T: por parte de mãe?  
L: não, minha vó é Berta [Bischens] Bardal...  
T: ah Berta Bardal...  
L: é... Berta [Bischens] Bardal... é... e a outra é Hedwig Garmater...  
M: [inaudível]  
T: é... eu acho que vou fazer isso, eu vou fazer sua árvore... acho que fica mais fácil...  
L: ah eu posso te trazer os dados... eu tenho tudo escrito...  
T: ah... que ótimo então...  
L: muito mal escrito assim... mas tá lá...  
T: a gente consegue identificar melhor, né...  
L: sim... aham...  
T: tá... vamos continuar nos álbuns depois a gente volta pra isso aqui...  
L: é... porque às cinco eu tenho que ir embora porque eu vou num guardamento... guardamento não... é uma missa de sétimo dia...  
T: é... isso aqui não... mais ou menos...  
L: isso aqui é na Suíça... olha lá, Gastão Mueller... ele, a mãe e a irmã...  
T: fique tranquila, agora que a gente já fez aquele lá vai ser mais fácil de de repente identificar, né?... não... esse aqui já dá pra...  
L: é... Mueller...  
T: Mueller...  
L: ó isso aqui tudo é lá na...  
T: na Suíça...  
L: aham... primavera... aniversário de onze anos do Gastão... agora tão desbotado que pelo amor de Deus... mas acho que... não sei qual que é... não dá pra... distinguir, porque tá muito desbotado...  
T: uhum...  
L: e daí a vó... mas essa aqui não é a dona Alvina...  
T: não... mas esse aqui eu acho que é o Gastão...  
L: esse sim...  
T: e essa aqui é a Lilianne...  
L: é a Lilianne... cabelo super branco...  
T: e essa é a mãe?...  
L: essa é a mãe...  
T: bonita ela, né?...  
L: bonita... ela era muito bonita... qualquer hora eu me lembro o nome dela... esse aqui eu acho que era o tal do tio César... a Lilianne com as amiguinhas, ó... Rosemund e Jacqueline...  
T: hum...  
L: olha o João e a ...  
T: então aqui o bigode dele tá bem menor, né...  
L: é [risos]... não tô nem enxergando... olha... o jardim da Omma... é Gastão e a Lilianne... e aqui ele e ela... bem pequeninha a Lilianne... olhas as festas que engraçadas...  
T: e essas “fes”... esses álbuns provavelmente foi feito todo lá na Suíça?  
L: eu acho que sim... “nossa alegre e querida tia” acho que... [inaudível]... é que eles têm uns nomes e umas abreviações assim [Omigre]...  
T: ah...  
M: ah e como a gente diz? Miguelito ou Miguelinho?  
L: é... aham... eles têm mania assim de fazer uns... de falar umas... coisas meio diferentes...

T: e essa criança... esse aqui? Essa criança?  
 L: aham... ó o tio César, o Gastão e a Lilianne... e essa aqui ó [inaudível]... tudo é assim...  
 M: é um diminutivo, né... um diminutivo carinhoso...  
 L: aqui Gastão já maiorzinho... um pedaço do... da horta da Omma... olha o poço...  
 T: cada coisa, né...  
 L: mas esse aqui dá... é sempre a mesma coisa... não tem muita variação...  
 T: isso aqui depois a gente consegue identificar pelo menos algumas pessoas e depois a gente vai mais, né, juntando...  
 L: sim... porque como é gente assim que a gente nunca viu... o Gastão aqui com a turma da escola... fazendo caminhada nas montanhas...  
 M: [inaudível]  
 T: acho que tudo esses três aí, tudo avulso...  
 M: esse aqui também... não sei se tão todos escritos atrás, entende...  
 T: eu tô vendo pelos álbuns, depois a gente...  
 M: [inaudível] mais fácil pra identificar, né...  
 L: o Domingo Hauer... a filha... a Túlia... acho que era Silva Beatriz e essa a Alessandra... setenta e seis ó...  
 T: filha?  
 L: filha da Lilianne e essa a neta...  
 T: vou colocando aqui...  
 L: olha aqui... esse é o Guilherme Théo... não é?  
 T: hum...  
 L: eu acho que é, sim... com esse [saco]... bom... aqui é dos dois sempre...  
 T: uhum...  
 L: deixa passar pra esses aqui... deixa eu ver o quê que é... você quer que eu identifique aquelas ali?  
 [ruídos]  
 Pessoa não identificada: você já assinou o [pacotinho]?... tá na hora de ir embora já...  
 T: ó... esse aqui é a mesma coisa... não consegui identificar...  
 [ruídos]  
 Pessoa não identificada: é... assim fica... né?  
 T: a gente já conhece... esse aqui também é do Gastão e da Lilianne  
 L: é... sim... daí dá pra ver, né...  
 T: sim... dá pra ver...  
 L: que é sempre eles...  
 T: dá pra ver... agora consigo identificar quem que é mais fácil... e os locais...  
 L: este... esses aqui é tudo lá na Suíça... pode ver que é a ... é outra cara das fotografias daqui... olhas as vacas, as montanhas...  
 T: aham...  
 L: é que eles passaram a maior parte da vida deles de solteiros, de criança, lá...  
 T: esse aqui também não...  
 L: esse aqui é da minha sogra... essa... será que é a Edith? Essa é a Edith e o marido dela que eu não consigo lembrar o nome dele, mas era [Er] o sobrenome...  
 T: aqui também tem algumas identificações... como é bom, né...  
 L: aham... muita...  
 T: São Paulo, Trianon, Rio de Janeiro, [com a imprensa], Rio, Cascatinha...  
 L: e é tão Cecília... dona Cecília...  
 T: uhum... as viagens...  
 L: é... toda alegria do passado...  
 T: são todas viagens, né?...

L: é... acho que sim...

T: Bacacheri... Bacacheri... São João...

L: aqui com o filho, o meu marido... ó, faziam piquenique na beira do rio...

T: essa aqui é a Cecília, será?

L: essas são da Cecília...

T: aham...

L: ó... sempre eles... o Edmundo e a ... Lilianne... a vó aqui ó... e essa aqui era babá da criança, do René...

T: ah...

L: Rio Branco... olha só... isso aqui acho que era Ouro Fino... pela planta...

T: Ouro Fino... é... [risos]... isso aí...

L: é sempre a mesma turma... por isso é fácil de identificar...

T: aqui Rio de Janeiro, Rio Branco...

L: ó René aqui...

T: Cabeçudo, Santa Catarina, nossa... eu conheço esse lugar, Cabeçudo...

L: cidade de praia tem que conhecer...

T: sim, essa parte toda...

L: essa praia é linda...

T: Rubens com um mês de idade...

L: é... esse que era meu marido... pela boquinha dá pra ver que era ele... o cabelo, olha como que elas usavam... fazem assim um nó, como que chamava... o René já maiorzinho e o Rubens um pouco menor... ó Rubens... você tá aqui no Museu agora...

T: [risos]

L: olha a pinta do Gastão... com uma boca de sino... [risos]... olha a calça que usava... [risos]...

T: Matinhos, quarenta e três... Matinhos... festa dos priminhos...

L: é... aqui ó, a Laís, a Liane... a Norma e o Rubens... agora tem um aqui enfeitado que não dá pra saber quem era... esse aqui de certo era um outro primo... Laís... Norma... Liane... Rubens... esse aqui não tenho nem noção de quem seja...

M: vocês fazem inscrição foto a foto depois?

T: não, mas a gente [casa], né? Aqui... aqui a gente vai... provavelmente a gente não vai fazer assim... a gente faz do álbum... todo...

M: e daí dá mais ou menos um tipo de ...

T: é...

M: de foto... e dos personagens...

L: é...

T: foto da família, de quem tá... o local...

L: ó, Buenos Aires...

T: a gente fez isso com o Ney Braga... era muito álbum... muito álbum...

L: essa aqui talvez é Meg... Meg...

T: Cabeçudo também...

L: é, eles iam muito pra lá...

T: ó, [hotel] Cabeçudo tá aqui...

L: é... essa aqui não sei quem é...

T: tudo em Cabeçudo, né, que lugar maravilhoso...

L: é... naquela época era uma loucura, né...

T: nossa senhora... olha só, não tinha nada [risos]...

L: não, nada... a criança podia ficar ali... em Cabeçudo se anda a cavalo...

T: [inaudível], Itajaí, Passeio Público...

L: olha... Passeio Público... a carroça...

T: Passeio Público...

L: olha... aqui tem muita coisa...

T: é...

L: com o nome...

T: tá... tá bem identificadinho...

L: tá...

T: aqui também ó, Liane, Laís...

L: aqui...

T: que bom... essas aqui tão bem identificadas até...

L: é... esses tão...

T: esses aí tão tranquilos...

L: daí já estamos com a Estherzinha...

T: Estherzinha...

L: a outra filha da [Nêne]... batizado aqui [inaudível]... e aqui Caiobá... Caiobá...

T: olha Caiobá também como era...

L: pois é... mas essa fotografia não é Caiobá... não tem isso aqui lá...

T: eles não tinham casa lá?

L: não... mas essa... coisa... parece uma... Igreja ou um outro lugar... olha como é...

T: uma porta bem grande...

L: pode ser... isso aqui acho que na casa da avó...

T: em Paranaguá?

L: aquela que eu falei que é perto do... do Colégio Estadual... esse aqui é o Passeio Público, não é?

T: não, não tem essa...

L: esse desenho aqui tinha uma coisa assim mesmo...

T: é?

L: aham... aqui já Bacacheri... eles morando lá, né... minha sogra e sogro... isso daqui... acho que é meu filho aqui... tem algumas coisas que ela... olha aqui a casa... ainda ela tá com essa aparência, bem assim vizinha do Colégio Estadual... e ali morou a vó que eu não lembro o nome... mas que vou lembrar...

T: eu acho que eu já vi...

M: tem umas casas ali...

T: é...

M: tem umas ali que são só fachadas, por causa dos prédios...

T: uhum... por enquanto só fica do seu marido, da sua família aí [risos]

L: é, eu deixo...

T: ai minha nossa... vamos ver... dá tempo mais de alguns? Deixa eu ver...

L: dá tempo...

T: que horas são?

L: quinze para as cinco, mais quinze minutos...

T: uhum...

L: e esse monte era todo da minha sogra...

T: ai minha nossa... então vamos nele já pra descartar de vez então ... a família da sogra... nossa... são mais recentes, né...

L: aí essas são... cinquenta e oito, que eles foram pra Europa...

T: cinquenta e oito... que eles ficaram quase um ano morando, morando não... passeando...

L: tinha um monte de slide, joguei tudo na lata do lixo... que não dá, né, aquilo vai ficando tudo manchado...

M: [inaudível] é... acho que fica mais fácil...

T: acho que esses aqui são...

L: é... minha sogra e meu sogro e o Rubens...

T: e você sabe pra... vários locais diferentes da Alemanha...

L: aí não é Alemanha, é Suíça...

T: ah é verdade...

L: é difícil identificar, a não ser alguma coisa que a gente... sabe, é difícil...

T: sim, sim... ali os Alpes...

L: lindos...

T: [risos]... provavelmente são vários locais diferente aí...

L: sim... é difícil dizer onde ficaram...

T: eles viajaram...

L: é... ficaram um monte de tempo lá...

T: Só quem foi pra Suíça mesmo... aí olha essa aqui...

L: mas é difícil mesmo de identificar, porque é tudo meio... parecidinho...

T: olha esse aqui... que coisa linda... olha só... maravilhoso...

L: eles aproveitaram mesmo...

T: uhum... eu vou colocar “viagem para Suíça, mil novecentos e cinquenta e oito”...

M: nossa, minha vó nem tinha nascido ainda...

T: olha só a neve, hen...

L: bom, esse dá pra identificar... é [Pilatos]... [Pilatos]...

T: uhum... e foi só os dois? Bom...

L: o casal e o filho...

T: o filho... aham... o filho não foi?

L: não, só foi o Rubens... ele era filho único...

T: ah...

M: achava que a Lilian... então...

L: a Lilianne é irmã do Gastão...

T: é irmã do Gastão...

M: ah... ela é tia então do Rubens...

L: é... aqui [ruído] [risos]... é... isso é bem difícil da gente identificar porque é... complicado... e também daquela época pra hoje tá bem diferente... “Bern”... isso aqui é casa da tia... do tal do tio... como é que ele falou ali... do tio César, né...

T: hum...

L: e ela... como é que ela chamava... eu fui visitar ela uma vez, mas ela já estava num asilo... essa tia aqui onde eles ficaram hospedados seis meses... iam pros outros lugares, mas sempre voltavam ali... esse aqui acabou...

T: uhum...

L: graças a Deus acabou a remessa da sogra [risos]...

T: do... do... do... deixa eu pegar algum outro... ainda tem esse aqui...

L: mas olha como é que tá arrancado... olha aqui... tudo arrancado...

M: às vezes algum parente quer alguma foto e pega e leva só...

L: olha essa aqui aqui, era na Comendador Araújo... e era dos [Carmiller]... da catedral... essa casa existe também, atrás do shopping Mueller, que os Müller moravam ali... eles reformaram agora recente... olha... Vila Lindroth... ó... a nova casa do... [inaudível], genro do Oscar... ainda tem essa casa, tá cheia de árvore na frente...

T: nossa, dos navios...

L: é... olha que bonitinho...

T: Lana... não, não é...

L: tá verde... [inaudível]... de vapor... olha aqui os pais festejando o nascimento do seu filho Gastão...

T: Gastão...

L: são incríveis essas fotografias, né, meu deus...

T: aham...

L: a gente tira fotografia de defunto... ai ai...

T: e olha que faziam né...

M: eu não sabia nem que os [inaudível] faziam isso... achava que era só ingleses...

L: fazem... sabe que eu tenho bastante parente ainda lá na Europa... morre um, não pense que eles vão enterrar no dia seguinte... fica lá na sala sozinho... não fica ninguém como aqui, né, que fica guarda [inaudível]...

T: sim, sim...

L: daí eles fazem convite... pros parentes... daí no tal dia vêm... daí tem que servir almoço, depois acho que tem que, tem que ter café da tarde... é uma complicação...

T: é...

L: gozado, né?

M: é... mas isso é coisa de protestante, né?

L: é... pode ser... mas é... a cultura da Europa é bem diferente...

T: deixa eu perguntar uma coisa já que tem pouco tempo e a Marta já veio [ruídos]

L: mas eu venho outro dia...

T: ah você vem outro dia pra... pra...

L: é muita coisa pra uma vez só...

T: ah ok... então tá... então vai ficar aqui esperando... não tem problema...

L: o quê que você ia perguntar...

T: não... não... pra Marta ver a questão dos brinquedos também...

M: mas não, daí fica pra outro dia...

L: tem que ter... é...

M: é... é mais específico o... o outro acervo...

L: tem que ser... aham... é outra coisa... mas que interessante, né... essas coisas...

M: é interessante até pra ver a ... a ...

L: a roupa...

M: o desenvolvimento de Curitiba... os prédios...

L: olha nessa fotografia aqui é o meu sogro... esta coisa aqui tá na minha casa... o meu filho que descobriu “mãe olha aqui”...

T: é uma...

L: é uma Pietá...

T: ah sim...

L: uma Pietá assim...

M: de cerâmica?

L: é uma coisa branca, que é um outro material... não sei como é que chama... aquilo...

M: que interessante...

L: tem isso e tem um outro negócio que é pra por planta em cima...

T: esse aqui é muito legal também... como eram os convites...

L: “com muita alegria... o aniversário... de nossa...”

T: Lilianne... Lili... Ah Lilianne, que é a Lilian, né...

L: aham... olha o carrinho dele... e assim, né, babá de touca...

T: coitada...

L: de certo nasceu na Suíça... porque o sistema ali era diferente...

M: é o recorte...

L: olha que engraçado...

M: que legal...

T: Lilianne...

L: olha a [bicicleta] do Gastão... estão dentro daquela casa... a esquina do shopping Mueller... mas olha, arrancaram muita fotografia... porquê não sei... olha aqui a fantasia que loucura...

M: que engraçado como umas tão bem preservadas e outras tão...

L: desbotadas totalmente...

M: é...

T: é o papel... o papel também...

M: porque olha só, tá superbem definido... parece até que é aquelas fotos de hoje feitas pra parecer que são antigas...

L: e olha essa... olha essa que boa...

M: é... e bem definido o rosto...

L: sim... ave maria...

T: nossa senhora...

L: olha, faltou isso aqui tudo... aí esse aqui é fácil, porque é...

T: ah é... esse aí é...

L: aqui tá escrito propriedade de Caroline... propriedade de... que ela levou na [Vega], que trabalhava... que eles constroem estradas ... e o cara pegou e simplesmente embutiu na biblioteca dele... e ela pediu, porque ela trabalhava lá...

T: sim...

L: mas de jeito nenhum... imagina...

T: sim... esses álbuns aqui da... da estrada... da ferrovia... vocês tiveram que adquirir na época? Compravam?

L: aí eu não sei... eram do meu avô e passou pra mim...

T: é... porque a gente tem alguns álbuns da ferrovia aqui...

L: igual?

T: não é igual... impressionante...

M: são imagens diferentes...

L: eu não sei como...

T: e tem outros...

M: será que a própria ferrovia vendia?

T: é... isso que eu queria saber...

L: de certo vendiam...

T: se vendiam... como que era..., mas, Luci, vamos deixar pra outro dia, então...

L: vamos, vamos...

T: pra... pra...

L: esse aqui é da minha Camila... esse aqui é do Rubens... aí, esses álbuns que são lindos... tem mais um... mas eu emprestei pro meu amigo copiar umas fotografias... scanear...

T: aí, a gente viu que tem algumas coisas... olha que dó...

L: aí [cupim-lixá] que judiação... aí, esses aqui eu posso identificar melhor...

T: é, né...

L: olha aí... a vó fazendo bodas de ouro...

T: que graça...

L: mas eu tô bem feliz dessas coisas estarem aqui...

T: aí que bom...

L: muito feliz...

T: bom, o dia que você quiser voltar de novo...

L: eu volto... a gente tem que marcar, né...

T: a gente marca... a gente fica direto por aqui... o dia que você estiver livre... "ah acho que vou dar uma passadinha no Museu"...

L: [risos] tem que ser... é muito extenso, né...

M: uhum...

T: a gente para, vai com calma... hoje deu bastante tempo...

L: sim... uma parte já foi...

T: agora a gente vai fazer o trabalho de...

FIM DO ÁUDIO

## APENDICE 2 - TRANSCRIÇÃO VÍDEO ENTREVISTA

Data: 23/03/2018

Loca: Museu Paranaense

N: Noemia Cordeiro (entrevistadora)

G: Guilherme Ikeda (operador áudio e vídeo)

L: Luci Berta Hatschbach (entrevistada)

1ª Parte (álbum da família Hatschbach):

(...)

N: então vamos lá... eu gostaria que você falasse seu nome completo...a sua data de nascimento... local... e nome dos seus pais...

L: ok... então é Luci Berta Hatschbach... eu nasci em nove de julho de mil novecentos e quarenta e três... no hospital São Francisco, na rua São Francisco... que era da família... Ai não... tira esse pedaço que eu fiquei muito complicada [risos]... enfim... daí o que você quer mais?

N: Curitiba...

L: Curitiba...

N: e o nome dos seus pais completo...

L: é... Erwin Hatschbach e minha mãe é Jessie Bardal Hatschbach...

N: e o nome dos seus avós paternos...

L: então Albino Hatschbach Sobrinho e Hedwig Garmarter Hatschbach...

N: e o nome dos avós maternos...

L: é... da minha mãe é... Alberto Bardal e minha avó é Berta... espera aí, deixa eu pensar um pouquinho... [silêncio]... Berta [inaudível] “Marinal”...

N: e a senhora é filha única?

L: não... eu tive uma irmã... que já faleceu... Leda Marisa Hatschbach...

N: esse álbum que tá aí no seu colo pertenceu a quem?

L: do meu pai...

N: e a senhora se recorda qual é a memória mais... mais antiga que a senhora tem do álbum?

Ele ficava na sala, ficava dentro de uma caixa, ficava no quarto...

L: o...

N: como é que a senhora começa a se lembrar desse álbum de fotografia?

L: eu acho que foi assim... um álbum que marcou muito a família... que naquela época não faziam tantas fotografias, né?... então era uma coisa assim que a gente gostava muito de olhar... então tava a disposição...

N: uhum... então ele circulava muito?

L: circulava... e meu pai era muito caprichoso, punha data, punha o nome das pessoas, os lugares...

N: uhum...

L: o que ajuda bastante, né?

N: essa letra que aparece...

L: é do meu pai...

N: é do seu pai?...

L: é do meu pai...

N: ele que montou o álbum?

L: ele que montou o álbum

N: e... a câmera?... era do seu pai também?

L: [silêncio]

N: a senhora lembra?

L: ah... era dele, sim... ele que... câmara que você diz é máquina fotográfica, né?

N: é...

L: sim, ele tinha várias...

N: ele tinha em casa?

L: foi cada vez comprando uma... mais moderna...

N: e... em quais momentos a senhora lembra que o álbum era consultado? Além dele estar disponível, em algum momento especial seu pai pedia para pegar o álbum? Para ele ser consultado? Para lembrar de época de aniversário?... Ou alguma... ficava disponível na casa e qualquer um podia usar?

N: aí assim pelo que eu me lembro... quando tirava fotografias... novas fotografias... das redondezas de Curitiba... que a gente passeava muito... nos domingos fazia piquenique... tirava fotografia, aí punha no álbum...

N: uhum... e aí esse álbum era do que acontecia em família?

L: é... eram os passeios que a gente fazia, né?

N: e em que momento a senhora passou a ser guardiã do álbum? Na falta dos seus pais?... Ou... antes mesmo eles já tinham entregue esse álbum para a senhora?

L: não... eu doei há alguns poucos anos esses álbuns... já meus pais tinham falecido... e meu filho, eu só tenho um filho, ele é casado, mas não quer ter filhos, então pra quê que vai guardar isso dentro de casa, né? Melhor...

N: uhum...

L: estar aqui no Museu...

N: uhum... e a senhora... mas a senhora enquanto guardiã do álbum, lá na sua casa, foi logo após o falecimento dos seus pais que a senhora...

L: sim...

N: ou antes o seu pai já tinha entregue isso pra senhora...

L: não não... meu pai faleceu em 2000... é... 2000 mesmo... e aí... o álbum ficou comigo

N: uhum... e foi no final de 2014, 2015 a senhora fez uma doação bem grande para o Museu...

L: sim...

N: não só de álbuns, mas de vários objetos...

L: sim...

N: por que a senhora escolheu doar para esse Museu específico?

L: ah... eu acho que a gente tem assim uma certa ligação desde criança com o Museu Paranaense... que primeiro era no Batel e... depois foi mudando, né, de... lugares... então... acho que era um lugar que a gente gostava de... poder doar...

N: a senhora se lembra desse álbum específico que a senhora dou ou de outros que a senhora doou, porque a senhora doou um conjunto grande de álbuns... é... se a senhora chegou a retirar alguma foto, acrescentar alguma foto?

L: olha... os álbuns que eram mais antigos a fotografia conserva perfeita... e os mais modernos... eu... muitos eu joguei no lixo... porque saiu assim a cor... quando começaram filmes coloridos, né... ficavam estragados, grudavam... então o que valia mesmo eram esses álbuns feitos mais antigos...

N: mas a senhora se recorda de algum momento desse período que os álbuns ficaram sob sua guarda da senhora ter tirado alguma foto e ter colocado em porta-retrato ou isso não foi feito?

L: não... não foi feito...

N: hum... uhum... então agora eu vou pedir pra senhora abrir o álbum... e a gente vai olhando... e o que a senhora lembrar, se a senhora puder apontar... mostrasse pra [câmera]...

L: tá... aqui eu vou pular porque tá muito pequenininha a letra...

N: uhum...

G: se você quiser ficar aqui [inaudível]... dá pra você ficar aqui mais perto... [ruídos]...

N: aqui eu poderia ficar?

G: tá... daí ela tem que mudar de lugar porque... [risos]

L: [risos]

N: e a senhora imagina que eu tô lá...

L: ah sim... eu olho pra lá porque a minha vista tá assim, né?

N: aham

G: qualquer coisa ela [inaudível]

N: mas daí a senhora pode ir apontando a foto, viu?

L: ó... aqui meus pais no dia do casamento... não... não é do dia do casamento, não... ela não tá de noiva... é noivado...

N: uhum...

L: as duas fotografias... e aqui na praia... no começo, né... que os curitibanos iam pra Matinhos... [silêncio]... aqui também são fotografias de passeios...

N: e esse homem ali no meio é seu pai?

L: é meu pai... [silêncio]... essa fotografia aqui... eu acho que é Morretes... com essa ponte... mas eu não tenho certeza... mas parece que é... deixa eu virar alguma coisa melhor aqui... [silêncio]... aqui tem uma fotografia da chácara que era do meu avô...

N: do avô Albino?

L: do avô Albino...

N: e ficava onde a chácara?

L: em Quatro Barras... Então as fotografias que tão aqui em cima também são dessa região...

N: uhum...

L: e aqui... nesse cantinho... é uma fotografia na casa da praia... na casa antiga da praia... que foi também do meu bisavô... bisavó... [silêncio]... aqui são várias pessoas da família... não sei se... isso interessa ou não...

N: só... a senhora pode só dizer... se... tem recordação de todas as pessoas ou nem todas que aparecem... no álbum...

L: quase todas...

n: quase todas a senhora reconheceu...

L: sim...

N: ali em cima... se a senhora puder falar o nome...

L: aqui, por exemplo, a minha vó, Hedwig Garmater Hatschbach... [silêncio]... aqui meu avô...

N: só um pouquinho que a gente já vai [inaudível]...

L: ah tá... [murmura baixinho]...

[silêncio] [ruídos]

N: vamos fazer? A senhora pode apontar ali a sua vó...

L: aqui minha vó...

N: qual delas será?

L: Hedwig Garmater Hatschbach...

N: uhum...

L: aqui... eu acho que é meu avô... mais jovem... Albino...

N: uhum...

L: e aqui a Berta Bernal... [silêncio]... não sei se era meu pai, vou virar aqui...

N: ali na fábrica?

L: aqui a fábrica...

N: que ficava onde?

L: na Dom Pedro II, onde hoje é o Babilônia...

N: ah sim... e era uma fábrica de?

L: era tipo uma metalúrgica... eles fabricavam tudo que era tipo de serras... né... material de construção... essas pás que usam... em construção...

N: e a senhora lembra o nome da fábrica?

L: sim, chamava-se Mil... é... acho que Milton Bardal & Companhia... Ltda... que era um tio...

N: uhum...[silêncio]

L: hum... aqui os...

N: no período do exército? Quem estava no exército?

L: meu pai... aqui... meu pai... e aqui é ele também... e os outro são amigos, colegas...

N: aí a senhora podia falar um pouquinho a respeito dessa foto...

L: ah isso...

N: as meninas dessa foto também são filhas desse casal ou não? Essas fotos eram [o quê]?

L: sim... era tudo uma família... meu pai colecionava selos... e se correspondia com esse senhor que... morava na Zona de Berlim... em Berlim, mas na Zona que ficou da Rússia, né?

N: uhum...

L: aí... como eles tinham muita falta de comida meu pai mandava pacotes... sabe, fazia uns pacotes e despachava pra lá e eles ficavam tão felizes... que me mandaram pro meu pai uns fantoches que hoje em dia tão aqui no Museu...

N: E as fotos de cima também são da família?

L: são todas da família...

N: todos da mesma família?

L: sim... e eles contavam que quando chegou o pacote e tinha manteiga... era uma das coisas que foram pra lá, no pacote... eles juntaram os vizinhos e fizeram quase uma festa, porque fazia anos que eles não viam uma manteiga... foi época da guerra, né?

N: e a senhora lembra dos fantoches?

L: sim...

N: eles ficaram com a senhora e com a sua irmã?

L: ficaram comigo só... minha irmã não se interessava muito

N: a gente percebe no álbum que tem várias fotos de ilha do mel, viagens pro exterior...

L: sim...

N: são todos que seu pai fazia sozinho?

L: não, sempre a família junto... eles eram muito unidos aqui... aqui é Ilha do Mel, aqui eu acho que é no estado de São Paulo com tios que moravam lá... aqui meu pai fez uma viagem para... bem lá pra baixo... como é que chama aquela região?

N: eu vi que tem fotos indo até Buenos Aires...

L: Isso... e depois foram lá pra parte mais sul, né? Uma viagem de navio...

N: e aí a senhora não tinha nascido ainda, né?

L: não, não... isso aqui ele era solteiro ainda. Aqui nesse cantinho tem uma fotografia dos meus avós, da minha avó materna... os pais dela nasceram em Cerro Azul, essa era a casa dos bisavós...

N: e as meninas da bicicleta? Quem são?

L: a minha irmã, eu, primas...

N: então as fotos tão misturadas?

L: tão...

N: fora de ordem cronológica, né?

L: é... verdade... tem inclusive piquenique aqui, né? Que não tem nada a ver...

N: então essa viagem que o pai fez pro sul ele ainda era solteiro?

L: era... solteiro... essa viagem pra... é pra Ushuaia, né?

N: [inaudível] pra Ushuaia...

L: aqui quando a gente era criança... um pouco na praia... um pouco nós morávamos no Batel... aqui são passeios que a gente fazia no final de semana... então ia visitar alguns conhecidos...

N: a senhora sempre morou ali no Batel?

L: sim... até casa eu morei no Batel...

N: qual era o nome da rua?

L: Padre Ildefonso.... aqui também continua Ushuaia

N: então, talvez, seu pai tenha aproveitado pra colocar fotos.... porque tá parecendo que as fotos da esquerda são mais recentes...

L: é...

N: e as da direita são as de antes... de solteiro ainda...

L: sim...

N: e essa casa da foto? Que tem um carro em frente?

L: aqui é a casa da chácara... todo essa parte... Quatro Barras... aqui, essas duas fotografias são do meu avô... do Alberto... Alberto não, Albino... e aqui é na casa dos meus pais... aqui, olha, essas três fotografias é no Batel....

N: que é a casa na Padre Ildefonso?

L: é... aqui já não existe mais... olha... continua aqui... aqui, essa parte toda é Matinhos... essas duas fotografias são do quintal dos meus pais, no Batel... isso aqui dá pra ir pulando, né?

N: aham...

L: sempre a mesma coisa... essas fotografias aqui são da estrada pra Santa Catarina... tinha uma cachoeira famosa lá...

[inaudível]

N: Magalhães, 34. Provavelmente pra... que ano que seu pai foi? A senhora lembra?

L: me lembro... 1938...

N: então, provavelmente ele aproveitou o álbum...

L: é, aproveitou mesmo.... essa fotografia é do irmão... da casa do irmão... do meu pai...

N: daqui de Curitiba?

L: daqui de Curitiba... Afonso Camargo... parecia com chácara, né? De tão grande que era... pelo jeito foi uma viagem bem cumprida, né? Porque... aqui de novo a fábrica do meu pai...

G: da dom Pedro?

L: é... e era meu pai junto com o irmão da minha mãe

N: como chamava o irmão da sua mãe?

L: Milton [hipótese] Bardal.... eu acho que o nome da fábrica era Bardal & Cia.... acho que não tinha o Milton na frente não... era só Bardal & Cia....

N: a senhora se recorda se seu pai gostava de sair com a câmera? Na bolsa, no carro? Porque ele tem... ele registra muito as coisas da fábrica... de quando ele ia...

L: é que isso era de quando tavam construindo... o começo... da fábrica... ai fotografava, mas não era assim... andar sempre com... máquina... acho que passeios, viagens... meus pais namorando aqui, olha... imagina... olha como que iam pra praia...

N: aí são fotos de quando ainda estavam namorando?

L: ainda tavam namorando... e aí essas fotografias são do Cerro Azul... onde ainda moravam os meus bisavós... minha mãe aqui.... andavam a cavalo.... aqui tá bem misturado, né? Porque... fotografia do navio, outras que são.... essa parte.... é indo pra Ponta Grossa...

N: Vila Velha?

L: acho que não tinha uma nova, né? Ela só foi melhorada... Vila Velha, né? Acho que tem pontes diferentes... e aqui é na praia que apareceu um avião... ah, aqui é a construção da casa dos meus pais... da Padre Ildefonso... porque quando eles casaram, que a casa ficou pronta... eles, justamente naquele dia do casamento era a inauguração da Igreja Santa Terezinha...

então, tava tudo arrumado assim... com... grama no caminho, tudo limpinho... e com bandeirinhas... e assim, coisas pra homenagear a igreja que tava sendo inaugurada...

N: quando a senhora aparecer a senhora aponta....

L: quando eu aparecer? Só apareceu uma vez ali, né? Na praia... bicicleta... aqui Paranaguá, né?

N: e essas duas fotos?

L: é... isso que ia dizer... essas duas fotos eram bem interessantes porque era minha mãe na casa do meu avô... Alberto Bardal... e aqui é a casa deles prontinha... iam já casar.... e é uma pena, né? Porque vão demolindo essas casas antigas... era tão bonito... na Ângelo Sampaio... essa parte aqui, de cima... da chácara... meu avô era rotariano, então as vezes eles faziam uns eventos do Rotary... pelo tamanho da mesa... olha, dá pra ver... é bastante gente que... aqui é Matinhos....

N: e naquela foto que tem uma senhora sentada?

L: com um nenê?

N: é a sua mãe?

L: olha, essa é difícil de ver... se tivesse uma lente eu enxergava, mas... não dá pra ver quem é... mas, pode ser minha mãe de fato... mas, não dá pra confirmar de fato... Isso aqui tudo é nos arredores de Matinhos...

N: vocês iam bastante à praia?

L: muito... a gente ia muito pra praia....

N: com que frequência mais ou menos?

L: olha, pelo menos uma vez por mês... ficavam alguns dias na praia... pelo menos... porque meus avós gostavam muito e meus pais também... essa aqui é a casa antiga da chácara.

N: e essa foto pequeninha em cima? De costas? São seus pais provavelmente?

L: é... meu pai... essa dá pra ver bem... minha mãe... Aqui parece que é minha avó.... E meu avô... olha, realmente! Meu avô e minha avó... Hatschbach isso aqui... eles jogavam as redes no mar.... depois puxavam... e todo mundo que tava na praia ajudava...

N: e a senhora desde pequena frequentava bastante? L: sim... a gente ia muito pra lá... aqui é no Cerro Azul... esse tipo de... não dá nem pra dizer como é que chamava... pinguela eu acho que é... e aqui é do lado da família da minha mãe... era uma família bem grande... irmão e sobrinho... primos.... Matinhos de novo.... como era lindo no tempo que era menos gente, né? Minha mãe, minha mãe...

N: e as meninas ali do meio da foto?

L: eram primas... tá difícil de identificar exatamente quais... em outras fotografias aparece mais... são todos dos irmãos da minha mãe... com as esposas...

N: e sobre esse carro que tá batido, a senhora lembra alguma coisa?

L: não me lembro... não deve ter sido do meu pai... lembro de outros acidentes, mas não desse... aqui é o [hipótese] Rincão... 1947....

N: o que tinha no [hipótese] Rincão?

L: pelo jeito é esses rios assim... com pedras... mas, nessa época eu tinha 3 ou 4 anos.. não lembro desse detalhe.... aqui também é Caiobá... eu acho que essa criaturinha aqui, pequenininha, sou eu... daí são primas... essa maior que parece ela também... ele é muito caprichoso, mas a caneta é muito fina... quase não dá pra identificar...

[Inaudível]

L: então tá... em Guaratuba tá bom, mas... parece que tá muito pequenininho...

N: fez um registro aqui pra...

L: isso aqui é em Assaí, perto de Londrina... o irmão da minha mãe morava lá, era médico... no hospital lá... e aqui é Matinhos e Matinhos...

N: circulavam bastante pelo...

L: circulavam... era interessante porque naquela época não tinha shopping e essas coisas... as pessoas iam realmente fazer passeios assim... na natureza...

2ª Parte (álbuns das famílias Mueller e Essenfelder):

N: ah antes disso eu vou só complementar uma coisinha... eu vou... da família da senhora... é... eles vieram de que cidade da Alemanha?

L: olha... quem veio foi meu... tataravô... de [Davos]... e aí o bisavô já... eu... eu tenho tudo ali marcadinho...

N: sua família se estabeleceu aqui em Curitiba?

L: se estabeleceram aqui com auxílios... quem não morreu na travessia... porque na viagem morriam muitos, né...

N: uhum...

L: daí tem os detalhes ali... da data e tudo...

N: e... ok... então vamos lá... é... quem fez o álbum que a senhora tá na mão?

L: da Dona Cecília Essenfelder Mueller... e do seu Gas... Gastão Mueller, né... que era deles... mas acredito que mais ela...

N: e eu gostaria que a senhora contasse como esse álbum da família Mueller foi parar no seu acervo...

L: porque eu era casada com o filho do casal... Gastão Mueller e Cecilia Essenfelder Mueller... foi parar nas minhas mãos...

N: então desde... desde o seu período de casada os álbuns fazem parte do seu... conjunto de documentos?...

L: sim... porque também eles já faleceram e acabou ficando comigo, né...

N: uhum... e aí quando a senhora fez a ação de doar aqui pro Museu a senhora achou no acervo e resolveu também encaminhar esse?

L: sim... porque também foi uma família muito marcante, né... Como Hatschbach foi uma família marcante, os Mueller e Essenfelder também, né?... pelo trabalho deles... que na realidade os nossos antepassados fizeram Curitiba, né... eu acho que é uma coisa muito importante ficar na história, né...

N: e o quê que a senhora lembra assim rapidamente da história dos... dos Müller?

L: bom... eu morei na chácara onde hoje é o parque... Barigui... Bacacheri... era como uma chácara bem grande, tinha um lago na frente... que a gente andava de barco à vela... e aí durante uns anos eu morei lá e depois nós saímos e fizemos nossa pró... nossa casa mesmo, né?...

N: então na primeira parte da sua infância a senhora morou perto do...

L: não, na minha infância eu morei no Batel...

N: no Batel... e depois...

L: e quando casei morei ali... ali no... Tanque do Bacacheri, que chamavam...

N: e os Mueller moravam ali daí?

L: eles tinham... moravam lá há muitos anos já... de avó pra netos...

N: uhum...

L: é... aqui são bem poucas fotografias...

N: se a senhora puder... é... apontar as fotografias...

L: bom... aqui tem primos, sobrinhos... tem tudo um pouco...

N: aqui no... na primeira foto ali... o casal... quem são?

L: a primeira era criança... no casal aqui... minha sogra não é... deixa eu achar uma que seja mais... da fam... direto da família...

N: e quando esses álbuns chegaram nas suas mãos eles já tavam assim sem essas fotografias?

L: sim... já tavam bem estragados... aqui é lá no Bacacheri... na casa deles...

N: e eles são seus sogros... nessa foto?

L: eram... é... não... aqui eles são mais jovens... acho que nem tinham filhos ainda... aqui... olha o lago do Bacacheri... lá o tanque... e aqui a casa que a vó do meu ex-marido construiu...

N: a vó materna?

L: é... a vó e o avô... ó... aqui tá o João Mueller, que era... na época... diretor do Mueller Irmãos... onde é hoje o Shopping Mueller, né?... e ela... não tá aqui a fotografia dela... ela era da Suíça e casou com ele que andou por lá uns tempos... também era suíço... e depois... é... as fotografias já são bastante... ó aqui também era da casa... que era um casarão... aqui minha sogra e meu sogro... e aqui outras pessoas da família, que... não sei quem são... eu tenho lá em casa mais uns álbuns desses que eu achei, que tão melhores que esse aqui...

N: esse aqui é... os... Mueller...

L: talvez esse aqui esteja melhor...

N: então eu vou fazer as mesmas perguntas só pra gente confirmar...

L: sim...

N: sim... eu queria que a senhora me dissesse de volta esse livro... esse álbum... específico que tá nas suas mãos... é... eles pertenceram a quem?... de qual família?

L: da família Müller...

N: que é a família do seu ex-esposo...

L: sim... e essa... esse álbum parece que foi feito pela vó dele... aqui tudo escrito em alemão... e aparece fotografias da casa dela na Suíça... essa aqui por exemplo...

N: ah... essa daqui é na Suíça?

L: é na Suíça... aqui o... quando nasceu meu sogro... era um comunicado, né... à família, que nasceu meu sogro... é... isso aqui tudo é mais na Suíça...

N: essa casa então é na Suíça?

L: era...

N: então tem outra na Suíça?

L: isso, na Suíça... mas chega um ponto que eles vêm pro Brasil... ó tudo isso, até a cruzinha da... da Suíça... [silêncio]... isso aqui já é... é Brasil... porque na Suíça não tem... acho que... pode ser que tivesse na rua... vou confirmar... e apesar do casal tá casado, né... o João Mueller com a ... esposa... ela ficava muito na Suíça... ela criou os filhos... vinha um pouco pra cá, ele um pouco pra lá...mas ficavam... criaram os filhos na Suíça...

N: então o interior dessa casa que aparece é a casa da Suíça?

L: é tudo Suíça, sim... meu sogro menino... daí depois quando nasceu a [Lilianne], casada com o Hauer... irmão do meu sogro... [silêncio]... aqui já é Brasil... aqui também já é Brasil... opa...

N: mas em nenhuma foto aparece... a casa daqui?

L: nessas... nesse álbum, não... só aquela outra assim que tem um pedaço...mas se você quer eu tenho lá ainda bastante... escolhi assim uma caixa... coloquei coisas assim que achei que eram mais interessantes, principalmente pro meu filho ter, né... uma lembrança...

N: uhum... é... se a senhora... a gente pode combinar...

L: sim, sim... vai lá e pode fazer uma pesquisa... profunda... [risos]

N: tá bom [risos]... obrigada...

L: de nada...

### APENDICE 3 - QUESTIONÁRIO

Data: 20/12/2018

Loca: Museu Paranaense

Perguntas: Noemia Cordeiro

Respostas: Tatiana Takatuzi (entrevistadora, historiadora do Museu Paranaense)

1) Sabe me dizer se recentemente foi elaborado algum documento contendo uma missão, objetivos e prioridades para Museu para os próximos anos? (você havia comentado que o Renato tinha pedido ênfase em cadastrar o acervo no *Pergamum*, isso constou em algum lugar?)

R: Sim, creio que tudo isso foi escrito no plano diretor, na gestão de 2014-2018. A ênfase no cadastro do *Pergamum* foi uma meta do Renato, que solicitou numa reunião à equipe, mas não consta nada formal.

2) Como é feita a aquisição (só doações, compra, permutas)? Existe algum protocolo de aquisição a ser seguido (alguma orientação formalizada para ser adotada quando da aquisição)?

R: A aquisição é feita por meio de doação, compra, permuta, coleta e herança jacente. Todos podem ser realizados, desde que haja interesse no acervo. Um exemplo de compra de acervo foi a do extinto Museu David Carneiro, adquirido por compra em leilão no ano de 2004 pelo governo do Estado. O acervo adquirido em coleta ocorre normalmente de pesquisas arqueológicas realizadas em parceria de instituições com o museu, foi muito comum em gestões como o do prof. Loureiro Fernandes e prof. Oldemar Blasi. A herança jacente ocorreu no caso da coleção de Vladimir Kozak, em que a justiça fica com os objetos de uma pessoa por não ter herdeiros nem testamento e a repassa a uma instituição interessada.

No processo de aquisição, o diretor e a museóloga são responsáveis pela primeira análise do acervo, podem repassar atribuições aos setores científicos (para verificar a relevância científica da coleção dentro do museu) e ao setor de Conservação e Restauro / LACORE (para análise das condições físicas e de guarda do acervo). Tendo parecer favorável, é realizada triagem e inventário para realização do Termo de Doação (este último feito pela museóloga).

3) É feito laudo de interesse e conservação quando da entrada de algum objeto no acervo? (esse é documento que você comentou que a museologia fez no caso da Luci? como consigo uma cópia?)

R: Não fazemos laudo na entrada pois eliminamos a ficha física, agora cadastrados diretamente no *Pergamum*. Mas o LACORE realiza um inventário próprio e posteriormente cadastra as condições físicas das peças no *Pergamum*.

Temos formalizado o Termo de Doação assinado pela Luci, documento feito pela museologia que pode ser solicitado à Denise Haas<sup>136</sup>.

4) Na doação da Luci então foi feito um termo único para todo o conjunto de objetos doados?

R: Não tenho certeza, a museologia deve ter conhecimento.

5) No caso da doação da Luci você tomou o cuidado de gravar um áudio com um pequeno depoimento dela sobre alguns dos itens doados, esse procedimento é feito para todas as doações? É solicitado para o doador algum tipo de relato por escrito dos motivos da doação e sobre os itens doados (pergunto isso porque o Museu Paulista pede para pessoa escrever um texto sobre o que está doando)?

R: O procedimento de gravar áudio não é realizado para todas as doações, também pedimos para o doador escrever um relato, ou nós mesmos anotamos as informações necessárias. Cada doação possui uma particularidade, realizamos gravações a depender do volume, da idade dos doadores e dos possíveis questionamentos. Em muitos casos, em função da escassez de funcionários e de tempo, ficamos impossibilitados de realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre o acervo, o que reflete nas falhas e lacunas na catalogação.

6) No caso da doação da Luci, que aconteceu em dois momentos, você se lembra como os objetos chegaram ao Museu, já que são mais de mil itens? Você ou algum outro funcionário esteve na casa dela? Pode contar um pouco como foi o processo de doação dela?

R: Não tive contato com a chegada do acervo da Luci no museu, quem o fez foi o diretor. Creio que ela mesma trouxe os objetos ao museu, os objetos tridimensionais foram inventariados pelo LACORE, e eu, no setor de História fui responsável por inventariar as fotos, documentos e coleções de cédulas (a parte documental e fotográfica é comumente catalogada pelo setor de história). Em alguns casos de aquisição de acervo, o museu, na figura do diretor, vai até a residência do doador.

---

<sup>136</sup> De acordo com Denise Hass foi feito um termo de doação único para todos os objetos doados. Não foi possível disponibilizar uma cópia do termo de doação.

7) Na busca no acervo *on line* quando se pesquisa sobre alguma coleção específica não aparece a opção “coleção Luci Hatschbach”? Para o Museu os itens doados pela Luci são considerados uma coleção? (Obs. Os tridimensionais da Luci, não indicam na ficha do *Pergamum* que se referem à Coleção Luci Hatschbach, ao contrário dos documentos que indicam pertencerem a coleção)

R: No *Pergamum* ainda não estão disponíveis algumas coleções adquiridas após 2012 por questões técnicas. Entendemos uma coleção de acordo com a relevância de um tema específico, volume do acervo doado. No caso da Luci, por se tratar de tipologias bastante diferenciadas, inferimos a coleção pela origem do doador. Os objetos tridimensionais não foram indicados no *Pergamum* por uma falha de comunicação no processo de catalogação. Como disse, os objetos tridimensionais foram catalogados pelo LACORE ou outro setor responsável.

8) No caso específico dos álbuns, as fotos costumam ter anotações no verso, os álbuns MP 8990 e 8983 têm as fotos coladas, mas o 8981 tem as fotos fixadas com cantoneiras, acha viável remover para verificar os versos? Isso já foi feito com algum outro álbum?

R: Alguns álbuns já foram desmembrados e esse processo interferiu no processo de pesquisa. Antes de qualquer interferência o LACORE deve analisar o álbum e verificar a viabilidade de remover as cantoneiras sem causar dano às imagens. Isso é possível ser realizado, mas é impossibilitado em função da falta de funcionários e outras prioridades mais urgentes do setor.

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
1		Contra capa/1	<i>Jessie e Erwin<sup>10</sup></i>	I	I	I	I	EF	Mi	D	RE
2		½	<i>São Paulo Colégio Mackenzie</i>	I <sup>11</sup>	O São Paulo	D	E	PB	H	D	V
3		1/3		I	I	D	E	PB	H	R	P
4		¼		I	I	D	E	PB			P P/V <sup>12</sup>

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
5		1/5		I	I	D	E	PB	H	D	P
6		1/6	<i>Jardim zoológico</i>	I	I	D	E	PB		A	P
7		1/7	<i>Museu Ipiranga</i>	I	O SP	D	E	PB			V P/V
8		2/8	<i>Noivado Jessie Erwin</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F

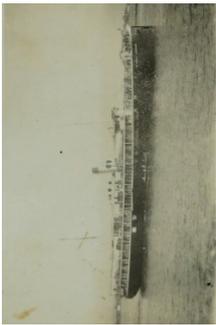
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
9		2/9	<i>Matinhos</i> 1932	I	O Matinhos	D	E	Pr	Mi	G	V
10		2/10	<i>Noivado</i>	I	CWB	D	E	R	M	R	F
11		2/11	<i>Matinhos</i> 1932	I	O Matinhos	D	E	Pr	Mi	G	V
12		3/12	<i>Ponte São João</i> <i>Ilegível</i> <i>Lauro Mueller</i> 1928	I	O Lauro Mueller	D	E	AR	H	R	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
13		3/13	Rio São João	I	CWB São José	D	E	AR	Mi	G	P
14		3/14		I	O Lauro Mueller	D	E	AR	Mi	G	V
15		3/15	Itajaí	I	O Itajaí	D	E	PR			V P/V
16		3/16	Mattinhos, 1930 Mattinhos Erwin	I	O Mattinhos	D	E	PR	H	R	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	<b>Foto</b>	<b>Página/foto nº</b>	<b>Legenda:<sup>1</sup></b>	<b>Fotógrafo/Estúdio<sup>2</sup></b>	<b>Local<sup>3</sup></b>	<b>Temporalidade<sup>4</sup></b>	<b>Registro em ambiente<sup>5</sup></b>	<b>Estrutura/funções Arquiteturais<sup>6</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Gênero/estário<sup>7</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Personagens<sup>8</sup></b>	<b>Tema<sup>9</sup></b>
17		3/17	<i>Itajaí</i>	I	Itajaí	D	E	PR			V P/N
18		3/18	<i>Sítio</i>	I	O Quatro Barras	D	E	AR	H	D	P
19		3/19	<i>Florestal</i>	I	O Quatro Barras	D	E	AR	H	D	P
20		3/20	<i>Itajaí Erwin</i>	I	O Itajaí	D	E	PR	H	R	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
21		3/21	Colombo	I	O Colombo	D	E	PB			P P/V
22		3/22	Casa Rua Carlos de Carvalho ilegal	I	CWB	D	E	PB	H	R	O
23		4/23		I	I	D	E	AR			P P/V
24		4/24	Leda, Luci, Heta	I	I	D	E	AR	Mi	G	P Bm

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
25		4/25		I	I	D	E	AR			P P/V
26		4/26	Sítio Florestal	I	O Quatro Barras	D	E	AR	M	G	P
27		4/27		I	O Quatro Barras	D	E	AR	C	D	P
28		4/28		I	I	D	E	AR	Mi	G	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
29		4/29		I	I	D	E	AR	Mi	G	P
30		4/30		I	I	D	E	AR			P P/V
31		4/31	<i>Illegível</i>	I	I	D	E	AR	H	G	P Bm
32		5/32	<i>Alberto Bardal</i>	I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
33		5/33	Sest	I	I	I	I	EF	C	R	RE
34		5/34	Luiz H Rose	I	I	I	I	EF	H	R	RE
35		5/35	Evaldo	I	I	I	I	EF	H	R	RE
36		5/36		I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
37		5/37	Nome ilegível	I	I	I	I	EF	C	R	RE
38		5/38	Edgar Bardal	I	I	I	I	EF	H	R	RE
39		5/39	Oswaldo Bardal	I	I	I	I	EF	H	R	RE
40		5/40	Albino H Sob	I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
41		5/41	Boris Bardal Dedicatória: "Ao querido vovô [ilegível] um forte abraço Boris"	I	I	I	I	EF	H	R	RE
42		5/42	Dedicatória: "À Jessie um carinhoso beijo da Mita" Em 8-930	I	I	I	I	EF	M	R	RE
43		5/43	1931	I	I	I	I	EF	M	R	RE
44		5/44	Milton Bardal	I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
45		5/45		I	I	I	I	EF	H	R	RE
46		5/46	Nome ilegível	I	I	I	I	EF	M	R	RE
47		5/47	Heta Hatschbach	I	I	I	I	EF	M	R	RE
48		5/48		I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
49		6/49	<i>Festa de natal Baradal e Cia Ltda. (legenda para a página)</i>	I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi
50		6/50		I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi
51		6/51	<i>Fábrica metalúrgica do pai e tio</i>	I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi
52		6/52		I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
53		6/53		I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi
54		6/54		I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi
55		7/55	1931 Collegas de tiro (legenda para a página)	I	I	I	I	EF	H	R	RE
56		7/56		I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
57		7/57		I	I	I	I	EF	H	R	RE
58		7/58		I	I	I	I	EF	H	R	RE
59		7/59		I	I	I	I	EF	H	R	RE
60		7/60		I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
61		7/61		I	I	I	I	EF	H	G	RE
62		7/62		I	I	I	I	EF	H	R	RE
63		7/63		I	I	I	I	EF	H	R	RE
64		7/64		I	I	I	I	EF	H	R	RE

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
65		7/65	<i>Erwin</i>	I	I	I	I	EF	H	R	RE
66		8/66		I	O Alemanha	D	E	I	Mi	D	O
67		8/67		I	O Alemanha	D	E	R	Mi	G	O
68		8/68		I	O Alemanha	D	E	R	C	R	O

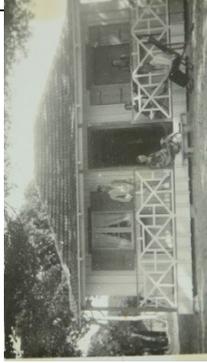
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
69		8/69		I	O Alemanha	D	E	R	C	R	O
70		8/70		I	O Alemanha	D	E	R	C	R	O
71		8/71	<i>Família na Alemanha que Erwin ajudou na 2ª Guerra</i>	I	O Alemanha	D	E	R	Mi	G	O
72		8/72	<i>Fotos da Alemanha Família</i>	I	O Alemanha	D	E	R	Mi	D	O

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	<b>Foto</b>	<b>Página/foto nº</b>	<b>Legenda:<sup>1</sup></b>	<b>Fotógrafo/Estúdio<sup>2</sup></b>	<b>Local<sup>3</sup></b>	<b>Temporalidade<sup>4</sup></b>	<b>Registro em ambiente<sup>5</sup></b>	<b>Estrutura/funções Arquiteturais<sup>6</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Gênero/Estário<sup>7</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Personagens<sup>8</sup></b>	<b>Tema<sup>9</sup></b>
73		9/73	<i>Ilha do mel junho 1933 Ilha do Mel</i>	I	O Ilha do Mel	D	E	PR			V P/V
74		9/74	<i>Ilha do Mel</i>	I	O Ilha do Mel	D	E	PR			V P/V
75		9/75	<i>Farol da Ilha do Mel</i>	I	O Ilha do Mel	D	E	PR	Mi	G	V P/V
76		9/76		I	O Ilha do Mel	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
77		9/77	Casa das Tias Luiz e [ilegível] Rose Ilha do Mel	I	O Ilha do Mel	D	E	PR	MI	G	V
78		9/78	Fortaleza Ilha do Mel	I	O Ilha do Mel	D	E	PR			V P/V
79		9/79	Embarcadero da Ilha do Mel	I	O Ilha do Mel	D	E	PR			V P/V
80		9/80	Ilha do Mel	I	O Ilha do Mel	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
81		10/81	<i>São Paulo</i>	I	O São Paulo	D	E	PB	M	D	V
82		10/82		I	O São Paulo	D	E	PB			V P/V
83		10/83		I	O São Paulo	D	E	AR	MI	G	V
84		1084		I	O São Paulo	D	E	AR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
85		10/85	Santo Amaro São Paulo	I	O São Paulo	D	E	AR			V P/V
86		10/86		I	O São Paulo	D	E	AR			V P/V
87		10/87		I	O São Paulo	D	E	AR			V P/V
88		10/88		I	I	D	E	AR			P

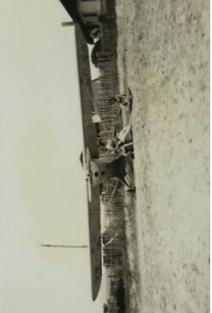
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
89		10/89		I	I	D	E	AR	MI	G	P
90		11/90	Ilha de São Francisco 25-1-34	I	O Ilha de São Francisco	D	E	PR			V P/V
91		11/91	2-3-34	I	I	D	E	PR	Mi	G	V
92		11/92	2-3-34	I	I	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
93		11/93	"Araçatuba" na barra do Rio Grande 2- 3-34	I	O Araçatu- Ba	D	E	PR			V P/V
94		11/94	Buenos Aires visto do Porto 26-2-34	I	O Buenos Aires	D	E	PB			V P/V
95		12/95		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V Bm
96		12/96	Matinhos	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
97		12/97	"	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
98		12/98	"	I	O Matinhos	D	E	PR	C	D	V
99		12/99	Matinhos	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V Bm <sup>13</sup>
100		12/100	"	I	O Matinhos	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
101		12/101	<i>Cerro Azul Casa da Vovó [ilegível] Familia da avó Bertha em Cerro Azul</i>	I	O Cerro Azul	D	E	AR	Mi	G	P
102		12/102		I	O Matinhos	D	E	PR	C	D	V
103		12/103		I	O Cerro Azul	D	E	AR	Mi	G	P
104		13/104	<i>Bahia de Garibaldi 15 e 16-2- 1934—</i>	I	O Bahia de Garibaldi	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	<b>Foto</b>	<b>Página/foto nº</b>	<b>Legenda:<sup>1</sup></b>	<b>Fotógrafo/Estúdio<sup>2</sup></b>	<b>Local<sup>3</sup></b>	<b>Temporalidade<sup>4</sup></b>	<b>Registro em ambiente<sup>5</sup></b>	<b>Estrutura/funções Arquiteturais<sup>6</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Gênero/estário<sup>7</sup></b>	<b>Elementos móveis/ Personagens<sup>8</sup></b>	<b>Tema<sup>9</sup></b>
105		13/105		I	O	I	I	PR	Mi	G	V
106		13/106		I	O Bahia de Garibaldi	D	E	PR			V P/V
107		13/107		I	O Bahia de Garibaldi	D	E	PR			V P/V
108		13/108		I	O Bahia de Garibaldi	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
109		14/109		I	O Caiobá	D	E	PR	Mi	G	V
110		14/110	Caiobá	I	O Caiobá	D	E	PR	Mi	G	V
111		14/111		I	O Caiobá	D	E	PR	Mi	G	V
112		14/112		I	O Caiobá	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
113		14/113		I	CWB	D	E	R	C	G	F
114		14/114		I	CWB	D	E	R	C	G	F
115		14/115	Auto [ilegível] de Milton	I	I	D	E	R	Mi	D	Bm
116		14/116	Bubi [ilegível] 3 Pinheiros	I	O Almirante Tamandaré	D	E	AR	Mi	G	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
117		14/117	3 Pinheiros	I	O Almirante Tamandaré	D	E	AR	Mi	G	P
118		15/118	Ushuaia 18-2-1934	I	O Ushuaia	D	E	PR			V P/V
119		15/119		I	I	D	E	AR	Mi	G	V
120		15/120		I	I	D	E	AR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
121		15/121	<i>Glaciar Garibaldi</i> 16-2-1934	I	O Glaciar Garibaldi	D	E	PR			V P/N
122		16/122		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P
123		16/123	<i>Sítio Floretal</i>	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P
124		16/124		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
125		16/125	Casa dos avós Rua Francisco Rocha	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
126		16/126	Chácara avô Quatro Barras <sup>3,4</sup>	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P Bm
127		16/127		I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
128		16/128	Casa Francisco Rocha – avós Hatschbach	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
129		16/129	Casa do pai Batel	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
130		16/130		I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
131		17/131	Nos canais da Tierra del Fuego	I	O Ushuaia	D	E	PR			V P/V
132		17/132		I	O Ushuaia	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
133		17/133	<i>Mercado em Rio Grande</i>	I	O Rio Grande	D	E	PB	Mi	G	V
134		17/134		I	O Ushuaia	D	E	PR			V P/V
135		17/135		I	O Ushuaia	D	E	PR			V P/V
136		18/136		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
137		18/137	<i>Matinhos (legenda para todas as fotos de praia da página)</i>	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
138		18/138	<i>Família Rose na Rua Padre Ildefonso</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
139		18/139		I	I	D	E	I	Mi	G	P
140		18/140		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
141		18/141	<i>Família Rose na Rua Padre Ildefonso</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
142		18/142		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
143		18/143		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	D	V
144		18/144		I	O Matinhos	D	E	PR	C	G	V

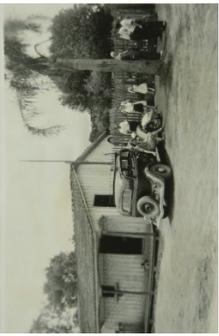
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
145		19/145	Bahia Agostini 19-2-34	I	O Patagônia	D	E	PR			V P/V
146		19/146		I	O Patagônia	D	E	PR			V P/V
147		19/147		I	O Patagônia	D	E	PR			V P/V
148		19/148		I	O Patagônia	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
149		20/149		I	I	D	E	PR			V P/V
150		20/150		I	I	D	E	PT	C	D	V
151		20/151		I	O	D	E	AR			V P/V
152		20/152	Cascata Serra Estrada Velha de Joinville	I	O SC	D	E	AR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
153		20/153		I	O SC	D	E	AR			V P/V
154		20/154		I	I	D	E	AR			V P/V
155		20/155	<i>Casa de [ilegível] Cajuru</i>	I	CWB	D	E	R			Bi
156		20/156	<i>Restaurante [ilegível] Florestal</i>	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P Bm

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
157		20/157		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P Bm
158		21/158	Magalhães em 14-2- 1934	I	O Chile	D	E	PB			V P/V
159		21/159		I	O Chile	D	E	PR			V P/V
160		21/160		I	O Chile	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
161		21/161	[ilegível] norte, B. Aires – 28-2- 34	I	O Buenos Aires	D	E	PR			V P/V
162		22/162	Abril 1944 Construção 1º Prédio de Bardal e Cia Ltda.	I	CWB	D	E	AI	Mi	G	Bi
163		22/163	Abril 1944	I	CWB	D	E	AI			Bi
164		22/164		I	CWB	D	E	AI	H	G	Bi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
165		22/165		I	CWB	D	E	AI			Bi
166		22/166		I	CWB	D	E	AI			Bi
167		23/167	Jacimientos Petrolíferos de Comodoro Rivadavia em 12-2-1934	I	O Rivadavia	D	E	AR			V P/V
168		23/168		I	O Rivadavia	D	E	AR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
169		23/169		I	O Rivadavia	D	E	AR			V P/N
170		23/170		I	O Rivadavia	D	E	PR	Mi	G	V
171		23/171	Montevideu 28-1-1934	I	O Montevideu	D	E	PR			V P/N
172		24/172		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
173		24/173	Janeiro 1935 Matinhos c/ Alberto e Alberta? Bardal	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	D	V
174		24/174		I	O Matinhos	D	E	PR	M	D	V
175		24/175		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
176		24/176		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V

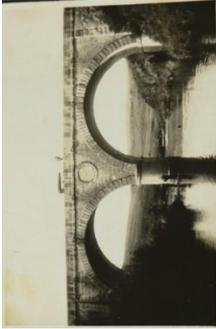
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
177		24/177		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V
178		24/178	Cerro Azul (legenda para meia página – 6 fotos)	I	O Cerro Azul	D	E	AR	M	R	P
179		24/179		I	O Cerro Azul	D	E	AR	M	R	P
180		24/180		I	O Cerro Azul	D	E	AR	M	R	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
181		24/181		I	O Cerro Azul	D	E	AR		A	P
182		24/182		I	O Cerro Azul	D	E	AR		A	P
183		24/183		I	O Cerro Azul	D	E	AR	H	D	P
184		25/184		I	I	D	E	PB	Mi	G	F

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
185		25/185	22-4-34	I	I	D	E	AR			P
186		25/186	22-4-34	I	O Ponta Grossa	D	E	AR			P
187		25/187	22-4-34	I	O Ponta Grossa	D	E	AR	Mi	D	P
188		25/188		I	I	D	E	PR	Mi	G	V

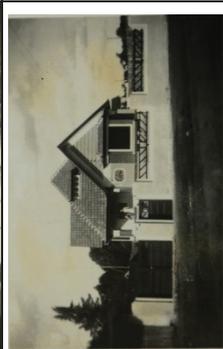
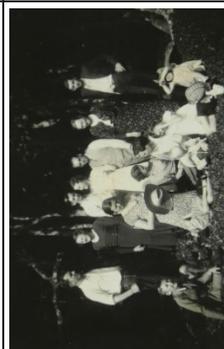
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
189		25/189	15-1-35	I	I	D	E	PR	Mi	G	V
190		25/190	15-1-35	I	I	D	E	PR	Mi	D	V
191		25/191	15-1-35	I	O Matinhos	D	E	PR			V P/V
192		26/192	Construção nossa casa 1936/1937 Rua Padre Ildefonso 113 (legenda para página toda)	I	CWB	D	E	PB			Bi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
193		26/193		I	CWB	D	E	R	Mi	G	Bi
194		26/194		I	CWB	D	E	R			Bi
195		26/195		I	CWB	D	E	R	H	G	Bi
196		26/196		I	CWB	D	E	R	MI	G	Bi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
197		26/197		I	CWB	D	E	R			Bi
198		26/198		I	CWB	D	E	R			Bi
199		26/199		I	CWB	D	E	R			Bi
200		27/200		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
201		27/201		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P
202		27/202		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P
203		27/203	Sítio Florestal 1938	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P
204		27/204	Jessie c/ a mãe na casa da R. Padre Ildefonso 1939	I	CWB	D	E	R	M	D	Bi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
205		27/205		I	O Quatro Barras	D	E	AR	M	G	Bi
206		27/206		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
207		27/207	"Foto" de Jessie	Jessie	O Matinhos	D	E	PR			V
208		28/208	Piquenique do Rotari Club no Sítio de Florestal	I	O Quatro Barras	D	E	AR			P Pi

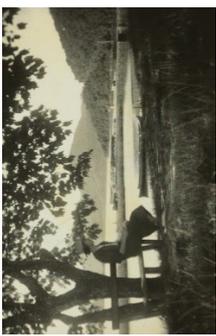
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
209		28/209	"	I	O Quatro Barras	D	E	AR			P Pi
210		28/210	"	I	O Quatro Barras	D	E	AR	H	R	P Pi
211		28/211	"	I	O Quatro Barras	D	E	AR			P Pi
212		28/212		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P Pi

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
213		28/213	1-3-37 Rua Ângelo Sampaio	I	CWB	D	E	R	M	R	F
214		28/214	29-3-37 R Pe Ildefonso	I	CWB	D	E	R	H	R	F
215		28/215	Edgar, Elisabete? e [ilegível]	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	D	P Pi Bm
216		29/216	Abril de 1937 (Legenda para a página toda)	I	I	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
217		29/217		I	I	D	E	PR			V P/N
218		29/218		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
219		29/219		I	I	D	E	PR	M	R	V
220		29/220		I	I	D	E	PR	Mi	D	V

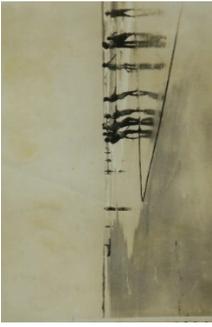
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
221		29/221		I	I	D	E	PR			V P/N
222		29/222		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
223		29/223		I	I	D	E	PR			V P/N
224		30/224		I	I	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
225		30/225		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
226		30/226		I	I	D	E	PR	Mi	D	V
227		30/227		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
228		30/228		I	I	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
229		30/229		I	I	D	E	R	Mi	G	V
230		30/230	Lance em Matinhos 1938	I	O Matinhos	D	E	PR			V P/V
231		30/231		I	I	D	E	R	Mi	G	P
232		31/232		I	I	D	R	AR			P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
233		31/233		I	O Cerro Azul	D	E	AR			P P/V
234		31/234		I	O Cerro Azul	D	E	AR	M	R	P
235		31/235	Cerro Azul (legenda para página toda) Paschoá 1938 (legenda para página toda)	I	O Cerro Azul	D	E	AR	Mi	G	P Pi
236		31/236		I	O Cerro Azul	D	E	AR			P P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
237		31/237		I	O Cerro Azul	D	E	AR	Mi	G	P
238		32/238	<i>Tanque Florestal (legenda para a página toda)</i>	I	O Quatro Barras	D	E	AR			P P/V
239		32/239		I	O Quatro Barras	D	E	AR			P P/V
240		32/240		I	O Quatro Barras	D	E	AR			P P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
241		32/241		I	O Quatro Barras	D	E	AR			P P/V
242		32/242		I	O Quatro Barras	D	E	AR			P P/V
243		33/243	Matinhos (legenda para a página toda)  Outubro 1938 (legenda para a página toda)	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
2V4 4		33/244		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
245		33/245		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V
246		33/246		I	O Matinhos	D	E	PR			V P/V
247		33/247		I	O Matinhos	D	E	PR	M	R	V
248		33/248		I	O Matinhos	D	E	PR			V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
249		33/249		I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V
250		34/250	Outubro 1940	I	I	D	E	PR	Mi	G	V
251		34/251		I	I	D	E	R	Mi	G	F
252		34/252	Casa velha de Edgar	I	I	D	E	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
253		34/253		I	I	D	E	I			P P/V
254		34/254		I	I	D	E	R	C	D	F
255		34/255		I	I	D	E	I			P P/V
256		34/256		I	I	D	E	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
257		34/257		I	I	D	E	R	Mi	G	F Bi
258		34/258		I	I	D	E	R	Mi	G	F Bi
259		35/259	<i>Trombada de Edgar c/ [ilegível] e Sest Estrada [ilegível]</i>	I	I	D	E	R			O Bi
260		35/260		I	I	D	E	I	Mi	G	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
261		35/261	[ilegível]	I	I	D	E	AR			P P/N
262		35/262		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P
263		35/263	Tanque Florestal	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P
264		35/264		I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
265		35/265	Rio dos Pombos 9-2-47 (na entrefolha) e Rio dos Pombos 2-2-47 (abaixo das fotos)	I	I	D	E	I	Mi	G	P
266		35/266	" "	I	I	D	E	I	Mi	G	P
267		35/267	Rincão [ilegível] 1947	I	O Colombo	D	E	AR	Mi	G	P Bm
268		36/268	Umbará 2/1.1947	I	CWB	D	E	AR	Mi	G	P Bm

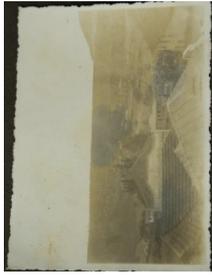
**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
269		36/269	Umbará 2/1.1947	I	CWB	D	E	AR	Mi	G	P Bm
270		36/270	1947 Rio do Pinhal	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P Bm
271		36/271	1947 Rio do Pinhal	I	O Quatro Barras	D	E	AR	Mi	G	P
272		36/272	Praia de Guaratuba Julho 1947	I	O Guaratuba	D	E	PR			V P/V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
273		36/273	"	I	O Guaratuba	D	E	PR			V PN
274		Contra capa/274	Môro de Caiobá	I	O Caiobá	D	E	PR	Mi	G	V
275		Contra capa/275	Bahia de Guaratuba Julho 1947	I	O Guaratuba	D	E	PR	Mi	G	V Bm
276		Contra capa/276	Passagem Guaratuba	I	O Guaratuba	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/Estário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
277		Contra capa/277	Assai? 16-12-46	I	O Assai	D	E	AR			V P/V
278		Contra capa/278	"	I	O Assai	D	E	AR			V P/V
279		Contra capa/279	Passagem Guaratuba Julho 1947	I	O Guaratuba	D	E	PR	Mi	G	V
280		Contra capa/280	Casa vovó de Edgar Assai?	I	O Assai	D	E	AR	Mi	G	V Bm

**APÊNDICE 4**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA HATSCHBACH – MP 8990**

	Foto	Página/foto nº	Legenda: <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
281		Contra capa/281	<i>Ressaca Matinhos [ilegível] 1947</i>	I	O Matinhos	D	E	PR	Mi	G	V P/V

<sup>1</sup> Legendas e dedicatórias (estas últimas indicadas).

<sup>2</sup> Para fotógrafo ou estúdio: I = sem identificação de fotógrafo ou estúdio; E = nome do fotógrafo ou estúdio quando identificado.

<sup>3</sup> Para local onde a fotografia foi tirada: CWB = Curitiba; I = local não identificado; O = outra localidade/qual.

<sup>4</sup> Para temporalidade: D = fotografia diurna; N = noturna; I = não é possível identificar.

<sup>5</sup> Para registro em ambiente: I = ambiente interno; E = externo; NI = não identificado.

<sup>6</sup> Para estrutura/funções arquiteturais: R = residência (jardim da casa inclusive); PB = ambiente urbano, prédio público, ruas, praças, etc; AR = ambiente rural; AI = ambiente industrial/fabril; C = comércio; PR = praia/mar; I = não identificado; EF = estúdio fotográfico.

<sup>7</sup> Para elementos móveis de gênero/etário: H = homem; M = mulher; C = crianças; I = idoso (a); Mi = fotos contendo homens, mulheres e crianças.

<sup>8</sup> Para elementos móveis/número de personagens: G = grupo (mais de 3 pessoas na mesma foto); D = duas pessoas (casal e duplas); R = retrato individual; A = fotografias de animais/ sem pessoas.

<sup>9</sup> Temas: V = viagens; P = passeios; F = fotos em ambiente doméstico, dentro da residência, varandas, jardins das residências; Pi = piqueniques; BI = bens imóveis; BM = bens móveis; paisagens/vistas = P/V; RE = retratos em estúdio; O = outros.

<sup>10</sup> Em vermelho apontamentos feitos por Luci.

<sup>11</sup> Embora a doadora tenha afirmado que as fotos desse álbum foram feitas por Erwin, como não há apontamento expresso de autoria foi optado por manter o fotógrafo não identificado.

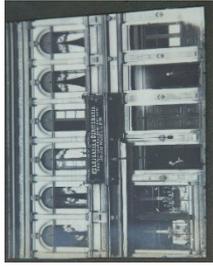
<sup>12</sup> Optou-se por incluir a fotografia também em paisagem/vista porque durante as viagens e passeios Erwin costumava fazer várias fotos de vistas.

<sup>13</sup> O avião foi incluído em bens móveis, mas tal indicação não significa que a propriedade deste seja da família.

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
1		1/1	<i>Um olhar na selva</i>	I	CBW	D	E	I			P/V
2		1/2	<i>Nossos cãezinhos de Tenerife</i>	I	CWB	D	E	R	M	R	F
3		2/3 Cartão postal		I	CWB			AI			BI
4		2/4	<i>Passeio Público em Curitiba</i>	I	CWB	D	E	PB			P/V

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
5		2/5	1. <i>Nativo da floresta</i> 2. <i>Índios caigans</i>	I	I	D	E	I	H	D	O
6		3/6	<i>Catedral de Curitiba</i>	I	CWB	D	E	PB			P/V
7		3/7	<i>A morada nova do cunhado Oskar</i>	I	CWB	D	E	PB			BI P/V
8		3/8		I	CWB	D	E	C	H	D	BI

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
9		3/9	Morada Lindroth	I	CWB	D	E	PB			BI P/V
10		4/10	1 Navio a vapor Cabo Verde 2 Convés do passeio	I	I	D	E	PR	H	R	V
11		4/11	1 Navio a vapor Cabo Verde 2 Um olhar no mezanino	I	I	D	E	PR	Mi	G	V
12		4/12	1 Navio a vapor Cabo Verde 2 cãesinhos comprados em Tenerife	I	I	D	E	PR	H	R	V

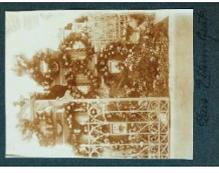
**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
13		4/13	1 Navio a vapor Cabo Verde 2 Batizadas a "Cap e Rifa"	I	I	D	E	PR	M	R	V
14		5/14		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
15		5/15	Catorze dias	I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
16		5/16	Quatro semanas	I	CWB	I	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
17		5/17		I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
18		5/18	<i>Nosso primeiro herdeiro com 8 dias!</i>	I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
19		5/19	1- O pequeno Gaston com 5 meses 2- Ctba, julho 1909	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
20		6/20		I	I	D	E	PB	Mi	G	P F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
21		6/21		I	I	D	E	PB	Mi	G	P F
22		6/22	<i>O túmulo dos pais</i>	I	I	D	E	PB			BI
23		7/23	<i>Menino com seus protetores Cap e Rifa</i>	I	CWB	I	I	R	C	R	F
24		7/24	<i>O pequeno Gaston no banho</i>	I	CWB	I	I	R	Mi	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
25		7/25	No moisés	I	CWB	I	I	R	C	R	F
26		8/26	Crianças Lindroth e outras	I	I	D	E	I	Mi	G	F
27		8/27	Coleção de coloridas "Bellagnien"	I	CWB	I	I varanda	R		P	O Natureza a morta
28		9/28	Crianças Tante Marie	I	I	D	E	R	C	G	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
29		9/29	<i>(Rio) Sra. Blumer e crianças</i>	I	O Rio de Janeiro	D	E	I	Mi	G	V F
30		9/30	<i>Bubi evoluindo</i>	I	CWB	I	I	R	C	R	F
31		10/31	<i>Moradia Venske</i>	I	CWB	D	E	PB			BI P/V
32		10/32	<i>Batizado</i>	I	CWB	I	I	I (Hotel Dolosky ou casa)	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
33		10/33	"Bleumisegg". Rio de Janeiro	I	O (Rio de Janeiro)	D	E	PB			BI P/V
34		11/34	Os primeiros passos na casa da vovó (legenda para as 4 fotos da página)	I	CWB	D	E	R	C	R	F
35		11/35		I	CWB	D	E	R	C	R	F
36		11/36		I	CWB	D	E	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
37		11/37		I	CWB	D	E	R	C	R	F
38		12/38	ilegível	I	I	D	E	I	Mi	G	F
39		12/39	<i>Cunhado Rudolph e família</i>	I	I	D	E	I	Mi	G	F
40		12/40	<i>Boa viagem (!?)</i>	I	CWB	D	E	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
41		12/41	Cunhada Marce e família	I	I	D	E	I	Mi	G	F
42		12/42		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
43		13/43	Kurt Mueller	I	I	D	E	R	C	R	F
44		13/44	Wanda Mueller	E (sem identificação)	I	I	I	EF	M	R	RE

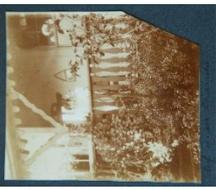
**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
45		13/45	<i>Irma Lindroth</i>	E (sem identificação)	I	I	I	EF	C	R	RE
46		13/46	<i>Nosso meninho</i>	I	CWB	D	E	R	C	R	F
47		14/47	<i>(? E Hans) Felicidade Paternal</i>	I	I	D	E	I	Mi	G	F
48		15/48		I	I	D	E	I	Mi	G	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
49		15/49	<i>Bubi, Kurt e Edi.</i>	I	I	D	E	R	Mi	G	F
50		16/50		I	CWB	I	I	R	C	R	F
51		16/51	<i>Natal</i>	I	CWB	I	I	R	C	R	F
52		16/52		I	CWB	D	E	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
53		16/53		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
54		16/54		I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
55		17/55	<i>Nossa varanda</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
56		17/56		I	CWB	I	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
57		17/57	<i>Karl, Gaston e Edi Lindroth</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
58		17/58		I	CWB	I	I	R	C	R	F
59		17/59		I	CWB	I	I	R	C	R	F
60		17/60		I	CWB	I	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
61		18/61		I	I	I	I	I	C	R	RE
62		18/62		I	CWB	D	E	R	C	R	F
63		18/63		I	I	D	E	R	C	R	F
64		18/64		I	CWB	NI	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
65		18/65	<i>Rio de Janeiro</i>	I	O (Rio de Janeiro)	D	E	PB	Mi	G	F V
66		18/66		I	I	I	I	R	Mi	D	F
67		18/67	<i>Para o carnaval</i>	E (não identificado)	I	I	I	EF	C	R	RE
68		19/68		I	I	D	E	AR	Mi	G	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
69		19/69	<i>Piquenique na encosta</i>	I	I	D	E	NI	Mi	G	Pi <sup>10</sup> F
70		19/70	<i>Aniversário de 5 anos do Gaston - comemorando</i>	I	CWB	D	E	R	C	G	F
71		19/71		I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
72		19/72		I	I	D	E	I	Mi	G	Pi P

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
73		20/73		I	I	D	E	NI	Mi	G	Pi P
74		20/74		I	CWB	I	E	R	C	R	F
75		20/75		I	I	D	E	AR	C	R	F
76		20/76	1 janeiro 1914	I	I	D	E	I	Mi	G	Pi P

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
77		21/77	1-No nosso jardim 2-dois casais de noivos	I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
78		21/78		I	I	I	I	I	M	R	F
79		21/79	Edi, Irma, Gaston, Marichen Carnaval Fevereiro 1914	I	CWB	D	E	R	C	G	F
80		21/80	Páscoa	I	CWB	I	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
81		22/81	<i>Em junho</i> (babá)	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
82		22/82	<i>A babá</i> (babá)	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
83		22/83	<i>Nossa amada,</i> <i>pequena Maus</i>	I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
84		23/84	<i>Uma</i> <i>irmãzinha!!</i>	I	CWB	I	I	R	C	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
85		23/85	1-Julho 2-A feliz mamãe	I	CWB	I	NI	R	Mi	G	F
86		23/86	(baba)	I	CWB	I	NI	R	Mi	D	F
87		24/87	Pequena Lillanne	I	CWB	I	NI	R	C	R	F
88		24/88	Passando talco (baba)	I	CWB	I	NI	R	Mi	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
89		24/89	<i>Köpfl balançando novamente</i>	I	CWB	I	NI	R	C	D	F
90		24/90	(Batizado Lillianne?)	I	CWB	I	NI	R	Mi	D	F
91		24/91  (babá)		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
92		25/92		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
93		25/93		I	CWB	I	I	R	C	R	F
94		25/94	<i>O casal de irmãs</i>	I	CWB	D	E	R	C	D	F
95		26/95		I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
96		26/96		I	I	I	I	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
97		26/97	<i>Papai e filhinha</i>	I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
98		26/98		I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
99		26/99		I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
100		26/100	<i>Rosine, nossa governanta</i>	I	CWB	I	I	R	M	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
101		27/101		I	I	I	I	I	Mi	D	F
102		27/102	Nosso Lord [após um X marcado sobre o cachorro]	I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
103		27/103		I	I	I	I	I	C	D	F
104		28/104		I	CWB	NI	I	I	Mi	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
105		28/105	<i>Meu novo carrinho Holländer</i>	I	CWB	D	E	R	C	R	F
106		28/106		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
107		28/107	<i>Durante a visita da família Blumer diante das uvas. Colheita em Poplade.</i>	I	I	D	E	AR	Mi	G	Pi P F
108		28/108	<i>Piquenique suíço</i>	I	I	D	E	I	Mi	G	Pi V F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
109		29/109	<i>Papai Alfred com o pequeno Egon</i>	I	I	I	I	R	Mi	D	F
110		29/110	<i>Nosso casazinho</i>	I	I	I	I	EF	C	D	RE
111		29/111	<i>Oscar Lindroth</i>	I	I	D	E	R	H	R	F
112		30/112	<i>Natal 1916</i>	I	CWB	I	I	R	C	D	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
113		31/113		I	CWB	I	I	R	Mi	D	F
114		31/114	<i>Um verdadeiro velo...</i>	I	I	D	E	I	C	R	F
115		32/115		I	I	I	I	I	Mi	D	F
116		32/116		I	CWB	I	I	R	C	R	F

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
117		32/117		I	I	I	I	I	C	R	F
118		32/118		I	I	I	I	I	C	R	F
119		33/119	<i>Carnaval</i> (legenda entre as duas fotos)	E	CWB	I	I	EF	M	G	RE
120		33/120	<i>Carnaval</i> (legenda entre as duas fotos)	E (PhotoProgresso)	CWB	I	I	EF	C	R	RE

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
121		33/121		I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
122		34/122	<i>Fritz (abaixo de uma cruz)</i>	I	I	D	E	I	Mi	G	Pi F
123		35/123	<i>Fazenda do João Mueller</i>	I	I	D	E	AR	H	R	BI
124		35/124		I	I	D	E	AR	Mi	G	BI  (funcionários?)

**APÊNDICE 5**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA MUELLER – MP 8983**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/ etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
125		35/125	<i>Em São Paulo Nov.1919</i>	E	O (São Paulo)	I	I	EF	Mi	G	V RE

<sup>1</sup> Legendas todas em alemão. Na tabela já com tradução livre do alemão.

<sup>2</sup> Para fotógrafo ou estúdio: I = sem identificação de fotógrafo ou estúdio; E = nome do fotógrafo ou estúdio quando identificado.

<sup>3</sup> Para local onde a fotografia foi tirada: CWB = Curitiba; I = local não identificado; O = outra localidade/qual.

<sup>4</sup> Para temporalidade: D = fotografia diurna; N = noturna; I = não é possível identificar.

<sup>5</sup> Para registro em ambiente: I = ambiente interno; E = externo; NI = não identificado.

<sup>6</sup> Para estrutura/funções arquiteturais: R = residência (jardim da casa inclusive); PB = ambiente urbano, prédio público, ruas, praças, etc; AR = ambiente rural; AI = ambiente industrial/fábrica; C = comércio; PR = praia/mar; I = não identificado; EF = estúdio fotográfico.

<sup>7</sup> Para elementos móveis de gênero/etário: H = homem; M = mulher; C = crianças; I = idoso (a); Mi = fotos contendo homens, mulheres e crianças.

<sup>8</sup> Para elementos móveis/número de personagens: G = grupo (mais de 3 pessoas na mesma foto); D = duas pessoas (casal e duplas); R = retrato individual; A = fotografias de animais/ sem pessoas.

<sup>9</sup> Temas: V = viagens; P = passeios; F = fotos em ambiente doméstico, dentro da residência, varandas, jardins das residências; Pi = piqueniques; BI = bens imóveis; BM = bens móveis; paisagens/vistas = P/V; RE = retrato em estúdio; O = outros

<sup>10</sup> Optou-se por indexar com Pi = piquenique as fotos de piqueniques e aquelas feitas em grupos familiares grandes nos gramados quando não é possível identificar se foram feitas nos jardins das residências ou em praças e parques.

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
1		Capa/1	Curitiba ginásio	I	CWB	D	E	PB			P/V
2		½	<i>Edith</i> <sup>10</sup>	I	I	I	I	EF	M	R	RE
3		1/3	?	I	I	I	I	EF	C	R	RE
4		¼	<i>Ester</i>	I	I	I	I	EF	M	R	RE

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
5		1/5	<i>Cecília</i>	I	I	I	I	EF	M	R	RE
6		1/6	<i>Alceu</i>	I	I	I	I	EF	H	R	RE
7		2/7	<i>Edith e marido</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
8		2/8		I	CWB	D	E	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
9		2/9		I	CWB	D	E	R	C	R	F
10		3/10		I	CWB	I	I	PB	M	G	O
11		3/11		I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
12		3/12		I	O Ponta Grossa	D	E	AR	H	G	P

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
13		3/13		I	CWB	D	E	PB	Mi	G	F
14		4/14	<i>Dedicatória: Ao ? Essenfelder [ilegível]</i>  <i>Etiqueta: Homenagem á pianista Guiomar Novais "Fabrica Essenfelder"</i>	I	I	I	I	EF	M	R	O
15		4/15	<i>Ponte H. Luz – flps - 1933</i>	I	O Florianópolis	D	E	PR	Mi	G	V
16		4/16		I	I São Paulo?	D	E	PB	Mi	G	P

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
17		5/17		Estúdio Heisler	CWB	I	I	EF	M	R	RE
18		5/18		I	O Ponta Grossa	D	E	AR	H	G	P
19		5/19		I	O São Paulo	D	E	PB	C	R	V P
20		5/20		I	I	D	E	R	M	R	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
21		6/21	<i>Dedicatória: Com sincero carinho [ilegível] 24.8.35</i>	I	I	I	I	EF	M	R	RE
22		6/22		I	I	D	E	PR	Mi	G	V
23		6/23		I	I	I	I	EF	M	R	RE
24		6/24	<i>Dedicatória: Á querida Zite um retratinho da Nine</i>	I	I	I	I	EF	M	R	RE

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
25		6/25		I	I	I	I	EF	M	R	RE
26		7/26	Ilha São Sebastião São Paulo	I	O Ilha São Sebastião	D	E	PR	Mi	G	V P
27		7/27		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
28		7/28		I	I	D	E	PR	Mi	G	V

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
29		7/29		I	I	D	I	R	Mi	D	F
30		8//30		I	I	D	E	I	C	R	P
31		8/31		I	I	D	E	I	M	R	P
32		8/32		I	CWB	D	E	PB	Mi	G	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
33		9/33		I	I	I	I	EF	C	D	RE
34		9/34	Dedicatória: Á minha grande amiga D. Alvina ofereço esta recordação com todo afeto [ilegível] 16-12-32	I	I	I	I	EF	M	R	RE
35		10/35		I	O São Paulo	D	E	PB	Mi	D	V
36		10/36		I	I	I	I	R	M	R	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
37		11 – sem fotos 12/37	Concerto de Yvette Gouvêa no Theatro Guayra Curitiba 9 de maio de 1933	I	CWB	I	I	PB	M	R	O
38		13/38	Às minhas sempre queridas Cille e Lene, com amizade, of a Lygia 25-12-936	Photografia Busnardo	I	I	I	EF	M	R	RE
39		14/39	<i>Ester e marido (Henrique Cunha Melo)</i>	I	I	D	E	PB	Mi	G	V Bm <sup>11</sup>
40		15/40		I	CWB	D	E	R	C	R	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
41		15/41	<i>Cecilia e Gastão (sogros)</i>	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
42		16/42		I	CWB	D	E	PB	C	R	F
43		16/43		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
44		16/44		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
45		17/45	1) Sogros	I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
46		17/46	2) Lili e Edmundo Hauer	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
47		17/47	3) Sogros	I	CWB	D	E	R	Mi	D	F
48		18/48		I	I	D	E	AR	Mi	G	P

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
49		18/49		I	CWB	D	E	R	Mi	G	F
50		18/50		I	I	D	E	AR	Mi	G	P
51		18/51	<i>Frederico Essenfelder (2º) João</i>	I	I	D	E	AR	Mi	G	P
52		19/52		I	I	D	E	R	Mi	D	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
53		19/53		I	I	D	E	AR	Mi	D	P
54		19/54	<i>Loís</i>	I	I	D	E	R	Mi	D	F
55		20-sem foto 21/55	<i>Filha Liane e Ester Marido</i>	I	CWB	D	E	PB	C	R	F
56		21/56		I	CWB	D	E	PB	M	R	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
57		21/57		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
58		22/58		I	CWB	D	E	PB	Mi	G	F Bm
59		22/59		I	CWB	D	E	PB	Mi	G	F Bm
60		22/60		I	CWB	D	E	R	Mi	G	F

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
61		22/61		I	CWB	D	E	R	C	R	F
62		23/62		I	I	I	I	EF	C	R	RE
63		24- 25-sem foto 26/63		I	CWB	D	E	R	C	R	F
64		26/64		I	I	D	E	AR	Mi	D	P

**APÊNDICE 6**  
**ÁLBUM DA FAMÍLIA ESSENFELDER – MP 8981**

	Foto	Página/foto nº	Legenda <sup>1</sup>	Fotógrafo/Estúdio <sup>2</sup>	Local <sup>3</sup>	Temporalidade: <sup>4</sup>	Registro em ambiente <sup>5</sup>	Estrutura/funções Arquiteturais <sup>6</sup>	Elementos móveis/ Gênero/etário <sup>7</sup>	Elementos móveis/ Personagens <sup>8</sup>	Tema <sup>9</sup>
65		27/65		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
66		27/66		I	CWB	D	E	PB	Mi	D	F
67		27/67		I	I	D	E	PB	Mi	D	F Bm

<sup>1</sup> Legenda e dedicatórias (estas últimas indicadas).

<sup>2</sup> Para fotógrafo ou estúdio: I = sem identificação de fotógrafo ou estúdio; E = nome do fotógrafo ou estúdio quando identificado.

<sup>3</sup> Para local onde a fotografia foi tirada: CWB = Curitiba; I = local não identificado; O = outra localidade/qual.

<sup>4</sup> Para temporalidade: D = fotografia diurna; N = noturna; I = não é possível identificar.

<sup>5</sup> Para registro em ambiente: I = ambiente interno; E = externo; NI = não identificado.

<sup>6</sup> Para estrutura/funções arquiteturais: R = residência (jardim da casa inclusive); PB = ambiente urbano, prédio público, ruas, praças, etc; AR = ambiente rural; AI = ambiente industrial/fábrica; C = comércio; PR = praia/mar; I = não identificado; EF = estúdio fotográfico.

<sup>7</sup> Para elementos móveis de gênero/etário: H = homem; M = mulher; C = crianças; I = idoso (a); Mi = fotos contendo homens, mulheres e crianças.

<sup>8</sup> Para elementos móveis/número de personagens: G = grupo (mais de 3 pessoas na mesma foto); D = duas pessoas (casal e duplas); R = retrato individual; A = fotografias de animais/ sem pessoas.

---

<sup>9</sup> Temas: V = viagens; P = passeios; F = fotos em ambiente doméstico, dentro da residência, varandas, jardins das residências; PI = piqueniques; BI = bens imóveis; BM = bens móveis; paisagens/vistas = P/V; RE = retratos em estúdio; O = outros.

<sup>10</sup> Em vermelho apontamentos por Luci.

<sup>11</sup> Incluído em bens móveis porque indica capacidade econômica para voar, não implicando em propriedade da aeronave.

## ANEXOS

## ANEXO 1

Ficha *Pergamum*, MP. 8990. Fonte: Museu Paranaense.

1.  **Secretaria de Estado da Cultura****Museu Paranaense**

Álbum : Família Hatschbach

Fotografia - Detalhes

Ac.148677

*Título - Formas variantes: Jessie Barddal e Erwin Hatschbach*

## Dados do acervo - Fotografia

<b>Título:</b>	Álbum
<b>Subtítulo:</b>	Família Hatschbach
<b>Título Variante:</b>	Jessie Barddal e Erwin Hatschbach
<b>Descrição:</b>	Álbum com quarenta páginas, além de duzentas e noventa e duas fotografias em PB. As fotografias estão anexadas em folhas na cor cinza, as imagens possuem dimensões diferentes e o número de fotografias por páginas variam entre quatro e nove. O álbum é encadernado e possui capa dura. A capa é em tom de preto.
<b>Descrição da Imagem:</b>	Álbum com fotografias referentes a Família Hatschbach. As imagens apresentam crianças e adultos em diferentes atividades e ambientes, algumas comemorações e eventos familiares (viagens, batizados).
<b>Categoria:</b>	Documental
<b>Técnica:</b>	Impressão em papel
<b>Suporte:</b>	Papel Positivo
<b>Material:</b>	Resinado
<b>Quantidade do Suporte:</b>	Álbum
<b>Formato do Suporte:</b>	outros
<b>Notas Formato do Suporte:</b>	24,5 x 32
<b>Imagem:</b>	Reprodução
<b>Cromia:</b>	PB
<b>Quantidade de Imagem:</b>	292
<b>Formato da Imagem:</b>	Outros
<b>Assinatura:</b>	Não
<b>Modo de incorporação:</b>	Doação
<b>Procedência:</b>	Curitiba (PR)
<b>Doador   Vendedor:</b>	Luci Berta Hatschbach
<b>Data de aquisição   Doação:</b>	05/05/2015
<b>Data de entrada:</b>	25/11/2014
<b>Data de incorporação   registro:</b>	01/07/2015
<b>Fundo   Coleção:</b>	Luci Hatschbach
<b>Assunto Livre   Palavras-chave:</b>	Família Hatschbach Detalhes

## ANEXO 2

Ficha *Pergamum*, MP. 8983. Fonte: Museu Paranaense.

1.  **Secretaria de Estado da Cultura**  
**Museu Paranaense**  
 Álbum: Família Mueller  
Fotografia - Detalhes  
 Ac.147291

## Dados do acervo - Fotografia

<b>Título:</b>	Álbum
<b>Subtítulo:</b>	Família Mueller
<b>Título Série   Tema:</b>	Família Mueller
<b>Descrição:</b>	Álbum com quarenta páginas e cento e vinte e quatro fotografias sépia e PB. As fotografias estão anexadas em folhas na cor cinza, além destas há dois cartões um dirigido a Gaston e outro a Liliane. As imagens possuem dimensões diferentes e o número de fotografias por páginas variam entre um e seis. O álbum é encadernado e na capa há uma ilustração no canto superior esquerdo de uma residência com roda d' água ao lado.
<b>Descrição da Imagem:</b>	Álbum com fotografias referente a família Mueller. Dentre as imagens estão as das empresas Muller e Filhos, o Passeio Público e Catedral de Curitiba, além da residência e relojoaria de João Mueller. Há fotografias de crianças em diversas atividades como ao banho e brincando, além de diferentes datas, como Natal e Páscoa. De acordo com a identificação do álbum, as crianças seriam Gaston, Kurt e Liliane Muller.
<b>Categoria:</b>	Documental
<b>Técnica:</b>	Impressão em papel
<b>Suporte:</b>	Papel Positivo
<b>Material:</b>	Resinado
<b>Quantidade do Suporte:</b>	1
<b>Formato do Suporte:</b>	Outros
<b>Notas Formato do Suporte:</b>	27,6 x 34,7
<b>Imagem:</b>	Reprodução
<b>Cromia:</b>	Sépia
<b>Quantidade de Imagem:</b>	124
<b>Formato da Imagem:</b>	outros
<b>Notas Formato da Imagem:</b>	Fotografias de tamanhos variados.
<b>Assinatura:</b>	Não
<b>Modo de incorporação:</b>	Doação
<b>Procedência:</b>	Curitiba (PR)
<b>Doador   Vendedor:</b>	Luci Berta Hatschbach
<b>Data de aquisição   Doação:</b>	05/05/2015
<b>Data de entrada:</b>	25/11/2014
<b>Data de incorporação   registro:</b>	01/07/2015
<b>Fundo   Coleção:</b>	Luci Hatschbach
<b>Assunto Livre   Palavras-chave:</b>	Família Mueller Detalhes

## ANEXO 3

Ficha *Pergamum*, MP. 8981. Fonte: Museu Paranaense.

1.  **Secretaria de Estado da Cultura**  
**Museu Paranaense**  
 Álbum : Família Essenfelder  
Fotografia - Detalhes  
 Ac.147223

## Dados do acervo - Fotografia

<b>Título:</b>	Álbum
<b>Subtítulo:</b>	Família Essenfelder
<b>Título Série   Tema:</b>	Família Essenfelder
<b>Descrição:</b>	Álbum com cinquenta e quatro páginas, além de sessenta e quatro fotografias PB e sépia. As fotografias estão anexadas em folhas na cor preta, as imagens possuem dimensões diferentes e o número de fotografias por páginas variam entre um e cinco. O álbum é encadernado e possui capa dura. A capa é em tom de marrom com uma fotografia à esquerda do Ginásio Paranaense em Curitiba, à direita a palavra "Fotografias" em dourado. A contracapa possui ilustrações coloridas e florais.
<b>Descrição da Imagem:</b>	Álbum com fotografias referentes a Família Essenfelder. As imagens apresentam crianças e adultos em diferentes atividades e ambientes. Dentre os indivíduos estão Edite, Cecília, Ester, Henrique Cunha de Melo, Lili e Edmundo Hauer além de Frederico Essenfelder.
<b>Categoria:</b>	Documental
<b>Técnica:</b>	Impressão em papel
<b>Suporte:</b>	Papel Positivo
<b>Material:</b>	Resinado
<b>Quantidade do Suporte:</b>	Álbum
<b>Formato do Suporte:</b>	outros
<b>Notas Formato do Suporte:</b>	19,5 x 28
<b>Imagem:</b>	Reprodução
<b>Cromia:</b>	PB
<b>Quantidade de Imagem:</b>	64
<b>Formato da Imagem:</b>	outros
<b>Assinatura:</b>	Não
<b>Modo de incorporação:</b>	Doação
<b>Procedência:</b>	Curitiba (PR)
<b>Doador   Vendedor:</b>	Luci Berta Hatschbach
<b>Data de aquisição   Doação:</b>	05/05/2015
<b>Data de entrada:</b>	25/11/2014
<b>Data de incorporação   registro:</b>	01/07/2015
<b>Fundo   Coleção:</b>	Luci Hatschbach
<b>Assunto Livre   Palavras-chave:</b>	Família Essenfelder Detalhes

## ANEXO 4

Recorte Jornal A Republica, 6/01/1900, Ano XV, nº 4, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Publicão-se em Curityba os seguintes jornaes : *A Republica*, o *Diario da Tarde*, a *Gazeta do Povo*, a *Tribuna do Paraná* e a *Revista do Club Coritybano*.

O commercio e a industria são vantajosamente desenvolvidos na capital, contando-se em todo o municipio 100 fabricas de barricas para acondicionamento de herva matte, 25 fabricas de beneficiar herva matte, 70 sapatarias, 45 ferrarias, 41 olarias, que fabricão telhas, tijolos e mais artefactos de barro, 39 marcenarias, 19 carpintarias, 81 officinas de selleiro, 12 de funileiro, 7 de carros, 5 de concerto de instrumentos, 21 de serralheiro, 9 de typographia e 2 de lithographia, 10 moinhos de fabrico de farinha, 10 serrarias, 10 cortumes, 9 fabricas de cerveja, 6 de licores e xaropes, 10 de café moido, 5 de aguas gazozas, 2 de massas alimenticias, 1 de phosphoros, 1 de gelo e 3 de colla ; 2 tinturarias, 2 tanoarias, 21 alfaiatarias, 39 açougues, 35 padarias, 18 barbearias, 9 pharmacias, 6 hoteis, 3 restaurantes, 7 confeitarias, 2 chapelarias, 299 armazens de seccos e molhados, 45 botequins, 51 lojas de fazendas e miudezas, 5 de louça e 14 de ferragens ; 2 ourivesarias, 5 joalherias, 3 marmoristas, 4 ateliers de photographia, 4 gabinetes dentarios, 3 casas de banho, diversos fabricantes de vinho, etc.

Transcrição do anúncio:

Publicam-se em Curityba os seguintes jornaes: *A Republica*, o *Diario da Tarde*, *A Gazeta do Povo*, *A Tribuna do Paraná* e a *Revista do Club Coritybano*.

O commercio e a industria são vantajosamente desenvolvidos na capital, contando-se em todo o municipio 100 fabricas de barricas para acondicionamento de herva matte, 25 fabricas de beneficiar herva matte, 70 sapatarias, 45 ferrarias, 41 olarias, que fabricão telhas, tijolos e mais artefactos de barro, 39 marcenarias, 19 carpintarias, 81 officinas de selleiro, 12 de funileiro, 7 de carros, 5 de concerto de instrumentos, 21 de serralheiro, 9 de typographia e 2 de lithographia, 10 moinhos de fabrico de farinha, 10 serrarias, 10 cortumes, 9 fabricas de cerveja, 6 de licores e xaropes, 10 de café moido, 5 de aguas gazozas, 2 de massas alimenticias, 1 de phosphoros, 1 de gelo e 3 de colla, 2 tinturarias, 2 tanoarias, 21 alfaiatarias, 39 açougues, 35 padarias, 18 barbearias, 9 pharmacias, 6 hoteis, 3 restaurantes, 7 confeitarias, 2 chapelarias, 299 armazens de seccos e molhados, 45 botequins, 51 lojas de fazendas e miudezas, 5 de louça e 14 de ferragens, 2 ourivesarias, 5 joalherias, 3 motoristas, **4 ateliers de photographia**, 4 gabinetes dentarios, 3 casas de banho, diversos fabricantes de vinho etc.

## ANEXO 5

Recorte Jornal A Republica, 29/11/1900, Ano XV, nº 266, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 19 de Novembro</b>							
DESPACHANTES	MARCAS	VOLU- MBS	MERCADORIAS	DESTINOS	KILOS	TAXAS	DIREITOS PAGOS
Camargo & Comp.	J S	1	Saeco assucar	Morretes	60	20	18200
>	>	1	Lata oleo não classificado	Idem	9	40	8360
>	>	1	Dita banha	Idem	10	50	8500
>	>	B P	5 Saecos assucar	Idem	300	20	68000
>	>	Idem	3 Saecos assucar refinado	Idem	150	30	48500
>	>	Idem	2 Fardos carne secca	Idem	170	20	88400
>	>	Idem	1 Tina bacalhau	Idem	85	40	28000
>	>	Idem	1 Barril vinagro	Idem	100	10	18000
>	>	Idem	1 Caixa louca commum	Idem	43	50	28100
>	>	M P S	5 Fardos carne secca	Idem	376	20	78520
>	>	Idem	2 Saecos assucar	Idem	120	20	28400
>	>	Idem	5 Caixas sabão	Idem	60	20	18200
>	>	Idem	1 Dita azeitonas	Idem	30	50	18500
>	>	L	1 Saeco assucar	Curityba	60	20	18200
>	>	Idem	2 Ditos idem refinado	Idem	90	30	28700
>	>	Idem	1 Fardo carne	Idem	85	20	18700
>	>	Idem	1 Barril vinagro	Idem	50	10	8500
>	>	E & I	1 Caixa assucar	Idem	25	30	8750
>	>	P F	10 Saecos farinha trigo	Lapa	220	10	28200
>	>	Idem	4 Ditos assucar	Idem	200	30	69000
Guimarães & Comp.	Camuryano	100	Ditos farinha trigo	P. Grossa	4300	10	438000
>	>	Idem	Ditos idem idem	Morretes	4300	10	438000
>	>	Idem	Ditos idem idem	Idem	4300	10	438000
Camargo & Comp.	A A	50	Ditos idem idem	Idem	2150	10	218000
>	>	C & C	2 Caixas cebolas	Curityba	120	10	18200
>	>	L J S	20 Saecos assucar	Ponta Grossa	1200	20	248000
Guimarães & Comp.	G & C	5	Caixas vinho	Idem	115	50	68750
>	>	Idem	1 Dita idem	Idem	20	50	18900
>	>	Idem	1 Dita idem	Idem	20	50	18900
Alberto Veiga & Irmão	F Z	3	Saecos café	Portão	180	---	Livre
>	>	Idem	1 Dito pimenta da India	Idem	30	50	18500
Elias André & C.	E M P	3	Fardos tecidos algodão	P. Grossa	265	30	798500
>	>	Idem	1 Caixa idem idem	Idem	130	300	388000
Mathias Bohn & Comp.	Letreiro	1	Caixa instrumentos musica	Curityba	20	200	48000
>	>	Idem	1 Engradado bonecas louca	Idem	43	600	258900
>	>	M B	50 Saecos assucar	Idem	2970	20	598400
>	>	M S	100 Ditos idem	Idem	5950	20	1198000
>	>	E B	50 Ditos idem	Idem	2970	20	598400
>	>	F L	50 Ditos idem	Idem	2970	20	598400
>	>	H A R	2 Caixas biscoitos	Idem	140	150	218000
>	>	Idem	1 Dita conservas	Idem	50	100	58000
>	>	Idem	1 Dita azeitonas	Idem	80	50	48000
>	>	J R	1 Dita chapas cartões photographia	Idem	175	100	178500
Camargo & Comp.	C & B	5	Saeco batatas	Idem	250	10	28500
>	>	A A L	10 Ditos amendoim	Idem	250	10	28500
>	>	Idem	3 Ditos gomma mandioca	Idem	150	10	18500
>	>	Idem	4 Ditos cocos	Idem	240	10	28400
Fausto Alegriani	Sjm	1	Caixa garrafas	Idem	130	10	18300
D. Soriano & Irmão.	A C	30	Ditas manteiga	Idem	1000	200	208000
Somma . . .							9378480

Transcrição do destacado no anúncio:

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 19 de novembro</b>							
Despachantes	Marcas	Volu- mes	Mercadorias	Destinos	Kilos	Taxas	Direitos Pagos
Mathias Bohn & Co MP.	J R	1	Dita chapas cartões photographia	Idem [Curityba]	175	100	178500

## ANEXO 6

Recorte Jornal A Republica, 21/12/1900, Ano XV, nº 283, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 10 de Dezembro</b>							
DESPACHANTES	MARCAS	VOLU- MERS	MERCADORIAS	DESTINOS	KILOS	TAXAS	DIREITOS PAGOS
Hurlimann & Comp.	H	2	Fardos tecidos de algodão	Curityba	80	300	24\$000
"	Idem	1	Dito idem idem	Idem	35	300	10\$300
João Eugenio & C.	M	100	Cargas sal de 40 l	Idem	3688	12,5	46\$000
"	Idem	400	Ditas idem 12 l	Idem	4416	12,5	5\$200
"	Idem	100	Ditas idem 24 l	Idem	2208	12,5	27\$600
"	N N	1	Sacso sal	Ponta Grossa	74	12,5	\$925
"	F L	20	Cargas idem	Idem	700	12,5	8\$750
"	Idem	20	Ditas idem	Idem	700	12,5	9\$875
"	Idem	30	Ditas idem	Idem	580	12,5	7\$250
"	Idem	10	Ditas idem	Idem	440	12,5	5\$500
"	G	30	Ditas idem	Idem	1200	12,5	15\$000
"	Idem	20	Ditas idem	Idem	880	12,5	4\$750
"	C	20	Ditas idem	Idem	700	12,5	9\$875
"	K	10	Ditas idem	Idem	800	12,5	10\$000
Camargo & Comp.	C & C	1	Barril vinho	Curityba	100	50	6\$000
"	Idem	1	Caixa oleo não classificado	Idem	60	40	2\$100
"	Idem	3	Ditas vinho	Idem	60	50	3\$000
"	Idem	1	Dita amidon	Idem	25	100	2\$500
"	Idem	5	Ditas sabão	Idem	50	20	1\$000
"	Idem	1	Dita banha	Idem	70	50	3\$500
"	Idem	1	Dita corveja	Idem	80	60	4\$800
"	Idem	2	Ditas castanhas	Idem	60	40	2\$400
"	Idem	1	Dita assucar	Idem	40	30	1\$300
"	Idem	1	Sacso gomma mandioca	Idem	50	10	\$500
"	A B	1	Dito assucar	Morretes	50	30	1\$500
"	Idem	1	Dito cebollas	Idem	10	10	\$100
João Eugenio & Comp.	G	20	Cargas sal de 50 l	Ponta Grossa	920	12,5	11\$500
"	Idem	20	Ditas idem 40 l	Idem	736	12,5	9\$200
"	Idem	20	Ditas idem 20 l	Idem	368	12,5	4\$600
"	E V	201	Ditas idem 12 l	Idem	2219	12,5	27\$737
"	Idem	233	Ditas idem 24 l	Idem	5144	12,5	64\$300
Alfredo, Eugenio & C.	A E & C	10	Caixas agua mineral	Curityba	240	50	12\$000
"	Idem	1	Dita presuntos	Idem	122	300	36\$000
Mathias Bohn & Comp.	V W F	600	Sacos farinha trigo	Idem	26200	10	262\$000
"	Q C & C	300	Ditas assucar	Idem	17870	20	357\$400
"	S	32	Fardos lupulo	Idem	904	200	18\$800
"	Z S	1	Caixa armarinho	Idem	20	600	12\$000
"	A	1	Dita amostras	Idem	4	—	Livre
"	J R	1	Dita roupa uzada	Idem	90	—	Livre
"	E G	1	Fardo tecidos	Idem	74	300	22\$200
"	M	5	Volumes fogão (devolvido)	Idem	60	—	Livre
"	S.m.	20	Sacos assucar	Idem	1198	20	23\$960
"	H B C	3	Caixas vinho medicinal	Idem	100	400	40\$000
"	C B	1	Dita fardamento uso	Idem	18	—	Livre
"	J H	1	Dita anzoas	Idem	28	100	2\$800
"	Idem	1	Barriex foneas	Idem	155	40	6\$200
"	Idem	1	Caixa torneiras	Idem	77	100	7\$700
"	Idem	6	Ditas pregos	Idem	600	20	12\$000
"	Idem	1	Dita balancas	Idem	100	200	20\$000
"	S 1125 B	1	Dita aparelhos photographia	Idem	18	200	3\$600
"	Letreiro	4	Volumes brinquedos	Idem	163	600	91\$600
"	Idem	1	Caixa porcellana	Idem	50	200	10\$000
"	Idem	1	Dita panno para bilhar	Idem	22	300	6\$600
						Somma . . .	1.506\$122

Transcrição do destacado no anúncio:

<b>&lt;Patente Commercial&gt;, de Paranaguá</b>							
<b>Despachos do dia 10 de dezembro</b>							
Despachantes	Marcas	Volu- mes	Mercadorias	Destinos	Kilos	Taxas	Direitos Pagos
Mathias Bohn & Co MP.	S 1125 B	1	Dita aparelhos photographia	Idem [Curityba]	18	200	3\$600

## ANEXO 7

Recorte Jornal A República, 24/01/1901, Ano XVI, nº 20, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**Camara municipal**

**Alvarás de licença**

Ignacio Kulig—Casa de pensão na colonia Santa Candida.

— Germano Mullack—Officina de barricas na colonia Argelina.

— José Dudeke—Seccos e molhados no Portão.

— José Iglesia—Fructas, doces, ballas e sorvetes.

— Guilherme H. Boddy—Idem, idem.

— Albino H. Prohmann, Presidente da Sociedade Gymnastica «Tento Brasileiro» para dar um baile no theatro Hauer na noite de 26 do corrente.

— Octavio Lustosa & Cia.—Photographia a rua Liberdade.

— Kalll Nacite—Padaria a rua Barão do Serro Azul desta cidade.

---

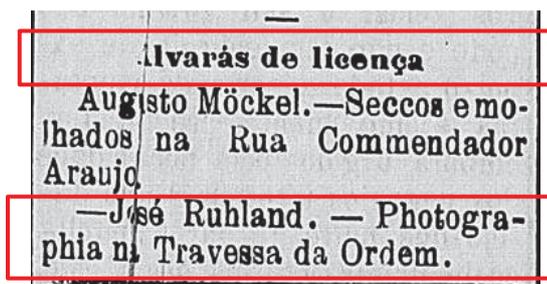
Transcrição do destacado na nota:

Câmara municipal  
Alvarás de licença

- Octavio Lustosa & Cia. Photographia a Rua Liberdade

## ANEXO 8

Recorte Jornal A República, 05/01/1901, Ano XVI, nº 128, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



---

Transcrição do destacado na nota:

Alvarás de licença

- José Ruhland. — Photographia na Travessa da Ordem.

## ANEXO 9

Recorte Jornal A Republica, 23/01/1901, Ano XVI, nº 19, p.3. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**Atelier Photographico**  
—DE—  
**Octavio Lustosa & C.**  
**CURITYBA**

**Rua da Liberdade, canto da do Marechal Deodoro**

Os abaixo assignados participam aos seus amigos e ao respeitavel publico que abriam seu bem montado Atelier Photographico, produzindo trabalhos afiançados e perfeitos concernentes a arte photographica, pelos systemas mais aperfeiçoados, como sejam :

**Platinotypia, Aristotypia, Pigmento em diversas cores e por meio de iluminação artificial**

Confiados na benevolencia do respeitavel publico, convidamos a visitarem nosso estabelecimento, certos de que poderão tirar retratos a qualquer hora do dia ou da noite, e com qualquer tempo. Tiram-se retratos dos tamanhos seguintes : de 4/4 c. até tamanho natural.

**Preços razoaveis**

Falla-se allemão, francez, hespanhol e italiano

*OCTAVIO LUSTOSA & C.*

Transcrição do anúncio:

Atelier Photographico  
-de-  
**Octavio Lustosa & C.**  
**CURITYBA**

Rua da Liberdade, canto da do Marechal Deodoro

Os abaixo assignados participam aos seus amigos e ao respeitável publico que abriam seu bem montado Atelier Photographico, produzindo trabalhos afiançados e perfeitos concernentes a arte photographica, pelos systemas mais aperfeiçoados, como sejam:

**Platinotypia, Aristotypia, Pigmento em diversas cores e por meio de iluminação artificial**

Confiados na benevolencia do respeitavel publico, convidamos a visitarem nosso estabelecimento, certos de que poderão tirar retratos a qualquer hora do dia ou da noite, e com qualquer tempo. Tiram-se retratos dos tamanhos seguintes: de 4/4 c. até tamanho natural.

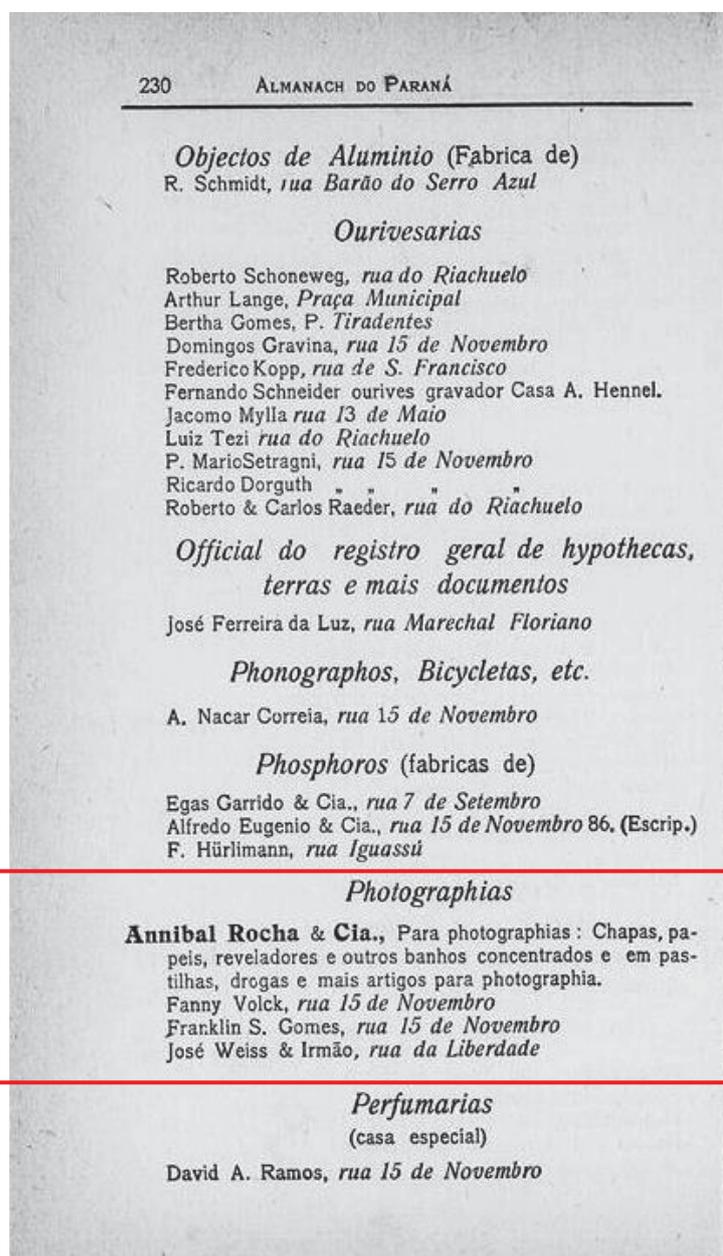
**Preços razoaveis**

Falla-se alemão, francez, hespanhol e italiano

*OCTAVIO LUSTOSA & C.*

## ANEXO 10

Recorte Almanach do Paraná, 1908, Ano XI, p.230. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



Transcrição do destacado:

## Photographias

Annibal Rocha & Cia., Para fotografias: Chapas, papeis, reveladores e outros banhos concentrados e em pastilhas, drogas e mais artigos para photographia.

Fanny Volck, rua 15 de Novembro

Franklin S. Gomes, rua 15 de Novembro

José Weiss & Irmão, rua da Liberdade

## ANEXO 11

Recorte Jornal A Republica, 14/05/1903, Ano XVIII, nº 107, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

## PHOTOGRAPHIAS.

E' sem duvida a Photographia uma das artes industriaes que mais se tem desenvolvido nesta capital.

As producções photographicas tem aqui chegado a tal gráo de perfeição que não podemos invejar ás de quaesquer outros centros.

A photographia do sr. A. Wolk, actualmente installada á rua 15 de Novembro tem exhibido trabalhos que são verdadeiramente dignos de admiração, pela artistica disposição de luz, pose original e aggrupamento intelligente.

Vimos um retrato à luz intensa do respeitavel ancião sr. Rosany, que é um verdadeiro primor, parecendo mais a reproducção de uma pintura originalissima. A apposição de luz é tão acertadamente combinada que o retrato parece brilhar de vida e movimento.

Alguns magnificos instantaneos da *praça de touros*, revelam uma perfeição dos apparatus de que dispõe o atelier do sr. Wolk.

Além disso grupos e bustos feitos em grande formato, trabalhos á luz artificial e tantas outras variedades photographicas collocam este estabelecimento emparelhado com os melhores do paiz.

O sr. Wolk que acaba de expor na Associação dos Empregados no Commercio é o fundador dos ateliers photographicos de Curityba e aqui reside ha cerca de 20 annos.

## ANEXO 12

Recorte Jornal A República, 16/01/1930, Ano XLV, nº 13, p.4 (Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira).

## A "OPTICA AMERICANA"

### Alguns dados sobre o importante estabelecimento de nossa capital

Casa especialista no ramo de Optica, fundada em 1918, sob a direcção do seu proprietario sr. dr. B. Pericás



Kryptok, e emfim um sortimento completo de lentes de todas as qualidades e dos melhores fabricantes.

Quanto á secção de armações de oculos, pince-nez e lorgnons, o sortimento é dos mais variados, contando com os ultimos modelos lançados á venda por "American Optical Company", de Nova York, "Bausch and Lomb" e outros fabricantes sobejamente conhecidos no mercado de optica.

Afim de satisfazer as necessidades de que a nossa capital já de ha muito se resentia, no que diz respeito á photographia, a Optica Americana", foi dotada de uma secção modelar de photographia, em que se acham marcas de camaras que por si só se recommendam, taes como: Zeiss-Ikon, Agfa, Goerz, Kodak, Contessa Nettel, Voigtlander e outras, bem como todos os artigos de photographia.

Annexo á esta secção photographica está um laboratorio para amadores, dirigido por profissional recém-vindo da Allemanha, o que permite entregar as copias e revelações no curlo prazo de 4 horas, record mundial, com perfeição absoluta. Este laboratorio, segundo informações, está a disposição dos srs. amadores photographicos que queiram aprender a arte photographica ou delle queiram utilizar-se. Não sómente o laboratorio, como tambem as drogas existentes poderão ser empregadas pelos amadores, gratuitamente e á qualquer hora.

E' pois, este estabelecimento que recommendamos a todos, que acaba de offerecer valiosissimos premios destinados á senhora que fór eleita "Miss Paraná", segundo carta que já tivemos occasião de publicar.

Estabelecimento modelar no fim a que se destina, contando com gabinete completo para exames de vista, afim de corrigir qualquer defeito no orgão visual por menor que seja, com uma bem montada secção technica para o ajuste de oculos e pince-nez, servida essa secção por varias machinas modernas e instrumentos, que permitem executar todas as encomendas com perfeição e rapidez.

Deposito dos afamados crystales "Zeiss", mundialmente conhecidos pela sua nitidez e perfeição no acabamentoo esmerado, bem como grande stock de outros não menos afamados como sejam: Goerz, Telegic,

Transcrição do texto/anúncio:

A "Optica Americana"

Alguns dados o importante estabelecimento de nossa capital

Casa especialista no ramo de Optica, fundado em 1918, sob a direcção do seu proprietario sr. dr. B. Pericás.

Estabelecimento modelar no fim a que se destina, contando com o gabinete completo para exames de vista, afim de corrigir qualquer defeito no órgão visual por menor que seja, com uma technica para o ajuste de oculos e pince-nez, servida essa secção por varias machinas modernas e instrumentos, que permitem executar todas as encomendas com perfeição e rapidez.

Deposito dos afamados cristaes “Zeiss”, mundialmente conhecidos pela sua nitidez e perfeição no acabamento esmerado, bem como grande stock de outros não menos afamados como sejam: Goerz, Telegic, Kryptok, e enfim um sortimento completo de lentes de todas as qualidades e dos melhores fabricantes.

Quanto á secção de armações de oculos, pince-nez e lorgnons, o sortimento é dos mais variados, contando com os ultimos modelos lançados á venda por “American Optical Company”, de Nova York, “Bausch and Lomb” é de outros fabricantes sobejamente conhecidos no mercado de optica.

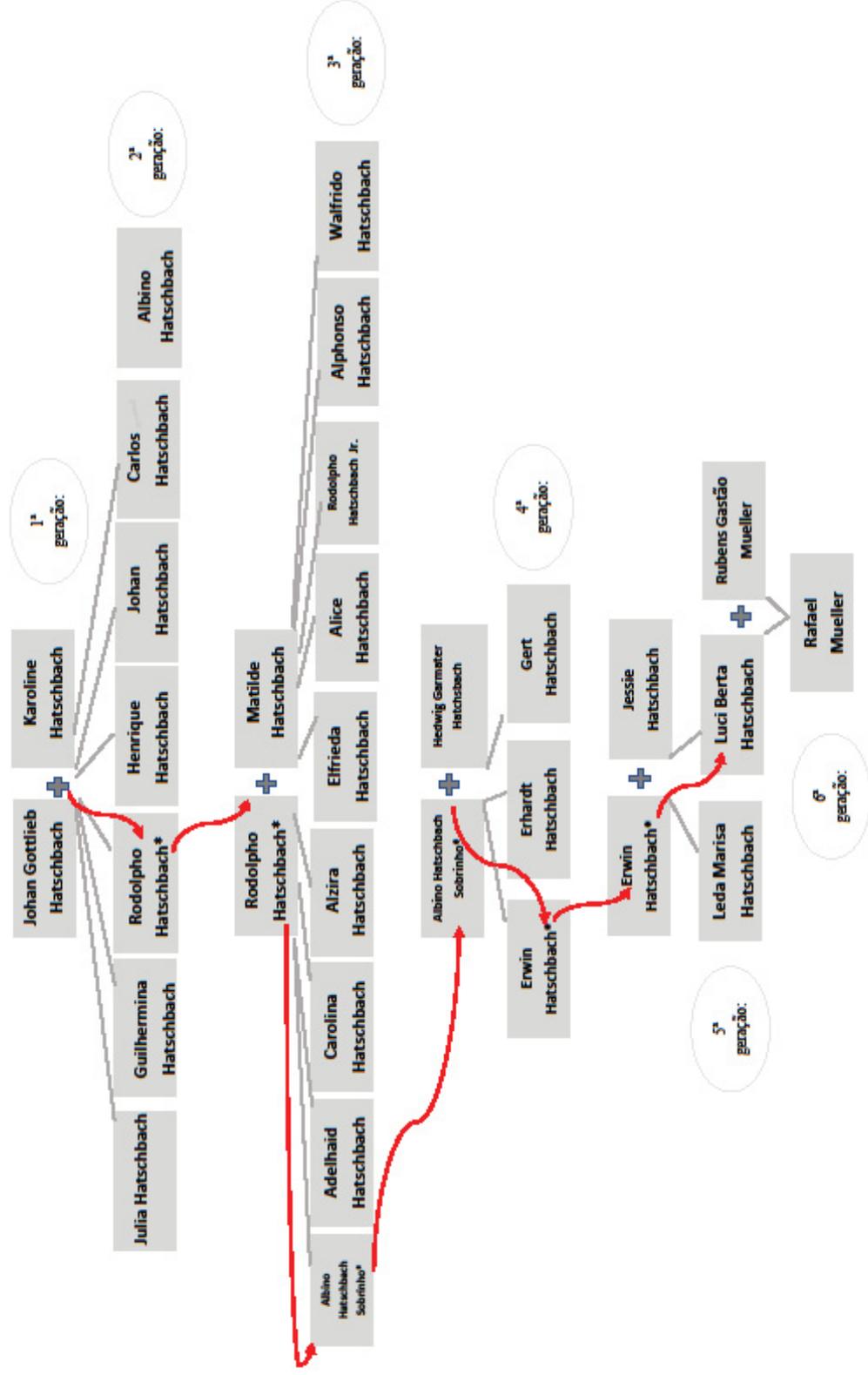
A fim de satisfazer as necessidades de que a nossa capital já de ha muito se ressentia, no que diz respeito á photographia a Optica Americana, foi dotada de uma secção modelar de photographia, em que se acham marcas de camaras que por si só se recommendam, taes como: Zeiss-Ikon, Agfa, Goerz, Kodak, Contessa Nettel, Voigtlander e outras, bem como todos os artigos de photographia.

Annexo á esta secção photographica está um laboratório para amadores, dirigido professional recém-vindo da Allemanha, o que se permite entregar as copias e revelações no curto prazo de 4 horas, record mundial, com perfeição absoluta. Esse laboratório, segundo informações, está a disposição dos srs. amadores photographicos que queiram aprender a arte photographica ou dele queiram utilizar-se. Não somente o laboratório, como também as drogas existentes poderão ser empregadas pelos amadores, gratuitamente e á qualquer hora.

É, pois, este estabelecimento que recomendamos a todos, que acaba oferecer valhosissimos prêmios destinados a senhorita que for eleita “Miss Paraná”, segundo carta que já tivemos occasião de publicar.

ANEXO 13

ÁRVORE HATSCBACH



## ANEXO 14

Recorte Jornal A Republica, 21/01/1902, Ano XVII, nº 16, p.1. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Hontem á noite a caza dos srs. Rodolpho Hatschbach & C.<sup>a</sup>, sita á rua do Riachuelo n. 36, foi visitada por um audaz gatuno que uzando de chaves falsas penetrou no estabelecimento pela porta da frente.

Não dormindo pessoa alguma na caza, tentou o ladrão arrombar a burra, que não conseguiu.

De uma gaveta do balcão foi subtraído 70\$000 em dinheiro.

O sr. commissario Paulo Assumpção tomou conhecimento do facto e iniciou as diligencias necessarias para a descoberta do criminoso.

## ANEXO 15

Recorte Jornal A Noticia, 13/07/1906, Ano II, nº 211, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**Secção Livre**

---

**ENTRE SAPATEIROS**

(Na Praça Tiradentes)

—Então, não voltaste ao trabalho, Miguel?

—Qual o que, homem! O bruto não quer aumentar o preço do calçado nem a cacete.

—Então o allemão é duro... e o Muggiati?

—O Muggiati também não quer ceder. Ah! mas agora com a «boycottagem» elles se vão vêr zonzos. Já fomos retirar a ferramenta da fabrica do Hatschbach.

—E o *bagre* não disse nada?

—O que havia de dizer? Fomos buscar o que era nosso.

Sabes o que elle respondeu á commissão da Liga que o intervistou a fim de vêr se entrava num accordo?

— ? . . .

— «*Eu non aumenda... eu prefferra pusca no Allemania téz ou finde officiâs pem pca, de primeirra, e non pagou um mil reis para mais a este sapaterra que non presta...*»

—Diabo! então desta maneria foi uma offensa não só aos seus empregados, como os sapateiros todos do Paraná...

—E do Brasil inteiro, meu amigo. Tu sabes, o allemão tem a mania de gostar só de que cheira a allemão. Agora ninguem mais trabalha com elle nem com o Muggiati, sob pena de ser inscripto no «livro negro» E o que é mais, si elles não accatarem a nossa proposta, far-se-á todo o possível para que ninguem compre calçados em seus estabelecimentos.

—Desta maneira, então, será preciso malharem solla se quizerem encher o bncame.

—Decerto, e ahí o sr. Muggiati, que ainda não perdeu de todo os callos dos joelhos e das carnosidades trazeiras, mas que já faz que não se lembra de ter lambido solla, verá que não ha de ser tão facil amontoar contos de reis como tem acontecido depois que elevou-se a parasita.

—Ah! é ahí que havemos de vêr a porca torcer o rabo. Sou de opinião que tiraremos bom partido com o tal boycot.. boy... como é?...

— «Boycottagem». E' o meio pratico e infallivel de tirar a acisma dos cabeçudos, daquelles que consideram o sapateiro um traste de sapataria. Porque é bem que saibas: —nós somos calculados como material de officina, collocado: por elles na mesma classe das machinas, das ferramentas, dos instrumentos de producção, emfim.

—Pois sim... elles que facilitem com a sapatirada e verao o resultado. Até logo, Miguel.

—Até logo.

*Josett*

---

**Liga dos Sapateiros**

A Directoria da Liga dos Sapateiros resolveo dar o prazo de tres dias aos officiaes das 2 casas cujos operarios estão em grêve.

Os que não se declararem solidarios ao movimento devem fazel-o no prazo desses tres dias sob pena de passarem para o livro negro.

E findo esse prazo será declarado o boycottagem popular as casas Muggiati e Hatschbach.

Curityba, 11 de Julho de 1906.  
*A Directoria.*

Transcrição do anúncio:

Secção Livre  
Entre sapateiros  
(Na Praça Tiradentes)

- Então, não voltaste ao trabalho, Miguel?
- Qual o que, homem! O bruto não quer argumentar o preço do calçado nem a cacete.
- Então o allemão é duro...e o Muggiati?

- O Muggiati também não quer ceder. Ah! mas agora com a “boycottagem” elles se vão ver zonzos. Já fomos retirar a ferramenta da fábrica do Hataschbach.
- E o *bagre* não disse nada?
- O que havia de dizer? Fomos buscar o que era nosso.
- Sabes que o elle respondeu á comissão da Liga que o visitou a fim de vér se entrava num accordo?
- ?...
- *“Eu non aumenda...eu prefirrra pusca no Allemania téz ou finde officials pem pea, de primerrra, e non pagou um mil reis para mais a este sapaterrra que non presta...”*
- Diabo! então desta maneira foi uma offensa não só aos seus empregados, como os sapateiros todos do Paraná...
- E do Brasil inteiro, meu amigo. Tu sabes, o alemão tem a mania de gostar só do que cheira alemão. Agora ninguém mais trabalha com ele nem com o Muggiati, sob pena de ser inscripto no “livro negro” E o queé mais, si elles não aceitarem a nossa proposta, far-se-á todo o possível para que ninguém compre calçados em seus estabelecimentos.
- Desta maneira, então, será preciso malharem solla se quiserem encher o bncame.
- Decerto, e ahí o sr. Muggiati, que ainda não perdeu de todo os callos dos joelhos e das canosidades trazeiras, mas que já faz que não se lembra de ter lambido solla, verá que não ha de ser tão facil amontoar contos de reis como tem acontecido depois que elevou-se a parasita.
- Ah!é ahí que havemos de vér a porca torcer o rabo. Sou de opinião que tiraremos bom partido como tal boycot...boy...como é?...
- “Boycottagem”. É o meio pratico e infallivel de tirar a scisma dos cabeçudos, daqueles que consideram o sapateiro um traste de sapataria. Porque é bem que saibas: - nós somos calculados como material de officina, colocados por elles na mesma classe das machinas, das ferramentas, dos instrumentos de prodncção, emfim.
- Pois sim... elles que facilitem com a sapateirada e verao o resultado. Até logo, Miguel.
- Até logo.

Josett

---

#### Liga do Sapateiros

A Directoria da Liga dos Sapateiros resolveo dar o praso de tres dias aos officiaes das 2 casas cujos operários estão em greve.

Os que não se declararem solidarios ao movimento devem fazel-o no praso desses tres dias sob pena de passarem para o livro negro.

E findo esse praso será declarado o boycottagem popular as casas Muggiati e Hatschbach.

Curityba, 11 de julho de 1906.

A Directoria

## ANEXO 16

Averbação casamento, MP. 8898. Fonte: Museu Paranaense.


**República dos Estados Unidos do Brasil**  
**REGISTRO DE IMÓVEIS**  
do 1.º DISTRITO  
ESTADO DO PARANÁ — COMARCA DE CURITIBA  
RUA MAL. FLORIANO, 134 — Sala 204  
**FLAVIO F. DA LUZ**  
OFICIAL

TALÃO N.º 62.- Pagina 31 Averbações.-  
**CERTIFICO** que a fls. 224 e sob n.º 14.039 do  
Livro 3-E de transcrição das transmissões foi efetuada a  
averbação do extrato abaixo:

Adquirente: Jessie Barðdal.-

**AVERBAÇÃO:** A adquirente casou-se com Erwin Siegfried Hatschbach, conforme consta da certidão extraída aos 15-3-39 pelo escrivão de Casamentos da Capital, do termo lavrado às folhas 68 e verso do Lº 55, datado de 10-4-1937.-  
(Selada no Lº 3-E com Cr.\$ 5,40 fed.).-

Averbação:	Cr.\$ 15,00
Selos:	Cr.\$ 7,80
I.P.:	Cr.\$ 2,00
	Cr.\$ 24,80



O referido é verdade e dou fé.

ANEXO 17

Averbação doação, MP. 8895. Fonte: Museu Paranaense.

2 ml  
Nº 1438 \*

**ESTADO DO PARANÁ**  
*Prefeitura Municipal de Curitiba*

*Luiz Jessie Hartschbach uauu Norddal*  
Carta de averbação de aforamento passada a  
**Jessie Garddal**

O Prefeito Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná,  
faz saber aos que a presente virem que, tendo *Jessie Garddal, maior,*  
*por petição Nº 1438 desta data, requerido aver-*  
*bação para o seu nome, dos lotes de terreno nºs*  
*11ª e 12ª, do proquis Nº 1.972 da clauda Randes,*  
*com 13,00 (treze metros) de frente para a rua*  
*Padre Fedelonso, adquirido por escritura de doação inter-*  
*vivos de Alberto Garddal e Alberta Julthermima Bichel, Bar-*  
*ddal, conforme proquis desenhado no verso desta carta, pas-*  
*sa o domínio útil à Jessie Garddal*  
que pagou os respectivos emolumentos, depois de deferida a petição apresentada  
pelo requerente, mandou passar a presente carta de averbação de aforamento do  
dito terreno com o fôro anual de *3\$000 (três mil réis)*  
e sob as condições do termo lavrado nesta data e da carta passada a *George F.*  
*Randes*

em *2* de *Setembro* de *1913*  
*Quadro Urbano*

E, para constar, lavrou-se a presente carta de averbação em que assina o Exmo. Snr.  
*Dr. Prefeito. Eu, Gaspar de Souza Lima, 2º oficial*, a escrevi  
e eu, *Aelson de Souza Filho, Diretor de Engenharia*, a conferi.  
Prefeitura Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, em *29* de *Outubro* de *1936*

O Prefeito Municipal

Registrada ds fls. 29 do livro 1 A.  
de transferencias  
*Assimada, 2º oficial*





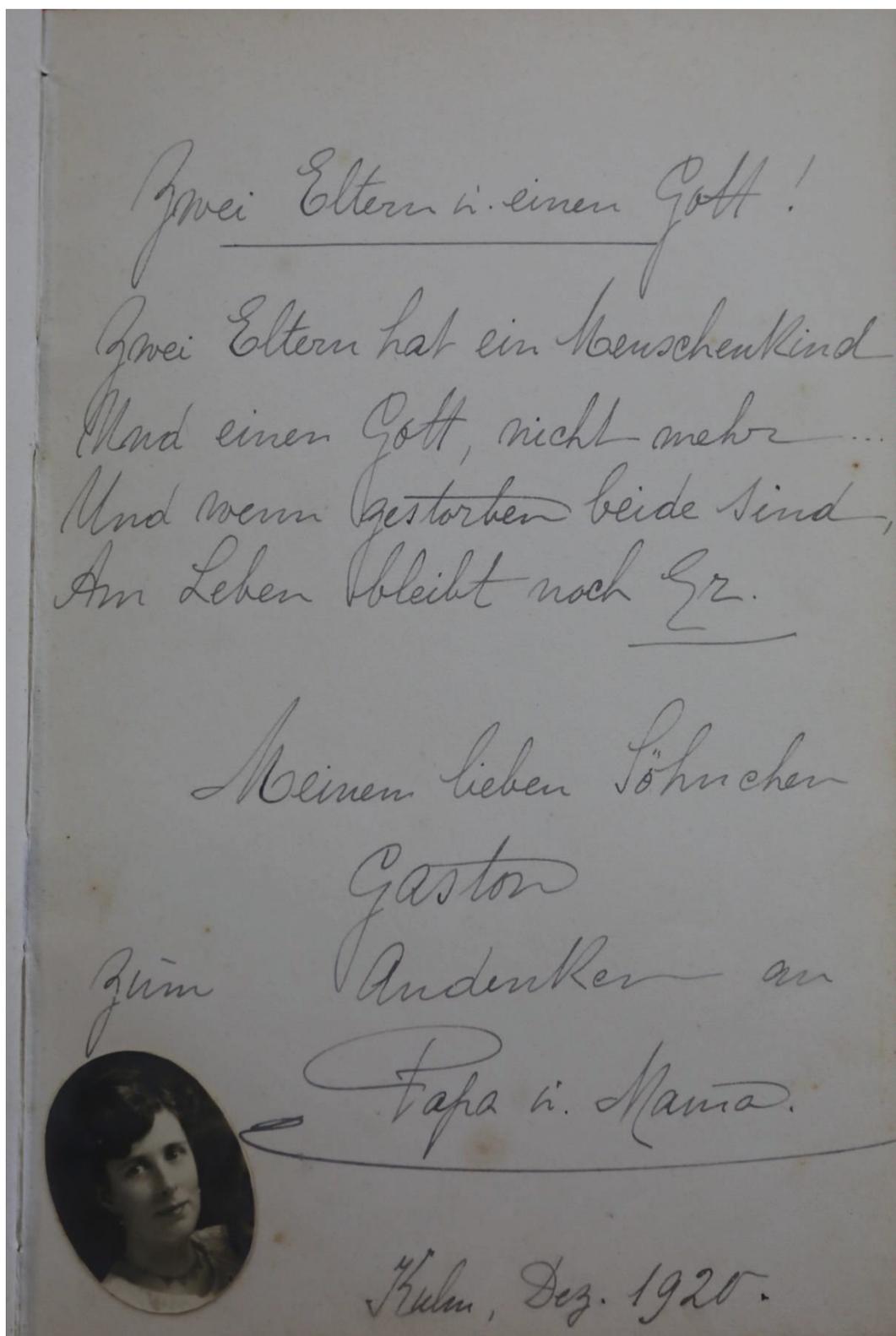
## ANEXO 18

Escritura compra e venda, MP. 8889. Fonte: Museu Paranaense.

ESTADO DO PARANÁ COMARCA DE CURITIBA TABELIÃO		Viuimarões	
2º TABELIÃO		2º TABELIONATO DE NOTAS	
TABELIÃO		RUA MARECHAL DEODORO, 126 (sobreloja)	
CPF 000182009-34		FONE: PABX 222-6977	
Proc. n.	1392/80	<p>Escritura Pública de Compro- misso de Compra e Venda, que fazem a Sra. JESSIE BARDDAL/ HATSCHBACH e seu marido Sr./ ERWIN SIEGFRIED HATSCHBACH./ em favor da firma: FEZA - CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMEN- TOS LTDA., na forma abaixo:</p>	
Nota n.	1392/80		
Nome do Tabelião	Dr. João Alberto Guimarães		
Endereço	Rua Marechal Deodoro, 126 - 5/Loja - Fone: 222-6977 CURITIBA - PARANÁ		
<p>S A I B A M todos quantos esta pública escritura vi- rem que aos VINTE E SEIS dias do mês de SETEMBRO do ano de mil novecentos e oitenta e seis, nesta cidade de Cur- itiba, Capital do Estado do Paraná, em Cartório compa- receram partes entre si justas e contratadas, a saber: de um lado como Promitentes Vendedores, a Sra. JESSIE / BARDDAL HATSCHBACH e seu marido ERWIN SIEGFRIED HATSCH- BACH, brasileiros, casados, ela do lar, ele aposentado, portadores das C.I. RG. nrs. 89.580-Pr., e 55.324-Pr., e inscritos no CPF/MF. sob nr. 028.752.339-04, residentes nesta Capital à rua Padre Ildefonso nr. 119; e, de ou- tro lado como COMPRMISSÁRIA COMPRADORA, a firma FEZA - CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMIENTOS LTDA., pessoa jurídica de direito privado com sede nesta Capital à rua Emiliano / Perneta nr. 212, inscrita no CGC/MF. sob nr. .... 78.336.427/0001-52, neste ato representada por seu sô- cio gerente Sr. RENATO RAMOS FERREIRA, brasileiro, casa do, engenheiro civil, portador da C.I. RG. nr. 406.168- Pr., aqui residente. Os presentes reconhecidos como os próprios por mim Escrevente Auxiliar e do Tabelião que/ esta subscreve, a vista dos documentos de identidade a- presentados e conhecidos entre si.- E, pelos Promiten- tes Vendedores me foi dito que são senhores e legítimos possuidores, livre e desembaraçado de quaisquer ônus ou impostos, do imóvel constituído de um terreno foreiro / compreendido entre os lotes nrs. antigo 11 e 12, da - / planta LANDES, medindo 13,00m (treze metros) de frente/ para a rua Pe. Ildefonso, desta cidade, por 46,00m (qua- renta e seis metros) de extensão em ambos os lados, fe- chando nos fundos com 13,00m (treze metros), designado/ sob nrs. 11-A e 12-A, confrontando do lado esquerdo de quem da rua olha com o lote fiscal 15.000, do lado di- reito com o lote fiscal 13.000, e nos fundos com o lote fiscal 20.000, contendo uma casa de alvenaria sob nr... 119, da referida rua; Indicação Fiscal:- setor 23, qua- dra 76, lte 14.000; havido pelos Promitentes Vendedores na forma da transcrição nr. 14.039, do livro 3-E, do 1º Ofício de Registro de Imóveis desta Comarca, (medidas e confrontações fornecidas pelas partes que responsabiliz- am-se pelo suprimento na forma do previsto no provimen- to 356/84, da Corregedoria Geral da Justiça),. E assim/ como possuem o imóvel acima descrito e caracterizado, / têm justo e contratado para prometé-lo a venda à Compro- missária Compradora, mediante as cláusulas e condições/ seguintes:- Primeira:- Que o preço total da presente / promessa de venda e de CZ\$ 1.500.000,00 (hum milhão e quinhentos mil cruzados), a serem pagos da seguinte for- ma:- a)- CZ\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruza- dos) já recebidos pelos promitentes vendedores; b)- CZ\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil cruzados) nesta / data, importâncias estas das quais os promitentes vende- dores dão a mais ampla, geral e irrevogável quitação; 7</p>			

## ANEXO 19

Detalhe/página 1, caderno MP. 8921. Fonte: Museu Paranaense:



## ANEXO 20

Recorte Revista Ilustração Paranaense, 1933, nº 1, p. 19. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



**Padaria "Aurora".**

MENÇÃO HONROSA: Elias Bruck, Cera para soalho e pasta para calçados. — Manoel Lafitte Bisquet, Aparelho Bisquet. — F. Gonçalves, Carimbos de Borracha. — Arlindo Della Giacomo, Coador para Café. — Paulo Licciardi, Arte Calligraphica. — Roberto Angewitz, Oleos minerais. — Nociti & Cia., Ltda., Chuveiro thermico "Promptus". — Miguel Gonçalves Silva, Tamancos. — Borges & Cia., Ceramica. — Julio Alves de Araujo, Productos pharmaceuticos. — Francisco L. Johnscher, Industria hoteleira. — Aero Lloyd Iguassu S. A., Mapa demonstrativo. — Flavio Macedo, Agua Ahii.

Curityba, 6 de Janeiro de 1932.

*Jorge L. Meissner,  
Braulto Virmond Lima,  
Antonio de Freitas Brandão,*

com restricção aos productos apresentados pelas «Officinas de Reparaciones de Armamento» do S. M. B. da 5.ª R. M.

*Manoel F. Correia.*

**Os principaes expositores.**

*Fabrica de Pianos, de F. Essenfelder & C.ª* — Estabelecimento fundado em 1890. Seus productos honram a industria nacional e rivalisam com os melhores do estrangeiro. Os pianos verticaes «Essenfelder» estão hoje profusamente espalhados pelos Estados brasileiros e contam-se por milhares. Os grande cauda

«Essenfelder» teem sido preferidos pelos concertistas de maior fama que visitaram o Brasil. Os pequena cauda «Essenfelder» figuram nos estudos dos professores de mais renome do nosso paiz e tomaram o logar aos seus congeneres pela sua sonoridade e pelo docil funcionamento do seu teclado.

Endereço: Avenida João Gualberto 1073. Curityba. Caixa Postal 251. Telephone 45.

*Fabrica de Fitas, Venske & C.ª* — Antigo e importante estabelecimento, fundado pelo adiantado industrial sr. Gustavo Venske. Seus productos, em seda animal e vegetal se tornaram desde logo acreditados nas praças do paiz pela sua identidade, a todos os respetos, com os melhores similares estrangeiros. Hoje a fabrica de fitas «Venske» está aparelhada de machinarios modernos e de numeroso e perito pessoal. Suas relações commerciaes se desenvolveram de accordo com a crescente produção, e isto porque o producto se recommenda por si mesmo e não tem semelhante em toda a America do Sul. Endereço: Rua Senador Laurindo, Curityba.

*Companhia «Industrias Brasileiras de Papel»* — Primeiros e unicos fabricantes nacionaes de Papelão branco, de madeira, e Papelão couro (legitimo). Papel de embrulho marca «Pinheiro». Estabelecimento sob todos os pontos de vista notavel, que honra a industria nacional brasileira. Fabricas em Cachoeirinha, Estado do Paraná. Endereço do escriptorio em S. Paulo: Rua João Bricola 10.



**Ceramica de Pinhaes, de Guilherme Weiss.**

Transcrição do destacado na matéria:

*Fábrica de Pianos, de F. Essenfelder & C.ª* — Estabelecimento fundado em 1890. Seus productos honram a industria nacional e reavalisam com os melhores estabelecimentos do estrangeiro. Os pianos verticaes Essenfelder estão hoje profusamente espalhados pelos Estados brasileiros e contam-se por milhares. Os grande cauda «Essenfelder» teem sido preferidos pelos concertistas de maior fama que visitaram o Brasil. Os pequena cauda «Essenfelder» figuram nos estudos dos professores de mais renome do nosso paiz e tomaram o logar aos seus congêneres pela sua sonoridade e pelo dócil funcionamento de seu teclado. Endereço: Avenida João Gualberto 1073. Curityba. Caixa Postal 251. Telefone 45.

## ANEXO 21

Recorte Jornal A Republica, 6/11/1914, ano XXIX, nº 261, p. 2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**Ultimas Noticias**

◆◆◆◆◆

Acha-se exposto na vitrine do «Louvre» á rua 15 de Novembro, chamando a attenção do publico, um bello exemplar de piano Essenfelder, da já famosa fabricação paranaense.

Esse piano, que pertence á classe B, tem 140 cm. de altura, é dotado de couraça toda de aço, obedecendo ao systema de cordas cruzadas. Possui 7 1/2 oitavas, 3 pedaes, sendo o seu teclado, como todos os «Essenfelder» de legitimo marfim.

O bello piano B, que tivemos o prazer de admirar, é todo construido de imbuya, sendo de rara belleza, pois obedece ao estylo «Renaissance».

Transcrição da nota:

Ultimas noticias

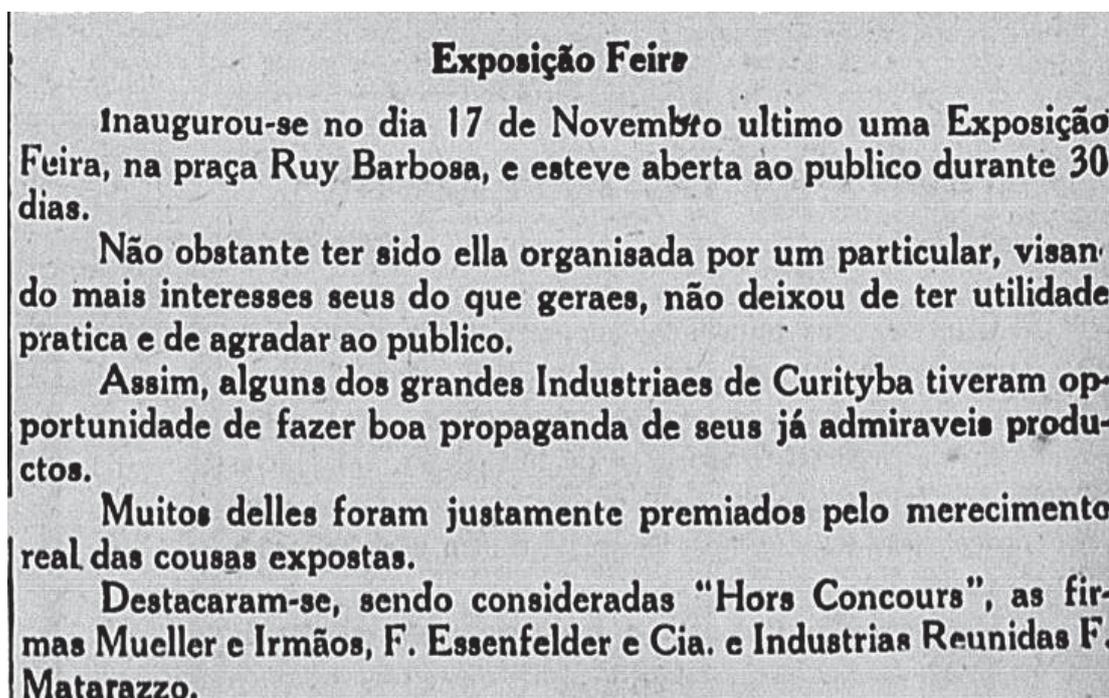
Acha-se exposto na vitrine do “Louvre” á rua 15 de Novembro, chamando a atenção do publico, um bello exemplar de piano Essenfelder, da já famosa fabricação paranaense.

Esse piano, que pertence á classe B, tem 140 cm de altura, é dotado de couraça toda de aço, obedecendo ao systema de cordas cruzadas. Possui 7 ½ oitavas, 3 pedaes, sendo o seu teclado, como todos os “Essenfelder” de legitimo marfim.

O bello piano B, que tivemos o prazer de admirar, é todo construído de imbuza, sendo de rara beleza, pois obedece ao estylo “Renaissance”.

## ANEXO 22

Recorte Jornal A Republica, 6/11/1914, ano XXIX, nº 261, p. 3. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



---

Transcrição da nota:

Exposição Feira

Inaugurou-se no dia 17 de Novembro ultimo uma Exposição Feira, na Praça Ruy Barbosa, e esteve aberta ao publico durante 30 dias.

Não obstante ter sido ella organizada por um particular, visando mais interesses seus do que geraes, não deixou de ter utilidade pratica e de agradar ao publico.

Assim, alguns dos grandes Industriaes de Curityba tiveram a oportunidade de fazer boa propaganda de seus já admiráveis productos.

Muitos deles foram justamente premiados pelo merecimento real das cousas expostas.

Destacaram-se, sendo consideradas "Hors Concours", as firmas Mueller e Irmãos, F. Essenfelder e Cia. e Industrias Reunidas F. Matarazzo.

## ANEXO 23

Recorte Jornal O Dia, 15/12/1937, Ano XV, nº 4415, p. 2. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**AUDIÇÃO DE PIANO**  
**Renée Devraine - Frank**

No salão da Sociedade Thalia, realisar-se-á sexta-feira proxima, dia 17, uma audição de piano, do curso dirigido pela distincta e brilhante pianista, sra. Renée Devraine-Frank.

O programma caprichosamente organizado, é o seguinte:

**1ª Parte:**  
Srta. Nice Calderari (5º anno) — Godard — Mazurka nº 2; Chopin — Grande valsa brilhante op. 18.  
Srta. Gulomar Gomes (7º anno) — Weber — Invitation à la valse; Albeniz — Sevilha; Chopin — Fantaisie — Impromptu.

**2ª Parte:**  
Sta. Cecilia Essenfelder (9º anno) — Scarlatti — Pastorale — Sonata; Chopin — Estudo nº 5 op. 10; Liszt — Rapsodia nº 11.

**3ª Parte:**  
Sta. Nussy Fleischfresser (5.º anno) — Chopin — Valsa op. 69 nº 2.  
Sta. Luiza Requião (9º anno) — Alex. Levy — Tango brasileiro; Chopin — Estudo nº 1 op. 25; Liszt — Ronde des lutins.  
Sta. Clio Marques (9º anno) — Bach — Preludio e fuga em re menor; Chopin — Estudo nº 12 op. 10 — Estudo nº 12 op. 25 — Bal-lada em sol menor.

Transcrição do destacado na nota:

Audição de piano

Renée Devraine – Frank

No salão da Sociedade Thalia, realisar-se-á sexta-feira proxima, dia 17, uma audição de piano, do curso dirigido pela distincta e brilhante pianista, sra. Renée Devraine-Frank. O programa caprichosamente organizado, é o seguinte: (...)

Srta. Cecilia Essenfelder (9º anno) – Scarlatti – Pastorale – Sonata: Chopin – Estudo no 5º op. 10; Liszt – Rapsodia nº 11.

## ANEXO 24

Recorte Jornal O Estado, 28/01/1938, Ano II, nº 423, p. 3. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**P. R. B. 2**

**PROGRAMMA PARA HOJE, 28 DE JANEIRO DE 1938**

Das 11.00 ás 12.45 — DISCOS DE NOSSA DISCOTHECA  
 Das 16.00 ás 17.30 — DISCOS DE NOSSA DISCOTHECA,  
 PROGRAMMA DA SRTA. L. VIRMOND.

———— NOITE ————

A's 19.00 — PROGRAMMA FOX-PARQUETINA

**A's 19.15 — PROGRAMMA ESSENFELDER, COM O CONCURSO  
 DO TRIO PARANAENSE E DA PIANISTA SRTA. CECILIA ESSEN-  
 FELDER.**

A's 20.00 — A HORA DO BRASIL.  
 A's 21.00 — PROGRAMMA DO VIOLINISTA LUIZ CHELLA E  
 PIANISTA SRA. A. MAZEL.  
 A's 21.15 — DISCOS DE NOSSA DISCOTHECA.  
 A's 21.30 — TERTULIA LITERARIA DO POETA HEITOR  
 STOCKLER.  
 A's 21.45 — DISCOS DE NOSSA DISCOTHECA.  
 A's 22.00 — A CHRONICA DO DIA.  
 A's 22.10 — PROGRAMMA DO TRIO DE CORDAS DE PRB-2.  
 A's 22.30 — MELODIAS DE MOMO PARA O CARNAVAL DE 1938  
 LEITURA DE NOTICIARIOS: A's 12, 17 e 23 horas.  
 LEITURA DE NOSSO PROGRAMMA PARA SABBADO.

Transcrição do destacado na nota:

P.R.B.2

Programa para hoje, 28 de janeiro de 1938

A's 19:15- Programa Essenfelder, com concurso do trio paranaense da pianista Srta. Cecilia Essenfelder.

## ANEXO 25

Recorte Jornal O Dia, 07/01/1941, Ano XVIII, nº 5348, p. 4. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**PROCLAMAS**

Em o cartório do Senhor Escrivão de Casamentos desta Capital, acham-se afixados os Editais de Proclamas para os seguintes casamentos: do snr. Gastão Mueller com d.<sup>a</sup> Cecília Essenfelder; do sr. Ildefonso Roda com d.<sup>a</sup> Nilce Doubek; do sr. João Wille Kampmann com d.<sup>a</sup> Florinda Fabiana Balzik; do sr. Gabriel Simas Carnasciall com d.<sup>a</sup> Zuleica Raspolt; do sr. Jacob Serediuk com d.<sup>a</sup> Maria Iolub; do sr. Miguel Baduy com d.<sup>a</sup> Nagibe Rame; do sr. José Arruda Santos com d.<sup>a</sup> Celina Cruz Siemsen; do snr. José Alves Mendonça com d.<sup>a</sup> Adf Romaria da Conceição; do sr. João Ismaél Garcez Xavier com d.<sup>a</sup> Ivete Gonçalves; do snr. Sr. Alberto Gonçalves da Cruz com d.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Macedo Teixeira; do sr. Osvaldo Xavier Fraga com d.<sup>a</sup> Davina Langoski e do sr. Porffrio Mendes com d.<sup>a</sup> Jurema Martins — No mesmo cartório acha-se afixado o Edital de proclama para o casamento do senhor Emilio Romanini com d.<sup>a</sup> Edimil Milléo, procedente do Juizo de Casamentos da cidade de Castro, deste Estado.

Transcrição do destacado na nota:

**Proclamas**

Em cartório do Senhor Escrivão de Casamentos desta Capital, acham-se afixados os seguintes casamentos: do snr. Gastão Mueller com a d.<sup>a</sup> Cecília Essenfelder;

## ANEXO 26

Árvore genealógica extraída de documento elabora por Fernando Hatschbach. Fonte: HATSCHBACH, 1997, não publicado:

(...)  
**5. RODOLPHO HATSCHBACH**  
**(25/02/1868 - 29/06/1948)**

5. RODOLPHO HATSCHBACH casou com MATHILDE SCHUKTZE HATSCHBACH (07/11/1874 - 05/01/1932) e tiveram os seguintes filhos:

- 5.1. ALBINO HATSCHBACH SOBRINHO (23/03/1890 - 16/05/1974)
- 5.2. ADELHAID HATSCHBACH (03/05/1892 - 05/05/1896)
- 5.3. CAROLINA HATSCHBACH (10/02/1895 - 11/05/1979) (LINCHEN)
- 5.4. ALZIRA HATSCHBACH (24/06/1897 - 24/07/1981)
- 5.5. ELFRIEDA HATSCHBACH (10/09/1899 - 23/03/1984)
- 5.6. ALICE HATSCHBACH (03/11/1902)
- 5.7. RODOLPHO HATSCHBACH JUNIOR (RUDI) (01/10/1904 - 24/10/1984)
- 5.8. ALPHONSO HATSCHBACH (03/06/1906 - 02/04/1984)
- 5.9. WALFRIDO HATSCHBACH (TITO) (19/12/1909 - 07/08/1983)

5.1. ALBINO casou com HEDWIG GARMATTER HATSCHBACH (HETA) (11/03/1897 - 06/09/1970) e tiveram os filhos:

- 5.1.1. ERVIN SIEGFRIED HATSCHBACH (06/12/1913)
- 5.1.2. ERHARDT HEINZ HATSCHBACH (21/02/1917)
- 5.1.3. GERT GÜNTER HATSCHBACH (22/08/1923)

5.1.1. ERVIN casou com JESSIE BARDDAL HATSCHBACH (16/10/1913) e tem os filhos:

- 5.1.1.1. LEDA MARISA HATSCHBACH (20/05/1939)
- 5.1.1.2. LUCI BERTHA HATSCHBACH (09/07/1943)

5.1.1.2. LUCI casou com RUBENS GASTÃO MUELLER (27/01/1942) e tem um filho:

- a) RAFAEL MUELLER (09/10/1978)

5.1.2. ERHARDT HEINZ casou com ITÁ GUIMARÃES HATSCHBACH (03/12/1901 - 28/03/1984), em primeira núpcias, e com ABIGAIL SANTOS HATSCHBACH (22/08/1923) em segunda núpcias.

5.1.3. GERT GÜNTER HATSCHBACH casou com MARIA MAGEDAURA HATSCHBACH (08/11/1934).

5.3. CAROLINA casou com FRIEDRICH STADLER (14/02/1885 - 04/01/1958) e tiveram os seguintes filhos:

- 5.3.1. ERHARDT FRIEDRICH STADLER (31/10/1915-26/01/1987)
- 5.3.2. ROLF STADLER (26/05/1920 - 25/05/1940)
- 5.3.3. URSULA STADLER (30/08/1924 - 18/01/1991)

5.3.1. ERHARDT casou, em primeira núpcias, com GERTRUD LINDEMANN STADLER (02/06/1921 - 02/06/1951) e tiveram os filhos:

- 5.3.1.1. RALPF ERHARDT STADLER (27/10/1946)
- 5.3.1.2. ULRICH FRIEDRICH STADLER (03/12/1950).

5.3.1.2. ULRICH casou com MARLENE LÜCK STADLER (10/08/1949) e tem uma filha:  
a) BETTINA STADLER (10/04/1981)

ERHARDT, em segundas núpcias, casou com ROSA BEITNER STADLER (21/02/1920) e tem um filho:

- 5.3.1.3. JOHAN MICHAEL THOMAS STADLER (30/04/1958)
  - 5.3.1.3. JOHAN casou com KERSTIN HARTMANN STADLER (12/02/1960)
- e tem um filho:  
a) MAXIMILIAN STADLER (05/10/1995)

5.3.3. URSULA casou com WALTER REMY (12/02/1925) e tiveram os filhos:

- 5.3.3.1. ULRICHE REMY (19/07/1951)
- 5.3.3.2. UWE REMY (04/01/1995)
- 5.3.3.3. CORNELIA REMY (01/04/1963)
- 5.3.3.4. CYNTHIA REMY (18/10/1966)

5.3.3.1. ULRICHE casou com DETLEF PILLATH (07/12/1949) e tem os filhos:  
a) CLAUDIO PILLATH (24/07/1977)  
b) ANNICK PILLATH (06/11/1981)  
c) YARA PILLATH (21/07/1984)

5.3.3.2. UWE casou com SANDRA BECHER REMY (20/05/1963)

5.3.3.3. CORNELIA casou com KLAUS IMSCHWEILER (04/04/1965) e tem os filhos:  
a) ISABELE IMSCHWEILER (17/12/1990)  
b) MARCEL IMSCHWEILER (30/03/1993)

5.3.3.4. CYNTHIA casou com ROMAN KETTERN (04/12/1962) e tem uma filha:  
a) LAURA KETTERN (16/11/1992)

5.4. ALZIRA HATSCHBACH SCHIEBLER casada com REINALDO SCHIEBLER (23/12/1893 – 23/08/1958) tiveram os filhos:

- 5.4.1. NORMANDO SCHIEBLER (01/08/1933)
- 5.4.2. MANFREDO SCHIEBLER (23/12/1936)

5.4.1 NORMANDO casado com MARLY MARIN SCHIEBLER (27/03/1939) e tem os filhos:

- 5.4.1.1. REINALDO SCHIEBLER NETO (17/08/1961 -13/02/1973)
- 5.4.1.2. HANNELORE SCHIEBLER (16/01/1964)
- 5.4.1.2. HANNELORE casou com SERGIO LUIZ PATITUCCI tem os filhos:  
a) RICARDO HENRIQUE SCHIEBLER PATITUCCI (27/11/1987)  
b) ROBERTO HENRIQUE SCHIEBLER PATITUCCI (10/10/1990)

5.4.2. MANFREDO casado com MARIA CHRISTINE BRACK SCHIEBLER (22/05/1969) tem as filhas:

- 5.4.2.1. EVELIN SCHIEBLER (17/06/1970)
- 5.4.2.2. BEATRIZ SCHIEBLER (07/08/1972)

5.6. ALINCE HATSCHBACH KYRMSE casada com RICARDO KYRMSE (27/07/1894 – 22/03/1969) tem um filho:

5.6.1. RALF JÜRGEN KYRMSE (02/06/1926) casado com MARIA INES BLUM KYRMSE (MARGOT) (06/06/1927) e tiveram os filhos:

- 5.6.1.1. RONALD EDUARD KYRMSE (30/04/1952)
- 5.6.1.2. RICARDO ALBERTO KYRMSE (17/07/1960)

5.6.1.1. RONALD casado em primeiras núpcias com SILVIA FRIEDMAN (03/09/1951) tiveram um filho:

- a) LEO KYRMSE (19/12/1981)

e casado em segunda núpcias com EVELY DE A. BACCY KYRMSE tem um filho:

- b) ELO KYRMSE (14/12/1987)

5.6.1.2. RICARDO casado com TANIA MYLLA KYRMSE (17/10/1960) tem os filhos:

- a) BRUNO KYRMSE (14/12/1987)
- b) FERNANDO KYRMSE (08/03/1993)

5.7. RODOLPHO HATSCHBACH JUNIOR (RUDI) casado com LEONILDA WALLBACH HATSCHBACH (LELÉ) (22/09/1915 – 11/12/1993) tiveram os filhos:

- 5.7.1. FERNANDO HATSCHBACH (25/09/1939)
- 5.7.2. GILDA HATSCHBACH (09/12/1942)

5.7.1 FERNANDO casado com MARIA JOSEFINA (DE QUADROS SOUZA) HATSCHBACH (07/03/1944) (MÁISA) tem os filhos:

- 5.7.1.1. CRISTINA HATSCHBACH (07/09/1965)
- 5.7.1.2. EDUARDO HATSCHBACH (19/08/1968)
- 5.7.1.1. CRISTINA HATSCHBACH MACIEL casada com PAULO

EDUARDO MARQUES MACIEL (10/11/1960) tem os filhos:

- a) LEONARDO HATSCHBACH MACIEL (10/02/1991)
- b) SABRINA HATSCHBACH MACIEAL (18/08/1995)

5.7.2. GILDA HATSCHBACH ROTH casada com ILIAN ZACARIAS XAVIER ROTH (29/11/1937) tem os filhos:

- 5.7.2.1. CLAUDIO ROTH (06/09/1966) casado com KARIN (FLEISCHFRESSER) ROTH (12/01/1975)
- 5.7.2.2. ANGELA ROTH (19/09/1969)

5.9. WLAFRIDO HATSCHBACH (TITO) casado com DJANIRA ROSLINDO HATSCHBACH (08/12/1912) tem a filha:

5.9.1. MARLY HATSCHBACH (24/12/1933) casada em primeiras núpcias com LUIZ CARLOS SAMPAIO DE GUSMÃO (09/01/1929 – 09/05/1962) tendo uma filha:

- 5.9.1.1. CYNTHIA SAMPAIO DE GUSMÃO (20/10/1968)

casada em segundas núpcias com EDUARDO JOSÉ DAROS (19/12/1932):

5.9.1.2. ROSE DAROS (09/04/1966) que com YVES MARIE JEAN FRANÇOIS PIGNOT (13/04/1959) tem uma filha:

- a) ISABELLE DAROS PGNOT (15/01/1984).

(...).

## ANEXO 28

Itens doados por Luci Berta Hatschbach ao Museu Paranaense. Fonte: Museu Paranaense.

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8355	160315	11/5/2015	BRINQUEDO; Bule	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8356	160316	11/5/2015	BRINQUEDO; Açucareiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8357	160317	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8358	160318	11/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8358.1	157312	11/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8359	160319	11/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8359.1	157313	11/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8360	160321	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8361	160322	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8362	160323	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8363	160325	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8364	157314	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8365	157315	11/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8365.1	157316	11/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8366	157317	11/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8366.1	157318	11/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8367	157320	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8368	157322	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8369	157324	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8370	157325	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8371	157326	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8372	157327	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8373	157328	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8374	157330	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8375	157331	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8376	157332	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8377	157334	11/5/2015	BRINQUEDO; Molheira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8378	157335	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8379	157336	11/5/2015	BRINQUEDO; Espremedor de frutas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8380	157338	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8381	157339	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8382	157340	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8383	157342	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8384	157343	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8385	157344	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8386	157345	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8387	157347	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8388	157348	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8389	157349	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8390	157351	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8391	157352	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8392	157353	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8393	157354	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8394	157357	11/5/2015	BRINQUEDO; Esprededor de frutas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8395	157358	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela com pé	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8396	157362	11/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8397	157363	11/5/2015	BRINQUEDO; Molheira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8398	157364	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8399	157394	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8400	157396	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8401	157397	11/5/2015	BRINQUEDO; Copo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8402	157398	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato de bolo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8403	157399	11/5/2015	BRINQUEDO; Forma de pudim	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8404	157400	11/5/2015	BRINQUEDO; Frigideira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8405	157401	11/5/2015	BRINQUEDO; Panela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8406, 8406.1 a 8406.4	157402, 157403	11/5/2015	BRINQUEDO; Porta talheres	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8407	157405	11/5/2015	BRINQUEDO; Cachepô	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8408	157406	11/5/2015	BRINQUEDO; Jarro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8409	157407	11/5/2015	BRINQUEDO; Vasilhame	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8410	157408	11/5/2015	BRINQUEDO; Vaso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8411	159634	11/5/2015	BRINQUEDO; Chaleira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8412	157410	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato Raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8413	157411	11/5/2015	BRINQUEDO; Prato Raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8414	157419	12/5/2015	BRINQUEDO; Sopeira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8415	157420	12/5/2015	BRINQUEDO; Molheira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8416	157430	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8417	157432	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8418	157434	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8419	157436	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8420	157438	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8421	157440	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8422	157441	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8423	157443	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8424	157448	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8425	157450	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8426	157453	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8427	157455	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato de bolo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8428	157460	12/5/2015	BRINQUEDO; Bule	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8429	157462	12/5/2015	BRINQUEDO; Bule	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8430	157463	12/5/2015	BRINQUEDO; Leiteira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8431	157464	12/5/2015	BRINQUEDO; Açucareiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8432	157465	12/5/2015	BRINQUEDO; Manteigueira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8433	157466	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8434	157467	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8435	157468	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8436	157469	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8437	157470	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8438	157471	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8439	157472	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8439.1	157473	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8440	157474	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8440.1	157475	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8441	157476	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8441.1	157477	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8442	157479	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8442.1	157480	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8443	157481	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8443.1	157482	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8444	157483	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8445	157484	12/5/2015	BRINQUEDO; Prato para bolo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8446	160326	12/5/2015	BRINQUEDO; Chaleira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8447	160327	12/5/2015	BRINQUEDO; Bule	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8448	157485	12/5/2015	BRINQUEDO; Açucareiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8449	160328	12/5/2015	BRINQUEDO; Leiteira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8450	160330	12/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8451	157488	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8451.1	157489	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8452	157491	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8452.1	157492	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8453	160333	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8453.1	160331	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8454	160334	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8454.1	160332	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8455	160335	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8455.1	160339	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8456	160338	12/5/2015	BRINQUEDO; Xícara	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8456.1	160340	12/5/2015	BRINQUEDO; Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8457	157461	12/5/2015	BRINQUEDO; Tigela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8458	157493	12/5/2015	BRINQUEDO; Jarra	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8459	157555	12/5/2015	BRINQUEDO; Ferro de passar	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8460	157558	12/5/2015	Torradeira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8461	157559	12/5/2015	BRINQUEDO; lampião	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8462	157560	12/5/2015	BRINQUEDO; Lampião	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8463	157561	12/5/2015	BRINQUEDO; Poltrona	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8464	157562	12/5/2015	Engradado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8465	157563	12/5/2015	Engradado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8466	157564	12/5/2015	BRINQUEDO; Equipamento de geólogo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8467	160698	12/5/2015	Coqueiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8468	160701	12/5/2015	Palmeiras	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8469	160704	12/5/2015	Palmeiras	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8470	160706	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8471	160707	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8472	160708	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8473	160709	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8474	160710	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8475	160711	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8476	160712	12/5/2015	Soldado Árabe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8477	160571	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8478	160572	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8479	160573	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8480	160574	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8481	160575	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8482	160576	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8483	157565	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8484	157566	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8485	157567	12/5/2015	Soldado; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8486	158448	13/5/2015	BRINQUEDO; Batedeira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8487	157791	13/5/2015	Carrinho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8488	158449	13/5/2015	Ferro de passar elétrico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8489	157825	13/5/2015	Lubrificador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8490	157826	13/5/2015	Afiador de facas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8491	157829	13/5/2015	Picador de palha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8492	160548	13/5/2015	Locomotiva	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8493	158164	13/5/2015	Vagão carvoeiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8494	158167	13/5/2015	Vagão de passageiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8495	158169	13/5/2015	Vagão de carga	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8496	158170	13/5/2015	Trilho reto grande	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8497	158171	13/5/2015	Trilho reto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8498	158172	13/5/2015	Trilho reto mais desvio longo a direita	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8499	160549	13/5/2015	Trilho reto mais desvio curto a direita	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8500	158174	13/5/2015	Trilho encurvado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8501	158176	13/5/2015	Trilho de engate e desengate	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8502	158177	13/5/2015	Trilho de acesso de active	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8503	158179	13/5/2015	Trilho de topo de active	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8504	158180	13/5/2015	Trilho de retorno	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8505	158181	13/5/2015	Rampa de colocação	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8506	158184	13/5/2015	Para choque de sinalização final	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8507	160551	13/5/2015	Cancela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8508	158185	13/5/2015	Sinaleiro com escada	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8509	158186	13/5/2015	Sinaleiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8510	158187	13/5/2015	Poste com haste	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8511	158189	13/5/2015	Pilares de trilho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8512	158450	14/5/2015	Locomotiva a vapor	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8513	158235	14/5/2015	Vagão de carvão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8514	158236	14/5/2015	Vagão de passageiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8515	158451	14/5/2015	Vagão de passageiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8516	158238	14/5/2015	Vagão de passageiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8517	158239	14/5/2015	Trilhos retilíneos	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8518	158241	14/5/2015	Trilhos curvilíneos	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8519	158452	14/5/2015	Controle e trilho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8520	160552	14/5/2015	Túnel	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8521	160552	14/5/2015	Estação ferroviária	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8522	158015	14/5/2015	Transformador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523	157954	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.1	158019	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.2	158021	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.3	158022	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.4	158018	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.5	158023	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8523.6	158024	14/5/2015	Filme	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8524	158016	14/5/2015	Estereoscópio	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8525	158025	14/5/2015	Discos com imagens de Holy Land	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8525.1	158026	14/5/2015	Discos com imagens de Istanbul	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8525.2	158027	14/5/2015	Discos com imagens de Bali	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8525.3	158029	14/5/2015	Disco com imagens do Mundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8526	158030	14/5/2015	Estereoscópio	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527	158045	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.1	158047	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.2	158048	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8527.3	158050	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.4	158053	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.5	158056	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.6	158057	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.7	158058	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.8	158060	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.9	158062	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.10	158063	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.11	158064	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.12	158065	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.13	158066	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.14	158067	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8527.15	158068	14/5/2015	Estereograma	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8528	158035	14/5/2015	Projedor	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529	158112	14/5/2015	Estojo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.1	158091	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.2	158093	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.3	158094	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.4	158095	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.5	158096	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.6	158097	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.7	158099	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.8	158100	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.9	158101	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.10	158102	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.11	158103	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.12	158106	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.13	158107	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.14	158108	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.15	158109	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8529.16	158110	14/5/2015	Diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8530	158113	14/5/2015	Estereoscópio	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531	158115	14/5/2015	Disco com imagens do Mundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.1	158116	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8531.2	158117	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.3	158119	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.4	158120	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.5	158121	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.6	158122	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.7	158123	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 85318	158124	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 85319	158125	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.10	158126	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.11	158127	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.12	158128	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.13	158130	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.14	158131	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8531.15	158132	14/5/2015	Disco com diapositivo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8532	157568	14/5/2015	BRINQUEDO; Frigideira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8533	157569	14/5/2015	BRINQUEDO; Caldeirão de ferro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8534	157570	14/5/2015	BRINQUEDO; Panela de ferro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8535	157571	14/5/2015	BRINQUEDO; Panela de ferro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8536	160628	14/5/2015	BRINQUEDO; Trempe	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8537	157830	14/5/2015	Jogo de bingo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8538	157832	14/5/2015	Figuras de historinha infantil	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8539	157840	14/5/2015	Figuras de historinha infantil	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8540	157841	14/5/2015	Figuras de historinha infantil	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8541	157843	14/5/2015	Figuras de historinha infantil	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8542	157844	14/5/2015	Jogo de Tabuada	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8543	158465	14/5/2015	Jogo lúdico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8544	158466	14/5/2015	Jogo da Fortuna	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8545	158468	14/5/2015	Caixa com miçangas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8546	157845	14/5/2015	Jogo de dominó	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8547	157847	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8548	157876	14/5/2015	Troféu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8549	158470	14/5/2015	BRINQUEDO; Sombrinha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8550	157878	14/5/2015	BRINQUEDO; Fio mágico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8551	157712	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8552	157713	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8553	157714	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8554	157715	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8555	157716	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8556	157717	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8557	157718	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8558	157719	14/5/2015	Jogo de perguntas e respostas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8559	157720	14/5/2015	Jogo de corrida de apostas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8560	157730	14/5/2015	Quebra-cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8561	157734	14/5/2015	BRINQUEDO; Lata em miniatura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8562	157737	14/5/2015	Lata em miniatura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8563	157739	14/5/2015	Lata em miniatura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8564	157740	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8565	157741	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8566	157742	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8567	157743	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8568	157746	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8569	157747	14/5/2015	Caixa (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8570	160495	14/5/2015	Leque	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8571	160497	14/5/2015	Leque	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8572	160498	15/5/2015	Par de luvas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8573	157862	15/5/2015	Kits de construção metálica	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8574	157879	15/5/2015	Kits de construção metálica	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8575	157865	15/5/2015	Kits de construção metálica	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8576	157868	15/5/2015	Kits de construção metálica	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8577	157880	15/5/2015	Kits de construção metálica	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8578	157924	15/5/2015	Caixa de mágico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8579	157944	15/5/2015	Caixa de brinquedos	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8580	157945	15/5/2015	BRINQUEDO; kit de blocos de construção civil	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8581	160629	15/5/2015	Compoteira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8582	158876	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8583	158877	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8584	158878	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8585	158879	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8586	158880	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8587	158882	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8588	158883	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8589	158884	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8590	159057	15/5/2015	Porta-Lenços	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8591	158885	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8592	158886	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8593	158887	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8594	158888	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8595	158889	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8596	158890	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8597	158891	15/5/2015	Lenço - SUNDAY	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8598	158892	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8599	158893	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8600	158894	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8601	158895	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8602	158896	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8603	158897	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8604	158898	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8605	158900	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8606	158901	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8607	158902	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8608	158903	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8609	158904	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8610	158905	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8611	158906	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8612	158907	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8613	158908	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8614	158909	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8615	158910	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8616	158911	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8617	158913	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8618	158914	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8619	158915	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8620	158916	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8621	158917	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8622	158919	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8623	158920	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8624	158925	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8625	158926	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8626	158927	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8627	158928	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8628	158929	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8629	158931	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8630	158932	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8631	158933	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8632	158934	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8633	158935	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8634	158936	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8635	158937	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8636	158939	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8637	158940	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8638	158941	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8639	158942	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8640	158943	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8641	158813	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8642	158814	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8643	158815	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8644	158816	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8645	158817	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8646	158818	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8647	158819	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8648	158820	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8649	158821	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8650	158822	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8651	158823	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8652	158824	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8653	158825	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8654	158826	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8655	158827	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8656	158828	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8657	158829	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8658	158830	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8659	158831	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8660	158832	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8661	158833	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8662	158834	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8663	158835	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8664	158836	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8665	158837	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8666	158838	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8667	158839	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8668	158840	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8669	158841	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8670	158842	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8671	158843	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8672	158844	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8673	158845	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8674	158846	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8675	158847	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8676	158848	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8677	158849	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8678	158850	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8679	158851	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8680	158852	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8681	158854	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8682	158855	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8683	158856	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8684	158857	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8685	158858	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8686	158859	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8687	158860	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8688	158861	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8689	158862	15/5/2015	Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8690	158863	15/5/2015	Caixa de Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8691	158864	15/5/2015	BRINQUEDO; Lençol de berço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8692	160422	15/5/2015	Caderno	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8693	158744	18/5/2015	BRINQUEDO; blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8694	158745	18/5/2015	BRINQUEDO; blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8695	158746	18/5/2015	BRINQUEDO; Vestido	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8696	158747	18/5/2015	BRINQUEDO; Vestido	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8697	158748	18/5/2015	BRINQUEDO; Vestido	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8698	158749	18/5/2015	Vestido	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8699	158499	18/5/2015	Porta Lenço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8700	158751	18/5/2015	BRINQUEDO; Chapéu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8701	158752	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8702	158753	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8703	158754	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8704	158755	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8705	158757	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8706	158758	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8707	158759	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8708	158760	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8709	158761	18/5/2015	BRINQUEDO; Touca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8710	158762	18/5/2015	BRINQUEDO; Gorro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8711	158764	18/5/2015	BRINQUEDO; Gorro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8712	158765	18/5/2015	BRINQUEDO; Gorro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8713	158766	18/5/2015	BRINQUEDO; Babador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8714	158767	18/5/2015	BRINQUEDO; Babador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8715	158769	18/5/2015	BRINQUEDO; Babador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8716	158770	18/5/2015	BRINQUEDO; Babador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8717	158772	18/5/2015	BRINQUEDO; Sapatinhos	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8718	158773	18/5/2015	BRINQUEDO; Sapatinhos	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8719	158774	18/5/2015	BRINQUEDO; Luva	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8720	158775	18/5/2015	BRINQUEDO; Luva	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8721	158777	18/5/2015	BRINQUEDO; Meia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8722	158778	18/5/2015	BRINQUEDO; Meia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8723	158779	18/5/2015	BRINQUEDO; Meia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8724	158780	18/5/2015	BRINQUEDO; Calçola	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8725	158781	18/5/2015	BRINQUEDO; Calçola	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8726	158782	18/5/2015	BRINQUEDO; Calçola	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8727	158784	18/5/2015	BRINQUEDO; Calçola	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8728	158785	18/5/2015	BRINQUEDO; Blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8729	158786	18/5/2015	BRINQUEDO; Blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8730	158787	18/5/2015	BRINQUEDO; Blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8731	158789	18/5/2015	BRINQUEDO; Blusa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8732	158790	18/5/2015	BRINQUEDO; Avental	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8733	158791	18/5/2015	BRINQUEDO; Macacão curto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8734	158792	18/5/2015	BRINQUEDO; Babador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8735	158793	18/5/2015	Cinto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8736	160500	18/5/2015	Panô	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8737	157573	18/5/2015	Chapéu; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8738	157574	18/5/2015	Chapéu; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8739	160346	18/5/2015	Chapéu; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8740	160347	18/5/2015	Sapatos; ( miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8741	157575	18/5/2015	Sapatos; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8742	157579	18/5/2015	Sapatos; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8743	157581	18/5/2015	Sapato; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8744	157584	18/5/2015	Sapatos; (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8745	157589	18/5/2015	Cabide (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8746	157590	18/5/2015	Cabide (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8747	157591	18/5/2015	Cabide (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8748	157592	18/5/2015	Cabide (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8749	157593	18/5/2015	Cabide (miniatura)	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8750	157794	18/5/2015	BRINQUEDO; Aplique	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8751	157748	18/5/2015	BRINQUEDO; Ônibus	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8752	157749	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão cegonha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8753	157753	18/5/2015	BRINQUEDO; Motoniveladora	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8754	157756	18/5/2015	BRINQUEDO; Carro de passeio	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8755	157759	18/5/2015	BRINQUEDO; Furgão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8756	157760	18/5/2015	BRINQUEDO; Furgão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8757	160577	18/5/2015	BRINQUEDO; Furgão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8758	160579	18/5/2015	BRINQUEDO; Ônibus	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8759	160580	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão betoneira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8760	160581	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhonete	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8761	157764	18/5/2015	BRINQUEDO; Trailer	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8762	157765	18/5/2015	BRINQUEDO: Caminhão caçamba	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8763	160582	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão caçamba	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8764	160583	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão de boi	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8765	160584	18/5/2015	BRINQUEDO; Porsche	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8766	160585	18/5/2015	BRINQUEDO: Caminhão guincho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8767	160586	18/5/2015	BRINQUEDO: Carro de corrida	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8768	160587	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão caçamba	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8769	160588	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão guincho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8770	157766	18/5/2015	BRINQUEDO; Locomotiva a vapor	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8771	160589	18/5/2015	BRINQUEDO; Caminhão guindaste	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8772	157767	18/5/2015	BRINQUEDO; Carreta reboque	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8773	157768	18/5/2015	BRINQUEDO; Trailer de transporte de planador	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8774	157869	18/5/2015	BONECO (fragmento); cabeça	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8775	157870	18/5/2015	BRINQUEDO; Boneco	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8776	157871	18/5/2015	Boneco marinheiro	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8777	158162	18/5/2015	Lego	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8778	159825	18/5/2015	Relógio	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8779	159831	18/5/2015	Broche	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8780	159833	18/5/2015	Broche	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8781	159834	18/5/2015	Broche	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8782	159836	18/5/2015	Relicário pingente	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8783	159838	18/5/2015	Relicário pingente	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8784	160424	18/5/2015	Broche	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8785	160425	18/5/2015	Chave	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8786	160426	18/5/2015	Alfinete de chapéu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8787	160427	18/5/2015	Alfinete de chapéu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8788	160428	18/5/2015	Alfinete de chapéu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8789	160429	18/5/2015	Alfinete de chapéu	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8790	159839	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8791	159840	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8792	159842	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8793	159843	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8794	159844	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8795	159845	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8796	159846	18/5/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8797	159847	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8798	159848	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8799	159849	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8800	159850	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8801	159851	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8802	159965	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8803	159966	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8804	159967	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8805	159968	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8806	159970	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8807	159971	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8808	159973	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8809	159979	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8810	159980	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8811	160054	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8812	160056	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8813	160057	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8814	160058	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8815	160059	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8816	160060	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8817	160061	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8818	160062	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8819	160064	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8820	160066	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8821	160067	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8822	160068	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8823	160069	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8824	160070	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8825	160072	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8826	160073	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8827	160075	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8828	160077	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8829	160080	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8830	160082	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8831	160083	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8832	160086	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8833	160087	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8834	160089	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8835	160090	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8836	160092	18/5/2015	Alfinete de lapela	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8837	160349	18/5/2015	Caixa de pente e enroladores miniatura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8838	160502	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8839	160503	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8840	160504	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8841	160505	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8842	160509	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8843	160510	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8844	160511	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8845	160512	18/5/2015	Faca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8846	160513	18/5/2015	Porta guardanapo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8847	160631	18/5/2015	Caixa de costura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8848	160635	18/5/2015	Caixa de costura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8849	160637	18/5/2015	Caixa de costura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8850	160514	18/5/2015	Jogo de compasso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8851	160638	18/5/2015	Balança	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8852	160515	18/5/2015	Pasta	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8853	160516	18/5/2015	BRINQUEDO; Berço	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8854	160517	18/5/2015	Tesoura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8855	160518	18/5/2015	Tesoura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8856	160519	18/5/2015	Canivete	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8857	160520	18/5/2015	Canivete	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8858	160521	18/5/2015	Canivete	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8859	160431	18/5/2015	Bolsa	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8860	160639	18/5/2015	Vara de pesca	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8861	160640	18/5/2015	Carretilha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8862	160641	18/5/2015	Roldanas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8863	160642	18/5/2015	Motor estacionário a vapor	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8864	160432	18/5/2015	Caixa para cartas	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8865	156022	18/5/2015	Escarradeira	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8866	156028	18/5/2015	Prato raso	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8867	156035	18/5/2015	Prato fundo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8868	156037	18/5/2015	Xícara c/pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8868.1	156042	18/5/2015	Pires	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8869	148076		Caderno	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8870	148077		Folheto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8871	148081		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8872	148132		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8873	148086		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8874	148108		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8875	148110		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8876	148111		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8877	148114		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8878	148116		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8879	148117		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8880	148118		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8881	148121		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8882	148123		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8883	148124		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8884	148125		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8885	148126		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8886	148128		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8887	148130		Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8888	148251		Planta	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8889	148254		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8890	148260		Recibo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8891	148265		Certificado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8892	148267		Recibo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8893	148292		Recibo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8894	148294		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8895	148295		Certificado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8896	148296		Certificado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8897	148298		Certificado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8898	148299		Certificado	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8899	148300		Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8900	148372		Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8901	148374		Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8901.1	148386	1/7/2017	Recibo			
MP. 8902	148392	1/7/2017	Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8903	148397	1/7/2017	Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8904	148399	1/7/2017	Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8905	148400	1/7/2017	Alvará	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8906	148149	1/7/2017	Escritura	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8907	148154	1/7/2017	Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8908	148159	1/7/2017	Correspondência	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8909	148160	1/7/2017	Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8910	148167	1/7/2017	Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8911	148174	1/7/2017	Recibo	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8911.1	148180	1/7/2017	Recibo			
MP. 8912	148183		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8913	148189		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8914	148401		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8915	148413		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8916	148412		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8917	148410		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8918	148416		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8919	148414		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8920	148420		Caderno	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8921	148422		Caderno	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8922	148405		Documento	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8923	148099		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8924	148101		Postal	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8925	148104		Postal	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8926	148113		Postal	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8927	148079		Postal	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8928	148090		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8929	148095		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8930	148098		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8931	148421		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8932	148424		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8933	148426		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8934	148428		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8935	148431		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8936	148430		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8937	148432		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8938	148433		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8939	148435		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8940	148436		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8941	148438		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8942	148440		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8943	148459		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8944	148441		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8945	148442		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8946	148443		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8947	148444		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8948	148446		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8949	148447		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8950	148448		Cartão	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 8951	148449		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8952	148450		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8953	148451		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8954	148452		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8955	148453		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8956	148455		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8957	148456		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8958	148457		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8959	148458		Cartão	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8960	148460		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8961	148461		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8962	148462		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8963	148463		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8964	148464		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8965	148465		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8966	148466		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8967	148467		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8968	148468		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8969	148129		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8970	148258		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8971	148263		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8972	148276		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8973	148286		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8974	148419		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8975			Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8976	148475		Postal Fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8977	148684		Quadro fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8978	147193		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8979	147259		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8980	147262		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8981	147223		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8982	147209		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8983	147291		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 8984	147307		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8985	147173		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8986	148678		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8987	147263		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8988	148679		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8989	149679		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8990	148677		Álbum fotográfico	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8991	148685		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8992	148696		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8993			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8994	148741		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8995	150152		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8996	148701		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8997	148858		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8998			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 8999			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9000			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9001	148745		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9002	148769		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9003	148751		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9004			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9005			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9006			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9007			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9008	148726		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9009	148759		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9010	148748		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9011	148750		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9012	148767		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9013	148743		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9014			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9015			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9016	148703		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9017	148686		Foto	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 9018	148687		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9019	148693		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9020	148694		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9021	148697		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9022			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9023			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9024	148860		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9025	148897		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9026	148699		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9027			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9028	148704		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9029	148705		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9030	148707		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9031	148719		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9032	148718		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9033	148716		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9034			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9035	148721		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9036	148886		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9037	148908		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9038			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9039	148861		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9040	148725		Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9041			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9042			Foto	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9043	147184		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9044	147240		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9045	147242		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9046	147264		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9047	147419		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9048	147663		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9049	147678		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9050	147705		Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9051			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9052			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9053			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9054			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9055			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9056			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9057			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9058			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9059			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9060			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9061			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9062			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9063			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9064			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9065			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9066			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9067			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9068			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9069			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9070			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9071			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9072			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9073			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9074			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9075			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9076			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9077			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9078			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9079			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9080			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9081			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9082			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9083			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9084			Cédula	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 9085			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9086			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9087			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9088			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9089			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9090			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9091			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9092			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9093			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9094			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9095			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9096			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9097			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9098			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9099			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9100			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9101			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9102			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9103			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9104			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9105			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9106			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9107			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9108			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9109			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9110			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9111			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9112			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9113			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9114			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9115			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9116			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9117			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9118			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9119			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9120			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9121			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9122			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9123			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9124			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9125			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9126			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9127			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9128			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9129			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9130			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9131			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9132			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9133			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9134			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9135			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9136			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9137			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9138			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9139			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9140			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9141			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9142			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9143			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9144			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9145			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9146			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9147			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9148			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9149			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9150			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9151			Cédula	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 9152			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9153			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9154			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9155			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9156			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9157			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9158			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9159			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9160			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9161			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9162			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9163			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9164			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9165			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9166			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9167			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9168			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9169			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9170			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9171			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9172			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9173			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9174			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9175			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9176			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9177			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9178			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9179			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9180			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9181			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9182			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9183			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9184			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9185			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9186			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9187			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9188			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9189			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9190			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9191			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9192			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9193			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9194			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9195			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9196			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9197			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9198			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9199			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9200			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9201			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9202			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9203			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9204			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9205			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9206			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9207			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9208			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9209			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9210			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9211			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9212			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9213			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9214			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9215			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9216			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9217			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9218			Cédula	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 9219			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9220			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9221			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9222			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9223			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9224			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9225			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9226			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9227			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9228			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9229			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9230			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9231			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9232			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9233			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9234			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9235			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9236			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9237			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9238			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9239			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9240			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9241			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9242			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9243			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9244			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9245			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9246			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9247			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9248			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9249			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9250			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9251			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9252			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9253			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9254			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9255			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9256			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9257			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9258			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9259			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9260			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9261			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9262			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9263			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9264			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9265			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9266			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9267			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9268			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9269			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9270			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9271			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9272			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9273			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9274			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9275			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9276			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9277			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9278			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9279			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9280			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9281			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9282			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9283			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9284			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9285			Cédula	Doação	Luci Berta	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
					Hatschbach	
MP. 9286			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9287			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9288			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9289			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9290			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9291			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9292			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9293			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9294			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9295			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9296			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9297			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9298			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9299			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9300			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9301			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9302			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9303			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9304			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9305			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9306			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9307			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9308			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9309			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9310			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9311			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9312			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9313			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9314			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9315			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9316			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9317			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9318			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9319			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9320			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9321			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9322			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9323			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9324			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9325			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9326			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9327			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9328			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9329			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9330			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9331			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9332			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9333			Cédula	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9334	148863	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9335	148866	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9336	148872	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9337	150148		Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9338	149384	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9339	148901	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9340	148889	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9341	148899	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9342		1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9343	148857	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9344	148877	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9345	148878	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9346	148894	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9347	148874	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9348	148867	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9348	148876	1/7/2015	Fotografia			
MP. 9349	148868	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9350	148882	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9351	148884	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015

Nº de RG.	Nº Pergamum	Data Registro/Incorp.	Nome do Objeto	Forma de Incorporação	Doador	Data Aqu./Doação
MP. 9352	148873	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9353	148910	1/7/2015	Fotografia	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9354		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9355		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9356		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9357		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9358		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9359		23/7/2015	Botão de punho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9360		23/7/2015	Botão de punho	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9361		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9362		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9363		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9364		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9365		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9366		23/7/2015	Botton	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9367		23/7/2015	Medalha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015
MP. 9368		23/7/2015	Medalha	Doação	Luci Berta Hatschbach	5/5/2015